



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**A AMBIGUIDADE ASPECTUAL TÉLICO/ATÉLICO NA PERSPECTIVA DA TEORIA
DE EVENTOS**

Giovana Paula Santiago

**Brasília – DF
2017**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

GIOVANA PAULA SANTIAGO

**A AMBIGUIDADE ASPECTUAL TÉLICO/ATÉLICO NA PERSPECTIVA DA TEORIA
DE EVENTOS**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística
Orientadora: Profa. Dra. Rozana Reigota Naves

Brasília – DF

2017

GIOVANA PAULA SANTIAGO

A AMBIGUIDADE ASPECTUAL TÉLICO/ATÉLICO NA PERSPECTIVA DA TEORIA DE
EVENTOS

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves (PPGL/LIP/UnB) - Presidente

Profa. Dra. Déborah Christina de Mendonça Oliveira (UCB) - Membro Efetivo

Profa. Dra. Heloisa Maria Moreira Lima Almeida Salles (PPGL/LIP/UnB) - Membro Efetivo

Prof. Dr. Marcus Vinícius da Silva Lunguinho (LIP/UnB) - Membro Efetivo

Profa. Dra. Eloisa Nascimento Silva Pilati (PPGL/LIP/UnB) - Suplente

Aos meus pais,
Nair e Adonias

AGRADECIMENTOS

A Deus, que trilhou ao meu lado durante todo este percurso e me guiou inúmeras vezes.

À minha orientadora, Rozana Naves, minha eterna Prof., pela atenção, pelo incentivo de sempre, por ter confiado em mim. Obrigada pela paciência, compreensão e serenidade, pelos encontros para orientação quanto a dúvidas acadêmicas de toda natureza, pelos momentos de cafés e chás restauradores.

Aos meus pais, Nair e Adonias, que sempre estiveram muito perto e não permitiram que eu desistisse dos meus projetos quando alguns obstáculos apareceram em meu caminho. Obrigada, mãe, pela companhia quase diária durante o doutorado e por recarregar muitas vezes a bateria que já estava fraca dentro de mim.

Aos meus sobrinhos, Benjamin e Matteo, pelos sorrisos que alegravam os meus dias e pelos momentos que me fizeram desligar dos livros.

Às minhas irmãs, Marília, Stella e Louany, e aos meus cunhados, Leonardo (picanha) e Geraldo (pipoca), pelo carinho e apoio de todas as horas, pelos momentos de descontração, pela amizade verdadeira.

Aos meus irmãos de coração, Osvaldo, Claudia e Therezinha, pelo companheirismo, pela solidariedade, pelo encorajamento, por terem compartilhado comigo momentos difíceis emocionalmente por puro carinho e amizade.

Aos queridos amigos, Helena, Mariana, Clarissa, Regina e Francisco, Délis e Eduardo, Márcia, Elaine e Francisco, Denise e Andréia, que me acompanharam em oração todo esse tempo. Obrigada!

À minha de equipe de trabalho e Coordenadores, que direta ou indiretamente supriram o tempo que eu precisei para as muitas horas de estudo, pelo estímulo e cuidado comigo. Muito obrigada Daniel, Luiz Fernando, Ana Cláudia, Albert, Gláucia, Paula, Cel. Paulo, Cap. Flávio e Cel. Pinheiro.

Ao Dr. Aldo Neto, cujo acompanhamento cuidadoso foi imprescindível para que eu chegasse até aqui. Obrigada pela sua tranquilidade, confiança e encorajamento.

Aos amigos Beatriz, Cláudia, Denise, Gecilene, Silvia, Walquíria, Adriano, Marta, Paula, Eliane e Regina pelos momentos sempre alegres, por todo apoio e constante incentivo, pela amizade, compreensão e carinho.

Aos professores Heloísa Salles, Eloisa Pilati, Helena Guerra Vicente e Marcus Lunguinho pelas disciplinas e ensinamentos que muito contribuíram com a minha formação e pela generosidade para conversar sobre os meus questionamentos. Obrigada, Eloisa, pela tarde de orientação, logo na primeira matéria do curso, da qual sempre me lembrarei com carinho.

Aos meus amigos e colegas da UnB e de outras instituições, pelas discussões, pelos grupos de estudo, pelo companheirismo e amizade: Bruno Pilastre, Bruna Elisa, Bete Morais, Cris Fernandes, Déborah Oliveira, Edite Consuelo, Elias Gomes, Humberto Borges, Letícia Cunha, Marco Túlio e Paula Guedes.

Aos funcionários que seguiram para outros projetos ou continuam no Departamento, especialmente à Ângela, à Renata e à Gisele.

Ao Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG) do PPGL – UnB pela oportunidade de ter participado de cursos, seminários e congressos que foram fundamentais para o meu amadurecimento intelectual.

OBRIGADA!

“...virtually every sentence that a person utters or understands is a brand-new combination of words, appearing for the first time in the history of the universe. Therefore a language cannot be a repertoire of responses...”

Pinker (1994, p.22)

RESUMO

Esta tese investiga a indefinição aspectual (a)télica em sentenças no português brasileiro, sob o viés do Programa Minimalista e da Proposta de Composicionalidade de Verkuyl (1993, 1999). O Capítulo 2 apresenta uma visão geral sobre Teoria aspectual e sobre a Semântica dos Eventos, com foco nas postulações teóricas dos autores seminais, e resgata algumas definições de telicidade. O Capítulo 3 relaciona telicidade à Categoria Tempo, apresentando o tratamento formal do tempo postulado por Reichenbach (1947) e por Corôa (2005), a partir dos quais os dados no Português Brasileiro são descritos, considerando os tempos verbais que permitem ambiguidade aspectual. O Capítulo 4 traz o quadro teórico de Verkuyl (1993), com atenção à proposição dos níveis de aspectualidade interna e aspectualidade externa, e proposta de extensão desenvolvida por Wachowicz (2003) à teoria de Verkuyl. O Capítulo 5 apresenta os fundamentos para a proposta do tratamento de ambiguidades aspectuais definidas em contexto, por meio dos traços modais presentes na camada do CP na derivação, com base nos estudos de Ramchand (2012, 2014). O capítulo 6 relaciona as principais ideias contidas nesta tese.

Palavras-chave: Aspecto; Ambiguidade aspectual; Semântica de Eventos; Telicidade; Composicionalidade; Modalidade.

ABSTRACT

This thesis investigates the aspectual (a)telic lack of definition in sentences in Brazilian Portuguese, under the bias of the Minimalist Program and Verkuyl's (1993) proposal for Compositionality. Chapter 2 presents an overview of aspectual Theory and Semantics of Events, focusing on the theoretical postulates of seminal authors, and rescues some definitions of telicity. Chapter 3 relates telicity to Time Category, presenting the formal treatment of time postulated by Reichenbach (1947) and Corôa (2005), and provides the description of the data in Brazilian Portuguese, considering the verbal tenses that allow aspectual ambiguity. Chapter 4 presents the framework of Verkuyl (1993), with attention to the proposition of the levels of internal aspectuality and external aspectuality, and extension proposal developed by Wachowicz (2003) from Verkuyl's theory. Chapter 5 presents the fundamentals for proposing the treatment of aspectual ambiguities defined in context, using the modal traces present in the CP layer in the derivation, based on Ramchand's (2012, 2014) studies. Chapter 6 lists the main ideas contained in this thesis.

Key words: Aspect; Aspectual ambiguity; Semantics of Events; Telicity; Compositionality; Modality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 modelo básico da árvore sintática (Miotto, 2006, p.47).....	11
Figura 2 Configuração da árvore sintática a partir da proposta de Pollock (1989)	12
Figura 3 Representação da FL segundo PM (Miotto et al, 2007, p.46)	14
Figura 5: Classes aspectuais de Vendler (1967)	44
Figura 6 Estrutura básica do cálculo aspectual na estrutura argumental (Verkuyl, 1993).....	135
Figura 7 Estados, Processos e Eventos construídos pela combinação das informações do verbo com as informações semânticas expressas pelos seus NPs argumentos. Adaptada de Verkuyl (1999)..	136
Figura 8: Combinações básicas do cálculo aspectual no âmbito da aspectualidade interna (Verkuyl, 1999, p. 18).....	137
Figura 9 Representação arbórea: aspectualidade interna e aspectualidade externa (Verkuyl 2002, p.202)	140
Figura 10 Árvore sintática Verkuyl (1993, adaptada por Wachowicz (2003)	145
Figura 10 Proposta de aspectualidade contextual à teoria de Verkuyl (Wachowicz, 2003)	148
Figura 11 Proposta de processamento semântico dos modais (Ramchand, 2012, p.13).....	154
Figura 12 Possibilidades de mundos (alternativas de vida) para bases modais na perspectiva metafísica. (Ramchand 2012, p. 18).	155
Figura 13: Representação de leitura circunstancial com o modal must (Ramchand, 2012, p.19)...	157
Figura 14 Estrutura sintagmática da leitura epistêmica do modal must. (Ramchand, 2012, p.22)	159
Figura 15 Representação da função de T em relação à situação tópico (Ramchand, 2012, p. 24.).	160
Figura 16: representação arbórea do modal must (Ramchand, 2012, p.26).....	163
Figura 17 Estrutura sintagmática com as especificações de ancoragem de do significado da quantificação da situação (Ramchand, 2012, p. 28)	164
Figura 18: posições na estrutura sintagmática das leituras epistêmica e circunstancial de could ...	165
Figura 19: posições na estrutura sintagmática das leituras epistêmica e circunstancial de could (Ramchand, 2012, p.30)	166
Figura 20 Estrutura sintática com as camadas de aspecto interno e externo.....	172
Figura 21 Estrutura arbórea do PM.....	174

Figura 22 Estrutura sintagmática com as posições dêiticas e anafóricas de could. (Ramchand, 2012, p. 30) 175

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resultados dos testes de Dowty (1979).....	46
Tabela 2: Esquema temporal, adaptado de Reichenbach (1947, p. 297).....	91
Tabela 3: Representação formal dos tempos do modo indicativo segundo Corôa (2005).....	93
Tabela 4: Denotações adicionais que compõem o maquinário teórico de Verkuyl (1999).....	133
Tabela 5: Análise de dados do banco VARSUL (adaptada de Wachowicz, 2003, p. 95).....	143

LISTA DE ABREVIACOES

AGR – concordância	ME – momento do evento
AP - domínio do sintagma adjetival	MF – momento de fala
A-P – sistema articulatório-perceptual	NEG – negação
Asp – aspecto	NP – domínio do sintagma nominal
AsP α – operador do aspecto interno	PM – programa minimalista
AsP α' – domínio do aspecto externo	PB – português brasileiro
C-I – sistema conceitual-intencional	PE – português europeu
Cul – culminação	PF – forma fonética
DET – determinante	PP – domínio do sintagma preposicional
(e) – primitivo de evento	PROG – operador do progressivo
FL – faculdade da linguagem	RA – rede aspectual
GU – gramática universal	S – sentença
Hold – estado	(s) – primitivo de estado
iF – traços interpretáveis	Spec – especificador
INFL ou I – domínio da flexão verbal	TE – tempo do evento
INFL – operador do domínio da flexão verbal na camada do aspecto externo (Verkuyl,2003)	TP – domínio temporal
L-E – língua externa	TR – tempo de referênci
LF – forma lógica	vP – domínio argumental
L-I – língua interna	VP- domínio do sintagma verbal
MR – momento de referênci	uF – t aços não interpretáveis

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....	1
INTRODUÇÃO	1
1.1 QUESTÕES NORTEADORAS	3
1.2 GERATIVISMO: UMA ABORDAGEM MENTALISTA DA GRAMÁTICA	8
1.3 O PROGRAMA MINIMALISTA	12
1.4 ESTRUTURA DA TESE.....	16
CAPÍTULO 2.....	19
NOÇÕES SOBRE TEORIA ASPECTUAL E SEMÂNTICA DE EVENTOS	19
2.1 ASPECTO – NOÇÕES PRELIMINARES E NOMENCLATURA BÁSICA.....	19
2.1.1 Perfectividade e Imperfectividade	22
2.1.2 Telicidade e Atelicidade	27
2.1.3 Duratividade e pontualidade	29
2.1.4 Dinamicidade e estatividade	30
2.1.5 Cumulatividade (aditividade) e Quantização (divisibilidade)	31
2.2 SEMÂNTICA DE EVENTOS: NOÇÕES BÁSICAS	32
2.2.1 O argumento evento davidsoniano	33
2.2.2 A relação entre a semântica dos eventos e a teoria aspectual	36
2.3 CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA ASPECTUAL PARA DIFERENCIAR ESTADO E EVENTO	41
2.3.1 Vendler (1967)	42
2.3.2 Dowty (1979, 1986)	44
2.3.3 Parsons (1990)	50
2.3.4 Mourelatos (1978, 1981)	53
2.3.5 Moens (1987) e Moens e Steedman (1988)	56
2.3.6 Cunha (1998, 200)	60
2.3.7 Síntese das ideias principais	61
2.4 TESTES PARA IDENTIFICAÇÃO DE PREDICAÇÕES ESTATIVAS	62
2.4.1 O progressivo	63
2.4.2 Os advérbios “deliberately” (deliberadamente) e “carefully” (cuidadosamente)	64
2.4.3 As expressões adverbiais “for X time”, “in X time”, “at X time”	67

2.4.4	As expressões “forçar a”, “incitar a” e “persuadir a”	74
2.4.5	O imperativo	76
2.4.6	As construções pseudoclivadas	79
2.4.7	O presente do indicativo	80
2.5	TELICIDADE – TRAÇO FUNDAMENTAL DA ESTRUTURA DOS EVENTOS: ALGUMAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS	81
2.6	SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	85
CAPÍTULO 3.....		87
A RELAÇÃO ENTRE TELICIDADE E TEMPO		87
3.1	A CATEGORIA TEMPO	87
3.1.1	Representação formal dos tempos verbais	90
3.2	TEMPOS VERBAIS COM LEITURA ASPECTUAL TÉLICA E ATÉLICA.....	96
3.2.1	Presente do indicativo	97
3.2.2	O Presente Progressivo	109
3.2.3	Pretérito imperfeito do indicativo	117
3.2.4	Pretérito perfeito do indicativo	120
3.3	SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	121
CAPÍTULO 4.....		123
A NATUREZA COMPOSICIONAL DA TELICIDADE		123
4.1	A TEORIA COMPOSICIONAL DE VERKUYL (1993, 1999, 2014)	125
4.1.1	Críticas de Verkuyl à corrente vendleriana e à análise da proposta de Davidson (1967)	125
4.1.2	O APARATO TEÓRICO DO MODELO COMPOSICIONAL DE VERKUYL.....	129
4.1.2.1	Aspectualidade interna.....	131
4.1.2.2	Aspectualidade externa.....	138
4.2	CONTEXTO E ASPECTO	140
4.2.1	O aspecto contextual: uma extensão à teoria de Verkuyl	143
4.3	SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	149
CAPÍTULO 5.....		150
PROPOSTA: A RELAÇÃO ENTRE ASPECTO E MODALIDADE PARA O TRATAMENTO DA AMBIGUIDADE TÉLICO/ATÉLICO.....		150
5.1	ASPECTO, MODALIDADE E AMBIGUIDADES.....	152
5.2	AS CAMADAS ASPECTUAIS NA ESTRUTURA SINTAGMÁTICA.....	169
5.3	SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	177

CAPÍTULO 6.....	178
CONCLUSÃO.....	178
BIBLIOGRAFIA.....	182

CAPÍTULO 1

Introdução

Esta tese investiga, em termos gerais, o tratamento das relações entre a sintaxe e a semântica no âmbito do aspecto das eventualidades, sob o escopo da teoria gerativa, especificamente o modelo do Programa Minimalista (doravante, PM).¹ Mais especificamente, o nosso foco de pesquisa recai sobre a computação da telicidade das eventualidades em sentenças que permanecem no limite da interpretação do telos.²

Os dados (1) a (7) abaixo exemplificam essa questão e indicam que a distinção entre predicções télicas e atélicas envolve muito mais do que a análise semântica lexical dos verbos quanto à expressão intrínseca de tempo. Vários elementos participam da computação aspectual das sentenças do Português Brasileiro (doravante, PB) como, por exemplo, a morfologia dos tempos verbais, a natureza aspectual dos argumentos internos e externos, as expressões adverbiais, as orações temporais, a perspectiva temporal das situações, os quantificadores, os nomes genéricos, e etc.

- (1) Os médicos estão trabalhando nos postos de saúde. (télico/atélico)

- (2) a. A polícia barrou os manifestantes em frente ao Congresso. (télico)
b. O muro barrou os manifestantes em frente ao Congresso. (atélico)

- (3) a. Pedro divertiu os amigos na festa. (télico)
b. Pedro divertiu os amigos na festa a vida toda. (atélico)

- (4) A cozinheira ajudou em casa. (télico/atélico)

¹ O termo eventualidade será usado como sinônimo de situação em geral, de forma que se refere indistintamente a estados e a não estados. Essa designação foi estabelecida Bach (1981), que subdividiu as eventualidades em processos, estados e eventos.

² Telos ou telicidade representa o ponto final de uma eventualidade, o momento em que ela se encerra.

- (5) a. Maria nadou às 10h. (télico)
b. Maria nadou na faculdade. (télico/atélico)
- (6) a. A Joana pintava o quadro na varanda. (atélico)
b. A Joana pintava o quadro na varanda, quando o Márcio chegou.
(télico)
- (7) a. A arquiteta reformou dez apartamentos na Asa Norte. (télico)³
b. A arquiteta reformou apartamentos na Asa Norte. (atélico)

Em qualquer língua, para se obter a interpretação télica de uma dada sentença, é necessário que o ponto de (a)telicidade do evento descrito esteja claro para o ouvinte. No entanto, no processo de derivação de sentenças no PB, registram-se situações em que os tempos verbais não propiciam o ponto final de eventualidades, devido a fatores como operadores verbais, por exemplo. Somado a isso, os sintagmas adverbiais, que são instrumentos lexicais comuns que também estabelecem marcação temporal e suprem essa demanda interpretativa quando da ausência de morfemas temporais, podem estar ausentes na estrutura linguística.⁴

Esta pesquisa, portanto, tem como objetivos investigar a relação entre os tempos verbais e a telicidade das eventualidades, em situações de possível ambiguidade aspectual nas quais observamos paralelamente as leituras télica e atélica de um mesmo predicado. Além disso, outra questão que nos propusemos a analisar, dentro do escopo da teoria gerativa, se refere ao ponto na derivação em que se daria a computação aspectual em cada uma das interpretações.

O objetivo deste capítulo é enunciar os principais pressupostos teóricos desta pesquisa, os conceitos e dados linguísticos que a motivaram. Com essa finalidade, nós o dividimos em quatro seções. A seção 1.1 trata das questões centrais que encaminharam os rumos tomados por esta pesquisa, expondo alguns dados que motivaram uma investigação mais detalhada do fenômeno referido acima. A seção 1.2 retoma as noções e pressupostos mais importantes para a linha de pesquisa gerativista,

³ A sentença possui ambiguidade distributiva produzida pela quantificação, mas o propósito é estabelecer comparação com a genericidade do nome em (7b), que altera a interpretação do telos da sentença.

⁴ Nos Capítulos 2 e 3, serão apresentados dados com advérbios ou locuções adverbiais expressas, apenas para evidenciar que muitas sentenças, sem tais elementos, podem oferecer dupla leitura, de modo que cada uma das interpretações deve estar associada a uma computação aspectual distinta.

situando esta pesquisa em uma das correntes mentalistas da gramática. A seção 1.3 trata dos princípios do PM para abordar, particularmente, os mecanismos de interface que viabilizam o estudo da aspectualidade. E na seção 1.4 há uma explanação da estrutura da tese para além deste primeiro capítulo introdutório.

1.1 Questões norteadoras

Há muitos dados no PB, como vimos nos exemplos de (1) a (7), que revelam ambiguidade referente à telicidade como informação aspectual, de modo que às vezes se pode interpretar uma mesma situação descrita como processo em curso ou como hábito, por exemplo. Ou, ainda, se a eventualidade se refere a um passado com a telicidade definida ou se se trata da descrição de um hábito no passado, e nesse caso a interpretação do telos fica em aberto para o leitor/ouvinte, ainda que o falante tenha feita a escolha entre uma das duas leituras para produzir a enunciação.

Como tais questões podem ser discutidas em um âmbito filosófico, Vendler (1967) foi a primeira escolha teórica para compreender esse fenômeno. Em sua análise dos dados do inglês, o autor identifica que os estados podem ser divididos em instantes de tempos, porque a situação descrita por eles é verdadeira em qualquer ponto da linha do tempo. Sob esse pressuposto de que o tempo está inserido na informação lexical dos verbos, o autor toma como princípio de classificação a noção de intervalos de tempo e postula quatro categorias acionais esquematizadas sob essa perspectiva.

O estudo dos trabalhos de autores que se seguiram a Vendler (1967), como Kenny (1963), Mourelatos (1978), Dowty (1979, 1986), Moens (1987), Moens e Steedman (1988), Parsons (1989, 1990), Cunha (1998, 2004), Ryle (2009 [1949]) e etc., consistiu em um processo natural de investigação desta tese. Entretanto, apesar de a telicidade ter sido um dos critérios empregados por Vendler na formulação de sua tipologia aspectual dos verbos, inicialmente a diferenciação quanto à ambiguidade nos dados desta pesquisa se caracterizou pela oposição entre estado e evento.⁵

A teoria aspectual na linha do aspecto lexical dispõe de um arcabouço teórico denso sobre as propriedades particulares de cada categoria aspectual e, em

⁵ Apesar de esta pesquisa considerar que a distinção entre estado e não estado encontra-se não âmbito da telicidade, essa linha teórica emprega em muitos trabalhos a oposição entre estado e eventos para se referir aos dados que analisamos. Num contexto de análise sobre aspecto lexical, particularmente desses autores seminais, preferimos por enquanto manter essa nomenclatura.

conjunto, tece um quadro de informações diversificadas, principalmente, sobre a natureza temporal interna dos verbos e, conseqüentemente, sobre os princípios de classificação a que eles são submetidos. Mourelatos (1978), por exemplo, considera a dinamicidade como traço mais adequado para distinguir eventos de estados, uma vez que estes não veiculam informação interna de natureza dinâmica.

Embora Vendler (1967) tenha feito uma proposta inicial de classificação aspectual, Dowty (1979) exerce um papel essencial na pavimentação nos estudos linguísticos sobre as classes aspectuais, denominação atribuída por ele. A partir de Dowty (1986), que afirma que os verbos estativos denotam situações nas quais não se identifica mudança de estado durante o intervalo de tempo em que a eventualidade se mantém verdadeira, seguem-se as análises sobre as propriedades de verbos estativos e não estativos: Moens (1987) e Cunha (1998, 2004), por exemplo, abordam os estados sob a perspectiva da possibilidade de mudança e constroem propostas teóricas baseando-se no conceito de fases, o qual também apresenta uma relação próxima com intervalo de tempo. Dessa forma, eles definem a classe dos verbos estativos como uma categoria que possui apenas uma fase temporal estável, sem qualquer alteração ou mudança.

Mas a análise apenas do aspecto lexical limita as possibilidades de definição aspectual de uma sentença, em decorrência da diversidade de elementos linguísticos que interferem nessa diferenciação, como vimos nos dados introdutórios, fato que o próprio Vendler (1967) reconhece carecer de maiores investigações. Por isso, concluímos que a interpretação aspectual das eventualidades quanto à telicidade pode ser melhor apreendida mediante uma perspectiva composicional, diferente das propostas que a abordaram no âmbito das classes aspectuais. Mas, para além disso, identificamos também que no PB existem sentenças cuja ambigüidade aspectual (télico/atélico – cf. (1) a (7)) ocorrem em contextos extralingüísticos próprios, que devem estar associados a computações aspectuais específicas para cada leitura.

O conceito de aspecto assumido por Verkuyl (1993) e adotado por Wachowicz (2003), cujo sentido abrange a ideia de perspectiva do falante, oferece-nos uma pista para o caminho que trilhamos, de modo que a nossa hipótese aposta na relação composicional entre aspecto e modalidade para a desambiguação desse tipo de construção no PB. A outra pesquisa que influenciou essa hipótese aparece em Ramchand (2014), cujo trabalho se propõe criar um modelo de análise da modalidade que dê conta de explicar as ambigüidades quanto aos valores modais, mais

especificamente, entre valores epistêmicos e circunstanciais sob uma ótica de indexação e anáfora. Nesse sentido, os questionamentos que orientaram esta pesquisa encontram-se formulados a seguir:

1. Dado que a interpretação télica/atélica de sentenças como as de (1) a (7) se resolve na situação extralinguística, como se dá a computação aspectual de sentenças desse tipo quanto à telicidade?
2. É possível explicar a leitura aspectual das sentenças em contexto extralinguístico por meio de uma teoria sobre anáfora?

As respostas a essas perguntas foram orientadas por um vasto referencial teórico, como exposto a seguir. A pesquisa sobre os tempos verbais que funcionam como operadores aspectuais levou-nos à proposta de Reichenbach (1947) de elaborar um sistema de tempo que levasse em conta o conceito de tempo relativizado, o qual permite considerar perspectivas temporais diferentes sobre um objeto ou situação numa posição espaço-temporal específica. Como a proposta não se adapta a vários casos do PB, principalmente aos tempos no progressivo, incorporamos à pesquisa a adaptação de Corôa (2005) da proposta reichenbachiana à teoria de intervalos de tempo.

Davidson (2005 [1967]) é basilar na semântica de eventos. Ao criar uma teoria semântica para interpretar as línguas naturais, baseada nas teorias formais de verdade, o autor muda radicalmente a perspectiva de análise das sentenças. Por trás de suas postulações, entre as quais a de um argumento evento como predicador na base das construções linguísticas e da categoria existencial de indivíduo, está a ideia de que o sentido das sentenças se dá por meio de operadores lógicos que unem os significados de suas partes até que o sentido do todo seja obtido. Esse postulado é fundamental para esta pesquisa porque, sem a computação das expressões adverbiais temporais, seria impossível delinear uma proposta de desambiguação aspectual das sentenças.

Desse modo, a postulação davidsoniana de uma semântica de eventos permite a interpretação/explicação em termos lógicos de uma grande parte das questões relativas ao verbo na relação com os seus argumentos, a ambiguidades quantitativas e distributivas, além do tratamento das expressões adverbiais como predicados de eventos. Quanto à caracterização dos estados, várias pesquisas resultaram dessa formulação, mas particularmente foram viabilizadas explicações para a diferenciação entre os estados dinâmicos ou processuais e os estados não dinâmicos, mais conhecidos

como predicados *stage-level* e *individual-level* respectivamente, a partir da presença ou da ausência da variável evento na predicação (Kratzer (1995), Katz (1995), Maienborn (2005), etc).

A proposta contida em Verkuyl (1993, 1999, e 2014, entre outros) pareceu-nos mais adequada para investigar o tratamento de ambiguidades do tipo télico/atélico. O seu foco de pesquisa se atém particularmente ao âmbito da aspectualidade interna, ainda que tenha postulado dois níveis de interpretação aspectual na derivação da sentença, a aspectualidade interna e a aspectualidade externa, além dos operadores aspectuais $ASP\alpha$ e $ASP\alpha'$ e da posição INFL, que o autor considera carregar informações produzidas pelo contexto linguístico, além das informações de tempo. Essa proposta abre a possibilidade de tratamento das sentenças que dependem de expressões adverbiais para serem desambiguadas, assim como provê explicação para os casos em que o tempo verbal acrescenta à sentença valor habitual. No entanto, a sua construção teórica, como dissemos, concentra-se no nível da aspectualidade interna e o próprio Verkuyl sugere que são necessárias mais investigações sobre as operações aspectuais que ocorrem na aspectualidade externa, incentivando pesquisadores a fazerem estudos posteriores e a apresentarem novas postulações.

Wachowicz (2003) adota como marco teórico a teoria composicional de Verkuyl (1993, 1999) para investigar o lugar de codificação das perífrases progressivas no imperfeito no PB e da diversidade de valores semânticos produzidos pelas estruturas construídas com esse tempo verbal. No processo de pesquisa, a autora encontra dados que só podem ser interpretados em uma dada situação extralinguística. Do seu diálogo com Verkuyl (1993, 1999), faz uma adaptação da teoria para atender algumas demandas da sua pesquisa e estende a ideia de derivação em mais um nível de aspectualidade para lidar com esse tipo de ambiguidade, assumindo a noção de perspectiva defendida por Fillmore (1977).

Chama atenção o fato de que a noção aspectual de perspectiva é um ponto de convergência entre as pesquisas de Verkuyl (1993, 1999) e Wachowicz (2003), mas também está presente como fundamento da construção da proposta de Davidson (2005 [1967], p. 52): “o significado de uma expressão só é compreensível do ponto de vista do intérprete, ou seja, do ponto de vista daquele que atribui significados às frases construídas por outras pessoas e, que ao mesmo tempo, espera que as suas enunciações sejam compreendidas por outros”. Assim, Davidson (2005 [1967]) defende que a construção de uma teoria de significados para uma língua começa pela construção de

uma teoria de verdade para as sentenças proferidas pelos falantes, que têm a intenção de serem compreendidos, e no teste empírico dessa teoria de interpretação. Portanto, uma teoria de verdade liga o falante e o intérprete quando descreve as capacidades e práticas linguísticas do falante e dá substância às informações de conhecimento do intérprete, o que lhe permite compreender o significado das asserções do falante.

Travis (2010) dialoga com Verkuyl (1993, 1999) na medida em que propõe uma estrutura sintagmática que contemple a análise desse autor quanto aos níveis aspectuais interno e externo, propostos em seu quadro teórico. Dessa forma, ela concebe uma posição para o tratamento do aspecto tanto no domínio da semântica, quanto no da morfologia, defendendo que esses dois domínios de estudo de aspecto são codificados sintaticamente, embora os meios de codificação sejam diferenciados.

Ramchand (2012, 2014) trata das ambiguidades produzidas em estruturas no presente do indicativo no inglês na perspectiva da modalidade. O problema que a motiva é a ambiguidade de interpretação das enunciações entre as modalidades epistêmica e circunstancial na presença de verbos que indicam estado. Em vista disso, propõe uma teoria semântica dos modais com duas dimensões de significado, considerando as escolhas sobre as alternativas possíveis do contexto do falante, ancoradas sintaticamente sob a forma de indexicalização ou anáfora. Desse modo, dependendo do tipo de leitura, elas podem se vincular a posições acima dos parâmetros temporais da situação. Consideramos que essa proposta representa uma possibilidade para se construir uma análise das questões que levantamos quanto à computação aspectual télico/atélico em sentenças que dependem de informação extralinguística.

Nesta tese, assumimos que a computação da telicidade ocorre na sintaxe e a sua definição pode se dar ao longo de toda a derivação, nas várias posições apresentadas. Tendo em vista que a variedade de elementos na composição da aspectualidade de uma situação tem reflexo na estruturação da derivação sintática, propomos que a interpretação de sentenças, cuja definição aspectual depende de conhecimento extralinguístico, precisa considerar a noção de aspecto conforme a compressão de Verkuyl (1993, 1999, 2014, e seguintes), na qual estão incorporadas as ideias sobre perspectiva, ponto de vista e contexto sociocultural do falante. Dessa forma, buscamos na construção teórica referente às relações de anafóricas e dêiticas para explicação de ambiguidade de leituras modais de Ramchand (2012, 2014) a possibilidade de ancoragem das sentenças com interpretação aspectual ambígua.

1.2 *Gerativismo: Uma abordagem mentalista da gramática*

A linguística gerativa é uma corrente formalista dos estudos da linguagem, iniciada nos anos 50 do século XX, que se detém em explicar como funcionam as línguas naturais de uma perspectiva mentalista, empregando para isso elementos da lógica formal. Desde o início, essa linha de pesquisa traz perguntas imprescindíveis, que presidiram as diretrizes da investigação sobre a linguagem humana. Mesmo tendo a teoria gerativa, historicamente, atravessado diferentes fases, essas questões diretas são basilares de tal forma que permanecem como inspiração e orientação para os trabalhos empreendidos nesse viés da pesquisa linguística:⁶

- (i) O que é o sistema de conhecimento da linguagem utilizado pelos falantes?
- (ii) Como esse conhecimento é adquirido?
- (iii) De que maneira o conhecimento linguístico é colocado em uso?
- (iv) Quais os mecanismos físicos que servem de base para esse sistema?

Essas questões retratam o objetivo de Chomsky (1997), cujos estudos estavam voltados para a ciência da cognição, em assentar a linguagem como uma propriedade da mente humana e explicar como ela é adquirida. O autor concebe o comportamento linguístico do ser humano, ou seja, o saber falar e saber entender uma língua, como consequência de uma capacidade inerente ao organismo humano, sendo parte de sua genética e, portanto, constitui-se em um dispositivo inato, o qual não é plenamente condicionado pelo contato social no mundo exterior. Chomsky observa que a variedade das línguas esconde, mas também revela, um elemento invariável no conhecimento linguístico mental dos falantes. Essa capacidade linguística inata é conhecida na gerativa como faculdade da linguagem (doravante, FL).⁷

Portanto, a competência linguística de um falante é estabelecida pela arquitetura da mente/cérebro, sendo a linguagem apenas um de seus vários sistemas interativos, de acordo com uma perspectiva de modularidade da mente. Nessa ótica, a linguagem corresponde a apenas um dos módulos da cognição humana, dentro do qual existem outros submódulos como o fonológico, o morfológico, o lexical, o sintático, o

⁶ Cf. Chomsky (1997) e (2006).

⁷ Cf. Chomsky (2009).

semântico e o pragmático.⁸ E ainda que cada um desses módulos e submódulos do cérebro possam ser pesquisados separadamente, a atividade de processamento entre eles ocorre de forma integrada e dinâmica.⁹

Essa competência linguística dos falantes corresponde ao conhecimento linguístico interno e inconsciente, presente em todo ser humano, cujo funcionamento obedece a certas regras básicas que orientam a formação de frases em qualquer língua. No entanto, o exercício dessa língua na vida social representa o comportamento do falante na comunidade, tratando-se de sua atuação ou performance linguística, cujos elementos estruturantes são externos à competência linguística, como conhecimento de mundo, emoções, atenção, memória, formação educacional, cultural e etc. Isso posto, o uso concreto da língua é identificado na gerativa como desempenho linguístico.¹⁰ A partir dessa distinção, convém ressaltar que o foco das pesquisas gerativas está na competência linguística dos falantes, embora seja por meio do seu desempenho que os pesquisadores obtenham os dados necessários para acessá-la.

A concepção de competência linguística como um sistema de regras básicas levou à hipótese da Gramática Universal (doravante, GU), que consiste de um conjunto de princípios gramaticais invariáveis e de número restrito, comum a todas as línguas naturais, por meio do qual as crianças se tornam aptas a desenvolverem a gramática de qualquer língua. Dentre essas propriedades, encontram-se opções parametrizáveis, providas pela própria GU, reconhecidas como parâmetros da gramática, os quais são acionados quando a criança estabelece contato com uma língua externa. São esses parâmetros gramaticais contidos na GU que viabilizam e promovem as diferenças sintáticas particulares de cada língua, elucidando a questão sobre o universal e o particular entre as línguas.¹¹

⁸ O termo modular é derivado da hipótese da modularidade da mente e foi cunhado por Jerry Fodor (1983), filósofo e psicolinguista. Essa hipótese concebe a existência de vários módulos mentais responsáveis pela execução de todas as tarefas humanas (cf. Kenedy, 2013)

⁹ As ciências neurológicas desenvolvem pesquisas sobre as bases neurobiológicas da aprendizagem, cujos resultados demonstram tanto a modularidade da mente quanto a sua interconexão. Cf. Blumenfeld et al (2006); Casey et al (2005); Phinney et al (2007).

¹⁰ Cf. Chomsky (1988).

¹¹ A GU é uma teoria do conhecimento relacionada à estrutura interna da mente humana, cuja proposição está intrinsecamente vinculada ao problema de como o conhecimento é adquirido. A sua base teórica parte da questão fundamental quanto à pobreza de estímulos a que são expostas as crianças na primeira infância: o conhecimento de linguagem de um adulto está alicerçado nos dados disponibilizados para ele naquele período. Logo, como pode o indivíduo, com estímulos tão finitos, ser capaz de criar infinitas estruturas? Assim sendo, a GU, conforme explica Chomsky (2006, p.182), compatibiliza-se com mais de um tipo de variação, além daquele para o qual convergem os falantes de uma mesma língua. Chomsky denominou esse questionamento de “Problema de Platão”, em referência a um diálogo escrito por Platão, em que Sócrates pede a seus discípulos a definição do conceito de conhecimento. E ao associarem-no a estímulos

Adquirir uma língua significa, então, assimilar, com a experiência linguística em comunidade, como esses princípios são aplicados e quais são os parâmetros a eles associados, até que o falante seja capaz de empregá-la de forma plena e eficiente.¹² Para todo ser humano, ainda que de modo inconsciente, é notória a perícia de qualquer criança, a partir da exposição aos dados linguísticos em seu ambiente social, de estruturar esse sistema mesmo antes de acessar o ensino formal.¹³

Na verdade, todo falante de uma língua, sem qualquer aprendizado formal, domina esse conjunto de regras e as emprega automaticamente, tanto engendrando agrupamentos ilimitados de sintagmas de toda natureza quanto sendo capaz de interpretá-los perfeitamente, sendo plena a elaboração do pensamento. Por isso, a gramática é chamada de gerativa, na medida em que é capaz de gerar um número indefinido de estruturas. Esse caráter criativo da linguagem revela uma das propriedades mais fundamentais do seu uso: a recursividade.

As pesquisas em torno dessa linha teórica da linguística ensejaram na teoria o modelo de Princípios e Parâmetros, nos anos 80 do século XX, como uma ferramenta importante para atender os critérios de adequação descritiva e explicativa em relação à aquisição da linguagem. Seu estudo se desenvolve particularmente no campo da sintaxe, uma vez que as diferenças e as semelhanças subjacentes entre as línguas naturais são mais facilmente reveladas por meio do estudo das estruturas sintáticas e da sua comparação entre elas.

A teoria X-barras é a maneira como os constituintes oracionais são organizados estruturalmente pela teoria gerativa e cujas propriedades abordamos rapidamente a seguir. A sentença (S) é a unidade máxima de análise e as funções gramaticais são definidas a partir das relações estruturais estabelecidas entre os sintagmas verbal (VP), nominal (NP), adjetival (AP) e preposicional (PP).¹⁴ As categorias sintáticas são determinadas lexicalmente, de modo que o núcleo do VP é um

externos, o filósofo chama um jovem escravo, Mênon, explica-lhe as noções geométricas do quadrado, e depois faz ao moço uma série de perguntas. O rapaz as responde corretamente, empregando abstração matemática. Dessa forma, o mestre demonstra aos discípulos que um ser humano possui conhecimento inato.

¹² Neste trabalho, o conceito de aquisição da linguagem sempre se refere à língua materna, de modo que a aquisição de uma L2 não foi considerada durante a pesquisa.

¹³ Chomsky (2006, p. 205) esclarece que esse sistema é constituído de um estado inicial (princípios + parâmetros/valores inicialmente não fixados). Mas que um adulto, no pleno uso de sua língua, apresenta um estado estável (língua interna – L-I) em relação ao conhecimento dessa gramática particular (princípios universais + parâmetros/valores estabelecidos) e essa estabilidade gramatical lhe possibilita derivar quaisquer expressões linguísticas.

¹⁴ As siglas utilizadas na expressão sintagmática dos constituintes remetem aos termos em inglês: verbal phrase (VP), nominal phrase (NP), adjectival phrase (AP) e prepositional phrase (PP). No decurso deste trabalho, seguimos utilizando esse padrão.

verbo, o do NP é um nome, e assim sucessivamente. Os sintagmas são formados pelo núcleo, pelo complemento do núcleo, pelas projeções intermediárias, pelo especificador e pela projeção máxima.

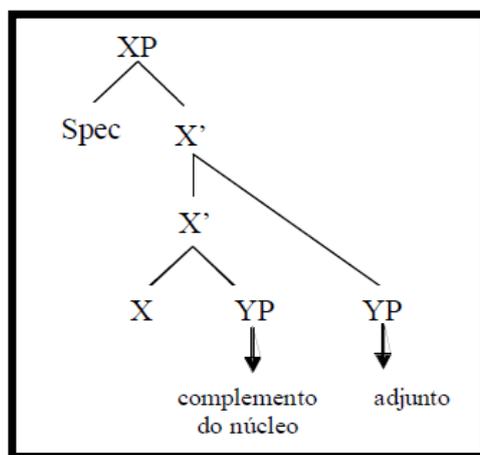


Figura 1 modelo básico da árvore sintática (Mioto, 2006, p.47)

A figura acima é a representação de árvore sintática: uma estrutura hierárquica composta por nódulos binários. O núcleo (X) pode ser ocupado por quaisquer categorias lexicais. A designação (X') corresponde a uma projeção intermediária e domina o núcleo e seu complemento, além de poder se ligar a um adjunto e formar uma nova projeção intermediária (X') mais acima na árvore sintática. Essas projeções são consideradas recursivas, porque podem se repetir na árvore sintática (como pela adjunção do sintagma YP, por exemplo). E, por fim, o especificador (Spec) se junta à projeção intermediária (X') mais alta da árvore, para formar a projeção máxima do núcleo do sintagma (XP). Dessa forma, todos os sintagmas de uma sentença são organizados e representados estruturalmente.

A árvore estende-se para conter o nódulo funcional INFL ou I, que abriga as informações flexionais do verbo, como tempo, concordância de número e pessoa e finitude. A ideia é que informações verbais, dependendo da língua, podem ser movidas em direção ao verbo, que está abaixo de IP na estrutura sintática, ou o verbo pode se mover em direção à flexão para incorporá-las.¹⁵

Com base em estudos comparativos entre o francês e o inglês com relação à posição do advérbio de negação e de quantificadores, Pollock (1989) propõe a cisão do

¹⁵ Significado das siglas: INFL ou I para Flexão, AGR para Concordância, T para Tempo, Neg para Negação e ASP para Aspecto.

nódulo flexional na árvore sintática em dois: AGRP corresponde a um nóculo flexional intermediário entre NEG e VP, que abriga as informações sobre a concordância verbal e IP passa a abrigar apenas as informações sobre o tempo verbal, passando a ser chamado de TP.

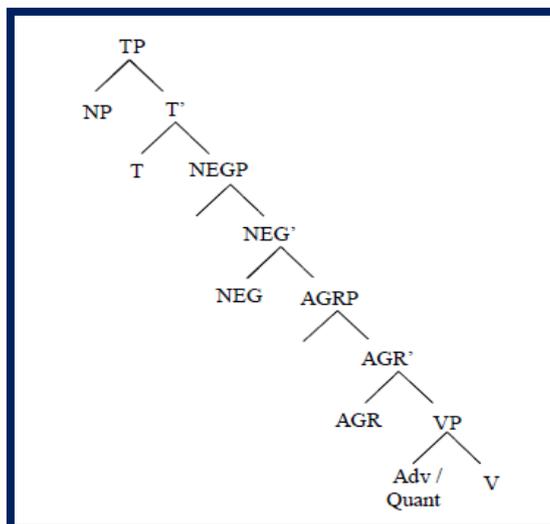


Figura 2 Configuração da árvore sintática a partir da proposta de Pollock (1989)

1.3 O Programa Minimalista

Chomsky (1995) corresponde ao marco de uma nova fase nos estudos gerativistas. Nessa obra, o autor assume o modelo de Princípios e Parâmetros, no entanto, em vez de apresentar uma teoria completa e acabada, a sua proposta se atém a um conjunto de diretrizes metodológicas para nortear a construção de uma teoria da gramática edificada em pilares conceituais exclusivamente naturais. As principais características do PM desenvolvidas por Chomsky (1995, 1999, 2005, 2007) são a derivação por fases e a relação do nível da estrutura sintática com o nível da interpretação.

O pressuposto inicial é que a Faculdade de Linguagem tem uma configuração perfeita e, portanto, oferece uma resposta ótima às condições que deve satisfazer, ou seja, possui um grau altíssimo de eficiência, mas funciona com um número “mínimo” de recursos e de operações. É nesse sentido que o termo “minimalista” é empregado, referindo-se, como explica Negrão (2007), ao tratamento de objeto ontológico que se deve dar à faculdade da linguagem, ainda que sejam

elaborados aparatos técnicos adequados aos princípios de economia e otimização, a fim de tornar a teoria o mais simples possível.

Nesse sentido, é preciso que as postulações teóricas para o modelo (princípios, elementos e operações) sejam explicadas ou em termos das condições a serem satisfeitas (determinadas pela língua), dadas pelas interfaces, ou pelas condições de economia previstas para o sistema da linguagem. Tudo o que cause assimetria, falta de uniformidade e que não seja rigorosamente necessário deve ser descartado.¹⁶

As intenções de comunicação e interpretação dos falantes para os usos da língua fazem parte de um conjunto conhecido como sistemas de pensamento. Como os conteúdos desses sistemas consistem em processos mentais, o módulo linguístico faz contato com os sistemas de produção e de recepção, de natureza motora e/ou sensorial, moldados para executar as tarefas envolvidas na comunicação. Portanto, a produção e a recepção da linguagem operam por meio do sistema articulatório-perceptual ou sensorio-motor (doravante A-P), enquanto a compreensão e a formulação do pensamento ocorrem por meio do sistema conceitual-intencional (doravante, C-I).

Tanto os sistemas de pensamento quanto os sistemas de produção/compreensão são externos à linguagem, e consistem, portanto, em sistemas de desempenho/performance, relativos aos usos da língua. A FL tem que interagir com eles, de modo que ela aciona o sistema C-I, onde se produz o conteúdo comunicativo, para levá-lo ao sistema A-P. Mas, para pôr em movimento esses sistemas de desempenho, a FL possui dois níveis de representação ou níveis de interface, para os quais ela produz expressões adequadas às características de cada um desses níveis, a fim de que eles possam fazer o pareamento entre som/forma e sentido. O nível de interface com o sistema A-P é o nível de representação PF (*Phonetic Form*, Forma Fonética) e o nível de interface com o sistema C-I é o nível de representação LF (*Logical Form*, Forma Lógica).¹⁷

¹⁶ Essa é a principal tese do PM. Chomsky (1995) a fundamenta na noção de necessidade conceitual virtual (*virtual conceptual necessity*).

¹⁷ Hauser, Chomsky e Fitch (2002) se referem ao sistema computacional como FLN (*faculty of language in the narrow sense*) e ao conjunto dos sistemas cognitivos com os quais FLN faz interface como FLB (*faculty of language in the broad sense*).

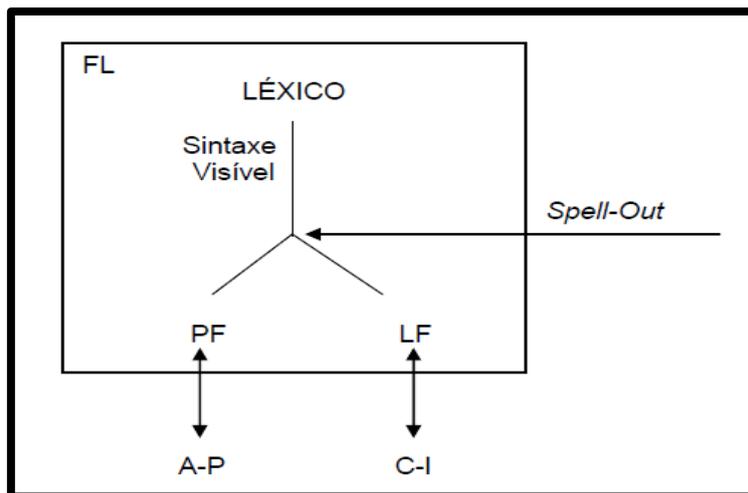


Figura 3 Representação da FL segundo PM (Mioto et al, 2007, p.46)

Para gerar essas representações, a linguagem possui como componente básico um sistema computacional (doravante SC), constituído de princípios invariáveis, responsável por utilizar os itens fornecidos pelo léxico para gerar as derivações linguísticas. Além dele, há um Léxico, que armazena de forma aleatória as informações da linguagem relativas a significado e som e é responsável pelas diferenças entre línguas. Esse SC funciona apenas com a operação de conexão/movimento (*Merge/Move*), que atua sobre um conjunto de itens lexicais selecionados.¹⁸ A operação *Merge* tem um princípio binário de funcionamento, sendo responsável por tomar dois objetos para uni-los em sintagmas, frases e períodos (*Merge* externo); e *Move* corresponde ao *Merge* realizado por meio de deslocado de constituintes (*Merge* interno), quando são formados novos objetos sintáticos a partir da operação *Agree*, cuja característica é relação entre uma sonda (*Probe*) e um alvo (*Goal*).

O funcionamento do SC pode ser descrito da seguinte forma: o SC retira do Léxico os itens selecionados e os coloca em uma Numeração para serem inseridos em um espaço derivacional. A operação *Merge* é acionada para unir de forma binária itens da Numeração segundo os traços de seleção de um predicador. Sempre que uma proposição/representação fica pronta, um comando *Spell-Out* a envia para os sistemas de interface, a fim de verificar a legibilidade da representação. Se as representações mentais forem legíveis (convergentes) para as interfaces PF e LF, elas são processadas; mas, caso não sejam legíveis (não convergentes), a derivação é abortada (*crash*), porque não atende o Princípio da Interpretação Plena.

¹⁸ Encontramos na literatura algumas possibilidades de tradução da operação *merge*; confluir, junção, conectar e etc. A expressão aqui empregada, conexão, é utilizada por Jairo Nunes (2008).

No entanto, convém destacar que, como as informações produzidas em PF não podem ser lidas em LF, e vice-versa, Chomsky (1995) propõe a operação *Spell-out* para que as informações referentes a cada um dos níveis de interface sejam lidas separadamente. Após a aplicação de *Spell-out*, a derivação se divide em duas: uma segue para PF e outra é encaminhada para LF. As operações realizadas antes do *Spell-out* acontecem na sintaxe aberta (*overt syntax*); mas, se ocorrerem após o *Spell-out*, a sintaxe é encoberta (*covert syntax*).

Os traços de um item lexical qualquer, como traços de gênero ou traços de número singular/plural estão no Léxico. Quando esse item lexical é selecionado para a Numeração ou é incluído na derivação, esses traços podem ser acrescentados a ele. Porém, dependendo da especificação dos traços, alguns são agregados na entrada do item lexical na Numeração (são traços intrínsecos, como o traço de gênero e o traço categorial) e outros, pela operação que forma a Numeração (são traços opcionais, como o traço Acusativo ou de número plural).

Os traços formais podem ser interpretáveis (semânticos) ou não interpretáveis (sintáticos), intrínsecos ou opcionais: o traço interpretável é lido nos níveis de interface, como os traços- ϕ (ou traços-*phi*) de categorias lexicais; os traços não interpretáveis são os traços- ϕ de categorias funcionais que estabelecem concordância com as categorias lexicais e entram na derivação sem valor; os traços intrínsecos já têm o seu valor especificado na entrada do item lexical e os traços opcionais apresentam variação quanto ao seu valor, que é especificado quando selecionado para a Numeração.¹⁹

A proposta de Chomsky para a interpretabilidade dos traços é que ela é determinada, de forma inata, no léxico, e a diferença entre eles se dá em termos de valor: traços não interpretáveis entram na derivação sem valor e traços interpretáveis são incorporados à derivação com seus valores já especificados.²⁰ Toda a computação sintática envolve a relação entre uma sonda e um alvo que esteja próximo da sonda (relação de localidade). A sonda carrega os traços não interpretáveis (uF) e o alvo contém os traços interpretáveis (iF). Mas a sonda também carrega um subgrupo de traços/atributos que corresponda aos traços do alvo. Após a checagem/valoração dos

¹⁹ Os traços-*phi* entram em relações de concordância nas línguas naturais, portanto, referem-se a número, gênero e pessoa.

²⁰ Os traços não interpretáveis são eliminados da derivação por meio de deslocamento de constituintes. O traço de Caso corresponde a um exemplo desse tipo.

traços não interpretáveis da sonda, estes são apagados antes que a derivação seja enviada para os níveis de interface PF e LF, os componentes semântico e fonológico.

A estrutura sintática nesse modelo da teoria é construída na forma de fases (*phases*), que são identificadas como os domínios onde os traços não interpretáveis são valorados. As fases são determinadas por categorias funcionais que selecionam categorias lexicais substantivas (que podem desencadear *Merge* externo). Assim, VP é selecionado por vP, TP por CP, mas nunca TP pode selecionar vP. Dessa forma, vP corresponde ao domínio argumental; CP, ao domínio do complementador (tempo e modo)/tópico e foco.

O PM é relevante para esta pesquisa em virtude da postulação de traços linguísticos e, principalmente, porque a categoria funcional de aspecto passa a ocupar um nóculo na árvore sintática, a partir da postulação de Bok-Bennema (2001). Atendendo à exigência do PM de que as categorias funcionais sejam justificadas conceitualmente, a autora analisa a posição do verbo em relação ao advérbio em sentenças do francês e do espanhol e propõe a existência de dois nóculos funcionais: um nóculo funcional (TP), lugar de aterrissagem para o movimento longo do verbo, contendo as informações de tempo, e outro nóculo funcional (AspP), lugar de aterrissagem do movimento curto do verbo, contendo as noções de aspecto, sempre abaixo de TP. Nesse sentido, a inserção de Aspecto como um nóculo na árvore sintática se justifica pelo fato de o aspecto ter um valor conceitual, de modo que propriedades aspectuais como habitualidade, telicidade e etc., presentes nas situações, são conceitos que se manifestam linguisticamente e devem ser tratadas no âmbito da sintaxe.

1.4 Estrutura da Tese

Além dos assuntos tratados neste Capítulo 1, o Capítulo 2 apresenta uma visão geral sobre teoria aspectual e semântica de eventos. Nele estabelecemos a diferença entre algumas terminologias que são empregadas na teoria aspectual como aspecto gramatical, aspecto lexical (*Aktionsart*), para tornar claro o lugar de cada um desses conceitos e destacamos as principais propriedades aspectuais que traduzem a aspectualidade dos eventos. Resgatamos o marco davidsoniano do argumento evento para, em seguida, relacionar a semântica dos eventos com a teoria aspectual. Apresentamos ainda as contribuições dos teóricos seminais para o tratamento do aspecto

nas sentenças, a fim de estabelecer as diferenças de perspectiva teórica em comparação com as propostas de Verkuyl (1993, 1999, 2014, e seguintes) desenvolvidas no Capítulo 4. Sintetizamos desses autores seminais os testes empregados a fim de diferenciar eventos de estados para substanciar o ponto de vista desta pesquisa nos capítulos subsequentes e, por fim, desenvolvemos o sentido de telicidade na perspectiva de alguns teóricos para compreender a natureza e a importância da interpretação plena em relação ao telos de uma sentença aspectualmente ambígua.

O Capítulo 3 trata da relação entre a telicidade, enquanto propriedade aspectual, e a categoria Tempo. Apresenta as contribuições para o tratamento formal do tempo postuladas por Reichenbach (1947) e adaptadas por Corôa (2005), cuja proposta analisa os tempos do português brasileiro. Em seguida atém-se aos dados investigados na tese, os quais confirmam a importância de uma perspectiva composicional para a interpretação da telicidade. Para evidenciar as ambiguidades aspectuais entre tético/atético, focamos nos tempos verbais que funcionam como operadores aspectuais das sentenças, alterando a sua computação aspectual. Ressaltamos, quanto aos dados que constam nesse capítulo, que os não referenciados foram criados por nós.

O Capítulo 4 traz à discussão sobre ambiguidade aspectual o quadro teórico de Verkuyl (1993, 1999, 2014, e seguintes) para o diálogo com as teorias desenvolvidas no âmbito do aspecto lexical e, além disso, considera a sua proposta de composicionalidade no cômputo aspectual como abordagem adequada para os fenômenos que identificamos no Capítulo 3. Mais particularmente atemo-nos à postulação dos níveis de aspectualidade interna e aspectualidade externa na derivação. Em seguida apresentamos o diálogo de Wachowicz (2003) sobre as perífrases verbais no imperfeito do PB, cuja conclusão sobre a possibilidade de adaptação dessa teoria de Verkuyl para esse tipo de estrutura do PB resulta na postulação de mais uma camada para o tratamento aspectual, referente ao contexto.²¹

O Capítulo 5 relaciona aspecto com a categoria modalidade nos termos de Ramchand (2014) e apresenta a proposta de análise para os dados do PB cuja definição aspectual depende de informação presente no conhecimento extralinguístico. Mas, antes, consideramos que as propostas de Verkuyl (1993, 1999, 2014, e seguintes), assim como a extensão produzida por Wachowicz (2003), precisam ser transpostas para a

²¹ Wachowicz (2003) postula uma camada de aspecto contextual, sem, no entanto, esclarecer precisamente o significado desse conceito. A nossa hipótese quanto a sua pesquisa é a de que a autora se refere às possibilidades oriundas da análise da modalidade.

árvore sintagmática postulada pela teoria gerativa. Para isso, introduzimos a proposta de Travis (2010) de adaptação da estrutura de Verkuyl (2003) e de suas duas camadas de processamento aspectual, o aspecto interno e o aspecto externo, numa estrutura arbórea que já considera as situações como elementos ontológicos, conforme proposta de Kratzer (2008). Para a segunda etapa partimos da proposta de semântica modal construída por Ramchand (2012), a qual também se fundamenta em Kratzer (2008), para apresentar uma proposta de análise para tratar as ambiguidades referentes à (a)telicidade.

O Capítulo 6 conclui a tese, destacando as suas contribuições e as questões que ficaram em aberto para pesquisas posteriores.

CAPÍTULO 2

Noções sobre Teoria Aspectual e Semântica de Eventos

O objetivo principal deste capítulo é trazer um panorama da teoria aspectual que se dedica a estabelecer a diferença entre estados e eventos, com foco para as propriedades de natureza estativa, principalmente em relação ao conceito de telicidade. Essa diferenciação, que envolve conceitos basilares presentes nas pesquisas sobre teoria aspectual, representa o cerne deste trabalho. Por isso, neste capítulo exploramos como se desenvolveram os estudos sobre essas duas grandes categorias aspectuais, além de verificar que definições diferentes abordagens teóricas trazem sobre telicidade.

O capítulo está estruturado com cinco seções: a seção 2.1 apresenta noções fundamentais sobre a teoria aspectual, procurando também esclarecer as nomenclaturas empregadas e explica como essas nomenclaturas se relacionam; a seção 2.2 faz uma revisão teórica do desenvolvimento da semântica de eventos e de seus conceitos mais fundamentais; a seção 2.3 trata da distinção teórica entre estados e os outros tipos de eventualidades; a seção 2.4 mostra os diferentes testes realizados pelos autores para a identificação da estatividade em relação aos demais eventos na língua; a seção 2.5 apresenta algumas das diferentes definições da noção de telicidade. A última seção destina-se à síntese das principais ideias do capítulo.

2.1 Aspecto – noções preliminares e nomenclatura básica

A discussão sobre a natureza aspectual das situações na literatura iniciou com a análise das propriedades dos verbos. Em um primeiro momento, o aspecto foi reconhecido apenas como uma das categorias com conteúdo semântico presente nos verbos, como o são o tempo e o modo. Os estudos na literatura aspectual focaram em estabelecer a diferença entre as categorias de tempo e aspecto, já que as duas categorias

estão ligadas ao tempo físico.²² Nesse sentido, são os significados que essas categorias verbais expressam que as diferencia: o tempo, portanto, trata da expressão do tempo externo dos acontecimentos no mundo, envolve a localização em relação ao momento de fala e codifica as noções de presente, de passado e de futuro por ter o momento de fala como referência, apresentando uma natureza dêitica; o aspecto se refere à informação temporal intrínseca/interna ao verbo e, como não está relacionado ao momento de fala das situações, trata-se de uma categoria não dêitica.

Mas, como estava ligado ao verbo, o termo “aspecto verbal” foi empregado para fazer referência a uma série de marcas que o verbo pode apresentar, como flexões, afixos, tempos verbais e etc. Em vista dessa diferenciação, o aspecto, enquanto um valor semântico observado nas mais diferentes línguas, foi definido por Comrie (1976, p.3) como a categoria por meio da qual é possível perceber as diferentes formas de constituição temporal interna das situações.

Essa denominação também se referia à oposição entre verbos perfectivos e imperfectivos, observada no estudo gramatical das línguas eslavas, uma vez que o aspecto nessas línguas é marcado pela presença de afixos verbais, que informam se um evento se completou ou se permanece incompleto, ou indicam se o evento está no início, no meio ou no fim. Em vista disso, observamos que muitos definem aspecto verbal como diferentes maneiras de se “olhar” para uma dada eventualidade.

No entanto, também podemos encontrar na literatura o termo “aspecto verbal” associado às propriedades semânticas que dividem as classes aspectuais apresentadas no trabalho de Vendler (1967). E, nesse sentido, Dowty (1979) declara ser inapropriado empregar “aspecto verbal” em referência às classes aspectuais. Como os verbos em todas as línguas possuem diferenças de significação intrínsecas (classes aspectuais) e marcadores aspectuais (afixos verbais) que podem alterar o significado dos verbos, assim como expressões adverbiais que também o fazem, Dowty defende que o termo “aspecto” seja empregado de forma geral, de modo que possa abarcar as classes aspectuais. Mas ressalta a necessidade de se fazer diferença entre classe aspectual e forma aspectual, ainda que essas estejam interligadas.

No estudo do aspecto verbal, antes mesmo de se falar em classes aspectuais, surgiu também o termo *Aktionsart* para designar as características semânticas do próprio verbo, de modo que não estava associado ao sentido inicial de aspecto verbal, cujo

²² Cf. Comrie (1976) e Corôa (2005).

conceito semântico se referia à estrutura temporal interna de uma situação e às diferentes maneiras de percebê-la.²³ Apenas mais tarde os estudos aspectuais na linguística observaram que tanto categorias lexicais quanto gramaticais podiam codificar as diferentes maneiras como a estrutura temporal interna de uma situação é percebida, sendo, portanto, necessária a diferenciação entre aspecto lexical e aspecto gramatical e, por isso, aspecto lexical está ligado ao conceito de *Aktionsart*, enquanto a semântica contida nas categorias gramaticais está ligada ao aspecto gramatical.

O trabalho desenvolvido por Rothstein (2004) reforça essa compreensão, mas o faz associando aspecto gramatical a aspecto de ponto de vista e aspecto lexical a aspecto de situação.²⁴ Assim, *Aktionsart*, aspecto lexical e aspecto de situação se referem às propriedades que estabelecem a distinção entre as classes aspectuais, enquanto aspecto gramatical ou aspecto de ponto de vista relaciona-se às diferentes formas de se olhar um evento, numa referência à oposição entre verbos perfectivos e verbos imperfectivos.

A evolução das pesquisas sobre a categoria aspecto avançou com o desenvolvimento da teoria da semântica de eventos, porque o estudo do aspecto, exclusivamente sob a ótica do aspecto lexical e do aspecto gramatical, não era suficiente para lidar com a informação aspectual do enunciado como um todo. Para fazer o tratamento da sentença, era necessária a prática uma análise composicional, em que na interpretação aspectual fossem avaliadas as relações entre *Aktionsart*, morfemas flexionais, perífrases verbais, sintagmas nominais, argumentos e adjuntos adverbiais. Nesse sentido, uma única informação aspectual, como a telicidade, por exemplo, pode ser obtida a partir de diferentes elementos linguísticos:

- (8) a. A criança sorriu para a mãe. (aspecto lexical = pontual e télico)
- b. Aqueles meninos compraram muito sorvete. (argumento interno = télico)
- c. Agorinha os meninos compravam sorvete. (expressão adverbial = télico)

O cálculo aspectual de uma sentença envolve traços aspectuais específicos e distintivos que determinam a natureza aspectual das eventualidades, assim como as diferenças entre as classes aspectuais. Não há uniformidade na identificação e na nomenclatura desses traços porque cada autor se dedicou à análise de parte do conjunto

²³ Cf. Agrell (1908) apud Młynarczyk (2004).

²⁴ Cf. Bertinetto (2001), Filip (1999) e Smith (1991).

de traços ou atribuiu nomes diferentes para um traço de mesma natureza. Mas, apesar de serem constatadas diferenças de conceito entre um autor e outro, os traços a que nos referimos estabelecem entre si uma relação de complementaridade.

2.1.1 Perfectividade e Imperfectividade

Esses dois conceitos, já referenciados anteriormente neste capítulo, foram teorizados no século XIX, no contexto gramatical das línguas eslavas, cujas estruturas verbais apresentam uma marcação morfológica que permite uma leitura aspectual dicotômica de perfectividade e imperfectividade. Essa marcação na morfologia do verbo compreende um morfema flexional – um afixo –, cuja presença ou ausência altera a perspectiva da situação descrita, informando se o evento ocorreu de forma completa, com início, meio e fim (aspecto perfectivo) ou se a situação é perspectivada de modo incompleto (aspecto imperfectivo).²⁵ A prefixação consiste em apenas uma das possibilidades de transformação do verbo imperfectivo em perfectivo.

Em vista disso, a existência de pares aspectuais foi postulada, de modo que para cada verbo de aspecto imperfectivo houvesse a contrapartida de um verbo de aspecto perfectivo, como verificamos no exemplo do polonês, em (9):

(9) Jan czytał ten tekst, ale jeszcze nie przeczytał go.

João ler.imperfec.pas.3pes.sing.masc. este texto mas ainda não ler.perfec.pas.3pes.sing.masc. o
'João leu este texto, mas ainda não o leu (completamente).'

(Nadalin, 2005, p. 1)

No dado acima, o prefixo “prze-” acrescido à forma verbal “czytał” transforma o aspecto do verbo para perfectivo (2ª oração), cujo sentido remete à ação de ler o texto do início ao fim, exprimindo uma limitação temporal da ação, com foco na ideia de conclusão do evento; mas sem o prefixo (1ª oração), a ação verbal traduz o valor de imperfectivo e a leitura passa a ser de indeterminação temporal da ação.

No PB, não há morfemas flexionais que veiculem estritamente informação aspectual, mas os aspectos imperfectivo e perfectivo assemelham-se com os tempos

²⁵ Há autores que defendem que os prefixos das línguas eslavas não são flexionais, mas derivacionais, uma vez que, entre outras razões, não apenas mudam a forma aspectual da situação, mas interferem nas propriedades semânticas lexicais dos verbos. Cf. Delfitto (2002).

gramaticais pretérito imperfeito e pretérito perfeito, respectivamente. No entanto, esses tempos verbais podem fazer referência à perfectividade e imperfectividade no PB, mas não esgotam a discussão sobre a uma sentença ser terminativa ou durativa, porque essa diferença semântica pode ser apreendida por meio de outros processos linguísticos como construções com verbos auxiliares e semiauxiliares, estrutura argumental dos verbos, ou ainda pode ser reconhecida na semântica intrínseca dos verbos que contêm o sentido de ação acabada ou inacabada.

Além disso, Wachowicz (2003, p. 33), explica que a noção de aspecto imperfectivo está relacionada basicamente ao critério da impossibilidade de interpretação dos pontos extremos, inicial e final, dos eventos, o que implica não reduzir a noção dessas categorias aspectuais a padrões sintáticos/morfológicos específicos.²⁶

Desse modo, observamos que as perífrases verbais no dado (10), que mostram variações quanto à imperfectividade (cursiva e inceptiva), e a expressão adverbial em (11) veicula informação imperfectiva. A fim de analisar a mudança aspectual promovida na enunciação em decorrência da inserção de determinados argumentos, Castilho (2002) apresenta uma sentença em que o verbo “entrevistou” marca o aspecto perfectivo (12a), mas a presença do quantificador “cada” junto ao NP “jornalista” em (12b) altera a informação aspectual da sentença sob o ponto de vista quantitativo. Isso ocorre porque, além do valor perfectivo, é preciso interpretar também o valor iterativo, devido ao evento ter ocorrido reiteradamente, de forma simultânea ou em tempos distintos, até ser considerado como concluído.

- (10) Joana tem lido/começou a ler/está lendo.
- (11) Ana viajou por muitas horas.
- (12) a. O jornalista entrevistou uma artista famosa.
b. Cada jornalista entrevistou uma artista famosa.

(Castilho, 2002, p. 132)

As eventualidades que carregam traços de perfectividade designam uma situação delimitada no tempo, finalizada, sem nenhuma subdivisão sucessiva na fase

²⁶ Um dos fundamentos teóricos da autora está em Godoi (1992), cuja proposta para as noções de perfectividade e imperfectividade está fundada nas relações entre ponto de referência, ponto de evento e ponto de fala (Reichenbach, 1947): o perfectivo inclui o tempo de evento (TE) no tempo de referência (TR) – $TE \subset TR$, por isso, os pontos extremos do evento possuem as “pontas fechadas”; mas o imperfectivo traduz o oposto, inclui o tempo de referência no tempo de evento – $TR \subset TE$, sendo, portanto, interpretado como tendo as “pontas abertas”.

temporal, mas elas também podem se referir a uma ação momentânea (ou pontual), ou ainda a uma sucessão de ações. Em outras palavras, de acordo com a definição de Wachowicz (2003) de imperfectividade, apenas na perfectividade os pontos extremos dos eventos podem ser interpretados. Desse modo, temos os dados (13) e (14), exemplos em que os eventos são apreendidos com começo, meio e fim, denotando uma situação completa com valor perfectivo:²⁷

- (13) Maria ouviu a música.
 (14) Pedro comeu o bolo.

Mas há dados no PB que necessitam de maior atenção quanto à categorização aspectual. É o caso de construções perfectivas serem empregadas para indicar ideia oposta, de imperfectividade. Expressões adverbiais que indicam duração temporal podem compor situações com traços de perfectividade, conforme verificamos em (15). Para casos dessa natureza, Comrie (1976) indica que a frase deve ser aceita como um sentido de maior duração, ainda que a noção de completude verbal se mantenha.

- (15) Pedro trabalhou durante muitas horas.

Em contrapartida, o aspecto imperfectivo também pode ser tomado como perfectivo no PB, quando a ação do verbo é entendida como algo que deveria ser desempenhado imediatamente como ocorre em (16b).²⁸

- (16) a. Eu devia estudar.
 b. Eu devia estudar agora!

Para além disso, os dados em (16) revelam a diferença necessária entre tempo verbal e aspecto verbal, porque, a depender das informações circunstanciais que fazem parte da sentença, a noção de perfectividade e de imperfectividade não é a mesma. Na perífrase

²⁷ Comrie (1976, p.16) associa perfectividade à noção de completamento de uma situação. Segundo o autor, essa ideia é fundamental para a diferenciação do aspecto perfectivo porque fica pressuposto que todos os subintervalos de tempo de uma situação perfectiva estão encerrados, de forma que a natureza dessa propriedade é oferecer uma visão global do evento, sem subdivisão.

²⁸ Cf. Travaglia (2014).

“devia estudar”, em (16a), o tempo verbal marca uma ação durativa, incompleta, que começa em algum ponto do passado, mas que pode alcançar o momento da enunciação no presente e a interpretação aspectual imperfectiva da enunciação se deve à não-delimitação do tempo do evento. Em (16b), o acréscimo do advérbio “agora” marca o tempo do evento no presente, modificando a interpretação aspectual da sentença para mais perfectiva, a despeito da natureza durativa e não terminativa do tempo verbal da sentença.

As situações que apresentam traços de imperfectividade têm o seu foco na estrutura interna do evento. Logo essa propriedade aspectual não pode traduzir uma ação em sua totalidade, uma vez que ela é caracterizada como durativa, continuada e não concluída. Em vista disso, a imperfectividade pode promover a interpretação repetida e habitual das situações, mas também pode expressar uma simultaneidade de situações. Os exemplos (17), (18) e (19) mostram eventos que expressam valor imperfectivo, porque a interpretação dos limites quanto ao início e ao fim dessas eventualidades é impreciso:

- (17) Mariana comprava cebolas.
- (18) A diarista limpava a casa.
- (19) Maria comia o bolo.

No entanto, convém observar que o acréscimo de advérbio temporal às sentenças de aspecto imperfectivo possibilita uma interpretação que se encontra para além dessa noção aspectual, uma vez que, ainda que a imperfectividade se mantenha, essas expressões temporais transformam a ação verbal em uma ocorrência repetitiva (reiterativa), conforme nos mostram os dados (20) e (21). No caso do dado (22), há a noção de habitualidade, mas também a expressão adverbial delimita o tempo da ação verbal, de maneira que está expresso um início e um fim na descrição do hábito:

- (20) Papai acordava às cinco horas.
- (21) Mamãe dormia até às sete horas.
- (22) Ricardo caminhava de 7h30 às 8h.

(Travaglia, 2014, p.86)

Vimos que a manifestação dos traços de imperfectividade e de perfectividade no PB não se atém ao emprego de tempos gramaticais e às expressões circunstanciais na sentença. Em verbos que não apresentam um final intrínseco, como o estativo “amar”, ainda que uma situação seja empregada no pretérito perfeito (23), identificamos que a situação descrita nos oferece uma informação sobre a disposição emocional de um indivíduo em relação a outro. Houve uma interrupção da ação verbal, mas não há como necessariamente identificar o completamento dessa ação, no sentido de que a ação pode ser vista como um todo global. Em (24) é possível reconhecer o início da ação de amar, mas não se pode afirmar que houve interrupção da ação, mas também esse dado pode se referir a uma circunstância pontual, apesar de o verbo “amar” ser considerado estativo. Logo, o pretérito perfeito só tem condição de retratar o aspecto perfectivo se os verbos indicarem culminação.²⁹

(23) Gisela amou o Pedro.

(24) Gisela amou a tela de Portinari.

Em vista disso, parece que a noção de perfectividade está vinculada à mudança de estado, ou seja, a um estado imediatamente consequente ao descrito pela situação verbal. A manifestação desse estado resultante pode ser apreendida por meio da construção passiva de orações com verbo auxiliar “estar” + participípio, ou mesmo por meio de sentenças reduzidas de participípio, testes que confirmam claramente o caráter de culminação do pretérito perfeito, mas nem sempre são conclusivos nos dados em (25). Quanto às sentenças abaixo, é adequado observar que (25 a,b) são mais facilmente aceitas em contextos muito específicos, como no caso de situações em que estão subentendidas as ideias de obrigação e desafio a ser superado.

(25) a. A música está ouvida./ Ouvida a música, todos se levantaram.

b. O muro está pulado./Pulado o muro, José correu à delegacia.

c. As cebolas estão compradas./Compradas as cebolas, fomos embora.

d. A casa está limpa./Limpa a casa, foi fazer o jantar.

²⁹ Cf. Mateus et al. (2003).

- e. *Pedro está amado./*Amado o Pedro, ela o apresentou aos amigos.
- f. *A tela de Portinari está amada./*Amada a tela de Portinari, Gisela foi jantar com os amigos.

Com base nos exemplos em (25), verificamos que, dependendo das combinações dos termos nas sentenças, o verbo que contém em si a ideia de conclusão pode apresentar uma leitura imperfectiva e vice-versa, o que aumenta a complexidade da análise. Mas a diferença de análise encontra-se fundamentalmente no conceito assumido para perfectividade, que deve ser vista como uma propriedade aspectual cuja característica principal consiste em informar acerca do final de uma situação em que ocorre a transição de um estado de coisas para outro, cujos limites temporais encontram-se delimitados.

2.1.2 Telicidade e Atelicidade

A telicidade pode ser apreendida em uma eventualidade quando há um ponto final implícito como característica intrínseca do próprio evento descrito.³⁰ Portanto, a presença ou não do ponto terminal nos eventos fundamenta a separação das eventualidades em télicas e atélicas. Um evento atélico permanece ocorrendo indefinidamente na linha do tempo e, ainda que possa ser interrompido, não há elemento na semântica verbal que denote esse ponto final. Por outro lado, o evento télico tem incluído no seu tempo de duração um momento de encerramento claramente definido. Nesse sentido, “caminhar”, “correr” e “trabalhar” são eventos atélicos, porque intrinsecamente denotam uma ação prolongada indefinidamente no tempo e não apresentam ponto de culminação; mas “sair”, “chegar”, “quebrar” e “apagar” são naturalmente télicos, pois o término do evento corresponde a uma informação semântica que lhes é própria.

Entretanto, convém atentar para o fato de que as propriedades de telicidade/atelicidade e perfectividade/imperfectividade interagem entre si para auxiliar na compreensão de um verbo quanto à caracterização da perfectividade. Essa proximidade torna necessário estabelecer as diferenças quanto ao campo de atuação de

³⁰ Há diferença de conceito quanto à propriedade da telicidade. Moens (1987) a relaciona com o conceito de culminação, enquanto uma das fases do núcleo aspectual; Krifka (1992) considera a noção de tempo e Comrie (1976) a associa à noção de duratividade.

cada um desses pares. Nesse sentido, Wachowicz e Foltran (2006) explicam que telicidade se refere às informações lexicais dos verbos, as quais estão relacionadas com as classes acionais vendlerianas. Trata-se, portanto, de aspecto lexical. Por outro lado, as flexões verbais contribuem na sentença com outro tipo de leitura aspectual, cuja ideia coloca em foco o completamento ou não da ação descrita pelo verbo, critério que analisa a perfectividade da sentença e que se refere ao aspecto gramatical. Em vista disso, podemos interpretar o dado (26) como perfectivo e também atélico, porque o verbo “caminhar” remete a uma ação em processo, enquanto o dado (27) caracteriza-se como perfectivo e télico, tendo em vista que o verbo “apagar” traduz um evento pontual.

(26) Ana Maria caminhou no parque.

(27) João apagou a luz.

Porém, eventualidades atélicas como “caminhar”, na composição com outros elementos da predicação, como argumentos ou expressões adverbiais que marcam o final da ação verbal na linha do tempo, tornam-se télicos. É o que exemplificam os dados abaixo: em (28) a presença da expressão “dois quilômetros” delimita a distância da caminhada; em (29) o argumento interno “o e-mail” tem o seu ponto final com a última letra escrita no texto; e em (30) o verbo “construir”, apesar de ser um processo, revela traços de telicidade na sentença (30a), por ter o evento encontrado o seu ponto de culminação com o término da construção da cadeira, mas carrega traços de atelicidade em (30b) em razão da perífrase verbal no presente.

(28) A Maria caminhou dois quilômetros.

(29) José escreveu o e-mail.

(30) a. João construiu a cadeira.

b. João está construindo a cadeira.

Como o conceito de telicidade será tratado mais detalhadamente na seção 2.5 deste capítulo, buscando as análises teóricas que privilegiam esse conceito, escolhemos aqui apenas oferecer uma caracterização básica desse traço aspectual, para que possa ser feita uma distinção com os demais traços abordados nesta seção.

2.1.3 Duratividade e pontualidade

Essas duas propriedades se referem ao tempo de duração das situações. A duratividade ocorre em um intervalo de tempo, como exemplifica (31b); e a pontualidade, por descrever ações instantâneas, pontuais, como em (31a), refere-se a um momento único na linha temporal.

- (31) a. A taça quebrou.
b. Jéssica pintou o quadro.

Todavia em (32a, b) verificamos a possibilidade de um evento de natureza pontual compor sentenças com uma característica iterativa, se estiver em composição com expressões adverbiais durativas, ou se houver sistemas de acarretamento em seu cômputo aspectual.

- (32) a. A mulher acordou e espirrou durante 15 minutos.
b. Benjamim continua dando comida para a sua irmã.

Ainda numa perspectiva composicional, Wachowicz (2008) explica que a característica télica dos verbos que denotam pontualidade é anulada na presença de gerúndio, porque o sufixo “-ndo” abre uma duração na linha do tempo em que a ação tem uma sucessão de repetições, conforme podemos verificar em (33).

- (33) João está piscando para Maria.
(Wachowicz, 2008, p. 58)

Mas Vendler (1967) identifica eventos pontuais mediante a compatibilidade com expressões adverbiais pontuais tais como “às X horas”, enquanto os eventos que apresentam duração temporal são compatíveis com expressões do tipo “durante X tempo” ou “em X tempo”. Podemos conferir que em (33) todos os eventos descritos permitem a aplicação de ambos os testes, produzindo sentenças gramaticais. No entanto, nos dados (34a-d), observamos haver verbos que rejeitam ao menos uma das expressões adverbiais empregadas como teste ou, se as admitem, podem se referir a situações muito singulares, como em (35), em que se pode pensar numa situação de morte clínica, que

permite descrever que alguém foi considerado morto às 2h e permaneceu sem sinais vitais durante 30 minutos, quando voltou a respirar.

- (34) a. Maria cutucou José durante vinte minutos./ às 14h
 b. A criança espirrou durante quarenta segundos./ às 6h
 c. Esse menino tossiu durante toda a noite./ às 22h
- (35) a. Maria cutucou José às 14 horas. (durante 10min. /*em 20 min.)
 b. A criança espirrou às 8 horas. (durante 10min. /*em 20 min.)
 c. João piscou para Maria às 21 horas. (durante 10min. /*em 10 min.)
 d. O Pedro falou com Maria enquanto estava pulando. (durante 10min./*às 11h20)
- (36) Mário morreu (às 2 horas/*durante 2 horas/*em 2 horas), foi colocado de lado, mas recomeçou a respirar 30 minutos depois.

2.1.4 Dinamicidade e estatividade

Esses traços estão relacionados à existência de fases sucessivas que terminam, ou não, em mudança de estado. Smith (1991) explica que os traços estático/dinâmico separam as eventualidades em estados e eventos.

Estados são estáticos porque neles não se verifica qualquer mudança, o que permite caracterizar esse tipo de eventualidade como homogênea. A homogeneidade representa a capacidade de manter a identidade original do evento em todas as frações de tempo ou intervalos em seu interior. Por outro lado, eventos são dinâmicos porque se constituem de estágios sucessivos, que ocorrem em momentos diferentes, o que lhes atribui uma marca de heterogeneidade.³¹ Em (37), a eventualidade “gostar” pressupõe permanência, ao passo que “correr dois quarteirões”, em (38), apresenta estágios diferentes entre si. Evidentemente não se pode afirmar que “o rapaz” sempre vai gostar dos objetos organizados, mas, enquanto esse gosto dura, ele é constante.

³¹ Bertinetto (2001) trabalha com as propriedades “dinâmico” e “homogêneo”. O autor liga a homogeneidade à descrição de uma eventualidade que possui subintervalos de tempo, mas a dinamicidade está associada à noção de agentividade. Dessa forma, o autor define as classes acionais com base nos traços [± durativo], [± dinâmico], [± homogêneo].

(37) O rapaz gosta dos objetos organizados.

(38) A menina correu dois quarteirões.

Sob uma perspectiva teórica que considera que os eventos são constituídos de núcleo aspectual (Moens e Steedeman, 1988), as eventualidades dinâmicas possuem em seu núcleo uma ou mais fases. No caso do exemplo (38), considera-se que há uma fase processual e um ponto de culminação. No caso das eventualidades não dinâmicas, esse viés teórico assume que esses tipos de situações não comportam fases ou subeventos, o que resulta na ausência de um núcleo aspectual e, por isso, são consideradas como eventos sem estruturação interna.

2.1.5 Cumulatividade (aditividade) e Quantização (divisibilidade)

As noções de cumulatividade e quantização são formulações desenvolvidas por Krifka (1992, 1998), cujo ponto de referência se apoia no conceito de telicidade. Essas propriedades desempenham um papel essencial para estabelecer a diferença entre nomes massivos e contáveis e entre predicados télicos e atélicos. Nesse sentido, os nomes massivos e eventos atélicos são identificados como cumulativos e os nomes contáveis e os eventos télicos permitem quantização.

Por cumulatividade compreende-se que a soma de duas porções de um mesmo evento origina um evento completamente idêntico. Krifka postula que itens lexicais são cumulativos na sua origem, para num segundo momento se tonarem predicados quantizados na sintaxe por meio do processo de determinação dos sintagmas (maçãs → as maçãs).

A ideia de cumulatividade em (39a) está no fato de não ser possível determinar o limite do evento. Por isso, sintagmas nominais cumulativos produzem sentenças atélicas, uma vez que, ao somar as várias eventualidades de “comer maçãs”, a integridade da denotação do evento “comer maçãs” é mantida. Por outro lado, a determinação presente na expressão “duas maçãs” em (39b) resulta em um predicado quantizado, já que é possível apreender qual é o limite da duração do evento. Em vista disso, expressões quantizadas só podem compor predicados télicos. Ao considerar a eventualidade completa de “comer duas maçãs”, a soma de duas eventualidades de

mesma natureza não se atém à denotação do evento original, porque o total de maçãs comidas passa a ser quatro e assim sucessivamente.

- (39) a. Maria comeu maçãs.
b. Maria comeu duas maçãs.

(Krifka, 1998, p. 12, adaptado)

A noção de quantização, conforme Wachowicz e Foltran (2006), refere-se à natureza das partes de uma eventualidade ou de um item lexical. Quando dividimos uma entidade da denotação de uma eventualidade ou de um item lexical, o resultado necessariamente é denotado pelo mesmo evento ou item lexical. Logo, uma parte quantizada de X deve estar na denotação de X.

Voltando ao dado (39a), pela ausência de um determinante/quantificador, qualquer parte de “comer maçãs” é igual a “comer maçãs”. Por isso, a homogeneidade está diretamente relacionada com a cumulatividade, sendo ambas, portanto, propriedades que se opõem à quantização. No entanto, em (39b), qualquer parte de “comer duas maçãs” não pode corresponder a “comer duas maçãs”.³²

2.2 *Semântica de Eventos: noções básicas*

Nenhuma sentença é interpretada exclusivamente pelo significado individual de suas palavras. Para uma interpretação adequada precisam ser também contabilizados a sua organização gramatical e os vínculos sintáticos nela contidos. O que as expressões linguísticas revelam ou significam e a forma como o sentido das expressões complexas é calculado a partir dos significados de suas partes é o objeto de estudo de uma das áreas da linguística: a Semântica Formal.

A fim de interpretar os dados da língua natural, a semântica formal descreve, empregando a lógica formal, a capacidade que os falantes das línguas naturais têm de interpretar os enunciados, ou seja, desenvolve proposições fundamentadas na

³² Rothstein (2004, p. 162) vincula homogeneidade e cumulatividade aos itens lexicais massivos. Essa vinculação, no entanto, não ocorre de modo rígido. No caso de verbos transitivos, quando se somam duas atividades do tipo “empurrar um carrinho”, se o referente de carrinho e o da pessoa que o empurra forem os mesmos, verificamos que a homogeneidade resulta em cumulatividade, mas se forem pessoas diferentes, essa associação não pode ser feita.

lógica matemática, por meio da qual são elaboradas representações formais dos significados das sentenças. Em análises semânticas, segundo a lógica, não há referência a pessoas, coisas, fatos, verbos, adjetivos, substantivos e etc. A denotação dessas categorias é construída a partir da noção de indivíduo, objeto, ou entidade, uma vez que se trata de “algo” com identidade no mundo.

O conceito de evento na filosofia da linguagem corresponde, portanto, a uma dessas propostas ontológicas. E, para as pesquisas linguísticas, o trabalho de Davidson (2005 [1967]) é majoritariamente reconhecido como sendo o ponto inicial dessa reflexão, cuja argumentação e concepção de evento se tornaram um marco de significação para a linguística contemporânea.³³

2.2.1 O argumento evento davidsoniano

Ainda que haja outros tipos de evento, o foco do trabalho de Davidson (1967) concentra-se nos eventos ligados à ação, de modo que o autor desencadeia a sua argumentação a partir de uma dada sentença (40), que envolve uma ação, na qual foram incorporados diversos elementos com ideia de agentividade e de intencionalidade.

(40) *Strange things go on! Jones did it slowly, deliberately, in the bathroom, with a knife, at midnight. What he did was butter a piece of toast.*³⁴

(Davidson, [2005 (1967), p. 37)

Por meio desse exemplo, o autor apresenta a complexidade de se elaborar uma representação formal com todos os significados contidos nessa sentença, sem um termo que possa ser retomado anaforicamente e que se refira às várias ações do agente. Mais precisamente, ele destaca o papel do pronome anafórico “*it*” nesse contexto, identificando-o como uma espécie de entidade vinculada a uma ação.

Para demonstrar o seu ponto de vista, Davidson propõe que a forma lógica dessa sentença seria algo parecido com:

³³ Cf. Wachowicz (2001).

³⁴ “Coisas estranhas acontecem! Jones faz isso vagarosamente, deliberadamente, no banheiro, com uma faca, à meia-noite. O que ele fez foi cortar um pedaço de torrada”. Tradução livre.

- (41) *There is an action x such that Jones did x slowly and Jones did x deliberately and Jones did x in the bathroom, ... and so on.*³⁵

(Davidson, [2005 (1967) p. 37)

Essa proposta de representação de forma lógica em (41) para a sentença expressa em (40) tem como objetivos exibir a deficiência do trato de questões semânticas em virtude da ausência de um termo que substitua a variável x na teoria, mostrar que os significados de ação dependem da estrutura composicional da sentença, e, por consequência, salientar a vantagem de se postular uma variável de evento em relação à abertura de possibilidades de análise ainda não realizadas na área.

A reflexão sobre a natureza complexa do dado (40) e de sua forma lógica (41), somada à análise de alguns autores que pensaram sobre evento e expressões de ação, moveram Davidson [2005 (1967)] a postular a existência de outro argumento na estrutura do predicado, além dos argumentos já conhecidos: o argumento evento, que é apresentado como uma variável individual e concreta, recurso fundamental para traduzir aquela sentença para uma lógica de predicados.³⁶ Quando Davidson defende a materialidade do evento, não dá gênese apenas a um argumento presente no verbo, mas o encerra de natureza ontológica e o torna a referência dos verbos de ação. Logo, os predicados com verbos de ação passam a ter mais um lugar na derivação, além dos que deveria ter, para atender a existência do evento.

No texto, o autor tece ainda algumas observações relevantes quanto aos limites do significado de evento, enquanto entidade, para a descrição das situações, ao reduzir a sentença (40) para o formato em (42):

- (42) *John did it in the bathroom, with a knife, at midnight.*³⁷

(Davidson, [2005 (1967) p. 40)

Com essa redução, Davidson mostra que as expressões adverbiais “*in the bathroom*” (no banheiro/lugar), “*with a knife*” (com a faca/instrumento), “*at midnight*” (à meia-noite/tempo) entram na sentença como novas entidades, porque a agentividade

³⁵ “Há uma ação x tal que Jones faz x vagarosamente e Jones faz x deliberadamente e Jones faz x no banheiro, e assim por diante.” Tradução livre.

³⁶ Davidson desenvolve a proposição sobre eventos no âmbito da metafísica real, em que a relação é de um-para-um. Esse posicionamento considera os eventos como entidades individuais concretas, localizadas no tempo-espaço, como o são os objetos materiais (Basso, 2009).

³⁷ John fez isso no banheiro, com a faca, à meia-noite. Tradução livre

precisa estar manifesta de alguma forma para que uma nova entidade seja incorporada à situação. Sobre essa questão Wachowicz (2001, p. 45) esclarece que “é essa intencionalidade que ancora na ação – extensional – o que antes é tido como um primitivo intencional.” No entanto, Davidson [2005 (1967)] também destaca em (40) a presença de advérbios “*slowly*” (lentamente) e “*deliberately*” (deliberadamente), cuja natureza se diferencia dos citados anteriormente. Essas expressões, por apenas traduzirem o estado mental do sujeito, são consideradas intensionais, o que impede que façam parte da descrição do evento.

Por fim, o autor esclarece sua posição acerca dos predicados de ação: se a ideia central é que os verbos que indicam ação são aqueles em que estão embutidas a agentividade e a intenção deliberada do sujeito, a definição de predicado de ação reflete esse contexto. Logo, um argumento com natureza agentiva é atribuído ao verbo e, no caso de estarem presentes elementos adverbiais de natureza apenas intencional, eles são considerados apenas traços de agentividade e não advérbios da sentença.

A partir da proposta de Davidson, a discussão sobre o argumento evento (e) provoca uma enormidade de estudos favoráveis e desfavoráveis quanto à sua posição. O fato é que, analisando as pesquisas conduzidas nessa linha, verificamos que esse conceito tem sido de importância fundamental na linguística. A representação do significado de sentenças de língua natural com base em eventos propicia caminhos para tratar uma série de demandas que estavam represadas nas pesquisas sobre semântica, como questões relacionadas a tempo e aspecto, às modificações produzidas pelas expressões adverbiais e às relações e dependências anafóricas. Além dessas, Parsons (1990), já em uma abordagem neodavidsoniana, ainda acrescenta outras demandas para justificar como assertiva a hipótese de Davidson quanto à existência de um argumento evento como, por exemplo, a relação semântica entre um evento e sua nominalização, as questões semânticas que envolvem os verbos causativos e incoativos e a quantificação sobre eventos.

A necessidade de se desenvolver uma teoria sobre eventos também pode ser explicada a partir de outros problemas para os quais a lógica clássica não tinha respostas, como a questão dos acarretamentos, em que sentenças apresentam um número de predicados diferentes. A partir da semântica de eventos é possível lidar com acarretamentos, uma vez que a estrutura do verbo agora contém os argumentos interno, externo e de evento, além dos adjuntos. Portanto, se A acarreta B e C, a forma lógica tem como representar que B e C são parte do evento A. E se a soma das partes é

verdadeira, infere-se que cada parte também o seja. Essa afirmação é possível porque o argumento evento é retomado anaforicamente toda vez que um adjunto da sentença entra no cálculo do predicado.

Mas, acima de tudo, a representação do significado de sentenças com base em eventos permite que os seus significados sejam abordados mediante uma ótica composicional, de modo que suas naturezas aspectuais podem ser representadas formalmente como sendo o resultado da interação entre as suas partes. Além disso, a proposição do argumento evento inaugura uma nova perspectiva quanto à distinção entre eventos e estados, uma vez que o autor defende que apenas as predicacões eventivas possuem essa variável espaço-temporal em sua estrutura argumental. Dessa forma, as estruturas estativas não possuem esse argumento.

2.2.2 A relação entre a semântica dos eventos e a teoria aspectual

A discussão sobre eventos ultrapassa as questões da semântica de eventos, porque envolve relações diferentes como causalidade, agentividade, genericidade, identidade, quantificação, tempo e etc. A categorização aspectual das predicacões também é resultado da interação entre as partes que compõem o enunciado e, a partir da possibilidade de elaborar representações formais numa perspectiva composicional, abre-se espaço para o cálculo das variadas informações aspectuais presentes em uma sentença.

O foco de análise desta pesquisa no âmbito aspectual concentra-se nos tempos verbais, os quais terão tratamento à parte em outra seção. No entanto, a título de exemplificar de que forma podem ocorrer mudanças aspectuais mediante a seleção de sintagmas em uma sentença, nesta seção apresentamos brevemente alguns elementos diferentes que produzem esse resultado. Para esse momento, selecionamos as relações temáticas presentes na estrutura argumental, a semântica temporal interna dos verbos, as expressões adverbiais e, no âmbito da semântica de eventos, a diferença de interpretação aspectual mediante a adoção de conceitos distintos de identidade.

Convém explicitar ainda a escolha de se restringir a análise dos dados às noções aspectuais basilares de estado e de evento, uma vez que essa diferenciação consiste em umas das interpretações mais fundamentais das construções de uma língua.

Vendler (1967), ao analisar a natureza aspectual dos verbos para classificá-los, denuncia as mudanças que os argumentos internos produzem no cômputo aspectual. Mas Parsons (1990), ao teorizar sobre as alterações ocorridas a partir das relações temáticas estabelecidas entre um verbo e seus argumentos, observa que, dependendo do significado intrínseco do verbo, apenas alguns tipos de argumentos, com propriedades específicas, podem entrar na composição de sua estrutura argumental. Isso significa que os verbos impõem aos seus argumentos uma seleção regulada por um conjunto de traços semânticos que os predicadores verbais disponibilizam.

Nesse sentido, Hattner (1989) e Rothmayr (2009) identificam um mesmo predicador verbal figurando tanto em predicções estativas quanto em predicções eventivas. Tal fato indica que, na grade temática do verbo, está prevista mais de uma possibilidade semântica de construção para essas eventualidades. É o que mostram os dados em (43) e em (44 a,b) na relação com o argumento externo. Os dados (44 c,d), por outro lado, demonstram o efeito do argumento interno na transformação da natureza aspectual da sentença.

- (43) a. *The army surrounds the village.* (sujeito agente - evento)
 b. *The wall surrounds the village.* (sujeito não agente - estado)
 (Rothmayr, 2009, p. 32)

- (44) a. Os trilhos da ferrovia serpeavam. (estado)
 b. A cobra serpeava vigorosamente. (evento)
 c. As estrelas apontavam o norte. (estado)
 d. As estrelas apontavam no céu. (evento)
 (Hattner, 1989, p. 121)

Abaixo verificamos que também podem modificar a natureza aspectual de uma sentença a seleção de expressões genéricas, de determinantes e de quantificadores em sua composição. Em (43a), o verbo no presente progressivo, ligado a um sintagma sem determinante, apresenta as duas leituras – estativa e eventiva –, mas, quando se encontra ligado a um sintagma definido/determinado, como “uma garrafa de vinho” em (45b), dificulta-se a possibilidade de leitura estativa da sentença, a interpretação eventiva, nesse caso, é preferida. Certamente, a presença de uma expressão adverbial durativa do tipo “há um mês” em (45b) faz com que o valor habitual seja preferido para

essa mesma sentença, em vez da interpretação eventiva. Outra forma de transformar em habitual uma leitura eventiva de uma sentença é combinar o verbo no presente do indicativo com um argumento interno sem determinante quantizado, como em (45d).

- (45) a. Ele está tomando vinho.
 b. Ele está tomando uma garrafa de vinho.
 c. *Ele está tomando vinhos.
 d. Ele toma vinho.

Em (46a), Oliveira (1995) identifica a existência de leitura ambígua no português europeu (PE) quando o verbo se liga a um sintagma nominal (NP) determinado no argumento externo. Se o NP perde o determinante, a autora indica que a ambiguidade da sentença toma contornos mais complexos, porque pode se referir ou a mais de um evento, ou a um evento apenas, ou ainda se tratar apenas de leitura genérica.

- (46) a. Uma gaivota voa (está voando) em frente da minha casa.
 b. Gaivotas estão voando em frente da minha casa.

(Oliveira, 1995, p. 63, adaptado)

No entanto, observamos que as leituras aspectuais de evento e de estado se mantêm em (46a,b). Tanto pode ser interpretado como leitura habitual o voo da(s) gaivota(s), como se pode entender que o fato está ocorrendo no momento exato de fala, principalmente quando são empregados os verbos no progressivo, no caso específico do PB.

O terceiro ponto a que damos destaque são expressões adverbiais, que desempenham um papel fundamental na caracterização aspectual das predicções, uma vez que o seu emprego consiste em um recurso eficiente para eliminar a ambiguidade aspectual de uma situação sobre estatividade. Nesse contexto, escolhemos abordar as expressões adverbiais junto a nomes contáveis e não contáveis, como nos dados em (47). E o caráter determinante dos advérbios junto a esse tipo particular de NPs.

- (47) a. Valmir comeu pão de queijo. (às 23h/sempre/durante a viagem/*em 10 min)
 b. Valmir comeu um saco de pão de queijo. (às 23h/todos os dias/durante a viagem/em 10 min)

Os verbos em (47) estão no pretérito perfeito, o que facilita uma interpretação eventiva das sentenças. No caso de (47a), a despeito de o NP ser não contável, a presença do advérbio “sempre” traz à sentença uma leitura habitual, enquanto a expressão adverbial “durante a viagem” pode sugerir uma leitura iterativa. O mesmo ocorre em (47b) com a expressão “todos os dias”, que produz leitura habitual, enquanto “em 10 minutos” sugere que a ação ocorreu repetidamente durante esse prazo de tempo limitado. A expressão adverbial “às 23h” serve apenas para confirmar a natureza eventiva das orações.

Por fim, questões relativas à noção de identidade do argumento evento geram mudanças de interpretação das sentenças, porque, dependendo da natureza que atribuímos às situações, também encontramos diferentes perspectivas de computação aspectual. Se os eventos forem tomados como particulares, concretos, conforme a linha de Davidson [2005 (1967)], assume-se o compromisso de que os eventos não se repetem e de que não podem ocorrer num mesmo tempo (t), como no dado abaixo:

- (48) João correu, fez exercício, transpirou, respirou e conversou com seu companheiro de corridas. (tudo isso em um mesmo tempo t)

(Basso, 2009, p. 23)

O problema dessa perspectiva é dar conta de eventos simultâneos. Basso (2009) explica que, sob esse ponto de vista, há apenas um evento, que ocorreu no tempo t e todos os demais verbos da dessa sentença seriam apenas descrições diferentes desse evento. Mas, refletindo sob o ponto de vista aspectual, “correr”, “fazer exercícios”, “transpirar”, “respirar” e “conversar” indicam processo, o que pode produzir uma unidade aspectual. No entanto, se nela houvesse verbos com naturezas aspectuais distintas, como “dar a volta no parque”, “pular”, “sonhar” e “espirrar”, tratar-se-ia apenas de um evento com quatro valores aspectuais diferentes?

Ainda observa esse autor que a impossibilidade de repetição traz problemas para os eventos *token*, porque nos casos como em “João dormiu de novo”, a expressão adverbial “de novo” se refere a algum tipo de repetição e pode ser encaixada em qualquer evento. O autor, nesse caso, questiona se não seriam instanciações (*tokens*) de um mesmo *type*, mas também esclarece que Davidson e os autores que adotam essa linha, provavelmente, tratariam tais eventualidades como “entidades suspeitas”,

atribuindo-lhes valor intensional. E como vimos anteriormente, expressões com natureza intensional não entram no cálculo dos predicados.

Mas, numa perspectiva diferente, há autores que consideram os eventos como universais e não particulares, e por isso podem se repetir. Nessa linha, eventos são propriedades que predicam sobre momentos (ou intervalos) de tempo. Logo, não possuem um estatuto ontológico autônomo e, por isso, são entidades atemporais e a-espaciais. O fato de se considerarem eventos apenas aqueles que possam ser repetidos cria um problema quanto ao tratamento dos eventos que não podem ser repetidos, como “nascer” e “explodir”.

Basso (2009) explica que, no caso desses verbos, a teoria reputa a eles a condição de propriedades ordinárias, mesmo que ocorram em um único momento t , e atribui-lhes um alto grau de particularidade. Mas, aspectualmente, há uma questão a ser destacada: segundo muitos autores, entidades atemporais e a-espaciais, assim como ocorre com as propriedades, não podem participar de relações causais, o que elimina interpretações em que a agentividade fica subentendida.

Uma última abordagem encontra-se na teoria de Lombard (1986 apud Cleland (1991)), que identifica os eventos segundo a possibilidade de “mudança de estado”, ou seja, uma entidade particular que exemplifica uma propriedade X passa a exemplificar uma propriedade Y . Para essa linha, a “parte dinâmica” dessa mudança é o evento. Da mesma forma que ocorreu na primeira abordagem descrita, a identidade dos eventos passa a referir-se à entidade particular e às propriedades envolvidas, de modo que, se temos os mesmos particulares e as mesmas propriedades, então estamos falando dos mesmos eventos, e, sempre que houver mudança de uma propriedade, há a ocorrência de um evento. A questão, como também observa Basso, é: como ficam os eventos que não estão associados a mudanças, como os processos e os eventos estativos?

A noção de evento na linguística segue sendo usada nas pesquisas, independentemente das discussões filosóficas quanto à sua identidade e individualização e tem sido empregada intensamente para a solução de questões relacionadas à construção e interpretação das sentenças, mas também como ferramenta na criação de novas linhas de investigação. Conforme explica Parsons (1990), a formulação de Davidson, por exemplo, permitiu compreender a semântica das estruturas causativas e, em acréscimo à postulação davidsoniana, Parsons propõe que os participantes do evento, ou seja, as relações semânticas contidas nos papéis temáticos,

também sejam inseridas por meio da predicção dessa variável de evento. Dessa forma, o argumento evento passa a estar presente tanto na estrutura argumental e quanto na estrutura sintática.

Posteriormente, a necessidade de explicar verbos estativos que aparecem em estruturas eventivas leva Kratzer (1995), sob a perspectiva do argumento evento, a postular que a diferença entre estativos *stage level*, que possuem natureza eventiva, e estativos *individual level*, que seriam estativos “plenos”, estaria apenas na ausência ou na presença do argumento evento.³⁸

E por último, Krifka (1998), para dar conta de fenômenos que ocorrem nos domínios nominal e verbal, postula um modelo teórico original a partir da análise da composição dos eventos e das relações entre parte/ todo e eventos, o que viabiliza maior compreensão sobre o aspecto verbal e a quantificação sobre eventos. Dessa forma, os instrumentos teóricos para lidar com nomes de indivíduos, plurais e termos de massa contribuíram para o entendimento dos eventos. Essa proposta está filiada à proposição de Davidson [2005 (1967)], que emprega a noção de evento para clarificar questões trazidas pelos fenômenos tempo-aspectuais.

2.3 *Contribuições da Teoria Aspectual para diferenciar estado e evento*

Nessa trajetória da teoria aspectual, os trabalhos produzidos buscaram identificar os padrões de comportamento na estrutura temporal interna dos verbos, o que implicou uma variedade de formulações de tipologias aspectuais produzindo um arcabouço teórico muito rico sobre a distinção básica entre estado e evento. A partir de Vendler (1967), teóricos como Dowty (1979, 1986), Mourelatos (1978, 1981), Moens e Steedman (1988), Parsons (1990) são exemplos representativos das discussões seminais sobre a teoria aspectual. Desses estudos decorrem inúmeras propostas de descrição das mais diversas situações envolvendo o verbo e o seu comportamento na composição com outros elementos na sentença, realizadas a partir de critérios linguísticos específicos selecionados por esses teóricos.

Diante de sentenças que apresentam ambiguidade entre leitura aspectual eventiva e estativa, é necessário resgatar as propostas teóricas que se debruçam sobre

³⁸ A terminologia *stage level* e *individual level*, que classifica os estados em dois grupos, foi elaborada por Carlson (1977). Voltaremos a essa distinção adiante.

essa temática.³⁹ Neles encontramos fundamentos e propriedades diferentes, mas complementares, que estabelecem a diferenciação entre estatividade e eventividade, além dos principais testes que podem ser aplicados com o objetivo de clarificar a natureza aspectual dos verbos, assim como também a sua relação na sentença com outros elementos, os quais confirmam ou alteram a categorização aspectual de uma sentença.

2.3.1 Vendler (1967)

A proposta de Vendler (1967) está vinculada à tradição filosófica aristotélica, na medida em que remonta aos questionamentos sobre a diferença entre *energeia* (fatos ou realidades), que são intrinsecamente plenos ou atélcos e *kinesis* (movimentos), referentes a ações que precisam de um ponto final, caso contrário, permanecem incompletas. Nesse contexto, Vendler (1967) desenha um esquema temporal baseado nas noções temporais entranhadas no significado do verbo, sem considerar as relações entre a raiz do verbo e suas desinências modo-temporais.

Com esse objetivo, o autor assume serem os verbos lexemas atemporais, mas considera o tempo cronológico como pano de fundo para a discussão em sua análise de dados do inglês. Dessa forma, tomando por base as pesquisas desenvolvidas por Ryle (2009 [1949]) e Kenny (1963) sobre as diferenças entre os verbos, o autor propõe um esquema de tempo que divide as situações verbais em quatro classes acionais, segundo a noção de intervalo de tempo que cada uma delas encerra: estados, *achievements* (culminações), atividades (ou processos) e *accomplishments* (processos culminados).⁴⁰

Para essa categorização, o autor emprega três principais propriedades distintas: dinamicidade, telicidade e duratividade. A estipulação desses critérios passa por três filtros básicos: a observação de restrições quanto à ocorrência de alguns advérbios de tempo junto aos eventos; o exame de implicações lógicas; e a informação contida nos próprios tempos verbais. Dessa forma, as classes aspectuais e suas propriedades são descritas como a seguir.

³⁹ Refere-se à distinção entre evento e estado, considerando as situações que apresentam propriedades de estatividade e as que não as apresentam.

⁴⁰ Ryle (2009 [1949]) estabelece a diferença entre atividades e *achievements* e Kenny (1963) mostra que os estados se caracterizam por um tipo de evento que não pode ocorrer com estruturas progressivas.

Atividades correspondem a eventos constituídos de ações contínuas, sem limite obrigatório de tempo e neles não há ponto de culminação, caracterizando-se como eventos homogêneos. A descrição do evento em (49) é que José está correndo em um intervalo de tempo t ; logo, qualquer instante de t ocorre enquanto José está correndo.

(49) José correu pelo parque. (atividade)

Eventos como em (50) possuem duração na linha do tempo e um final obrigatório e, portanto, não são homogêneos. O final da ação é determinado seu pelo argumento interno. José correu uma milha em um intervalo de tempo t ; logo, t é o tempo durante o qual José correu a milha, desde o momento exato em que iniciou a atividade até o momento em que a terminou.

(50) José correu uma milha. (*accomplishment*)

Em (51) temos um evento que ocorre num momento único, captando o começo ou o clímax de uma situação. Não há duração ou intervalo de tempo, mas podem ocorrer repetidamente na linha do tempo, quando indicam iteratividade. A descrição de um evento pontual seria: Maria chegou ao topo da montanha entre um intervalo de tempo t (t_1 ; t_2); o tempo exato em que Maria chegou ao topo da montanha é entre t_1 e t_2 .

(51) Maria chegou ao topo da montanha. (*achievement*)

A classe de verbos em (52) é reconhecida por não veicular informação de natureza dinâmica. São situações que ocorrem por um período de tempo indefinido e nelas não se verifica qualquer mudança de estado durante o período de tempo em que a eventualidade se mantém verdadeira – se José amou Ana durante um intervalo de tempo t (t_1 ; t_2), em qualquer momento durante esse tempo t , José amou Ana.

(52) José amou Ana. (estado)

Subespecificação em traços das classes vendlerianas, de Bertinetto (2001)			
	Durativo	Dinâmico	Homogêneo
<i>Estados</i>	+	-	+
<i>Atividades</i>	+	+	+
<i>Achievements</i>	-	+	-
<i>Accomplishments</i>	+	+	-

Figura 4: Classes aspectuais de Vendler (1967)

O esquema acima, elaborado por Vendler (1967), demonstra que a proposição quanto às classes verbais é de natureza estritamente temporal. Além dessa elaboração, o autor tece ainda uma observação que merece destaque, devido à natureza composicional dos eventos: os verbos transitivos são expressões sintaticamente mais complexas, e o autor examina a passagem do lexema verbal para uma estrutura de sintagma verbal (VP), investigando em que situações é aceitável o emprego do verbo transitivo e como o complemento verbal afeta o significado aspectual intrínseco do verbo.

Um dos destaques que fazemos à análise vendleriana é caracterização aspectual da estatividade no contexto da predicação. Por ser um trabalho inaugural, o texto de Vendler (1967) serve de parâmetro para as discussões que vieram posteriormente.

2.3.2 Dowty (1979, 1986)

Analisando a proposta de Vendler (1967), Dowty (1979) pesquisa a natureza das classes aspectuais e lhes dá um formato mais claro. Nesse processo, propriedades relacionadas à caracterização dos predicados estativos vão surgindo a partir da realização de testes concretos com o objetivo de diferenciar e definir mais claramente os limites de cada categoria aspectual em comparação com as demais.

Dowty, nesse momento da teoria, assim como Vendler, compreende a classe dos estativos de acordo com a perspectiva temporal: uma eventualidade pode ser identificada como um estado quando “durante um intervalo de tempo t ($t_1; t_2$), em

qualquer momento durante esse tempo t , a situação descrita é verdadeira em todo o tempo em que ela ocorreu” (Vendler, 1967, p. 26). E nesse sentido, o autor identifica serem os estados a única categoria que, ao ser empregada no presente do indicativo, permite leitura de tempo presente real.

Com esses pressupostos, o autor revisa as classes aspectuais empregando a decomposição lexical da semântica gerativa e elabora descrições formais para explicar os traços que as caracterizam. Para alcançar esse objetivo, Dowty assume a existência de apenas uma classe aspectual – a dos estativos – como uma espécie de categoria primitiva e a combina com certos operadores abstratos – *cause*, *become* e *do* – para dar origem às demais classes aspectuais. Desse modo, *accomplishments* e *achievements* estariam associados ao operador *cause* e, caso apresentassem qualquer interpretação quanto à mudança de estado, seriam regidos pelo operador *become*. E, por último, o operador *do* estaria relacionado às atividades.

Por conseguinte, a partir desses elementos, a construção lexical dos significados dos verbos em inglês tem uma representação formal que indica o seu processo de derivação (nas representações a seguir, α denota um indivíduo, Φ pode ser uma fórmula complexa com *become* ou *do* e ψ pode ser uma fórmula simples ou complexa com *become* ou *do*):

- a) Atividades: estado + operador *do* \rightarrow DO ($\alpha\Phi$)
- b) *Achievements*: estado + operador *become* \rightarrow BECOME Φ
- c) *Accomplishments*: estado + operador *cause* \rightarrow [Φ CAUSE ψ], que funciona como conectivo frásico.

As críticas ao emprego desses operadores aspectuais concentram-se, em primeiro lugar, na impossibilidade de serem traduzidas em forma lógica as diferenças semânticas sensíveis e, além dessa questão, houve observações quanto ao fato de os operadores não darem conta do tratamento de sentenças ambíguas.⁴¹

Destacam-se, nessa pesquisa inicial de Dowty (1979), o tratamento formal dado às classes aspectuais vendlerianas para traduzir o significado dos eventos, mas também a ênfase da pesquisa em distinguir as propriedades particulares de cada classe, o que resulta em uma quantidade importante de testes linguísticos, cuja conclusão foi a

⁴¹ Cf. Chierchia e McConnell-Ginet (1990) e Filip (1999).

inexistência de dinamicidade nas predicções estativas. O resultado desses testes para a diferenciação entre eventualidades estativas e não estativas, que estão listados resumidamente abaixo, denunciam a complexidade da composição da estatividade nas estruturas linguísticas:⁴²

1	Apenas os predicados não-estativos podem ocorrer no progressivo
2	Apenas os predicados não estativos podem ocorrer como complemento de verbos como <i>force</i> (forçar) e <i>persuade</i> (persuadir) – marca de agentividade
3	Apenas não estativos ocorrem como imperativos
4	Só não estativos ocorrem com adverbiais agentivos como <i>deliberadamente</i> e <i>cuidadosamente</i> – marcas de intencionalidade
5	Apenas predicados não estativos ocorrem em construções pseudoclivadas, como as do tipo “ <i>what X did was...</i> ” (o que X fez foi...) – marca de agentividade
6	Só com os estativos é que o presente do indicativo tem valor temporal de presente real (com as outras classes aspectuais, o presente do indicativo designa estados habituais ou frequentativos)

Tabela 2: Resultados dos testes de Dowty (1979)

Posteriormente verifica-se que esses critérios se adequam a várias situações estativas, mas que outras eventualidades, também consideradas estativas, escapam a esses testes, uma vez que estudos linguísticos apresentam predicções estativas funcionando bem com expressões que possuem traços de agentividade, assim como exemplos de sentenças no progressivo junto a verbos estativos.⁴³

Em vista disso, Dowty (1986) revisa os testes e os resultados da pesquisa anterior, acolhendo a possibilidade de os verbos estativos admitirem formas progressivas, de acordo com os parâmetros de gramaticalidade e aceitabilidade. E, nesses casos, sob o viés da estrutura temporal, os estados apresentaram características muito semelhantes às atividades. Essa conclusão leva Dowty (1986) a identificar a “mudança de estado” como critério determinante para diferenciar as outras classes aspectuais dos estados e a reelaborar sua proposta, analisando as classes aspectuais segundo o pano de fundo da teoria das condições de verdade e da noção de intervalo de

⁴² Dowty (1979) retoma o resultado dos testes realizados por Lakoff (1965).

⁴³ A título de referência, tanto a língua inglesa quanto o PB, ou mesmo o PE, possuem dados que contradizem os testes. Cf. Godoi (1992) e Cunha (1998, 2004).

tempo. Os principais parâmetros de elaboração para a reformulação da análise consistem nas seguintes noções:

- a) momentâneo vs. intervalo: diferencia os estados momentâneos das outras classes aspectuais;
- b) mudança vs. não mudança: diferencia os eventos dos estados de intervalo;
- c) mudança definida vs. mudança indefinida: diferencia as atividades dos outros eventos;
- d) mudança singular vs. mudança complexa: diferencia *achievements* de *accomplishments*;
- e) agentividade vs. não agentividade: diferencia as classes aspectuais agentivas das não agentivas.

Dentre esses critérios, três são particularmente relevantes para o estudo dos estados. O primeiro é a perspectiva da teoria das condições de verdade, porque o teste sobre a possibilidade de emprego do progressivo consegue estimar a verdade acerca da ocorrência de uma situação, uma vez que os verbos que não admitem o uso no progressivo só podem conferir verdade em relação a um intervalo de tempo. Nesse sentido, o progressivo revela-se fundamental para diferenciar dois tipos de estados: estados momentâneos (*be asleep* ‘estar dormindo’), cujo valor de verdade é aferido quanto aos momentos de tempo, ou às partes mínimas do tempo, e estados de intervalo (*sit* ‘sentar’, ‘estar’), cujo valor de verdade é relativo não a momentos, mas a intervalos de tempo.⁴⁴

Em segundo lugar, o critério da mudança de estado requer que a eventualidade manifeste pelo menos dois estados de coisas distintos. Os eventos apresentam essa natureza de mudança porque neles se verifica ao menos um processo preparatório antes que um novo estado de coisas se instale, constituindo-se em uma nova fase. E, ao contrário do que ocorre com os verbos eventivos, os estados não incorporam qualquer mudança de estado. Trata-se da primeira formulação concreta acerca desse critério de diferenciação.

Por último, os testes para verificar a existência de agentividade nas eventualidades foram aplicados em todas as classes aspectuais e referem-se

⁴⁴ A noção de “momento” no intervalo de tempo diferencia os estados momentâneos de todas as outras classes aspectuais, porque os outros tipos de evento são verdadeiros em relação aos intervalos de tempo.

essencialmente à possibilidade de construção de estruturas no imperativo e em contextos em que *persuade X to V* (persuadir X a V) ou *do V deliberately* (fazer V deliberadamente) fazem parte da composição da sentença. Tais testes acabam confirmando que qualquer classe aspectual pode apresentar predicções agentivas e não agentivas, incluindo a categoria dos estativos. E os resultados de compatibilidade de estativos com agentividade são importantes na medida em que evidenciam uma heterogeneidade quanto à natureza dos estativos, tendo em vista a necessidade de lidar com estados agentivos e não agentivos.

Ainda há outra proposta de Dowty (1986) profundamente impactante para as pesquisas sobre estatividade, cujos fundamentos o autor buscou em Carlson (1977), o qual postula haver nos estativos dois tipos de predicção – predicados de indivíduo (*individual level*) e predicados de situação (*stage level*) dentro das construções estativas, exemplificados abaixo com dados do PB.⁴⁵

- (53) a. Mariana é muito bonita. (predicado de indivíduo)
 b. Mariana está muito bonita. (predicado de situação)

Dowty (1986) retoma Carlson (1977) sob o argumento de que há dois critérios básicos que norteiam a classificação dos estativos: um se refere à sua constituição temporal interna e o outro atenta para a natureza das entidades predadoras. Dessa forma, há estados que se aplicam a situações e estados que se referem a indivíduos. Como mostram os dados em (54), logo abaixo, os predicados de indivíduo podem ser identificados quando caracterizam diretamente uma entidade, porque descrevem propriedades permanentes ou intrínsecas dos indivíduos e aplicam-se a intervalos de tempo longos e contínuos; por outro lado, os predicados de situação (fase) revelam um aspecto mais temporário, indicam eventos episódicos e particulares,

⁴⁵ O reconhecimento de que há um comportamento diferente entre os verbos da classe dos estados já tinha sido teorizada depois do trabalho de Vendler (1967). Carlson (1977) identifica nos predicados dois grupos distintos, o predicado de indivíduo (*individual level*), que se refere a indivíduos (*kinds* ou objetos) e indicam propriedades estáveis como, por exemplo, “saber francês” ou “ser azedo” e o predicado de estágio (*stage level*), que são predicados não estativos, ou seja, predicados episódicos como “falando português”. *Be asleep* e *be in the garden* são exemplos desse segundo tipo; mas *love* e *know* são exemplos do primeiro tipo. “Predicados de estágio” é a expressão adotada por Cunha (1997) para a tradução de *stage level predicates*, assim como “predicados de objeto” refere-se a *individual level predicates*. Há ainda outros autores que adotam “predicados de estágio” (cf. Oliveira (2002)).

uma vez que se referem a especificidades de um indivíduo que se relaciona com porções delimitadas (intervalos) no tempo e no espaço.

. A distinção entre predicados de indivíduos e de situação, proposta por Carlson, pode ser claramente observada no português brasileiro nas construções realizadas, por exemplo, com os verbos “ser” e “estar”. As sentenças (54 a,c,e) apresentam predicacões de indivíduo, enquanto (54 b,d,f) descrevem estados temporários:

- (54) a. João é compreensivo.
 b. João está cansado.
 c. Ana é desequilibrada.
 d. Ana está desequilibrada.
 e. Os consumidores sabem os seus direitos.
 f. Os professores estão conversando no café.

O comportamento linguístico de cada um desses tipos de predicado é distinto. Enquanto os predicados de situação ligam-se sem restrições a expressões adverbiais de duração e de localização temporal, os predicados de indivíduo apresentam incompatibilidade com algumas dessas expressões, porque manifestam propriedades permanentes que acompanham os indivíduos de forma indefinida no decurso do tempo. Diferentemente dessa característica, os predicados de situação aceitam expressões adverbiais com delimitação temporal exatamente por descrevem propriedades transitórias do indivíduo dentro de intervalos de tempo.

Diante desse quadro, Dowty (1986) propõe a existência de três tipos de estado: os estados de intervalo (*interval states*), cujo valor de verdade é verificado apenas em relação a intervalos de tempo e são compatíveis com estruturas progressivas; os estados de situação (*stage levels*), que são verdadeiros apenas em relação a momentos; e os estados de indivíduo (*individual levels*), que estão relacionados a todos os momentos de existência de um determinado objeto.

Na base da classificação desses três tipos de estativos, observamos primeiramente a noção de constituição temporal interna do evento, que diferencia os estados que são verdadeiros em intervalos de tempo dos estados que são verdadeiros em momentos de tempo. Em segundo lugar, o autor emprega como critério a natureza das entidades que são predicadas, em razão de haver eventualidades estativas que se referem

a situações temporárias, entre as quais se incluem os estados de intervalo, e eventualidades estativas que se aplicam diretamente a indivíduos ou objetos.

O resultado dessas análises evidencia comportamentos que desafiam uma caracterização uniforme e linear para os estados e também expressam claramente a natureza heterogênea dessa categoria aspectual. A relevância dessa formulação tem sido confirmada na medida em que serve de fundamento para várias teorizações posteriores acerca da semântica dos estados.

2.3.3 Parsons (1990)

Outro teórico que apresenta uma proposta diferenciada é Parsons (1990), por estabelecer claramente a ligação entre as categorias aspectuais e a semântica das expressões linguísticas. Já numa perspectiva mais composicional, Parsons assume que os fatores aspectuais e todas as demais propriedades semânticas são indissociáveis para a análise do aspecto, e por isso o autor usa como ferramenta a lógica clássica para tratar as questões aspectuais. Fundamentando a sua proposta na teoria da forma lógica de Davidson [2005 (1967)], adota o conceito de argumento de evento como um tipo de primitivo, a partir do qual todas as classes aspectuais vendlerianas são explicadas. Além disso, Parsons (1990) tece uma proposta de análise para uma semântica do progressivo na língua inglesa.

A novidade que esse autor incorpora à proposta davidsoniana é o conceito de que os papéis temáticos são predicados por eventos.⁴⁶ Nesse sentido, ao classificar cada sintagma nominal (NP) de acordo com o seu papel temático, coloca-se em um mesmo patamar os argumentos e os adjuntos que estão ligados ao verbo por adjunção. O autor propõe, a partir dessa teorização, uma formalização mais detalhada, que possa representar o que se encontra no interior da fórmula atômica, ou seja, uma semântica subatômica. A forma lógica da sentença “Brutus feriu César” exemplifica esses conceitos:

(55) $(\exists e)$ [Ferir (e) & Cul (e) & Agente (e, Brutus) & Tema (e, César)]

⁴⁶ Por papel temático compreende-se o tipo de relação semântica que está associada aos argumentos de um predicador, ou seja, em uma dada fórmula atômica do tipo “X feriu Y”, X e Y são os argumentos arrolados na representação lógica de acordo com os papéis que recebem (cf. Matheus et al. (2003)).

Em que:

Ferir (e) → é um evento de ferir.

Agente (e, Brutus) → Brutus é o sujeito do evento ferir.

Tema (e, César) → César é objeto do evento ferir.

Cul indica a natureza télica da predicação, a ação foi concluída.

(Parsons, 1990, p.13)

Portanto, fazem parte da formalização da proposta de Parsons as seguintes noções básicas: o argumento de evento; os operadores *Cul* (*culminating*) e *Hold* (*holding/acontecer*) – *Cul* corresponde à noção de culminação, sentido empregado apenas com os eventos, enquanto *Hold* está ligado à duração dos eventos, sendo utilizado para descrever estados ou formas verbais progressivas; e, por último, os operadores temporais PAST, PRES e FUT, que situam os eventos quanto à anterioridade, simultaneidade e posterioridade em relação ao tempo da enunciação.

Em sua proposta inicial, o argumento de evento (e) se aplica tanto às situações acionais quanto às estativas, sendo a diferença estabelecida a partir dos operadores *Cul* e *Hold* – aquele indica os eventos culminados e este, por representar duratividade, refere-se aos estados, conforme explicamos acima. Posteriormente, Parsons (1991) assume que a formalização dos estados requer um novo primitivo (s), passando a adotar então dois primitivos independentes, (e) para evento e (s) para estado, na medida em que na sua teoria um não pode ser derivado do outro, porque ambos formam as classes aspectuais.

Ao criar um primitivo independente (s) para estados, Parsons lhe atribui natureza ontologicamente real, mediante os argumentos de que os estativos ocorrem sob o domínio de verbos de percepção como “João viu a Maria doente”; em segundo lugar, porque há na língua expressões que fazem clara referência a estados; e, finalmente, porque existe a possibilidade de quantificação sobre esse tipo de situações. O autor explica que esses elementos são evidências da existência concreta dos estados, mas o argumento mais forte de Parsons (1990), conforme explica Cunha (2004), consiste na lógica que rege o funcionamento semântico dos modificadores:

Se a verdade de uma frase como "A Maria esteve doente com gripe em Janeiro" implica obrigatoriamente a verdade de todas as partes que a compõem, i.e., de "A Maria esteve doente com gripe", de "A Maria esteve doente em Janeiro" e de "A Maria esteve doente", a sua

conjunção com "A Maria esteve doente com sarampo em Julho" já não permite inferir a verdade de "A Maria esteve doente com gripe em Julho". Do mesmo modo, uma estrutura com a configuração de "O João viveu em Paris num apartamento" & "O João viveu em Roma numa vivenda" não implica, naturalmente, que "O João viveu em Paris numa vivenda". Este facto sugere fortemente que estaremos perante dois estados autónomos, e não face a uma simples atribuição directa de dadas propriedades a um mesmo indivíduo (nesse caso, nada impediria que as conjunções acima indicadas desencadeassem as inferências correspondentes). (Cunha, 2004, p. 73-74)

Ao considerar a categoria estado como um primitivo, Parsons (1990) trabalha também na identificação de quais são os tipos de predicadores que permitem leitura estativa. Concluímos da pesquisa desse autor que os estativos aparecem com predicadores verbais, adjetivais, preposicionais (mais particularmente com advérbios de lugar), mas também nominais, conforme exemplificação a seguir nos dados (56) do PB:

- (56) a. Ana sabe francês. (predicador verbal)
 b. Ana está cansada. (predicador adjetival)
 c. Ana está na universidade. (predicador preposicional)
 d. Ana é a professora. (predicador nominal)

Vários questionamentos foram levantados por outros autores a partir da formulação teórica de Parsons, mas sua proposta tem imensa relevância com a adoção do conceito do argumento de evento como entidade e da formulação da teoria dos papéis temáticos, o que tornou possível a explicação de fenômenos linguísticos que envolvem o verbo e seus argumentos, e que agora podem ser compreendidos de forma unificada.⁴⁷ Outro dado importante é a construção de argumentação em torno de um argumento estativo, com o estatuto de entidade na representação semântica das representações. A sua proposta ainda dá conta de problemas como a relação semântica entre um evento e sua nominalização, a semântica de causativos e incoativos, a quantificação sobre eventos, além das questões referentes a implicações lógicas, que precisam ser analisadas a partir da verdade das partes que as constituem.

⁴⁷ Kamp e Reyle (1993), semelhantemente a Parsons (1990), tratam essas categorias aspectuais como primitivos e apresentam uma representação semântica para as situações estativas, separando eventos de estados.

2.3.4 Mourelatos (1978, 1981)

A proposta de Mourelatos (1978) guarda semelhanças com a classificação de Vendler (1967), mas coloca em segundo plano a questão da agentividade e adota um modelo tripartido de categorias aspectuais, que são distribuídas em estados, processos (atividades) e eventos. A primeira divisão que o autor faz no universo das eventualidades se dá entre estados e ocorrências. E as ocorrências, então, subdividem-se em processos e eventos, enquanto os eventos compreendem as ocorrências pontuais (*achievements*), e os *developments* (*accomplishments*).

A separação fundamental entre estados e ocorrências é estabelecida por meio da propriedade dinamicidade, de forma que os estados são situações não dinâmicas e as ocorrências são eventualidades dinâmicas. O parâmetro da telicidade determina a distinção entre processos e eventos: enquanto estes se caracterizam por serem télicos, a natureza principal dos processos é atélica.⁴⁸ Por último, a duratividade é a propriedade que marca os *developments* e a pontualidade corresponde ao traço essencial das ocorrências pontuais. Com esses três critérios, o autor constrói uma tipologia aspectual estruturada a partir de um padrão binário de análise baseado em traços: [+/- dinâmico], [+/- télico] e [+/- durativo].

A escolha por uma nomenclatura diferente tem a intenção de acentuar a função dos traços na caracterização das classes, além de colocar a sentença completa no foco de análise da teoria, em vez de se considerar apenas o lexema verbal para a distinção dos tipos aspectuais.⁴⁹ Essa posição do autor reflete um ponto de vista que sai em defesa de uma relação multifatorial para pensar uma tipologia aspectual, ou seja, as classes aspectuais são determinadas por um conjunto de traços que interagem dentro da oração e envolvem o léxico, a morfologia e a sintaxe.

Em vista da adoção de uma perspectiva composicional para aspecto, Mourelatos (1978) postula que, na predicação verbal, alguns elementos linguísticos frequentemente colaboram na determinação da classe aspectual das predicções. Essa característica é exemplificada abaixo, com dados do PB, de (57) a (64), extraídos de pesquisadores dessa mesma linha de pesquisa ou retirados de acervo pessoal.

⁴⁸ Mourelatos denomina “eventos” o que Kenny (1963) chama de “performances”.

⁴⁹ Há autores que consideram que a tipologia de Vendler (1967) foi desenvolvida exclusivamente em torno de lexemas verbais; no entanto, Vendler tece observações de natureza aspectual sobre predicados complexos, enquanto faz referência a sintagmas verbais.

1- O significado inerente do verbo (informações semânticas transportadas no léxico pelo predicado):

- (57) a. Ana existiu. (estado)
 b. Ana cantou. (processo)
 c. Ana almoçou (*development*)
 d. Ana morreu. (ocorrência pontual)

Cunha (1997, p. 14)

2- A presença e a natureza dos argumentos do predicado, principalmente do objeto direto.⁵⁰

- (58) a. Pedro cantou. (durante uma hora- processo)
 b. Pedro cantou 5 músicas. (numa hora-*development*)
 c. Elaine comeu feijoada. (processo)
 d. Elaine comeu um prato de feijoada. (*development*).

3- Algumas expressões adverbiais e preposicionais (especialmente as expressões adverbiais de tempo).

- (59) a. O João viajou. (processo)
 b. A Maria limpou o pó em cinco minutos. (*development*)
 c. A Maria limpou o pó durante anos. (estado habitual)
 d. A Maria limpou o pó durante duas horas. (processo)

(Garrido, 1996, p. 64)

4- O aspecto – as predicções no perfectivo são essencialmente télicas, mas se tornam atélicas na presença do imperfectivo.

- (60) a. A Maria saiu de casa. (télico)
 b. O João desenhou um círculo.

⁵⁰ Cf. Verkuyl (1993).

- (61) a. A Maria saía de casa. (atélico)
b. O João desenhava um círculo.

(Garrido, 1996, p. 64)

5- Os tempos como fase (no PB os tempos gramaticais carregam informação aspectual).

- (62) a. O João canta. (estado habitual)
b. João cantou. (processo)
c. João tem cantado no jardim. (estado habitual)

6- O tempo como referência ao passado, presente e futuro.⁵¹

- (63) a. Enquanto Anita lia o jornal, Pedro limpou o jardim.
b. Ao chegar em casa, João dormia.

Particularmente, quanto às situações estativas, o fato de todos os elementos que fazem parte da predicação serem responsáveis pela categorização aspectual abre o campo de visão em relação à construção da estatividade, porque mediante circunstâncias linguísticas específicas quase a totalidade dos verbos pode compor uma predicação estativa. Essa abordagem aspectual ajuda a explicar o que o autor denomina de “multivalência dos estados”, um conceito que retrata a possibilidade de mobilidade dos verbos, a ponto de poderem se encaixar em mais de uma categoria, como em (64).

- (64) a. Maria lê a Folha de São Paulo. (estado habitual)
b. A Maria leu durante toda a manhã (processo)
c. A Maria leu o editorial. (*development*)
d. A Maria acabou de ler ao meio-dia. (ocorrência pontual)

Esses exemplos revelam que um conjunto de fatores semânticos e sintáticos permite que os verbos integrem os vários tipos aspectuais. Exatamente em virtude de tal comportamento, Mourelatos (1978) propõe que as categorizações aspectuais não sejam atribuídas aos predicados enquanto itens lexicais, mas às predicações, que são

⁵¹ O conceito de tempo deve ser compreendido como conjunto de relações de sobreposição que pode ocorrer entre qualquer situação e o momento de enunciação.

expressões complexas. E esse pressuposto representa um dos maiores destaques em sua teoria, uma vez que defende que a categorização das classes aspectuais não pode ser tomada de forma rígida, em virtude da variedade de elementos que interfere composicionalmente nesse processo, dando mobilidade à caracterização aspectual dos verbos.

2.3.5 Moens (1987) e Moens e Steedman (1988)

As abordagens que se baseiam exclusivamente em primitivos temporais não dão conta de explicar casos como os de períodos compostos em que há assimetria temporal entre a oração principal e a oração subordinada, ou ainda casos em que a ligação entre as orações não é estabelecida em referência à temporalidade, mas é feita por meio de uma relação de causalidade. Em vista disso, Moens (1987) e Moens e Steedman (1988) propõem que a análise da semântica das predicacões seja orientada por duas noções básicas: a ideia de “contingência” e a de núcleo aspectual.

Os autores explicam que, quando relacionamos as eventualidades, predicamos de maneira causal ou contingente sobre tal conexão, porque as sequências de eventos são construídas principalmente com o foco na explicação da ocorrência de um evento, em vez de se priorizar o tempo linear. Assim, no caso de haver dois eventos relacionados, uma das eventualidades termina exercendo ingerência sobre a outra, formando uma cadeia de contingências. Mas a vinculação contingencial entre as eventualidades impõe restrições sobre quais eventualidades podemos estabelecer relação e quais não podemos, pois sob tais condições o universo de consequências possíveis de um evento Y está subordinado à descrição contida no evento X. Essa limitação, portanto, interfere no momento de escolher o nexos apropriado entre as situações.

O núcleo aspectual é uma estrutura de evento fundada a partir dessas relações de contingência e contém todas as fases que compõem o evento completo. Por isso, fazem parte de sua composição um processo preparatório, um ponto de culminação e um estado consequente, retratando a ideia de que todo evento visa alcançar um objetivo, e que está mais ligado às fases de ação da ocorrência de um evento do que à estrutura do tempo.

Tendo em mente essas noções, juntamente com o pressuposto de que os tipos aspectuais devem ser tratados sob o ponto de vista composicional, apresentamos

os conceitos fundamentais que são trabalhados por Moens e Steedman (1988). Tomando a dinamicidade como parâmetro, os autores colocam em oposição estados e eventos. Enquanto os estados perduram inalterados no tempo, os eventos apresentam início e fim e são entidades que podem apresentar diferentes constituições internas, o que outorga ao conceito de fase uma posição central nessa proposta teórica.

A estruturação fásica dos eventos possibilita estabelecer uma diferença mais exata entre os eventos com propriedades dinâmicas e aqueles que possuem traços não dinâmicos. Essa estruturação é esquematizada por meio do núcleo aspectual que, conforme vimos, é composto de três fases: o processo preparatório, que descreve uma fase durativa, homogênea e atética (trata-se de um período alargado e divisível); o ponto de culminação, que consiste de uma fase atômica, que não pode ser dividida; e o estado resultante, que representa a fase estativa. Esta última fase explica a existência de consequências que são o resultado da finalização de um evento tético e, nessa fase, estão incluídos os eventos futuros que se relacionam de forma contingencial com a culminação.

Podemos compreender, então, que uma fase descreve o período característico de um evento dado, manifestando propriedades específicas que lhe conferem identidade. É a estrutura fásica que diferencia esse evento dos demais eventos.⁵² A partir dessas três fases, é possível derivar os tipos de eventos (que podem ser considerados subeventos). As descrições dos tipos aspectuais evidenciam que as propriedades empregadas são, principalmente, a existência ou não de um estado consequente e a relação entre pontualidade e duratividade temporal.

A relação entre os eventos se dá dentro do núcleo aspectual e os subtipos de eventos refletem características específicas das fases das categorias aspectuais de que fazem parte. As diferenças entre os subeventos são percebidas em relação às possibilidades de ocorrência de operadores aspectuais e expressões adverbiais. De forma resumida, apresentamos os tipos aspectuais trabalhados pelos autores e, no contexto dessa proposta, as classes aspectuais fazem referência à relação que um falante estabelece entre um dado acontecimento descrito em seu discurso e outros acontecimentos no âmbito do discurso.

O primeiro tipo aspectual são os processos (atividades), que remetem a eventos constituídos apenas pela fase de processo preparatório e, por isso, são durativos

⁵² A concepção de estrutura fásica foi delineada por Johnson (1981).

e atélicos. Os processos, portanto, funcionam muito bem em situações que apresentam expressões adverbiais durativas do tipo “em X tempo”, mas não admitem construções com advérbios pontuais “às X horas”. Os processos culminados (*accomplishments*) apresentam as três fases: são durativos, télicos e, por conta das culminações, implicam a existência de um processo ou de um estado resultante. As situações que indicam processo culminado aceitam expressões adverbiais pontuais, mas recusam modificadores durativos. As culminações (*achievements*) possuem duas fases: o ponto de culminação e um estado resultante. Os pontos são eventos em que se verifica apenas culminação, são indivisíveis, ou seja, são atômicos, não se referem a qualquer consequência. Por fim, os estados são situações que se caracterizam por não apresentarem estrutura fásica. Não sendo dinâmicos, não se identifica qualquer tipo de alteração em sua estrutura interna.

Pensar os estados como não sendo constituídos de fases auxilia o entendimento de propriedades atribuídas a essa categoria aspectual como as descritas no início do capítulo, enquanto atélicos, durativos, não dinâmicos etc. Mas Moens e Steedman (1988) identificam dentro da categoria dos estados uma complexidade de características que justifica a proposição de quatro tipos básicos de estado: em primeiro lugar, os estados lexicais, que são predicções cujo valor deriva de certas propriedades inerentes aos itens lexicais (principalmente predicadores); a segunda classificação trata de estados progressivos, os quais resultam de um operador aspectual progressivo; em terceiro, os estados resultantes, que já fazem parte do núcleo aspectual e correspondem às consequências a que estão submetidas parte das culminações; e em quarto, os estados habituais, que são formados a partir de operadores frásicos que promovem uma leitura iterativa de eventos, dando origem a contínuos estáticos.

Os tipos aspectuais básicos e o núcleo aspectual formam a Rede Aspectual (doravante, RA), um mecanismo que possibilita explicar a passagem ou a transição de uma classe aspectual para as outras, comportamento que Moens (1987) denomina de comutação aspectual. Essas transformações ocorrem mediante o conhecimento de mundo e o contexto das situações, mas vários elementos condicionam e favorecem certas transições de uma categoria para outras. Logo, a RA funciona como uma teia complexa de relações entre eventualidades e retrata como ocorrem as transformações possíveis entre os tipos aspectuais. Esses movimentos implicam uma relação de perdas e ganhos entre as fases. Dessas transformações surgem os tipos derivados de situação, segundo é possível verificar no quadro formulado pelo autor, logo abaixo:

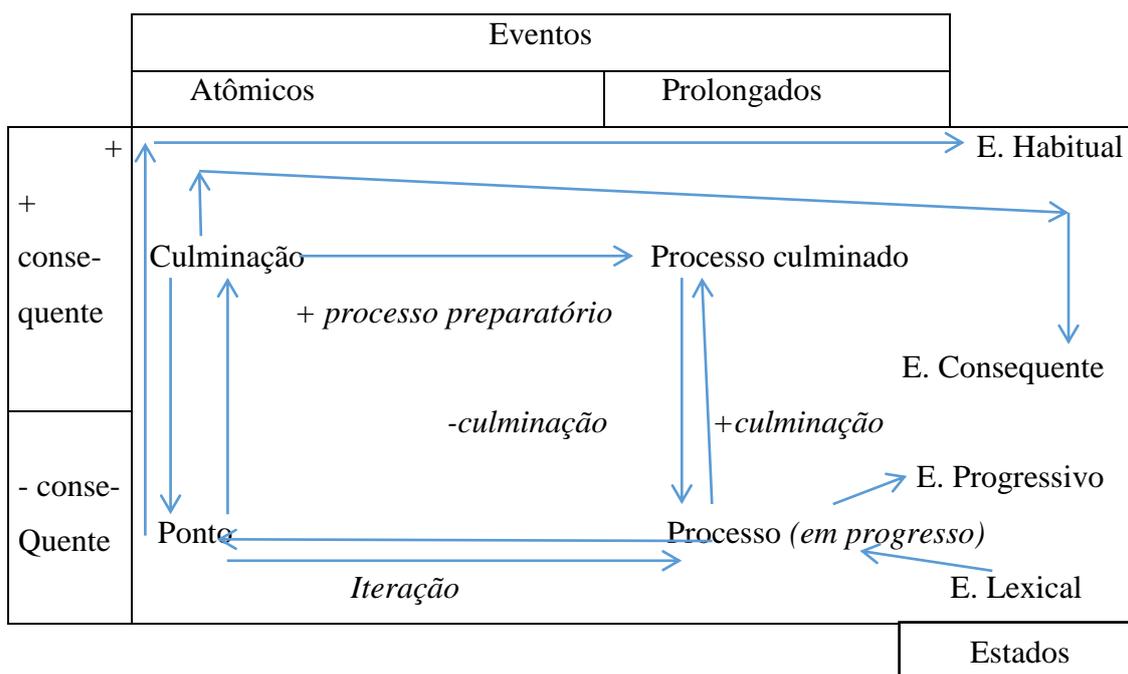


Figura 2: A Rede Aspectual, especificando possíveis transições entre categorias aspectuais. (Moens, 1987, p. 61, adaptado)

A formulação da RA possibilita descrever as particularidades de cada classe aspectual e, por estar fundada na noção de evento estruturado em fases, permite uma descrição completa e detalhada de uma tipologia de subeventos. Além disso, torna possível a explicação de como variados fatores linguísticos interferem na identificação aspectual final das predicções, como também dá conta dos casos em que uma mesma situação pode ser focalizada de modos muito diferentes.

Nessa proposta, a ação dos operadores aspectuais fica bem definida, tendo em vista que a relação do núcleo aspectual com a RA fornece informações sobre a adequação das transformações. A teorização dos autores traz como principais benefícios para a compreensão da estatividade a associação do conceito de dinamismo a uma estruturação fásica e o reconhecimento de uma tipologia para as predicções estativas.

2.3.6 Cunha (1998, 200)⁵³

Na esteira teórica de Moens e Steedman (1988), Cunha (1998, 2004) encontra no conceito de fase o suporte para tratar o problema de as predicções serem identificadas como pertencentes à categoria dos estativos, embora possam apresentar traços próprios de evento. Esse autor propõe que os estados devem ser analisados segundo o conceito de faseabilidade, que consiste na capacidade que alguns verbos estativos possuem de, na RA, converterem-se em eventos que apresentam fases sucessivas, ou seja, em processos. Trata-se de um traço que não apresenta dois níveis dicotômicos, mas deve ser verificado em níveis graduais entre [-faseável] e [+faseável]. Estados faseáveis compartilham com os eventos a possibilidade de incorporarem o traço [+ dinâmico], ao contrário dos estados não faseáveis.

Baseando-se em dois conceitos fundamentais, Cunha (1998, 2004) propõe que a categoria dos estativos deve ser analisada inicialmente em uma perspectiva de homogeneidade temporal, considerando a propriedade de subintervalos de tempo postulada por Carlson (1977) e retomada por Dowty (1979), que separa os estados de indivíduo dos estados de situação. Mas ele defende que as predicções estativas também devem ser submetidas à análise de uma propriedade de natureza essencialmente aspectual para diferenciar os estados faseáveis dos não faseáveis, a fim de explicar a distinção entre estados puros e estados eventivos, como podemos conferir abaixo em (65):

- (65) a. O meu cão é preto, (estado de indivíduo não faseável)
 b. O meu cão é agressivo, (estado de indivíduo faseável)
 c. O meu cão tem febre, (estado de estádio não faseável)
 d- O meu cão está nervoso, (estado de estádio faseável)

(Cunha, 2004, p.156)

O autor ainda ressalta que, apesar de serem dois tipos de classificação independentes, há uma interação entre elas. Em determinadas estruturas linguísticas, é preciso dar conta, por exemplo, de como predicados de indivíduo – verdadeiros em relação à totalidade dos instantes que constituem o intervalo de tempo em que decorrem

⁵³ Cunha (1998, 2004) não se enquadra entre os autores seminais, mas foi escolhido para compor a lista de teóricos por postular o traço [\pm faseabilidade] para lidar com a diferença entre estados e eventos no âmbito do aspecto lexical.

– apresentam um comportamento típico de estados de situação, que se caracterizam por poderem incluir pausas ao longo do seu curso. Esse fenômeno é explicado por meio do traço [+faseável], que é incorporado pelo estado de indivíduo. A partir desses conceitos, Cunha (1998, 2004) postula o conceito de faseabilidade para explicar a diferença entre eventos e estados, e os movimentos de transição que ocorrem entre essas duas principais categorias.

2.3.7 Síntese das ideias principais

Nesta seção retomamos o início dos estudos mais sistematizados sobre aspecto lexical, cujas ideias mais importantes destacamos a seguir:

(i) Vendler (1967) propõe uma classificação quadripartida dos verbos a partir de um esquema temporal: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. Quanto aos estados, faz a distinção entre estados específicos e estados genéricos, utilizando como critério a complexidade de atividades envolvidas na semântica lexical. Além disso, considera ser o argumento interno fundamental para a caracterização aspectual da predicação.

(ii) Dowty (1979) retoma a proposta de Vendler (1967) e realiza inúmeros testes, baseados em agentividade e intencionalidade, a fim de categorizar aspectualmente os verbos. Também propõe que os estados sejam uma classe primitiva, a partir da qual são derivadas as outras classes aspectuais, por meio dos operadores aspectuais *become*, *do* e *cause*. Dowty (1986) revisa os testes e os resultados do trabalho anterior e assume que estativos podem aparecer na forma progressiva e que se assemelham às atividades. Por isso identifica ser um critério mais adequado para diferenciar estados de eventos a denotação de “mudança de estado” no verbo.

(iii) Parsons (1990) propõe uma investigação subatômica das estruturas atômicas do inglês e considera a existência de quantificação subjacente sobre eventos. A sua teoria emprega a distinção entre eventualidades com culminação e eventualidades estáticas por meio dos operadores aspectuais *Cul*, que representa um evento (e), que tem seu ponto de culminação em um tempo (t), e *Hold*, que representa um estado (s) que vigora em um

tempo (t). Uma importante contribuição de sua pesquisa foi considerar os papéis temáticos na representação dos eventos.

(iv) Morelatos (1978) elabora um quadro de operação aspectual para explicar as diferenças entre as classes gramaticais, adotando um modelo tripartido – estados, processos (atividades) e ocorrências (eventos). O critério principal de diferenciação entre estados e eventos é a dinamicidade, de modo que os eventos são eventualidades dinâmicas e os estados são situações não-dinâmicas.

(v) Moens (1978) e Moens e Steedman (1988) explicam as mudanças de classificação entre as classes aspectuais relativas a eventos a partir do conceito de fases nucleares: processo preparatório, ponto de culminação e estado resultativo (ou consequência). Os estados não comportam fases, logo não entram no esquema aspectual construído para os eventos. A diferença entre estados e eventos, assim como em Morelatos (1978), baseia-se no traço de dinamismo.

(vi) Cunha (1998, 2004) foca na classe aspectual dos estados, trabalhando a diferença entre estados de indivíduo e estados de estádio. Para diferenciar os dois tipos de estados, o autor postula o traço de faseabilidade, de maneira que os estados que admitem progressão temporal são estados faseáveis e os que não o admitem são estados não faseáveis.

O que se pode apreender das pesquisas de cada um desses autores é que a divisão em classes acionais é importante na medida em que se deseja fazer a diferença aspectual da semântica dos verbos entre estados e não estados. E fica muito claro nesses estudos o quanto a interferência de outros elementos que integram a oração podem exercer sobre a definição aspectual das sentenças. Enquanto estudo seminal, as várias propostas de classificação lexical podem ser consideradas como um estudo preliminar do aspecto, no entanto são muitos os indícios de que a pesquisa no campo da teoria aspectual não pode se limitar a esse nível de análise.

2.4 Testes para identificação de predicções estativas

Os vários testes que constam desta seção foram propostos pelos diversos teóricos a que nos referimos na seção anterior. Porém concentramo-nos nos principais testes por eles feitos, ainda que tenham realizado outros que não estão listados aqui. Ao descrevê-los a seguir, escolhemos acrescentar análises de outros pesquisadores que

dialogaram com eles em suas pesquisas, mas também fazemos observações desses testes em relação às eventualidades estativas no PB. Os três primeiros testes – o progressivo, as expressões adverbiais “deliberadamente” e “cuidadosamente” e as expressões adverbiais temporais – correspondem aos principais testes empregados por Vendler (1967), enquanto os demais foram extraídos da obra de Dowty (1979).

2.4.1 O progressivo

Vendler (1967) postula que, com verbos estativos e alguns *achievements*, não é possível construir estruturas em tempos contínuos. A argumentação do autor quanto aos estados baseia-se no verbo *to know* ‘saber’ como exemplo de um verbo que não existe no inglês na forma do progressivo – **I am knowing* ‘eu estou sabendo’ – e, portanto, as formas mais recorrentes usadas na língua correspondem a estados genéricos: *knowing that* ‘sabendo que’, *knowing how* ‘sabendo como’, *knowing something [somebody]* ‘sabendo algo [alguém]’.

O que observamos, no entanto, é que o teste do progressivo não se enquadra no comportamento descrito por Vendler. Por isso, são encontrados vários registros na literatura aspectual que descrevem a existência de verbos das categorias dos estados e dos *achievements* que, em inglês, podem estar em estruturas progressivas. É o que podemos conferir na leitura dos dados (66), extraídos de Mufwene (1984), como também em PB e em PE, nos exemplos em (67), de Lunguinho e Bertucci (2013), por ocasião de um estudo comparativo sobre o progressivo em PB e inglês, os quais mostram a possibilidade de construções progressivas em todas as classes aspectuais no PB. Em (68), Godoi (1992) analisa as classes vendlerianas e exemplifica a possibilidade do progressivo com verbo estativo em inglês e, por fim, Cunha (2004) mostra construções progressivas em todos os tipos de predicções em PE – cf. (69):

- (66) a. *We've been tasting the soup.*
 ‘Nós estamos tomando a sopa.’
 b. *John is being a martyr.*
 ‘João está sendo um mártir.’

c. *What are you thinking about?*

‘O que você está pensando?’

(Mufwene, 1984, p. 6)

- (67) a. O Pedro está correndo. (activity)
 ‘*Pedro is running*’
 b. O Pedro está escrevendo um soneto. (accomplishment)
 ‘*Pedro is writing a sonnet*’
 c. O Pedro está chegando. (achievement)
 ‘*Pedro is arriving*’
 d. O Pedro está morando em Paris. (state)
 ‘*Pedro is living in Paris*’

(Linguinho e Bertucci, 2013, p. 126-127)

(68) *Nowadays the kids are wanting us to bring the toys.*

‘Hoje em dia as crianças estão querendo nos trazer os brinquedos.’

(Godoi, 1992, p. 146)

- (69) a. João está a ser simpático. (estado faseável)
 b. O gnu anda a pastar. (processo)
 c. A polícia anda a disparar o revólver. (culminação/achievement)
 d. O João anda a construir uma casa. (processo culminado/
accomplishment)

(Cunha, 2004, p. 94)

2.4.2 Os advérbios “*deliberately*” (deliberadamente) e “*carefully*” (cuidadosamente)

O emprego de advérbios como “*deliberately*” ‘deliberadamente’ e “*carefully*” ‘cuidadosamente’ serve como critério para identificar ações genuínas. Eles acrescentam à eventualidade a ideia de intencionalidade própria de agentes de ação. Nesse sentido, Vendler (1967) conclui que os *achievements* e os estados não aceitam expressões adverbiais dessa natureza. Segundo o autor, ninguém pode saber, acreditar

ou amar deliberadamente ou cuidadosamente. Logo, a construção estativa em (70), apresentada por Godoi (1992), é considerada agramatical em inglês.

(70) **John deliberately knew the answer.*

‘O João soube deliberadamente a resposta.’⁵⁴

(Dowty, 1979 p.155)

No entanto, encontramos em PB dados retirados da internet e da literatura que contradizem o teste de intencionalidade/agentividade de Vendler (1967) relativos aos verbos “amar” e “acreditar”, como se pode conferir em (71a-d). Mas é conveniente, quanto a essa expressão, observar que no PB o advérbio “deliberadamente” é muito empregado com o sentido de “fazer questão de”, o que torna (70) aceitável em PB. Todavia, se realizarmos esse teste empregando o advérbio “voluntariamente” no lugar de “deliberadamente”, de acordo com os exemplos (71e-f), a ideia da agentividade se mantém.

(71) a. “Busca viver e amar deliberadamente, como gostava o Henry David Thoreau”

(Amores? Assintóticos – Diário Popular 18/09/14)

b. “Nunca amei deliberadamente, nunca consegui herdar esta necessidade de amor”.

(iseemydestiny.blogspot.com/2012/01/confissão-número-xviii)

c. “Deliberadamente acreditei no momento de amor e num lúcido período acordei sozinho.”

(Sentir meus sentimentos: recanto das letras.blogspot)

d. “Permita-se deliberadamente acreditar no que está dizendo”

(Starck, 1991:22)

e. “E é exatamente pensando neste trecho que, todos nos escoteiros acreditamos voluntariamente.”

(Grupo Escoteiro Adelck Bistão)

⁵⁴ Cf. nota 28.

f. “... uma ficção, e nela acreditar voluntariamente, à maneira de Stevens, sabendo que se trata de ficção”.

(Boaventura Santos, 1993, p.110)

O emprego desses testes com o verbo “saber”, quando o sentido de “deliberadamente” corresponde a “fazer questão de”, fornece uma sentença que nos parece atender ao princípio de aceitabilidade; mas, ao substituir “deliberadamente” por “voluntariamente”, não encontramos referências em dados da internet no PB, embora sejam encontrados em espanhol, em que parece ser essa construção comum – cf. (72).

(72) a. “*La fuente de la juventud infinita, de la juventud del cuerpo v de la juventud del espíritu, consiste en saber voluntariamente alcanzar esa condición...*”

(Mulford, 1973, p. 225)

b. “*...la fabricación y los olores ambientales del café instantáneo de lo que nadie querría saber voluntariamente...*”

(Wallace, 2011, p. 22)

Em (73a-e), quanto a esse mesmo teste, novamente verificamos que, dependendo da natureza *stage level (sl)* ou *individual level (il)* da predicação estativa, pode haver diferenças quanto à aceitabilidade das sentenças formadas em PB com advérbios do tipo “deliberadamente”. Esse teste também revela que, em contextos muito específicos, mesmo interpretações como as de (73d,e) podem ser aceitas.

- (73) a. Ele foi educado deliberadamente/voluntariamente. (*sl*)
 b. João permanece/fica/continua casado
 deliberadamente/voluntariamente. (*sl*)
 c. Ele sabia a resposta deliberadamente/*voluntariamente. (*sl*)
 d.*? Ele é alto deliberadamente/voluntariamente. (*il*)
 e.? João é casado deliberadamente/voluntariamente. (*il*)

2.4.3 As expressões adverbiais “*for X time*”, “*in X time*”, “*at X time*”

Esse teste é empregado por Vendler (1967) para distinguir estados de *achievements* e *accomplishments*. O autor explica que estados registram uma ocorrência por um longo período de tempo, mas *achievements*, não. Por isso, os estados se combinam com as expressões durativas do tipo *for X time*, conforme podemos verificar nos dados de Vendler em (74).

(74) a. *For how long did you love her? For three years.*

‘Por quanto tempo você a amou? Por três anos.’

b. *How long did you believe in the stork? Till I was seven*

‘Por quanto tempo você acreditou na cegonha? Até que eu tinha sete anos.’

(Vendler, 1967, p. 24)

Os *achievements* ocorrem com *at X time* ‘às X horas’ – cf. (75), o que corresponde a um tempo indivisível, mas não ocorrem com expressões adverbiais durativas como *for X time* ‘durante X tempo’. Tais verbos representam eventos que ocorrem em um momento exato na linha do tempo e, por isso, Vendler explica que *achievements* possuem uma natureza pontual e aceitam advérbios que se referem a um instante único.⁵⁵ Portanto, os verbos dessa categoria se caracterizam por não apresentarem diferentes fases sucessivas, embora possam ter um estado resultante implícito na semântica verbal. Os *accomplishments* combinam-se com *in X time* ‘in X tempo’, porque neles fica subentendido um tempo necessário para a conclusão de uma tarefa.

(75) a. *At what time did you reach the top? At noon sharp.*

‘Em que momento você chegar ao topo? Ao meio-dia em ponto.’

b. *At what moment did you spot the plane? At 10:53 a.m.*

‘Em que momento você achou o avião? At 10: 53 da manhã’

(Vendler, 1967, p.24)

⁵⁵ Esse termo não faz referência à categoria dos pontos (semelfactivos) trabalhada em Smith (1991), que, apesar da semelhança com os *achievements*, apresenta uma natureza intrinsecamente atômica, a ponto de se considerar que o conceito de telicidade não pode ser aplicado de forma adequada a esta categoria, uma vez que o momento do evento e o seu momento terminal consistem no mesmo momento.

Porém, os dados apresentados por Godoi (1992) mostram que no PB *achievements* possuem semelhança com os *accomplishments* em virtude de poderem compartilhar da mesma expressão adverbial. Essas categorias aspectuais não aceitam o advérbio durativo “durante X tempo”, mas no PB existe a possibilidade de comporem orações com “em X tempo” (76a-b). Desses exemplos, observamos em (76b) que pode haver uma interpretação habitual, como se o um advérbio temporal “sempre” estivesse subentendido e “João”, em todas as circunstâncias em que tivesse que encontrar soluções, gastasse uma hora para encontrá-las.⁵⁶

- (76) a. João achou a solução numa hora.
 b. ?João achava a solução (numa) em uma hora. (valor habitual)⁵⁷
 c. *João estava achando a solução numa hora.
 d. *João estava achando a solução durante uma hora.
 e. *João esteve achando a solução durante uma hora.
 f. *João estava achando a solução durante uma hora.

(Godoi, 1992, p. 159-160)

Trazemos abaixo construções com *achievements* (77 a,c), que contêm as expressões adverbiais previstas por Vendler (1967), marcando o tempo de duração momentâneo desses eventos; mas em (77 b,d) verificamos haver a possibilidade de composição com as expressões adverbiais características da categoria dos estados, como “durante X tempo”. É bem verdade, como observa Godoi (1992), sobre dados como os do tipo (77b), que nesses casos a interpretação é de iteratividade, em virtude da ideia a ação ser realizada repetidamente, em pontos sucessivos na linha do tempo. Mas ainda não descartamos haver uma referência nesse dado a uma eventualidade habitual, que é marcada pela presença desses advérbios durativos.

- (77) a. Stella estourou pipoca doce às 16h15.
 b. Stella estourou pipoca doce durante todo o verão.

⁵⁶ A relação de iteratividade e estatividade do pretérito imperfeito do indicativo será discutida no próximo capítulo.

⁵⁷ Nota da autora.

- c. Linda espirrou às 7h.
- d. Linda espirrou todas as manhãs da sua vida.

Nos dados abaixo, selecionamos casos de verbos estativos que, conforme previsão de Vendler (1967), combinam-se com os advérbios durativos (78b) e (79b). No entanto, (78a) e (79a) representam construções aceitáveis em composição com expressões adverbiais típicas para a identificação de eventos, cujos verbos são da classe dos estativos.

- a. Mariana foi feliz/gentil naquele momento. (quando viu seu nome na lista de aprovados)
 - b. Mariana foi feliz/gentil durante toda a vida.
 - c. Mariana foi feliz/gentil por 10 minutos/ *em dez minutos.
- (78)
- a. A seção de cinema foi gratuita às 22h.
 - b. A seção de cinema foi gratuita durante dois anos.
 - c. A seção de cinema foi gratuita por 1h/ em 1h.

Quando verificamos, porém, que a composição com advérbios do tipo “em X tempo” marca a ocorrência de *accomplishments*, podemos constatar no PB que existem verbos estativos que também aceitam tais construções.⁵⁸ Por isso em (80) e (81) trazemos sentenças desse tipo, com predicções *individual level*, nas quais observamos uma preferência interpretativa pela não aceitabilidade de expressões adverbiais próprias para evidenciar situações eventivas, embora “ser brasileiro”, em (80d), ainda que estativo, possa ter uma leitura que caracterize uma experiência vivenciada durante um tempo específico e, da mesma forma, pode-se compreender o dado (80c). Convém ainda ressaltar que os dados que possuem o adjetivo “alta” em sua composição, como (80a,b,e), mediante circunstâncias muito especiais, podem ter a sua interpretação aceita, se se considerar que Meire usou um sapato de salto às 10h, durante duas horas, por seis meses.

⁵⁸ Se (79c) e (80c) estiverem no presente do indicativo, a expressão adverbial “em X tempo” é admitida nessas orações com verbos estativos indicando o sentido de futuro próximo.

- (79) a. *Meire foi alta/brasileira às 10h.
 b. *Meire foi alta/brasileira em (durante) duas horas.
 c. Meire foi alta durante a infância.
 d. Meire foi brasileira durante seis meses.
 e. *?Meire foi alta por seis meses.

Um segundo critério indicado por Vendler (1967) para a distinção dos *achievements* corresponde ao emprego de expressões adverbiais do tipo “deliberadamente” e “voluntariamente”. Retomando a lista de verbos do tipo *achievement* que o autor descreve no texto, construímos algumas orações em PB e, como podemos verificar em (81a,b), algumas estruturas não são aceitáveis por falantes dessa língua com vários desses verbos em composição com os advérbios citados. Esse comportamento revela que os *achievements* não recebem muito bem relações de agentividade como ocorre com os estados. No entanto, mesmo assim existem construções como (81c,d) são encontradas na internet em PB – cf. (82).

- (80) a. *Maria achou as plantas deliberadamente.
 b. *José reconheceu a Maria deliberadamente.
 c. Eu perdi esse documento deliberadamente.
 d. A criança caiu deliberadamente.

- (81) a. “As atletas da China, Indonésia e Coréia do Sul foram acusadas de perder deliberadamente as disputas da fase dos grupos”

(www.esportes.estadão.com.br em 1º de agosto de 2012)

- b. “Foi legal tb qdo Alex caiu voluntariamente nas águas do rio.”

(relatos de viagem: Estados Unidos. (Mochileiros.com.br em 26 de setembro de 2005)

As observações que fizemos e expusemos em relação aos testes acima confirmam algumas percepções de Vendler (1967) que foram descritas em seu texto. O autor explica que as diferenças encontradas nos dados não podem ser explicadas exclusivamente em termos de tempo. Por isso, o autor afirma que “*these differences cannot be explained in terms of time alone: other factors, like the presence or absence*

of an object, conditions, intended states of affairs, also enter the picture” (Vendler, 1967, p. 1).⁵⁹

Quanto às diferenças que encontramos nos estativos, Mourelatos (1981, p. 196) observa que essa classe de verbos apresenta um comportamento de multivalência semântica, conceito que se refere à possibilidade das eventualidades ora funcionarem como verdadeiros estativos, ora se comportarem como verbos de atividade, ou até mesmo constituírem situações que correspondem a performances.

Mesmo sem ter o objetivo de sistematizar uma tipologia para os estados, Vendler (1967) foi o primeiro a descrever elementos que contribuem para a constituição da estatividade. A variedade de testes utilizados pelo autor para a caracterização das categorias aspectuais contém informações que representam o ponto de partida para a compreensão dos estativos. Os três principais valores aspectuais empregados pelo autor em seus testes podem ser sintetizados nas oposições a seguir: estatividade vs. dinamicidade, pontualidade vs. duratividade, telicidade vs. atelicidade. Particularmente quanto aos estados, de acordo com esses critérios, observamos uma homogeneidade em relação às propriedades dessa categoria, porque é marcada pela estatividade, duratividade e atelicidade.

Verbos de natureza eventiva podem apresentar propriedades de estatividade mediante combinações que revelam a riqueza de recursos linguísticos que favorecem a construção de estruturas estativas. A diferença entre construções estativas e eventivas em Vendler (1967) não foi desenvolvida teoricamente, mas pode ser subentendida do esforço de caracterização das classes aspectuais, a partir da identificação das propriedades particulares de cada tipo aspectual.

A questão da ambiguidade foi considerada por Vendler, mas não era o foco da sua argumentação. Ainda assim, ele aborda os sentidos diferentes que o verbo *to think* ‘pensar’ pode assumir nas predicções – processo e estado –, conforme mostram os dados transcritos abaixo, em (83). *To see* ‘ver’ é outro verbo que o motiva a falar sobre ambiguidade, o qual o autor identifica ser ou um estado ou um *achievement* ou uma atividade, mas termina concluindo em seu texto que esse tipo de fenômeno corresponde a questões ligadas à percepção.⁶⁰

⁵⁹ “Essas diferenças não podem ser explicadas apenas em termos de tempo: outros fatores, como a presença ou ausência de um objeto, condições, estados de coisas pretendidos, também entram na imagem.”, Tradução livre.

⁶⁰ Cf. Vendler (1967, p. 30).

- (82) a. *He is thinking about Jones.*
 ‘Ele está pensando sobre Jones.’
 b. *He thinks that Jones is a rascal.*
 ‘Ele pensa que Jones é um patife.’

(Vendler, 1967, p. 28)

Uma vez estabelecida a diferença básica entre os tipos aspectuais propostos por Vendler (1967), voltamo-nos para algumas análises de dados linguísticos realizadas pelo autor para identificar as propriedades de cada classe aspectual, procurando focalizar quais são os critérios escolhidos para o reconhecimento da categoria dos estados.

Tendo como ponto de partida o teste do emprego do progressivo, por meio das perguntas *Are you doing V?* ‘Você está fazendo V?’ e *Do you V?* ‘Você V?’, Vendler (1967) reconhece a existência de uma separação básica em dois grupos entre as eventualidades: de um lado encontram-se as atividades e os *accomplishments*, tipos aspectuais que permitem construções no progressivo, e, de outro lado, estão os estados e os *achievements*, categorias que bloqueiam estruturas com o progressivo. Mas vimos na seção 2.4.1 que o teste do progressivo não é confiável para identificação de estados em PB, uma vez que essa classe gramatical pode apresentar também traços de agentividade.

Apesar de atividades e de *accomplishments* fazerem parte de um mesmo grupo, há também características que diferenciam um tipo do outro: o critério do ponto final inerente à descrição dos eventos do tipo *accomplishment* revela que verbos com essa natureza apresentam um ponto final intrínseco ao próprio evento descrito pelo verbo, enquanto aqueles que compõem a categoria das atividades não o possuem. Da mesma forma, há uma diferença entre estados e *achievements*, que é produzida por meio do tempo de duração do evento: aqueles descrevem situações que ocorrem durante um período de tempo e estes caracterizam-se por serem eventos que acontecem em um momento único na linha do tempo.

O reconhecimento dessa diferença parte da observação do comportamento das eventualidades na presença de dois tipos de locuções adverbiais: as durativas do tipo “durante X tempo” (*for-phrases*) e as com tempo especificado do tipo “em X tempo” ou “às X horas” (*in-phrases*). Os eventos que aceitam os advérbios durativos correspondem a predicções que são típicas de estados e atividades. Em contrapartida, quando

expressões adverbiais com tempo determinado compõem as situações, verificam-se construções como *achievements* e *accomplishments*.

Por meio de tais testes, Vendler observa que a categoria dos estados está além das qualidades. O autor reconhece propriedades estativas em situações que ele denomina de operações imanentes da filosofia tradicional, que são eventualidades cujo conteúdo semântico apresenta uma duração indefinida ou permanente na linha do tempo como, por exemplo, os verbos *love* ‘amar’, *desire* ‘desejar’, como também as características do tipo *be yellow* ‘ser amarelo’, *be ill* ‘ser/estar doente’, *be married* ‘ser casado’, entre outros.

Além desses verbos e qualidades, o autor também inclui na categoria dos estados verbos que indicam estado habitual, cujo conceito ele apresenta de modo ampliado, porque, segundo ele, hábitos também envolvem ocupações, habilidades e outros eventos dessa mesma natureza. Assim, Vendler (1967) esclarece que situações tipicamente reconhecidas como atividades podem ser consideradas estados, quando se apresentam em construções linguísticas que abordam a eventualidade sob um ponto de vista diferente. O evento “fumar” exemplifica esse entendimento, porque, na proposta do autor, enquanto na estrutura produzida em (84a) podemos reconhecer uma atividade, em (84b) identificamos necessariamente um estado.

- (83) a. *Are you smoking?!* ‘Você está fumando?’ (atividade)
 b. *Do you smoking?!* ‘Você fuma?’ (estado)

(Vendler, 1967, p. 153)

Mas dentro da própria categoria dos estados Vendler (1967) identifica elementos de natureza distinta, de modo que, se de um lado estão estados/qualidades que representam uma atividade uniforme, específica, como “taxista” e “fumante”, por outro lado, há estados que pressupõem uma multiplicidade de ações como “governantes”, “educadores”. Empregando a terminologia de Ryle (2009 [1949]), Vendler (‘1967) então separa os estados em dois grupos, *estados específicos* e *estados genéricos*: estes se referem à variedade de ações que compõem a natureza da qualificação/ estado, como ‘governantes’; e aqueles possuem uma natureza homogênea/específica, como “fumante”.

Em vista dessa percepção, é importante atentar para o fato de que Vendler (1967) pontua como característica dos estados serem uma categoria em que o papel do

verbo se funde com o predicado e as ações parecem desaparecer nas qualidades e nas relações. A diferença entre o sentido de atividade e o sentido de estado, portanto, seria genérica, porque não é peculiar ao verbo “fumar”, e nesse sentido ele reconhece que muitas atividades possuem um sentido de estado “derivado”.

Ainda com relação aos verbos de estado, Vendler (1967) apresenta na língua inglesa uma característica que lhes é própria e que não está estritamente ligada às considerações sobre o tempo. O emprego de *can/could* ‘pode/poderia’ e *would* ‘gostaria/iria’ parece demonstrar que o condicional *could* sempre pode ser substituído por *would*, no caso dos estados. Por esse mesmo motivo, *can* pode se tornar redundante em sentenças que indiquem estatividade. Por isso, observa-se não haver rigidez quanto ao uso do *can* ‘poder’ em orações como *I can know* ‘Eu posso saber’, *I can love* ‘Eu posso amar’, *I can like* ‘Eu posso gostar’, o que explica por que *I can believe it* ‘Eu posso acreditar nisso’ é substituído facilmente por *I believe it* ‘Eu acredito nisso’. Diante disso, o autor ainda analisa que *to be able run* ‘ser capaz de correr’ não representa *to run* ‘correr’, mas *to be able to know* ‘ser capaz de saber’ parece ser, em algum sentido, o mesmo que *to know* ‘saber’, assim como *to be able to see* ‘ser capaz de’ significa *to see* ‘ver’.

Vendler (1967) reconhece então que o critério de tempo não é suficiente para explicar esses casos e recorre à ideia de intencionalidade contida nas expressões adverbiais “deliberadamente” ou “cuidadosamente”. Essas expressões adverbiais se combinam muito bem com atividades, mas não se encaixam com verbos do tipo “ver” ou “reconhecer” algo. Dessa forma, o autor verifica também que *can* é próprio de verbos que denotam *achievements*, pois não podem ser reconhecidos como ações voluntárias. Empregando o mesmo argumento para os verbos estativos, o autor indica não ser possível construir sentenças com “saber”, “crer” ou “amar” deliberadamente ou cuidadosamente. É a partir desses testes, que Vendler reconhece que estados e alguns *achievements* não podem ser qualificados como ações.

2.4.4 As expressões “forçar a”, “incitar a” e “persuadir a”

Segundo Dowty (1979), estativos não ocorrem com construções como “forçar a”, “incitar a”, “persuadir a”. A adoção desse critério permite revelar agentividade, uma propriedade considerada típica de predicções eventivas, de maneira

que a formação de uma sentença com um verbo estativo bloqueia propriedades agentivas.

(84) a. **John forced Mary to know the answer.* (estado)

‘João forçou a Maria a saber a resposta.’

b. *John forced Harry to build a house.* (evento)

‘John forçou Harry a construir a casa.’

(Dowty, 1979, p.55)

Em PE, conforme registra a literatura acerca desse tipo de ocorrência com estativos, construções *stage level* (86b-c) permitem que a agentividade componha a sentença, mas predicções *individual level* (86a) ficam agramaticais com esse tipo de expressão agentiva.⁶¹ Em Cunha (2004), encontramos uma lista de sentenças com a aplicação desses testes, da qual retiramos esses dados:

(85) a. *A mãe persuadiu o João a ser alto.

b. Os eleitores persuadiram a Jorge a ser presidente da república.

c. A mãe persuadiu o Guilherme a comer a sopa.

(Cunha, 2004, p.100-102)

Em PB, como verificamos em (87), Godoi (1992) retoma o dado de Dowty (1979), confirmando a preferência pela inaceitabilidade desse tipo de construções estativas em composição com expressões dessa natureza. No entanto, no uso da língua, apresentamos dados em PB, cujas situações (88a-c) podem passar pelo filtro da aceitabilidade, assim como ocorre também em PE, no caso de predicções *stage level*, no sentido de que João obrigou Maria a saber/reconhecer uma resposta em (88a); Marta obrigou o filho a saber/estudar francês em (88b), enquanto em (88c), em PB, não há qualquer estranhamento em relação à sentença. Mas em (88d) novamente verificamos uma preferência por uma interpretação agramatical da construção estativa do tipo *individual level*, em PB, com propriedades agentivas nesse tipo de construção. Os dados que apresentamos em (88 e-f), inicialmente, correspondem a construções *individual level*, o que as caracterizaria como agramaticais, mas podemos admitir que essas

⁶¹ Cf. Cunha (1998, 2004), Leal (2009).

mesmas sentenças, dependendo de contextos extralinguísticos muito específicos, podem ser interpretadas como *stage level*, de modo que em (88d) Maria foi proibida de usar sapatos de salto alto, em (88e) Mario colocou lentes de contato verdes e em (88f) Júlia foi convencida a pintar o cabelo de loiro

(86) *?João força a Maria a saber a resposta.

(Godoi, 1992, p.147)

(87) a. ?Marta obrigou o filho a saber francês.

b. Ele persuadiu a Maria a ser compreensiva.

c. Nelson incitou os alunos a ficarem revoltados.

d. *?João forçou a Maria a ser baixa.

e. *? Pedro incitou o Mario ter olhos verdes.

f. *? Ana persuadiu a Júlia a ser loira.

2.4.5 O imperativo

O imperativo é um dos critérios apresentados por Dowty (1979) para indicar a estatividade de uma predicação, tendo em vista que esse teste também envolve a noção de agentividade. Dessa forma, segundo o autor, verbos estativos não podem ocorrer com formas no imperativo, conforme as sentenças descritas no dado (89).

(88) a. **Know the answer!* (estado)

‘Saiba a resposta!’

b. *Run!* (evento)

‘Corra!’

(Dowty, 1979, p. 55)

Acompanhando conclusão a que chegou Dowty (1979) quanto ao dado (89), exemplos fornecidos na pesquisa de Cunha (2004) para o PE, que estão listados em (90), também indicam que situações estativas não admitem o imperativo.⁶²

⁶² No caso do PB, temos algumas observações a fazer: o imperativo na 2ª pessoa não é empregado pelo falante comum do PB, a não ser em algumas regiões muito específicas do país ou em ambientes de uso de

- (89) a. *João, sê alto!
b. *Lígia, sabe francês!

(Cunha, 2004, p. 21)

Os exemplos em (90), referentes ao PE, correspondem no PB às formas descritas em (91). A sentença (91a) não parece aceitável por se tratar de uma predicação do tipo *individual level*, que indica um estado permanente do indivíduo, mas acreditamos ser possível o imperativo com o verbo “saber” no sentido de “aprender” (91b) e (92), conforme o contexto que construímos em (93). Os dados (92) foram retirados de propagandas da internet e representam estruturas muito comuns em PB. E ainda deve-se ressaltar que o endereço eletrônico de (92b) indica ser a mensagem direcionada tanto para o público brasileiro quanto para o português.

- (90) a. *Juliana, seja baixa!
b. ?Meninos, saibam português!

- (91) a. Saiba matemática para concurso.

(www.youtube.com extraído em 10/11/2014)

- b. Saiba quem entrou no seu perfil do facebook.

(pt-br.facebook.com/events extraído em 10/11/2014)

Contexto para o dado (93) abaixo: O professor está em uma sala de aula com os alunos. Ao fazer redação, os alunos sempre erram o emprego da crase no texto. Ao corrigi-los, o professor, junto com os alunos, percebendo que o problema ainda permanece, diz a eles:

- (92) - Parem de errar crase, meninos! Saibam isso logo de uma vez, para vocês ficarem livres desse assunto!

norma culta da língua. Portanto, geralmente observamos nos falantes a escolha da 3ª pessoa do indicativo para construir o imperativo. Mas curiosamente identificamos, nos usos da língua, que os verbos “ser” e “estar” são muito empregados no presente do subjuntivo para formações no imperativo.

Mas não apenas no PB é possível verificar a aceitabilidade de imperativo com verbos estativos. Esse teste não se configura em um comportamento padrão nem para o inglês, nem para o PE. Predicações estativas compostas de verbos que designam transitoriedade, ou construções do tipo *stage level*, apresentam resultados diferentes dos encontrados em (89) e (90). Dependendo do valor do valor semântico do adjetivo, se ele, por exemplo, fizer referência a uma característica permanente do indivíduo (predicados *individual level*), como “alta” e “baixa”, é mais difícil encontrar aceitabilidade de imperativos sendo empregados com estativos. Porém, se os adjetivos empregados indicarem estado transitório (predicados *stage level*), a sentença é perfeitamente gramatical. Isso pode ser observado em (94):

- (93) a. João, seja educado!
 b. Pedro, seja médico!
 c. Joel, esteja atento!

Também contrariando as análises de Dowty (1979), Mourelatos (1981) exemplifica que predicações estativas podem figurar em estruturas imperativas no inglês. Transcrevemos abaixo o dado que o autor apresenta – cf. (91) – e, a fim de verificar esse fenômeno no inglês contemporâneo, extraímos os dados (96) e (97) de sites americanos:

- (94) a. *Please, understand that I am only trying to help you!*
 ‘Por favor, entenda que eu estou apenas tentando ajuda-lo!’
 (Mourelatos, 1981, p. 196)
- (95) *Be quiet, Tiffany! BE QUIET! What's wrong with you?*
 ‘Fique quieta, Tiffany! Fique quieta! O que há de errado com você?’
 (Tyra Banks, apresentadora do programa America’s Next Top Model, 4ª
 temporada)
- (96) *Don’t horry, be happy.*
 Não se preocupe, seja feliz!’
 (Bobby McFerrin: título de música)

2.4.6 As construções pseudoclivadas

Dowty (1979) indica, em sua análise, mais um critério para identificar agentividade com a finalidade de distinguir predicções estativas de predicções eventivas: estados não entram em construções pseudoclivadas do tipo “o que X fez foi ...”, em virtude de sua natureza agentiva, mas apenas eventos, conforme os exemplos em (98):

- (97) a. **What John did was know the answer.* (estado)
 ‘O que o João fez foi saber a resposta’
 b. *What John did was run.* (evento)
 ‘O que John fez foi correr’

(Dowty, 1979, p. 55)

Cunha (2004) identifica, em PE, comportamentos esperados por Dowty (1979) quanto a esse caso específico de clivadas com estativos. Desse modo, mais uma vez podemos notar em (99a,b) que predicções *individual level* apresentam dificuldade em aparecer nesse tipo de construção. Mas diferentemente, Cunha (2004) descreve casos de predicções *stage level*, nos quais a agentividade é perfeitamente aceita – cf. (99c,d). Os dados de Cunha (2004) podem ser confirmados no PB, com exceção talvez de (99b), em que o verbo apresenta o sentido de “estudar/aprender”. E nos exemplos em (100) descrevemos um contexto de PB em que consideramos possível o emprego desse tipo de pseudoclivada.

- (98) a. *O que o João fez foi ser alto.
 b. *O que a Lígia fez foi saber francês.
 c. O que o Jorge fez foi ser presidente da república.
 d. O que a Maria fez foi ser simpática com os colegas.

(Cunha, 2004, p. 101-102)

- (99) - Marcelo fez um concurso que tinha uma prova de francês.
 - Mas ele nunca estudou francês! O que que ele fez?
 - O que ele fez foi saber francês depressa!

O uso de pseudoclivadas do tipo “o que X fez foi...” com o verbo “saber” em PB pode ser aceito na língua, conforme os dados (101a). Por outro lado, pesquisando a lista de verbos estativos que Vendler (1967) oferece em seu texto, verificamos que alguns deles são frequentemente empregados nesse tipo de construção, como a verbo “amar” (101b), um dado de PB, e (101c), exemplo] de PE, ambos retirados de sites de internet.

- (100) a. “O que ela fez foi saber os caminhos para legalizar as terras para o povo”, afirma Luiza Virgínia Santos, do Comitê Dorothy em Belém.
 (<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/09/movimentos-sociais-acompanham-julgamento-de-bida-em-belem>)
- b. ...consigo perceber que tudo o que ela fez foi amar-me.
 (dianaduarte-2011.blogspot.com/2012)
- c. Tudo o que ela fez foi amar a vossa banda.
 (pt.wikiquote.org/wiki/Quase_Famosos)

2.4.7 O presente do indicativo

Dowty (1979) também identifica um padrão com relação ao presente do indicativo nas sentenças em inglês, que se constitui em um critério para diferenciar eventos de estados, de modo que apenas os estativos são empregados nesse tempo verbal com sentido de “presente real”. Os eventos, junto ao presente, são transformados em estados habituais. Abaixo estão dois dos exemplos desse autor:

- (101) a. *John knows the answer.* (estado)
 ‘John sabe a resposta.’
- b. *John runs.* (evento)
 ‘John corre.’
- (Dowty, 1979, p. 155)

Em PB e em PE, esse mesmo comportamento é verificado no uso corrente da língua. Apenas em alguns casos, em ambas as línguas, o presente do indicativo é usado como “presente real”, como em situações reportivas e em usos performativos da

língua, por exemplo. Essa questão será retomada adiante, mas convém apenas lembrar que, de fato, há línguas que empregam o presente do indicativo tanto para indicar evento, quanto para indicar estado, como o romeno e o francês.⁶³

A conclusão a que podemos chegar, depois de passar por esses testes de agentividade, é que a distinção entre estados e eventos não pode ser feita com segurança tendo como critério a manifestação desse tipo de traço. Ambos, evento e estado, salvo em casos particulares de predicções estativas, como algumas construções do tipo *individual level*, podem manifestar natureza agentiva na sentença.

2.5 Telicidade – traço fundamental da estrutura dos eventos: algumas perspectivas teóricas

Segundo a teoria dos intervalos de tempo, a noção de ponto final considera que cada situação verbal possui um tempo de duração específico, ou seja, um intervalo de tempo.⁶⁴ Esse intervalo de tempo pode representar um único instante na linha do tempo ou uma sucessão de instantes (ou de subeventos) que, em conjunto, traduzem a noção temporal descrita pelo evento.

Para os autores que associam a noção de telicidade à existência de uma estrutura fásica nas eventualidades, o ponto de culminação marca o momento da mudança do evento para outro estado. Moens (1987) considera que cada evento possui uma estrutura fásica interna, que ele denomina de núcleo aspectual. Para esse autor, a semântica aspectual não pode ser baseada em primitivos temporais, como defendem Dowty (1979) e Parsons (1990), porque uma teoria baseada em primitivos não é considerada suficiente para dar conta de explicar todas as relações aspectuais como, por exemplo, as que envolvem causalidade.

Nesse sentido, como vimos anteriormente, a proposta da estrutura fásica é que um evento télico apresenta um núcleo aspectual contendo três fases, em que o ponto de culminação ocorre depois de um processo preparatório e é seguido de estado consequente. Em um evento atélico, há apenas uma fase, a do processo preparatório, e a fase do ponto de culminação não faz parte do núcleo aspectual desse tipo de

⁶³ Cf. Cojocaru (2003); Bodean-Vozian (2014).

⁶⁴ Krifka (1992, p.35) identifica o momento do ponto final da ação verbal como sendo um *set terminal point*.

eventualidade, e conseqüentemente também não se identifica em um evento com propriedades atélicas um estado resultante posterior.⁶⁵

Outra abordagem para o tema é oferecida por Comrie (1976), que reconhece a noção de telicidade ligada à propriedade da duratividade. Nesse sentido, situações atélicas são aquelas em que os eventos indicam uma ação cujos intervalos de tempos são mais prolongados, ou seja, a duração interna do evento revela-se uma característica intrínseca da semântica verbal, e neles não há a necessidade de haver um final. São exemplos de eventos atélicos as ações descritas pelos verbos “correr”, “estudar”, “trabalhar” e “amar”. Nas eventualidades télicas, por outro lado, podemos reconhecer duas etapas, porque elas são constituídas de um processo obrigatório e de um ponto final para o processo como nos casos de “fazer” e “alcançar”, em (103):

(102) a. *John has made a chair.*

‘John fez uma cadeira’

b. *John reached the summit.*

‘John chegou ao cume da montanha’

(Comrie, 1976, p.45;47)

Importa observar que, para esse autor, a ideia de processo é fundamental para o conceito de telicidade, de forma que, nos exemplos acima, enquanto em (103a) considera-se que o evento é télico, porque *made* ‘fazer’ se refere ao processo de produção de uma cadeira que apenas termina quando a cadeira estiver pronta, em (103b) não se pode reconhecer que o evento seja télico porque não há um processo que faça parte do evento e que seja anterior à chegada ao cume.

No caso de verbos com aspecto lexical atélico como “caminhar” e “brincar”, Comrie (1976) explica que verbos com esse tipo de informação aspectual demandam uma maior quantidade de tempo para que a ação se desenvolva, de maneira que “pintar o quadro” ocorre em um intervalo de tempo maior que “espirrar” ou “tropeçar na pedra”. Ele ainda observa que a atelicidade, por ser uma categoria em que a ação é

⁶⁵ A diferença entre telicidade e atelicidade também está relacionada com as propriedades de divisibilidade e cumulatividade. Os eventos então podem ser reconhecidos como predicções divisíveis e não divisíveis ou ainda como predicções cumulativas e não cumulativas. Essas noções também estão ligadas ao ponto final terminativo intrínseco ao evento. Há autores que relacionam a telicidade com quantização, como Filip (1999), enquanto Krifka (1998) estabelece uma distinção entre predicções télicas e predicções quantizadas. Ou seja, não há uniformidade em relação ao tratamento dado à telicidade.

prolongada e inerente ao conteúdo semântico do verbo, é vista como dependente da referência temporal de duração da ação verbal.

O autor compreende ainda que a atelicidade envolve situações descritas em fase de desenvolvimento, o que inclui perífrases verbais de verbos aparentemente télicos e não durativos. Mas algumas ocorrências são consideradas por ele como um caso especial de classe verbal, tendo em vista que denotam um evento pontual junto a um processo imediatamente precedente, de forma que, uma vez que se inicia o processo, nada pode impedir que o evento subsequente ocorra. Comrie (1976) exemplifica esse grupo de verbos com “ele está morrendo, está quebrando, está estourando”.

No entanto, consideramos que essa análise não se adequa, necessariamente, ao verbo “morrer” e ao verbo “quebrar”, porque o evento precedente nesses casos pode não alcançar o seu ponto de culminação. Essa percepção também nos faz pensar sobre a associação que Comrie (1976) estabelece entre duratividade e telicidade, porque o verbo “morrer” indica que essa relação não apresenta uma correspondência exata. “Morrer” normalmente é télico e não durativo, mas, ao ser usado no progressivo “está morrendo”, torna-se um evento durativo e a interpretação desse evento contém a ideia de que a ação pode não chegar a um ponto de culminação.

Nesse sentido, é importante observar que, em PB, o teste do progressivo funciona com os eventos pontuais – “está espirrando”, “está futucando” –, o que atribui um caráter iterativo aos eventos télicos, mas também funciona com *achievements*, como “está atingindo o cume da montanha”, “está ganhando a corrida”, embora nesses casos não haja como garantir o ponto final da ação. Em vista dessas observações, identificamos que há necessidade de estabelecer diferença entre os conceitos de duratividade e telicidade, reconhecendo que a duratividade relaciona-se exclusivamente com a extensão temporal dos eventos, enquanto a telicidade vincula-se necessariamente à existência de um ponto final para o evento.

Avançando na discussão sobre telicidade, e corroborando para uma leitura composicional da caracterização da telicidade, Wachowicz (2008) defende que o traço de telicidade não se encontra no léxico, mas fora dele. A autora associa a presença desse traço a outros fenômenos que aparecem em composição na sentença, como a quantização do objeto ou os PPs que indicam a culminação do evento, estabelecendo a compreensão de que telicidade corresponde efetivamente a “o ponto final inerente de

um evento”.⁶⁶ Wachowicz constrói a sua argumentação a partir de três fenômenos: primeiro, o comportamento de sentenças compostas por verbos de atividade, exemplificadas em (104), que são transformados em *accomplishments* ao receberem argumento interno quantificado; segundo, o comportamento de sentenças formadas por verbos de atividade junto a complementos preposicionados ou PPs adjuntos, como em (105); e terceiro, o comportamento das sentenças constituídas de verbos do tipo *achievements*, conforme (106):

(103) a. João comeu bem.

b. João comeu todo o chocolate.

(Wachowicz, 2008, p. 62-63)

(104) a. João nadou através da piscina.

b. João nadou até o fim da piscina.

(Wachowicz, 2008, p. 62-63)

(105) a. João quebrou a perna.

b. João entregou o livro ao colega.

(Wachowicz, 2008, p. 62-63)

A autora mostra que a transformação de uma atividade (104a) em um *accomplishment* (104b) ocorre apenas mediante a composição com um argumento interno de determinado tipo. Essa classe aspectual depende do argumento interno junto ao verbo para que o evento se desenrole. Ao trocar os argumentos quantificados por complementos genéricos como, por exemplo, “comeu todo o chocolate” para “comeu chocolates”, Wachowicz (2008) ressalta o fato de que os argumentos genéricos transformam a predicação novamente em atividade e, com esse comportamento da oração, conclui que é o argumento interno o responsável pela telicidade da predicação. No dado (105), ela observa que as atividades deixam de ser atéticas para se tornarem sentenças téticas, diante de um complemento preposicionado (ou de um PP adjunto), mostrando que tais complementos preposicionados podem influenciar a telicidade da predicação. Para o seu terceiro argumento, Wachowicz retoma o valor da pontualidade,

⁶⁶ Cf. Bertinetto (2001).

que corresponde à maior característica dos *achievements*, exemplificados em (106), para questionar a associação entre telicidade e pontualidade. Na realidade, ela reflete sobre a coerência de atribuir telicidade, que pressupõe processo e culminação de um evento, a sentenças formadas por *achievements*, que são caracterizadas pela ausência de processo, o que tornaria incoerente qualquer referência à culminação de uma ação, uma vez que sugerem apenas mudança de um estado para outro.

Com essa argumentação, a autora explica que *accomplishments* e *achievements* possuem estruturas temporais internas distintas. Mas, fundamentando-se nas operações de predicados de Dowty (1979), Wachowicz (2008) também esclarece que essas classes acionais possuem em comum a característica de serem “transições que se definem por ‘afetar’ um argumento interno em uma relação de oposição de estados”. A diferença entre elas encontra-se na ideia de processo, que está subentendida nos *accomplishments*, mas não o está nos *achievements*, porque nestes a mudança de estado apenas compreende a mudança de uma propriedade para outra, sem a interferência de um processo. Por isso, Wachowicz (2008) conclui que no léxico verbal encontram-se tanto informações semânticas quanto sintáticas e, em razão disso, referencia Vendler (1967) para explicar que:

No léxico, o que há é uma descrição de eventualidade (atemporal), que “pressupõe e envolve a noção de tempo” (VENDLER, 1967, p.97), mas não a denota. O tempo e sua configuração são operações – aspecto gramatical (para o PB). A eventualidade envolve não só “idéia”(sic) de tempo, mas “outros fatores, como a presença ou ausência do objeto, condições, estados de coisas, etc. (Wachowicz, 2008, p. 65)

2.6 Síntese do Capítulo

Este capítulo trata fundamentalmente dos princípios e conceitos básicos sobre teoria aspectual e semântica de eventos. Revisamos as noções que diferenciam aspecto lexical de aspecto gramatical, estabelecemos as semelhanças entre aspecto lexical e *Aktionsart*, assim como reafirmamos a proximidade, trabalhada por Rothstein (2004), existente entre aspecto gramatical e aspecto de ponto de vista e entre aspecto lexical a aspecto de situação. E concluímos, a partir da análise desses conceitos, que a aspectualidade de uma sentença envolve mais do que o estabelecimento dessa diferenciação entre as linhas de pesquisa no âmbito da teoria aspectual.

Na seção 2.1 estudamos os principais traços aspectuais trabalhados por semanticistas seminais para distinguir as sentenças télicas das atélicas, ou os estados dos eventos, conforme nomenclatura utilizada por alguns deles. Nesse sentido, retomamos as noções de (im)perfectividade, (a)telicidade, duratividade e pontualidade, dinamicidade e estatividade, cumulatividade e quantização. Tendo em vista esse conjunto de propriedades, uma eventualidade estativa é caracterizada, portanto, como imperfectiva, atélica, durativa, estativa ou não dinâmica e cumulativa.

Mas, mesmo com esses critérios de diferenciação entre estado/não estado ou estado/evento, há mais a ser contabilizado na semântica aspectual de uma sentença, como a sua organização gramatical e os vínculos sintáticos nela estabelecidos. Em vista disso, na seção 2.2 revimos o principal postulado da semântica dos eventos, desenvolvido por Davidson [2005 (1967)], o argumento evento, empregado segundo o formato da lógica matemática para representar o significado de sentenças. Essa postulação abre oportunidades para análises que necessitavam de explicação na teoria semântica, como a relação entre tempo e aspecto, além das alterações provocadas pela presença de expressões adverbiais, assim como outras questões que foram explanadas na seção 2.2.2.

Na seção 2.3, detivemo-nos em revisitar os trabalhos desenvolvidos por Vendler (1967) e por alguns teóricos que seguiram a linha de pesquisa em aspecto lexical, Dowty (1979, 1986), Mourelatos (1981), Moens e Steedman (1988), Parsons (1990), os quais representam o núcleo teórico da teoria aspectual seminal, além de Cunha (1998, 2004), que mais tarde postula o traço de [\pm faseabilidade] para diferenciar estados dinâmicos de estados não dinâmicos. Esses autores se utilizaram de uma série de testes, a fim de reconhecer a estatividade, e os quais nos dedicamos a apresentar na seção 2.4. A aplicação desses testes no PB nos mostrou que todos eles se apresentaram falhos de um modo ou de outro. Com base nesse resultado, na seção 2.5 tratamos exclusivamente do traço de telicidade, o qual consideramos corresponder à propriedade mais adequada para a computação aspectual de uma sentença, tendo em vista que a sua caracterização se encontra fora do léxico, além de considerar os sentidos de quantização do objeto, assim como os PPs que indicam a culminação de um evento.

CAPÍTULO 3

A Relação entre Telicidade e Tempo

No capítulo anterior, revisitamos algumas teorias seminais que nos oferecem o suporte necessário para identificar a natureza e as propriedades aspectuais das predicções, mais particularmente das estativas. E a partir desse enquadramento teórico apresentado, obtivemos um panorama das principais noções que delineiam os padrões de categorização entre predicções télicas e atélicas, numa referência à oposição estado/evento. Por isso, neste capítulo, abordamos a relação entre os tempos verbais e a ambiguidade télico/atélico, principalmente no PB. A seção 3.1 traz noções gerais sobre a categoria tempo e as propostas de Reichenbach (1947) e de Corôa (2005) quanto à descrição formal dos tempos verbais. Na seção 3.2 se encontram os dados relevantes para a nossa pesquisa, nos tempos verbais selecionados, mais especificamente, as seguintes formas: o presente do indicativo em sentenças simples do PB e do português europeu, em análise translinguística com o presente simples no francês e no romeno; a forma progressiva no presente, formada pelo verbo auxiliar e seguida do verbo principal na forma de gerúndio do PB (“estar” + “-ndo”), além da forma progressiva no PE (“estar a” + infinitivo) e a forma do progressivo no francês; e, por fim, as formas do pretérito imperfeito e o pretérito perfeito simples no PB. Este último tempo verbal, ainda que esteja associado geralmente à leitura télica, encontra-se listado em virtude de haver dados no PB que mostram outras leituras além da perfectiva, como a habitual e a iterativa. A síntese do capítulo é feita na seção 3.3.

3.1 A Categoria Tempo

Essa categoria pode ser compreendida a partir de dois pontos de vista, por não haver, no português brasileiro, termos para distinguir as diferentes noções da palavra “tempo”, como ocorre no inglês: o conceito de tempo, no âmbito da linguagem (*tense*), refere-se à expressão gramatical do tempo dêitico e, no âmbito da realidade

(*time*), compreende o registro dos fatos na perspectiva das relações cronológicas. É o tempo gramatical (*tense*) que marca a estrutura temporal externa das situações descritas, vinculando o conteúdo enunciado ao momento da fala.⁶⁷

Pesquisas indicam que as línguas apresentam diversas estratégias para codificar o tempo, porém a marcação da localização das situações no tempo é mais comumente realizada por intermédio da morfologia verbal, na maioria das línguas. Diferentemente da categoria gramatical aspecto, que corresponde à estruturação interna das situações, a natureza da categoria tempo é essencialmente relacional, tendo em vista que o tempo estabelece conexão com o momento da enunciação, construindo ligações anafóricas com outros intervalos de tempo presentes nas enunciações. Em virtude dessa relação dêitica, conceitos como referência e ancoragem são fundamentais para a localização temporal das eventualidades e para o reconhecimento das relações temporais entre as informações que compõem o enunciado.

Em vista disso, analisar situações codificadas por verbos envolve analisar a sua localização temporal externa, como também a sua perspectivização temporal interna. Em várias línguas, como ocorre com as línguas eslavas, o aspecto apresenta uma marcação morfológica distinta do tempo; mas, em línguas como o português brasileiro, essa análise requer atenção, em virtude da ausência de morfologia aspectual na língua. No caso do PB, tempo e aspecto encontram-se entremeados e relacionam-se estruturalmente também sob o ponto de vista semântico, mesmo que em várias situações seja possível perceber qual deles predomina na realização dos enunciados.

Em PB, quando existe uma eventualidade que permita duas possibilidades de leitura – télica e atélica –, há uma leitura que se refere à descrição da situação em uma perspectiva estritamente temporal e a outra que é produzida em função de interferência aspectual na sentença. Como vimos no capítulo anterior, uma leitura télica comporta dinamismo, ainda que também possa ter traços de homogeneidade, e envolve mudança de fase no intervalo de tempo em que ocorre; por outro lado, uma leitura atélica caracteriza-se pela homogeneidade, o não dinamismo, nenhuma mudança de fase, nem marcações quanto ao início e o fim do evento.

No caso de leituras atélicas, encontram-se, portanto, as eventualidades com interpretação habitual. E existem vários recursos para se produzirem leituras habituais nas línguas, mas vamos focar em dois tipos recorrentes: o emprego das expressões

⁶⁷ Cf. Oliveira (2003).

adverbiais, as quais exercem papel fundamental nessa transformação aspectual e o tempo verbal, que representa um mecanismo largamente empregado e produz esse resultado. Quando obtemos uma leitura habitual em uma sentença, a ação expressa pelo verbo é descrita de forma a indicar a repetição da ação por um número indeterminado de vezes no intervalo de tempo, a ponto de ser interpretado como um costume ou um hábito. E mais de um tempo verbal possui tal propriedade, ainda que o presente do indicativo e o pretérito imperfeito do indicativo sejam os principais tempos verbais a produzirem esse efeito.

A fim de analisarmos as formas verbais nas enunciações, é preciso retomarmos as teorias sobre o tempo, que providenciam o embasamento necessário à compreensão das ideias de referencialidade e de ancoragem que permeiam essa discussão. De maneira geral, o entendimento mais imediato que se tem de tempo refere-se à ideia de tempo cronológico, que possui como características básicas a linearidade e a unidirecionalidade, uma vez que a ordenação dos fatos se dá em uma linha temporal unidirecional. Sob essa perspectiva, o início de uma eventualidade tem a sua marcação no passado e segue se estendendo para o futuro.

Ainda que essa seja uma concepção que não abarque a complexidade do fenômeno “tempo” como um todo, concebê-lo dessa forma resulta na articulação dos territórios que se referem a passado, presente e futuro. Na base dessa percepção, a existência de um ponto de referência no tempo da enunciação é fundamental para que sejam estabelecidas relações entre esses três grandes domínios temporais. E é a partir dessas noções que são apreendidos os sentidos de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade nas situações descritas, os quais consistem em referências temporais necessárias à compreensão da localização de vários acontecimentos correlacionados.⁶⁸

Porém, o construto quanto à referência temporal também encontra fundamentação nas ciências exatas e nas teorias da física sobre a relatividade. Corôa (2005) esclarece o quanto as pesquisas dessas áreas nas ciências influenciaram a compreensão sobre o tempo ao longo da história. Na linha aristotélica são defendidas as teorias quanto ao tempo relacional, cuja única entidade irreduzível são os eventos. Isso porque apenas a lógica, segundo os conceitos da física, poderia explicar o tempo e, portanto, foi compreendido como uma quantidade de movimento em relação a um antes e um depois. Galileu e Newton foram os pensadores nos quais se basearam as teorias

⁶⁸ Cf. Oliveira (2003).

sobre o tempo absoluto, cujo entendimento pressupunha que o tempo tivesse uma existência independente dos eventos, ainda que a concepção sobre entidades temporais irreduzíveis gravitasse em torno dos eventos e também dos momentos. Einstein, com a teoria da relatividade, mudou a percepção quanto aos paradigmas do tempo, tendo em vista a necessidade de definir e descrever o tempo dos eventos sob o ponto de vista de um observador. Essa mudança viabilizou a possibilidade de se considerarem diferentes observadores para uma mesma eventualidade, para a qual cada um deles pode apresentar uma percepção diferente. É a partir de então que o conceito de tempo deixa de ser linear.

3.1.1 Representação formal dos tempos verbais

Fundamentando-se em um conceito de tempo relativo, Reichenbach (1947) estabelece a noção de ponto de referência e propõe uma teoria que relaciona formalmente os tempos gramaticais ao tempo físico. Para estabelecer a posição das eventualidades no tempo físico, a sua proposta descritiva dos tempos verbais apresenta uma estrutura ternária, baseada em três entidades primitivas ordenáveis – momento de fala (MF), momento de referência (MR) e momento de evento (ME).⁶⁹ Segundo o autor, esses pontos se organizam em duas direções: a primeira, trata-se da posição de Referência em relação ao ponto de Fala, relacionada às expressões de “passado”, “presente” e “futuro”; a segunda considera a posição de Evento em relação à Referência, percebida mediante as palavras “anterior”, “simultâneo” e “posterior”.

- MF – coincide com o momento da fala;
- ME – refere-se ao tempo do evento descrito na sentença, ao momento em que ocorre a situação;
- MR – consiste em um ponto intermediário, a partir do qual a eventualidade pode ser situada. Trata-se de um ponto de ancoragem, com o qual o momento de evento indicado pelo enunciado e o momento de enunciação estabelecem relações temporais.

⁶⁹ No original, *point of speech*, *point of reference* e *point of the event*, respectivamente.

O esquema de interpretação dos tempos verbais desenvolvido por Reichenbach (1947) é organizado a partir das diferentes combinações que podem ser estabelecidas entre esses três pontos descritos. Para a representação formal, o autor assume que a ordenação do tempo é feita da esquerda para a direita, do passado para o presente (anterior a; posterior a); os momentos temporais são separados com travessões e usam-se as vírgulas para indicar simultaneidade. Desse modo, a descrição dos três tempos básicos apresenta a seguinte conformação:

- Presente: MF, MR, ME;
- Passado: MR, ME-MF;
- Futuro: MF-MR, ME.

Esse modelo prevê treze possibilidades de ordenação entre pontos, embora o sistema das línguas naturais não os realize completamente:

ESTRUTURA	NOVO NOME	NOME TRADICIONAL
ME – MR – MF	Passado anterior	Passado mais-que-perfeito
ME, MR – MF	Passado simples	Passado simples
MR – ME –MF MR – MF, ME MR – MF – ME	Passado posterior	
ME – MF, MR	Presente anterior	Presente perfeito
MF, MR, ME	Presente simples	Presente
MF, MR – ME	Presente posterior	Futuro simples
MF – MR, ME	Futuro simples	Futuro simples
MF –ME –MR MF, ME – MR ME – MF – MR	Futuro anterior	Futuro perfeito
MF – MR – ME	Futuro posterior	

Tabela 2: Esquema temporal, adaptado de Reichenbach (1947, p. 297)

De acordo com a abordagem reichenbachiana, o ponto MF é fixo e dele se organizam os demais tempos; o ponto MR descreve as relações entre os três pontos, mas

observamos na teoria que não foi definido com solidez, podendo até mesmo ser um tempo dado pelo contexto extralinguístico. Essas observações permitem-nos destacar do esquema de Reichenbach a definição dos tempos verbais que utilizamos nesta pesquisa: o presente simples e o presente progressivo correspondem ao tempo em que MF, ME e MR são simultâneos porque os três pontos coincidem; o passado simples é o tempo em que ME e MR coincidem, mas ambos são anteriores ao MF. Ficam faltando o pretérito imperfeito do indicativo e a sua forma no progressivo.

Esse sistema temporal foi aplicado originalmente pelo autor à língua inglesa, o que impede que seja uma modelo de descrição temporal universal, em virtude de não prever a diferença entre os valores temporais do pretérito perfeito e do imperfeito em línguas românicas como o português. E, no inglês, o *simple past* serve para se referir a ambas as formas.

Reichenbach (1947) considera então a distinção no francês entre *passé défini* e *imparfait*, que seriam semelhantes aos tempos em português, e incorpora ao seu sistema a noção de tempo estendido, de modo que, no *passé imparfait*, MF não denota um momento, mas um intervalo temporal, que dá solução ao problema dos tempos estendidos.⁷⁰ A inclusão dessa noção – tempo estendido – revela, na verdade, que entre pretérito perfeito e imperfeito há uma diferença de natureza aspectual, considerando a ideia de intervalo temporal também estar relacionada com a constituição interna dos eventos.

Porém, o problema, segundo explica Corôa, sobre a análise dos tempos no francês, é que o autor não apresenta o pretérito imperfeito como um pretérito perfeito estendido, ao fazer a sua exposição sobre *je vis/je voyais*. A aplicação do sistema reichenbachiano por Corôa (2005) para a noção de intervalos de tempo tem fundamentação teórica em Baumgartner e Wunderlich (1969 apud Corôa, 2005). A autora procura atribuir a cada tempo verbal do português uma definição única e não ambígua. Suas análises não consideram a interação verbo com adjuntos adverbiais temporais, nem o uso de auxiliares na expressão do tempo, mas concentra-se na interpretação fornecida pelo morfema modo-temporal do verbo.

Corôa (2005), então, aplica o conceito de intervalo de tempo à teoria de Reichenbach (1947) em sua proposta de análise para os tempos verbais do PB,

⁷⁰ Mateus et al. (2003)

considerando os mesmos pontos propostos por esse autor – ME, MR e MF.⁷¹ Segundo a autora, o conceito de tempo incorporado ao verbo no PB apresenta duas características: o tempo dêitico, em que o momento do evento e o momento de fala configuram o *tempus* verbal; e o tempo não dêitico, que está atrelado ao tempo do desenvolvimento objetivo do evento, ou seja, o aspecto, não havendo relação direta com o momento de fala.⁷²

Nesse sentido, a autora explica ser importante considerar que os tempos verbais não consistem em pontos fixos no tempo, mas cada tempo verbal representa uma classe temporal, que é resultado de uma tensão que promove deslocamentos nas relações que o tempo produz, e propõe que os três pontos sejam pensados como relações não fixas, a fim de que todas as variações temporais que existem no português possam ser interpretadas:

“Consideremos o tempo da fala, como o intervalo de tempo do ato verbal ou enunciação; o tempo do evento, como o intervalo de ocorrência do evento tomado como referente; e o tempo de referência como o intervalo de tempo relevante para a consideração do ato verbal, a perspectiva que transita entre os interlocutores no ato da comunicação.” (Corôa. 2005, p. 86)

Com essa perspectiva, Corôa apresenta um quadro dos tempos verbais a partir dos três momentos postulados por Reichenbach:

Presente	ME, MF, MR
Pretérito Perfeito	ME – MR, MF
Pretérito Imperfeito	ME, MR – MF
Futuro do Presente	MF, MR – ME
Futuro do Pretérito	MR – MF – ME

⁷¹ A aplicação do sistema reichenbachiano por Corôa (2005) para a noção de intervalos de tempo tem fundamentação teórica em Baumgartner e Wunderlich (1969 apud Corôa, 2005). A autora procura atribuir a cada tempo verbal do português uma definição única e não ambígua. Suas análises não consideram a interação verbo com adjuntos adverbiais temporais, nem o uso de auxiliares na expressão do tempo, mas concentra-se na interpretação fornecida pelo morfema modo-temporal do verbo.

⁷² O termo *tempus* e *tense* no inglês possuem o mesmo significado, referindo-se a tempo verbal ou tempo gramatical. Cf. Benveniste (2006).

Tabela 3: Representação formal dos tempos do modo indicativo segundo Corôa (2005).

Sob essa ótica, a descrição dos tempos verbais apresenta algumas diferenças em relação aos descritos por Reichenbach (1947). O presente é o *tempus* em que ME, MF e MR são simultâneos na situação descrita, em que todos esses pontos estão presentes no momento de fala. No entanto, Corôa observa que esse tempo verbal nem sempre apresenta os limites temporais correspondes à literalidade temporal e destaca a importância de haver, pelo menos, um ponto simultâneo entre esses momentos, em virtude de que o presente pode ser empregado no PB para expressar uma diversidade semântica de usos como: expressar verdades gerais, universais e atemporais; as eventualidades de natureza durativa como traços de habitualidade; e aquelas que podem ser interpretadas com valor de futuro e de presente histórico.⁷³

Para efeito de assunção da riqueza semântica que pode ser verificada no emprego do presente, acrescentamos ainda os valores descritos por Fatori (2006), em um estudo baseado em textos escritos (entrevistas) de falantes do PB, no qual estão relacionados também usos que se referem a “juízos do falante” (para testar a atenção do falante: “sabe” e “olha”) e o presente enfático (para destacar um termo da oração: “ele toma é chimarrão”).

$$\square_{(x)} \square_{(y)} \square_{(z)} ((T_{(x)} \wedge T_{(y)} \wedge T_{(z)}) \wedge P_{(x)} \wedge S_{(x, y, z)})$$

Figura 3: Representação lógica do presente do indicativo. Corôa (2005, p. 48)

- x é o tempo (T) do evento (ME);
- y é o tempo da fala (MF);
- z é o tempo de referência (MR);
- P (x) é a predicação = “P (conteúdo da sentença) ocorre em x” ou “x é o tempo de P”;
- S (x, y, z) é a relação triádica de simultaneidade.

Uma eventualidade descrita no pretérito imperfeito, segundo Corôa (2005), tem sempre referencial no passado, independentemente dos seus limites ou resultados, e não implica o encerramento do evento. Portanto, o ME é simultâneo ao MR, mas ambos

⁷³ Por verdades gerais pode-se compreender também a verdade descrita pelos provérbios, que Lyons (1977, p.632) identifica como presente gnômico.

os pontos são anteriores ao MF. A autora estabelece uma relação muito próxima entre o tempo presente e o pretérito imperfeito, quando ambos não expressam os limites de tempo dos eventos. Segundo ela, as afinidades semânticas entre esses dois tempos fundamentam o deslocamento do MR junto com o ME, porque o falante estabelece como ponto central da informação ME e não a informação sobre o final do evento. Essa perspectiva, associada ao traço [-perfectivo], pode dar explicação para as seguintes possibilidades de uso do imperfeito no PB: as situações descritas como habituais, a referência a um tempo impreciso, as eventualidades duradouras e contínuas, a sobreposição de eventos concomitantes no passado, sem que os limites estejam definidos, e em seus usos modais de polidez e hipótese.⁷⁴

$$\square_{(x)} \square_{(y)} \square_{(z)} ((T_{(x)} \wedge T_{(y)} \wedge T_{(z)}) \wedge P_{(x)} \wedge A_{(x,y)} \wedge S_{(x,z)})$$

Figura 4 Representação lógica do Pretérito Imperfeito. Corôa (2005, p. 58)

- x é o tempo (T) de ME;
- y refere-se ao MF;
- z refere-se ao MR;
- P (x) representa a predicação;
- A é uma relação de anterioridade de ME (x) em relação a MF (y);
- em S, x = ME é simultâneo a z = MR.

O pretérito perfeito a autora descreve como um passado visto na perspectiva do tempo presente. Essa definição abarca as explicações das gramáticas normativas, que se referem ao ponto de vista de um observador no presente. O mais comum quanto ao uso desse tempo é que a informação sobre a conclusão do evento tenha mais destaque do que próprio evento. Dessa explicação podemos inferir que Corôa (2005) pensa o pretérito perfeito como um tempo verbal cuja informação de encerramento do evento faça parte de seu significado. No entanto não há referência a outras possibilidades de emprego do pretérito perfeito simples registrados na língua como: expressar um evento que começa no passado e continua até o momento presente; substituir o pretérito mais

⁷⁴ Cf. Longo (1990).

que perfeito; assumir a função de futuro; ou mesmo descrever uma ação habitual. Portanto, a estrutura semântica temporal atribuída por Corôa ao pretérito perfeito simples talvez não seja a única possível, pois não recobre todos os valores que esse tempo pode exibir.

$$\square_{(x)} \square_{(y)} \square_{(z)} ((T_{(x)} \wedge T_{(y)} \wedge T_{(z)}) \wedge P_{(x)} \wedge A_{(x,y)} \wedge S_{(y,z)})$$

Figura 5: Representação lógica do pretérito perfeito. Corôa (2005, p. 54).

- x é o tempo (T) do ME;
- y refere-se ao MF;
- z refere-se ao MR;
- P (x) representa a predicação;
- A refere-se à relação de anterioridade de ME(x) em relação a MF(y);
- em S, MF(y) é simultâneo a MR(z) (MF é simultâneo a MR)

3.2 *Tempos Verbais com leitura aspectual télica e atélica*

Reichenbach (1947) e, particularmente, Corôa (2005) assumiram que suas análises dos tempos verbais possuem uma definição não ambígua, única. As representações formuladas por esses autores consideraram apenas o morfema modal-temporal do verbo e, portanto, não foi contabilizada qualquer relação do verbo com outros elementos expressos na sentença. No entanto, há opiniões divergentes sobre a hipótese da não ambiguidade dos tempos verbais. Autores como Mira Mateus et al. (2003), por exemplo, avaliam serem as formas verbais polissêmicas, em virtude dos diferentes usos que uma mesma forma verbal pode assumir na língua. Os tempos

verbais abaixo fogem à análise rígida, não ambígua, proposta por Reichenbach (1947) e adentram na possibilidade vista por Corôa de interpretações que não correspondem exatamente às representações dadas, tendo em vista que duas leituras podem ser extraídas de uma mesma sentença. De toda forma, qualquer que seja a semântica do tempo verbal, há como representá-la formalmente e, certamente, algumas representações serão adequadas a outros usos de outros tempos verbais.

3.2.1 Presente do indicativo

Corôa (2005) descreve o presente do indicativo inicialmente como um tempo verbal dêitico, em que o MF, MR e ME são simultâneos, cuja representação corresponde a [MF, ME, MR], mas também, como vimos, considera a flexibilidade de usos desse tempo verbal no PB. A localização de uma situação construída no tempo presente dêitico é descrita como um intervalo de tempo que se sobrepõe ao momento da enunciação e que estabelece com ele uma relação de inclusão.⁷⁵

Do ponto de vista semântico, o presente pode expressar valores que correspondem aos aspectos imperfectivo e perfectivo em PB. O primeiro refere-se à descrição de uma eventualidade sem mudança no intervalo de tempo, porque apresenta traços de duratividade, uma característica própria à descrição dos hábitos, das verdades absolutas e genéricas e dos estados permanentes. Logo, vemos em sentenças do PB (107) não haver marcação do início ou do fim do evento no intervalo de tempo. A informação, quando é imperfectiva, é verdadeira em todos os domínios do tempo: passado, presente e futuro c. O valor de perfectividade do presente, por outro lado, refere-se a eventos que apresentam processo não repetido, como os dados abaixo em (108), trata-se de um único evento, a sua duração no intervalo de tempo é estreita, como ocorre nas eventualidades pontuais, incoativas, terminativas, ou mesmo em situações de presente reportivo ou declarativo.⁷⁶

- (106) a. Ela fuma um cigarro depois do trabalho.
b. Os leões brigam violentamente.

⁷⁵ Cf. Oliveira (2003); Cunha (2004).

⁷⁶ Cf. Gonçalves (2007) e Cunha (2004) defendem que o uso reportivo do presente do indicativo transforma aspectualmente as situações em pontuais.

- c. O sol gira em torno da terra.
- (107) a. Estou consertando a mesa enquanto ela faz o almoço.
 b. Declaro aberta esta sessão.
 c. Ela acaba de estacionar o carro.
 d. Ele começa/está começando a subir o morro.

Em algumas línguas, o presente do indicativo é o tempo verbal empregado para indicar “presente real” e não possuem formas progressivas substitutivas que possam cumprir essa função; no entanto, em muitas línguas, o presente do indicativo promove uma alteração aspectual da sentença, gerando interpretação habitual, cuja informação retrata padrões de regularidade.⁷⁷ O francês faz parte desse grupo de línguas em que presente do indicativo pode ter duas leituras, sendo a leitura dêitica mais frequentemente empregada e a leitura aspectual dependente de contexto. Os usos do PB, por sua vez, apresentam um comportamento oposto, a leitura preferencial é a aspectual, porque esse tempo verbal funciona fundamentalmente como operador aspectual e a leitura dêitica só pode ser apreendida mediante contexto extralinguístico. Passemos à análise translinguística.

Nem o francês nem o romeno possuem formas progressivas que substituam o presente do indicativo simples, como ocorre no português e no inglês. Portanto, nessas línguas, esse tempo verbal é empregado para descrever tanto eventos, com interpretação de “presente real”, quanto estados, quando as eventualidades são interpretadas como habituais.⁷⁸

⁷⁷ Como já foi dito, o presente simples, além da interpretação habitual, permite outros tipos de leitura: histórica, de futuro próximo, de passado próximo, etc. Não vamos abordá-las por não fazerem parte do objeto da pesquisa.

⁷⁸ Bertinetto (2000, p. 223) indica que o francês e o romeno não possuem a perífrase progressiva “estar”+gerúndio, empregada em outras línguas para indicar a simultaneidade de ME, MF e MR. Informa que as línguas eslavas não apresentam tempos não terminativos, e por isso não possuem o dispositivo especializado PROG, de modo que os verbos *unbounded* (não-delimitados) expressam os valores não-terminativos como habitual e progressivo. No húngaro a leitura do progressivo se dá por meio da ordem das palavras na sentença, acompanhado de uma entonação especial, e a língua não apresenta marcação morfológica para essa finalidade. Mas o autor não reconhece como uma construção progressiva genuína essa forma de realização do progressivo. Diante da ausência de PROG nessas línguas, indagamos se o

Vamos considerar uma circunstância em cujo contexto caberia a pergunta “O que você/ele está fazendo agora?”. Em PB a pergunta é realizada na forma da perífrase do progressivo “estar + gerúndio” e, em PE, por meio da perífrase “estar a” + infinitivo e as respectivas respostas construídas com a mesma estrutura.⁷⁹ A seleção das perífrases verbais no presente, em PB e em PE, está ligada à intenção de se obter uma informação em que o MF, o MR e o ME sejam simultâneos entre si. Mas, no francês e no romeno, é o presente do indicativo a forma verbal a que recorrem os falantes para indicar a simultaneidade entre o evento, o momento de fala e o momento de referência.⁸⁰ Observemos os dados do francês em (109):

Contexto 1(evento): Dois amigos estão sentados em um café conversando e um deles observa uma terceira pessoa se comportar de forma diferente. A título de curiosidade, um deles pergunta ao outro:

(108) a.- *Regarder cette femme là-bas/ cet homme-là! Qu’est-ce que elle/qu’il fait (maintenant)?*

‘- Olha aquela mulher/homem lá! O que ela/ele faz/está fazendo (agora)?’

b. *Elle/il mange un croissant.*

‘Ela/ele come/está comendo um croissant.’

c. *Elle/il boit du vin.*

‘Ela/ele bebe/está bebendo vinho.’

d. *Jeanne/Jean traverse le pont .*

‘Jeanne/Jean atravessa/está atravessando a ponte.’

e. *Elle/Il écrit un article.*

‘Ela/ele escreve/está escrevendo um artigo.’

(Lachaux, 2005, p. 121)

presente do indicativo pode apresentar as duas leituras, estativa e eventiva, como ocorre com o francês e o romeno. Mas essa hipótese requer pesquisa aprofundada sobre o tema.

⁷⁹ O emprego da perífrase “estar a” + infinitivo em PE também possui uma interpretação com valor de evento posterior no caso de verbos télicos como “chegar” ou “cair”.

⁸⁰ Para o romeno, cf. Cojucaru (2003); para o francês, cf. Lachaux (2005).

As sentenças acima (109) descrevem situações dinâmicas, que estão em processo no momento da fala. Testes, na perspectiva teórica das classes acionais, para identificação de eventos em oposição a estados, como as expressões adverbiais temporais, do tipo *dans ce minut* ‘neste minuto’, *maintenant* ‘agora’, *en ce moment* ‘neste momento’, funcionam bem em todas essas enunciações. O teste “às X horas” parece encontrar restrições semânticas em (110d) e, apesar de esse teste ser próprio para caracterização de eventos, quando aplicado às demais sentenças, modifica a natureza aspectual das orações, passando a indicar a descrição de comportamento habitual.

Contexto 2 (estado): Em uma consulta médica, a acompanhante responde perguntas acerca da rotina da paciente:

- (109) a. *Elle mange du chocolat (à 9h).*
 b. *Elle boit du vin (à 10h).*
 c. *Jeanne traverse le pont (à 17h).*
 d. **Elle écrit un article (à 20h).*

(Lachaux, 2005, p. 124)

Ao realizar os testes para indicar estatividade, certamente a possibilidade de emprego de expressões adverbiais temporais como *toujours* ‘sempre’ e *tous les mois* ‘todos os meses’ ou mesmo “em X tempo” confirmam a natureza aspectual estativa das sentenças no momento da fala. Mas a aplicação dos testes específicos para caracterizar no francês tanto leitura télica quanto leitura atélica, em sentenças sem contexto linguístico especificado, mostram que as enunciações podem apresentar as duas leituras.

Convém ainda observar que, nos exemplos dados em francês, a ausência do complemento verbal nas sentenças (111 a,b) transforma aspectualmente as orações, de modo que a leitura habitual torna-se preferível, de modo que, nesse caso, a interpretação desses dados, corresponde à informação de que alguém possui o hábito de beber – é “bebedor” (111a) – e de escrever – é “escritor” (111b).

Contexto (único):

- (110) *Qu'est-ce que elle/qu'il fait de sa vie?*
 ‘O que ele está fazendo da vida?’
 a. *Il boit.* ‘ele bebe’

b. *Il écrit*. ‘ele escreve’

(Lachaux, 2005, p. 125)

No romeno, Cojucaru (2003) e Bodean-Vozian (2014) esclarecem que as construções no presente do indicativo também oferecem a possibilidade de dupla leitura, a aspectual e a dêitica. Nesse sentido, esses autores apresentam os seguintes dados:

(111) *El aleargă.*

‘He runs./He is running.’

‘Ele corre/ ele está correndo.’

(Bodean-Vozian, 2014, p. 24)

(112) *.Eu predau italiană, dar acum predau și spaniolă.*

‘I teach Italian, but now I am teaching Spanish, too.’

‘Eu ensino italiano, mas agora estou ensinando espanhol também.’

(Cojucaru, 2003, p. 141)

Também no polonês, Nadalin (2005) explica que o presente do indicativo é sempre empregado para indicar simultaneidade entre o ME, MR e MF, exclusivamente com verbos imperfectivos, em virtude de serem durativos, indefinidos e lineares.⁸¹ Segundo ele, os verbos perfectivos, quando combinados com a desinência de presente, indicam que o momento de referência está após o momento da fala, de modo que verbos perfectivos não se referem jamais a eventualidades que ocorrem concomitantes ao momento da fala. Exemplificando essa questão com o verbo *pisze* ‘escrever’, Nadalin indica que esse verbo corresponde preferencialmente na língua à forma progressiva do português “eu estou escrevendo”. A interpretação de uma eventualidade habitual, nesse caso, ocorre diante de marcação em contexto, na composição com advérbios que possuem natureza habitual. Outra possibilidade de leitura habitual dessa predicação, mas que, segundo o autor, é raramente empregada, pode ocorrer com o verbo imperfectivo, específico para leitura habitual, *pisywac*.

(113) *Teraz pisz list do dyrektora instytutu.*

⁸¹ Cf. Filip (1999), que explica comportamento semelhante com o Tcheco.

agora escrever imperfec.pres.1pes.sing. carta a diretor instituto.

‘Agora estou escrevendo a carta para o diretor do instituto.’

(Nadalin, 2005, p. 24)

Ao contrário do que ocorre em francês, os falantes de PB e de PE raramente empregam o presente do indicativo na comunicação diária para indicar um evento ocorrendo em tempo real. O presente no progressivo é tempo verbal frequentemente escolhido para expressar essas características de processo em curso, cujo sentido e as possibilidades de duas leituras, dêitica e aspectual, trataremos em seção mais adiante. Porém, o emprego do presente do indicativo em PB e em PE, em que MR, MF e ME são simultâneos, é comum nas sentenças com verbos que indicam atitude proposicional como “Eu quero” e “Eu gosto”, nas que marcam atenuação da proposição como “acho que...”, e nas enunciações em contexto reportivo, em que o emprego dêitico desse tempo verbal tem lugar privilegiado.⁸²

O tratamento de dupla leitura no presente do indicativo simples, particularmente do PB, implica uma pesquisa de dados em ambiente específico. No entanto, a análise das enunciações nessa língua sugere que a discussão sobre o comportamento desse tempo verbal, no que tange às fronteiras de categorização entre estado e evento no estudo das sentenças, apresenta espaços em aberto que podem ser evidenciados.

Em PB e PE observamos que o presente do indicativo, quando está associado a verbos que denotam eventos, frequentemente descrevem uma habitualidade. Quando os eventos se transformam em hábito, eles passam ser caracterizados como uma propriedade que pode ser atribuída a um indivíduo e, portanto, o valor aspectual (e não a informação temporal) é predominante na interpretação das sentenças. O presente simples do indicativo funciona nessas línguas como operador aspectual e a informação que se depreende das eventualidades mediante esse fenômeno corresponde a um padrão de comportamento repetitivo que está incluído no momento da fala e que ocorre em um intervalo de tempo indeterminado, cujos pontos inicial e final não têm como ser identificados. Para confirmar a leitura habitual das situações descritas, recorreremos aos

⁸² Filip (1999) explica que, no Tcheco, as formas perfectivas *non-past tense*, quando em composição com advérbios do tipo “agora” e “neste momento”, possuem a referência no futuro próximo (exceto em casos de presente é performativo e reportivo, quando se tem uma leitura de presente real). Ela aponta a necessidade dessa observação em virtude de apenas os verbos imperfectivos, jamais os perfectivos, poderem se referir a uma eventualidade em curso.

testes elaborados dos Dowty (1986), empregando-os nos dados do PB (115), em que as expressões adverbiais durativas entre parênteses podem compor os enunciados, sem torná-los agramaticais.

- (114) a. A Lúcia corre no parque. (todas as manhãs, frequentemente)
 b. Ele trabalha no jornal. (desde 2000)
 c. Ana toma chá. (diariamente, muitas vezes)

Ao aplicarmos esses mesmos testes, atentando para as diferentes classes aspectuais relacionadas a eventos em (116), (117) e (118), observamos que uma mudança aspectual correspondente a um comportamento repetitivo, padrão, em sentenças cujos verbos estão no presente do indicativo.

- (115) Maria nada no clube diariamente. (atividade)
 (116) Maria caminha até a padaria. (*accomplishment*)
 (117) Maria ganha a corrida todos os anos. (*achievement*)

Com verbos estativos, por outro lado, independentemente de os predicados serem de indivíduo ou de situação, o presente do indicativo é largamente praticado como referência dêitica, conforme podemos verificar em (119).⁸³ Apenas cabe observar que o teste das expressões adverbiais durativas junto a verbos estativos produz estruturas aceitáveis com predicados de situação (120) e geralmente são inaceitáveis com predicados de indivíduo (121).

- (118) a. A manhã está fria.
 b. O João é calmo.
 c. Benjamim vive em Brasília.

⁸³ As situações que envolvem “verdades imutáveis”, “leis”, “capacidades” e qualquer tipo de regularidade ou generalização são tipicamente estativas. (Cunha, 2004, p. 211)

- (i) a. O calor dilata os corpos.
 (ii) a. Votar é um dever cívico.
 b. É proibido atravessar a rua quando o sinal está vermelho.
 (iii) a. O João sabe falar francês.

- d. A cadeira é marrom.
- e. É noite!

(119) Predicados de indivíduo

- a. *A mesa é baixa frequentemente.
- b. ?Habitualmente ela mora em Brasília.
- c. *Minha filha tem mãos pequenas muitas vezes.

(120) Predicados de situação

- a. A manhã está sempre fria.
- b. João é calmo diariamente.
- c. Maria muitas vezes é loira.

No caso de (120b) em PB, por exemplo, a depender de um contexto que evoque a natureza do predicado de situação, é possível considerar a aceitabilidade da sentença, uma vez que se pode imaginar que alguém possui outras moradias nas quais passa temporadas no ano – “Ela vive em Brasília no verão” –, de onde se pode compreender que “Agora ela vive em Brasília”.

A interpretação habitual no presente do indicativo no PB e no PE, assim como a interpretação dêitica no progressivo, é um posicionamento consolidado na literatura. Os casos com uso de presente do indicativo, com valor estritamente temporal, ficam reservados para verbos de estado como verificamos em (122) e (123) ou em outras situações específicas.

(121) O que eles estão fazendo agora? (PB)

- a. A Lucia está correndo no parque.
- b. Ele está trabalhando no jornal.
- c. Ana está tomando chá.

(122) O que eles estão a fazer neste momento? (PE)

- a. A Maria está a ligar o computador.
- b. O José está a cuidar do jardim.
- c. O Miguel está a ler um livro

Ainda que seja padrão o emprego predominante do presente progressivo para registrar fatos ocorrendo no momento da fala, como vimos em (122) e (123), destacamos diferenças de comportamento nas interações comunicativas do cotidiano no PB quanto ao presente do indicativo. Quando esse tempo verbal ocorre em uma enunciação sem contexto linguístico especificado – *out of the blue* –, a leitura preferencial da informação obtida na sentença é aspectual. No entanto, não se pode desconsiderar que, na presença de contextos extralinguísticos específicos, o emprego do presente também pode ser percebido com interpretação dêitica, em casos do tipo:

- (123) a. Todos as manhãs eu ouço o seu cantarolado no chuveiro. (sentido de “lembra-se de” - estado)
 b. Ao telefone: Eu ouço você, pode continuar... (evento)
- (124) a. Os adolescentes conversam animadamente. (estado)
 b. Um casal caminha em um shopping e comenta sobre um grupo de adolescentes:
 - Nossa! Como esses adolescentes conversam animadamente! (evento)
- (125) a. A moça trabalha na franquía da Nutty Bavarian:
 Ela aspira o perfume das castanhas caramelizadas diariamente. (estado habitual)
 b. Em uma narrativa: Ela entra em casa, aspira o perfume das castanhas caramelizadas que estão sobre o fogão, ouve o estalar o fogo, vê a avó à beira do fogão de lenha e sorri. (evento)

Observar a interferência da presença dos contextos linguisticamente explicitados acima, de modo a ser possível a identificação aspectual da sentença entre evento e estado nos leva a concluir que o significado aspectual de (125) e (126) depende tanto das relações entre as palavras que compõem a oração quanto dos contextos particulares extralinguísticos em que elas estão inseridas. Apesar de os dados mostrarem que a leitura aspectual é preferencial para o presente *out-of-the-blue*, a leitura dêitica pode ser extraída pelo ouvinte na presença de um contexto extralinguístico a que ele tem

acesso e, nesse caso, a ancoragem do evento passa a ter um ponto de referência distinto da leitura aspectual padrão, que é a habitual.

É nesse sentido que Hattner (1992, p. 154) argumenta que o ponto de referência do evento (que ela chama de contexto) influencia a interpretação dos dados quanto a serem estados ou não estados, cuja leitura é atribuída à enunciação descrita.⁸⁴ Portanto, se uma mesma sentença pode fazer parte de situações referenciais diferentes, é possível que, em circunstâncias distintas, conforme verificamos nos exemplos anteriores, (125) e (126), pode-se obter uma leitura estativa, mas também uma interpretação de não estado. Tendo essa ideia em vista, a autora tece a possibilidade de duas interpretações para o dado abaixo:

(126) Os alemães lideram as corridas.

Contexto 1 – Os pilotos de Fórmula I iniciam hoje a terceira etapa do Campeonato Mundial. Durante as primeiras provas deste ano, as equipes que apresentaram os melhores resultados foram a alemã e a francesa. Até o momento, os alemães lideram as corridas e os franceses ocupam a segunda posição.

Interpretação 1: Os alemães estão em primeiro lugar. (leitura estativa)

Contexto 2 – Duas grandes equipes vêm-se destacando no Campeonato Mundial de Fórmula I. Desde o início do campeonato, os alemães e os franceses vêm-se alternando no lugar mais alto do pódio. Os franceses têm carros superiores aos da equipe alemã; mas, nas pistas de alta velocidade, os alemães lideram as corridas.

Interpretação 2: Os alemães chegam em primeiro lugar.(não-estado)

(Hattner, 1992, p. 155)

Porém argumentamos, junto com Hattner (1992), que há ainda outro contexto a ser considerado, no qual essa enunciação se encaixe e o seu sentido aspectual

⁸⁴ O *corpus* do trabalho de Hattner (1992) consiste nas ocorrências de verbos de estado que constam no *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. A diferenciação entre evento e estado presente no estudo das classes aspectuais recebe da autora a denominação de estado e não estado. Sua perspectiva sobre o tema tem como recorte teórico a teoria das cenas, de Fillmore (1977).

possa variar entre estado e evento. Uma das circunstâncias que Hattnher descreveu para o dado em (127), sem denominá-la expressamente, consiste no emprego reportivo do presente do indicativo. Trata-se de descrições ao vivo de acontecimentos que estão ocorrendo no tempo exato da enunciação, em que o momento de fala é necessariamente simultâneo ao momento da referência e ao momento do evento. Nesses casos, o momento de proferimento da sentença corresponde apenas a um subintervalo de tempo.

Contexto 3 – Um repórter está cobrindo uma das corridas do Campeonato Mundial de Fórmula 1, ao vivo, em transmissão televisiva.

E os alemães cruzam a linha de chegada! Os alemães lideram as corridas! Que prova impressionante! (evento)

(Hattnher, 1992, p. 155)

Nesse ambiente comunicativo, é preciso considerar a influência da modalidade *realis* na seleção do tempo verbal para se produzir uma enunciação.⁸⁵ No presente simples reportivo há uma exigência de que a proposição seja aferida fortemente como verdadeira, de forma que os valores de verdade assumem proporção supervalorizada em comparação com as produções linguísticas nesse tempo verbal na interação cotidiana de comunicação. Em vista disso, as situações reportivas representam um espaço adequado ao emprego do presente simples do indicativo com sentido dêitico em PB e em PE (128) e (129). E, necessariamente nesse contexto específico, temos que interpretar a natureza estritamente temporal na leitura desse tempo verbal.

- (127) a. Os policiais bloqueiam os manifestantes.
b. O Manuel faz o almoço.

(Oliveira, 2003, p. 145)

- (128) Surgem agora dois carros da polícia e perseguem o assaltante pela Avenida da

⁸⁵ Não vamos desenvolver detalhadamente os conceitos *realis/irrealis* por não representarem o objetivo central deste trabalho. Estudos completos sobre esse assunto podem ser encontrados em Bybee (1994), Deen e Hyams (2006), Nordström (2010).

Boavista.

(Cunha, 2004, p. 229)

No entanto, devemos retomar o fato de que, nas relações de comunicação do cotidiano em PB, a perífrase progressiva é predominantemente empregada e tem invadido o ambiente das situações reportivas, de modo que se tem verificado, especificamente nesse tipo de ambiente comunicativo, a mistura dos dois tempos verbais – presente simples e presente progressivo –, talvez com menor incidência nas narrativas de futebol.

Os dados em (130) foram retirados de um programa jornalístico televisivo brasileiro, ou seja, de um contexto reportivo, de forma que se espera uma leitura dêitica. No entanto, o momento de referência do repórter não parece ser suficiente para garantir leitura dêitica, em virtude de haver possibilidade de intercambiação do presente para o progressivo, e vice-versa, pelo próprio locutor, já que o presente progressivo corresponde a um hábito incorporado pelo falante de PB para indicar evento em curso e o presente simples para transformar eventos em estados. E essa troca de tempos verbais em uso reportivo abre espaço para interpretação habitual. Mas certamente as expressões adverbiais temporais como “sempre” e “agora”, junto ao presente do indicativo simples, são recursos eficientes para esclarecer o sentido temporal da enunciação.

- (129) a. Verifique que ele faz o trabalho manualmente e ensina as crianças.
 b. A orquestra jovem toca música erudita.
 c. Os carros circulam na cidade com adesivos de paz.

(DFTV, 11/10/2014)

Os dados que fazem parte dessa seção mostram que o presente do indicativo pode transformar eventos em estados habituais, fenômeno que revela claramente a diferença que há entre os estados básicos e os estados derivados, uma distinção já prevista por Vendler (1967) em seu trabalho seminal. Retomando as conclusões de Dowty (1979) quanto ao presente do indicativo no inglês, lembramos que um dos critérios de estatividade destacado pelo autor é o fato de que, apenas na presença de verbos estativos, o presente do indicativo tem valor temporal, mas com outras classes aspectuais esse tempo verbal designa estados habituais ou eventos frequentativos.

Vimos principalmente que o papel do presente do indicativo, enquanto operador aspectual junto às eventualidades télicas representa o uso preferencial pelos falantes do PB. Algumas situações muito particulares, além do uso reportivo do presente do indicativo, é que não correspondem a essa análise. E no francês, no romeno e no polonês outros critérios são necessários para distinguir as possíveis leituras télicas e atélicas.

Das informações trabalhadas, outra questão que nos parece importante observar é o papel da modalidade *realis* na seleção dos tempos verbais por um falante para descrever uma eventualidade. A modalidade é uma categoria verbal por meio da qual um falante expressa a sua atitude e os conceitos de *realis* e *irrealis* estão relacionados à percepção da realidade: a modalidade *realis* retrata as situações com a garantia da verdade, que pode se auferida por meio da percepção, enquanto *irrealis* indica ser a proposição fraca, por não ser possível dar evidências de assertividade para defendê-la.

Em um estudo sobre alguns tempos verbais, Coan (2003) analisa a modalidade das situações observando alguns dados trazidos em contexto linguístico, segundo uma escala gradativa de mais certeza ou menos certeza, conforma descrição a seguir: *realis*1 > 2 > 3 > 4 > 5 > 6 *irrealis*. De acordo com essa escala, diante de uma enunciação modalizada, a reação do ouvinte é previsível, no sentido de que à informação envolvida será dado pouco ou nenhum crédito. Em um contexto reportivo, os elementos modais na seleção dos constituintes de uma informação têm maior importância ainda, tendo em vista que, nesse caso, está em jogo uma quantidade complexa de fatores e a falta de credibilidade pode trazer consequências indesejadas para o falante. Isso explica por que a seleção do uso dêitico do presente do indicativo ainda permanece nos contextos reportivo em PB e em PE.

3.2.2 O Presente Progressivo

As construções progressivas são realizadas por meio das perífrases “estar a” + infinitivo no PE e “estar” + gerúndio no PB e são comumente empregadas no lugar do presente do indicativo, com a finalidade de informar que uma eventualidade está em processo no momento da fala. Por outro lado, também há possibilidade de interpretar que a eventualidade em processo nesse tempo verbal manifesta os traços aspectuais de

duratividade, homogeneidade e atelicidade. Mas Wachowicz (2009) destaca uma particularidade quanto ao uso do progressivo no PB: essa língua aceita sentenças no progressivo com verbos estativos na forma de gerúndio, dados que a autora não registrou no espanhol, no inglês ou no alemão, em que o presente simples é a única construção possível.

Ao compararmos os dados desta seção com seus correspondentes no presente simples, podemos observar semelhanças semânticas: numa perspectiva de intervalos de tempo, o presente habitual e o presente progressivo compartilham a característica de não apresentarem um ponto inicial e um ponto final para uma eventualidade, o que corresponde à imperfectividade aspectual.

Wachowicz (2003, p.33), em um estudo sobre o progressivo no PB, com base no banco de dados Varsul, revela o resultado de que ocorre frequentemente interpretação ambígua em sentenças sem expressões adverbiais e que, na maior parte dos casos, o imperfectivo, marcado pela morfologia “-ndo” no verbo principal, corresponde à primeira leitura aspectual selecionada pelos falantes. Essa interpretação compreende a noção de que “os pontos extremos das situações ou eventos existem, visto que eles devem começar e acabar em algum momento, mas no progressivo esses pontos não são interpretados”.

A diferença entre presente simples habitual e progressivo habitual pode ser dada na interpretação dos intervalos de tempo atribuída a cada um: enquanto o presente simples de leitura habitual caracteriza-se por um intervalo de tempo homogêneo, sem perspectiva de mudança, o progressivo apresenta um subintervalo da denotação formal do presente simples, em virtude do caráter transitório e temporalmente progressivo que seu sentido aspectual carrega.

Abaixo encontramos dados que retratam o uso preferencial dos falantes do em PB (131) e em PE (132) no presente progressivo:

(130) O que você/ele está fazendo? (PB)

- Eu estou estudando/ estou vendo um filme/estou dirigindo/ estou tomando um café.

(131) O que você está a fazer neste momento?

a. A Maria está a ler o jornal. (processo culminado)

b. O Rui está a correr. (processo)

- c. A Carla está a ganhar a corrida. (*achievement*)
- d. A Ana está a espirrar. (ponto)
- e. O Pedro está a viver em Paris. (estado faseável)
- f.*O Pedro está a ser alto. (estado não faseável)
- g.*A polícia está a encontrar o presumível assassino. (*achievement*)

(Oliveira, 2003, p. 146)

A observação de Wachowicz (2003), a que nos referenciamos anteriormente, explica o porquê de Oliveira (2003) considerar, no estudo do progressivo, no PE e no PB, que a natureza imperfectiva desse tempo verbal elimina a telicidade das classes aspectuais que inicialmente possuem essa propriedade. Dessa forma, o progressivo também funciona como um operador aspectual, de modo que as predicções pontuais passam a ter um valor iterativo e os processos passam a veicular uma informação de presente.

No entanto, Oliveira (2003) identifica no PE a incompatibilidade de alguns verbos de natureza eventiva com a formação progressiva, como mostra o dado (132g). Esse comportamento leva a autora a considerar que, sob o escopo do progressivo, “as situações comportam-se basicamente como estados”. O impedimento de construções progressivas nesse contexto alcança particularmente os estados não-faseáveis. Mas, conforme ressalta Oliveira, essa composição com estados faseáveis é perfeitamente aceitável, como podemos verificar em (132e).

Cunha (2004, p.2) compartilha com Oliveira (2003) dessa mesma conclusão. Segundo ele, um dos efeitos mais importantes do progressivo corresponde a “tornar estativas as situações em que ocorre”. Partindo da análise do verbo “estar” em sentenças como “João está doente”, Cunha (2004) explica que o verbo “estar” comparece, tipicamente, apenas em predicções estativas, motivo pelo qual a construção progressiva mantém a natureza estativa que lhe é própria. A impossibilidade de os estados ocorrerem em construções progressivas como exemplificadas em (132f,g) também fundamenta a argumentação em favor do caráter estativo das construções progressivas.

Se em PE há *achievements* que não aceitam a perífrase progressiva, em PB, conforme vemos em (133), o progressivo com esses mesmos *achievements* são construções pouco frequentes, mas são encontradas:⁸⁶

(132) a. “...estou achando apartamento para locação pago ate 800 R\$ e condomínio a parte, aqui em Umuarama PR” (umuarama.olx.com.br › [Paraná](#) › [Umuarama](#))

b. “...presumo que estamos alcançando o cume da montanha. – De repente teremos mais sorte do outro lado.” (Collins, Jogos Vorazes livro 2, tradução de Alexandre D’Elia)

(dados extraídos da internet)

Nos dados (134) abaixo do PB, estão listadas eventualidades de todos os tipos de classes acionais. Todas as sentenças podem ter interpretação estritamente temporal, correspondendo à substituição que o falante de PB faz do presente do indicativo para o presente progressivo, quando quer se referir a evento em curso no momento da fala. Mas apenas a inclusão de expressões adverbiais como “agora” e “neste momento” a essas construções é que confirma a leitura eventiva dessas sentenças.

- (133) a. João está correndo no parque. (agora/ neste momento)
 b. A faxineira está ajudando em casa. (agora/ neste momento)
 c. O Pedro está trabalhando. (agora/ neste momento)
 d. O jardineiro está adubando as plantas. (agora/ neste momento)

Porém, verificamos que, se expressões adverbiais durativas do tipo “há meses” forem combinadas às mesmas sentenças em (134), passamos a reconhecer valor habitual nessas eventualidades, de forma que a interpretação estativa do presente progressivo se manifesta efetivamente. A construção de contextos linguísticos distintos, por meio das expressões adverbiais, para cada uma dessas orações mostra que, sem que

⁸⁶ Há inúmeros trabalhos em PB que consideram a impossibilidade de construção progressiva com tais *achievements*.

sejam realizadas quaisquer alterações sintáticas ou morfológicas nas estruturas dadas, podemos apreender dupla leitura, basta observar os dados (135) e (136).

- (134) a. - Estou procurando o João, você o viu?
 - O João está correndo no parque. (evento)
 b. - O João parece mais disposto, saudável, o que aconteceu?
 - O João está correndo no parque. (estado)
- (135) a. - Por que você está almoçando sozinha?
 - O Pedro está trabalhando. (evento)
 b. - Seu amigo continua desempregado?
 - O Pedro está trabalhando. (estado)

Com essa mesma intensão, construímos dados (137) a (140) em PB para observar o comportamento do presente progressivo nas diferentes classes aspectuais, a fim de verificar a possibilidade de dupla leitura nesses tipos de categorização aspectual:

- (136) Mariana está dançando no teatro. (atividade)
 Situação 1: - Onde encontro Mariana?
 - Mariana está dançando no teatro. (evento)
 Situação 2: - O que Mariana tem feito da vida?
 - Mariana está dançando no teatro. (estado)
- (137) Mariana está correndo 5 Km. (*accomplishments*)
 Situação 1: - Por que Mariana não chegou em casa ainda?
 - Mariana está correndo 5Km. (evento)
 Situação 2: - Mariana anda fazendo exercícios aeróbicos?
 - Mariana está correndo 5 Km. (estado)
- (138) Carlos está vencendo a corrida. (*achievements*)
 Situação 1: - O que está acontecendo na maratona?
 - Carlos está vencendo a corrida. (evento)
 Situação 2: - Você viu o resultado da Corrida Pão de Açúcar nos últimos anos?

- Carlos está vencendo a corrida nos últimos três anos.(estado)

(139) a. Eli está acreditando em sua namorada. (estado)

b. Joana está sendo feliz. (estado)

Situação 1: - Não estou entendendo o que eles estão fazendo...

- Eli está acreditando na namorada.

- Joana está sendo feliz.

Situação 2: - Eles parecem tão bem ultimamente!

- Eli está acreditando na namorada.

- Joana está sendo feliz.

Como podemos observar acima, todas as classes aspectuais de predicação podem ocorrer com as construções progressivas. As situações categorizadas como *achievements* sofrem uma mudança aspectual porque passam a apresentar duração temporal sob o escopo do progressivo. Encontramos efetiva incompatibilidade de emprego desse tempo verbal com estados *individual level* (**Joana está sendo magra.*), uma vez que com estados *stage level* o progressivo produz sentenças aceitáveis.

Quanto à possibilidade de dupla leitura, as situações propostas 1 e 2, construídas para cada classe aspectual, e (137) a (140) mostram que atividades, *accomplishments* e estados do tipo *stage-level* permitem frequentemente as leituras estativa e eventiva. Quanto aos *achievements*, ressaltamos que há alguns verbos com emprego pouco frequente no progressivo, mas, formada a oração, a presença de expressões adverbiais durativas e pontuais podem auxiliar quanto à possibilidade de ambas as leituras.

Com relação ao francês, a perífrase aspectual para indicar o valor de presente progressivo é formada pela expressão “*être en train de*” + infinitivo, mas, segundo Bertinetto (2001), em nenhum dos casos essa construção se assemelha à semântica da perífrase amplamente utilizada em PB ou em inglês. O autor insere o progressivo francês em um grupo de estruturas a que ele denomina de *marginal types*, juntamente com dados colhidos do romeno e do italiano. Entre as interpretações descritas na literatura acerca dessa perífrase, pretendemos mencionar brevemente os dois principais empregos na língua francesa, em análise translinguística com o inglês e o português.

O primeiro sentido se refere efetivamente a uma construção que apresenta valor de processo em curso. Exatamente por conter essa característica, parece haver uma maior dificuldade de definir com mais exatidão as diferenças entre as propriedades dos progressivos nas duas línguas. A abordagem que consideramos mais esclarecedora é oferecida por Lachaux (2005), em um artigo que trata especificamente do progressivo no francês. A autora explica que a expressão “*être en train de*” indica processo em andamento, sendo o progressivo utilizado para indicar ao interlocutor o envolvimento ou engajamento em alguma “outra” atividade no momento da fala, a fim de estabelecer uma ligação com a situação da enunciação. Corresponde, conforme vemos em (141), a um tipo de recurso argumentativo construído com o objetivo de justificar outra coisa para o interlocutor:

(140) - *Tu viens passer quelques jours avec nous?*

‘- Você vem passar alguns dias conosco?’

- *Pas plus d’un jour ou deux, alors: en ce moment je suis en train de réparer le toit de la maison, et je ne peux pas trop m’absenter [...]*

‘- Não mais que um dia ou dois: neste momento, eu estou fazendo a manutenção do telhado da casa e eu não posso me ausentar por muito tempo.’ (tradução livre)

(Lachaux, 2005, p. 134)

No exemplo acima em (141), verifica-se uma proximidade de interpretação com o emprego do progressivo no português, tanto em PB quanto em PE; no entanto, a autora expressamente observa que a expressão “*être en train de*” não é selecionada pelo falante quando a situação indica um evento em curso que represente um “decalque” da realidade. Segundo dados em Lachaux (2005), quando a descrição de presente real for o objetivo da elocução, como em (142), o presente do indicativo é tempo verbal naturalmente escolhido pelos falantes:

(141) - *Qu’est-ce que tu fais?*

‘- O que você está fazendo?’

- *Comment ça qu’est que je fais? Tu ne vois pas qui je travaille/ parle à ta soeur?*

‘- Como assim o que eu estou fazendo? Você não está vendo que eu estou trabalhando/ falando com a sua irmã?’ (tradução livre)

(op. cit. 2005, p. 140)

Ela ainda esclarece que a tradução do progressivo do português – “O que você está fazendo/ a fazer?” – para o progressivo do francês – “*Qu’est-ce que vous être en train de faire?*” – não é apreendida da forma como os falantes do português a interpretam. Essa construção existe no francês, mas geralmente encerra um valor negativo, sugerindo a existência de que há algo errado em vias de ocorrer, como mostra (143).

(142) - *Es-tu em train de m’accuser de meurtre?*

‘Você está me acusando de assassinato?’

(op. cit. 2005, p. 122)

Outro valor geralmente encontrado para “*être en train de*” é descrito por Franckel (1989). O autor esclarece que esse emprego da expressão deve ser compreendido como tendo duas formas de estruturação dissociadas: a primeira estruturação, denominada E (exterior), encontra-se na classe de t (tempo), em que P (predicado) delimita uma subclasse de t, que consiste em uma âncora no tempo; a segunda, I (interior), é uma estruturação nocional associada a P, cujo valor está imbuído de uma perspectiva subjetiva, porque representa a possibilidade de ocorrência de um evento que está fora do plano temporal. Sintetizando, “*être en train de*” + infinitivo compreende dois momentos: o primeiro faz referência ao momento da enunciação no tempo dêitico, o outro se refere ao momento do evento no futuro, retratando a possibilidade de ele vir a se tornar real. No exemplo (144) podemos identificar a descrição da interpretação desenvolvida pelo autor:

(143) a. *Ne fais pas de bruit, il est en train de dormir.*

‘Não faz barulho, ele está tentando dormir/ Ele está pronto para dormir/ quase dormindo.’ (tradução livre)

(Franckel, 1989, p. 79)

3.2.3 Pretérito imperfeito do indicativo

O pretérito imperfeito é um tempo verbal, conforme descrição de Corôa (2005), em que o ME é simultâneo ao MR, mas ambos os pontos são anteriores ao MF. Esse tempo descreve as situações no passado e o seu momento de referência (MR) traduz um ponto de vista que também tem o olhar no passado. Semelhantemente ao presente simples e ao presente progressivo, o pretérito imperfeito caracteriza-se pela atelicidade, homogeneidade e imperfectividade: os pontos de início e término do evento não podem ser interpretados.

Apesar de nesse tempo verbal o ME e o MR estarem no passado, não se pode fazer qualquer afirmação sobre o ponto final do evento, podendo esse ponto até mesmo ultrapassar o momento da fala. O pretérito imperfeito do indicativo, portanto, localiza a eventualidade em um intervalo de tempo alargado, que pode ser sobreposto total ou parcialmente a um outro intervalo de tempo, sendo também anterior ao momento da enunciação.⁸⁷ Desse modo, caracteriza-se por ser essencialmente anafórico, tendo em vista que precisa de um ponto referencial no passado para poder ser interpretado.

Como o pretérito imperfeito coloca em perspectiva as situações de maneira continuada, sem ponto de culminação, o efeito aspectual que ele produz, particularmente nos verbos que denotam eventos, aproxima-se das análises do presente do indicativo, ou seja, ao serem apresentadas as eventualidades em processo, sem ponto terminativo, nem espaço-temporal definidos, as situações podem apresentar mais frequentemente interpretação iterativa, habitual e episódica.

- (144) a. Eliete corrigia redações de concurso. (todos os dias)
b. Mateus compunha suas letras. (todas as madrugadas)
c. Alano trabalhava na Receita Federal. (diariamente)

Cunha (2004) indica que uma das formas mais eficazes de verificar se um evento praticado possui valor habitual consiste no emprego do teste da perífrase “costumar”+ infinitivo, flexionada no pretérito imperfeito. A aplicação do teste em (146) configura-se como método eficiente para a identificação de estados, uma vez que,

⁸⁷ Cf. Oliveira (2003).

para esses tipos de expressões verbais, a prática de algo habitualmente faz parte do significado intrínseco do verbo “costumar”. É o que confirmamos nos dados criados no PB abaixo:

- (145) a. Eliete costumava corrigir redações de concurso.
 b. Mateus costumava compor músicas.
 c. Alano costumava trabalhar na receita federal.

Embora os testes se mostrem verdadeiros, na análise dos tempos verbais elaborada por Hattner (1992), a autora observa que, ainda que sejam poucos os casos, há determinadas sentenças cuja interpretação de estado e não estado não depende do aspecto lexical, mas de outros elementos que se encontram fora dos limites da construção verbal, como é o caso do dado (147). Nessa sentença a autora identifica haver duas interpretações: a primeira – a praça estava cheia de gente (estado); a segunda – a praça ia se tornando cheia de gente (não estado). Desse modo, apenas a localização da enunciação em contextos extralinguísticos distintos poderia produzir desambiguação, porque o teste “costumar” + infinitivo não elimina o problema.

- (146) A praça pretejava de gente.
 ‘a praça costumava pretejar de gente’

(Hattner, 1992, p. 154)

Observamos ainda que esse mesmo comportamento pode ser verificado nas estruturas verbais construídas no pretérito imperfeito em PB, nos dados (148), (149) e (150), a partir da aplicação dos testes tradicionais para diferenciação entre eventos e estados. Esses dados mostram, por meio das expressões adverbiais presentes nas sentenças que (148a) e (148b) se diferem entre as leituras, eventiva e habitual, respectivamente. No entanto, em (149) e em (150), em ambas as sentenças de cada dado, tanto a leitura dêitica é permitida quanto a leitura aspectual, se se considerar a palavra “sempre” subentendida.

- (147) a. Anita lia um livro há 1 minuto (e foi caminhar no parque)
 b. Anita lia um livro em dois dias. (e passava para o próximo)

- (148) a. Elizete alcançava o cume da montanha às 15h.
 b. Elizete alcançava o cume da montanha em 15 minutos.

- (149) a. José trabalhava às 5h.
 b. José trabalhava em 2h.

É conveniente analisar esse tempo verbal compondo orações complexas. Em (151), as situações são descritas com intervalos de tempo concomitantes no eixo temporal, repetindo-se em sua estrutura interna, mas perdem a possibilidade de leitura habitual em virtude da limitação temporal imposta pela condição da atividade de cada exemplo. Mas em (152) há diferença na marcação do tempo entre as sentenças: em (152a), o valor habitual do evento se mantém, as relações temporais estão definidas em relação a um tempo, mas o evento continua sendo descrito como uma prática recorrente que caracteriza Maria; em (152b), tanto a leitura é dêitica.

- (150) Enquanto a Ana trabalhava, o Pedro consertava o carro. (evento)
 (151) a. Quando era adolescente, a Maria prendia os cabelos num rabo-de-cavalo. (hábito)
 b. Quando entrei em casa hoje, a Maria prendia os cabelos num rabo-de-cavalo. (evento)

Em um caso diferente, Freitag (2011) considera que a expressão grifada do dado (153) abaixo é de difícil definição quanto à natureza aspectual entre a interpretação habitual ou durativa ou progressiva.

- (152) Ah! eu quando ia pra casa do meu irmão eu tinha dezesseis anos, dezesseis pra dezessete. É que eu brigava muito aqui, né? se juntava com o meu primo, estava brigando muito.

(op. cit. 2011, p. 152)

Segundo a autora, “brigar” pode indicar uma situação habitual – sempre havia briga em família –, mas pode também se referir ao tempo de duração da briga – os primos viviam uma constante briga aos dezesseis anos do falante – e, por último, pode remeter a uma ação em progressão ascendente – a briga ficava mais intensa a cada dia. Nesse sentido:

A especificidade do aspecto imperfectivo expresso nesta situação não parece ser relevante nem para o falante, nem para o ouvinte; trata-se de um caso ambíguo. Assumindo as premissas da gramaticalização, a ambiguidade é uma consequência de um processo de mudança, estado em que os usos não se encaixam nas categorias prototípicas. O caso de (8) não é prototipicamente iterativo, nem prototipicamente durativo, nem habitual, nem progressivo, é um híbrido das categorias – já que a linha demarcatória das fronteiras não é clara nem precisa – cujo valor não parece ser relevante, neste contexto. (Freitag, 2011, p. 153)

3.2.4 Pretérito perfeito do indicativo

Corôa (2005) identifica a interpretação do pretérito perfeito simples como um passado sob o ponto de vista de quem está proferindo a enunciação, havendo, portanto, relação dêitica entre MF e ME. O momento de fala e o momento da referência são simultâneos e são posteriores ao momento do evento. Tendo a enunciação como o ponto de referência, a eventualidade é expressa como concretizada em sua totalidade, de forma que os limites temporais de um evento nesse tempo verbal, ao contrário do que ocorre com o pretérito imperfeito, estão definidos no passado, o que atribui ao perfeito o valor aspectual perfectivo. Essa definição aparece de forma clara nos dados construídos em PB em (154)

- (153) a. Stella leu os livros sobre Harry Potter.
 b. Mariana viajou para João Pessoa.
 c. Helder preparou um café expresso.

Em PB o pretérito perfeito *out of the blue* apresenta interpretação télica sempre, mas em contexto esse tempo verbal pode revelar homogeneidade, indicando habitualidade. A combinação com os advérbios evidencia a possibilidade de predicções no pretérito perfeito apresentarem leitura habitual, como podemos ver abaixo em (155) e (156):

- (154) a. Eu bebi deste café. (ontem/ às 10h).
 b. Eu bebi deste café a vida inteira.(durante duas semanas/ em 2014).
- (155) a. Ouvi a voz dela na cozinha. (há 1 minuto/ três vezes).
 b. Ouvi a voz dela na cozinha todos os dias. (durante a minha infância)

Em (155a) e (156a), temos informações ancoradas em elementos espaço-temporais, não havendo dúvida quanto à sua interpretação télica. Mas em (155b), podemos ficar entre leitura habitual (com a expressão “a vida inteira”) e também iterativa, confirmada pelas expressões adverbiais entre parênteses; no entanto, em (156b), a interpretação habitual se destaca, uma vez que a iteratividade necessita de que um mesmo evento seja praticado repetidamente, como se a pessoa terminasse de falar e recomeçasse novamente, de forma reiterada. Não reconhecemos esse traço na eventualidade descrita. Mas há uma noção intuitiva da modalidade *irrealis* em (156b) se, na compreensão desse enunciado, o falante/ouvinte compreende se tratar da fala das memórias de alguém.

3.3 *Síntese do Capítulo*

O aparato sintático para indicar tempo e duração temporal envolve, no âmbito deste capítulo, a classe acional do verbo e os morfemas temporais, que podem ser aplicados com marcação dêitica ou não dêitica nas enunciações. Porém, em todos os tempos verbais analisados neste capítulo com respeito ao PB, ainda que com mais ou menos frequência, há possibilidade de duas leituras. Entretanto, a interpretação semântica proposta por Corôa (2005), com base nos estudos de Reichenbach (1947), apesar de considerar a possibilidade de flexibilidade de leitura dos tempos verbais no PB, não considera a interação do verbo com as expressões temporais e outros elementos que possam interferir na informação aspectual da situação.

E verificamos o quanto a presença dessas expressões podem alterar aspectualmente uma sentença, observamos nas enunciações o quanto as expressões adverbiais temporais confirmam a natureza aspectual do verbo ou da eventualidade como um todo, ou, ainda, como possuem um papel fundamental na mudança aspectual, definindo a interpretação aspectual de um evento. Diante disso concluímos que os tempos verbais não são absolutamente determinantes da aspectualidade de uma eventualidade, porque as expressões adverbiais possuem escopo sobre todo o VP.

A observação desses dados mostra que, na perspectiva de que a definição aspectual de uma dada eventualidade envolve vários elementos – a estrutura argumental, o nível da sentença em que as expressões adverbiais são adjungidas, todos os

componentes que fazem parte da estrutura do TP, além do contexto extralinguístico—, apenas mediante uma análise composicional pode ocorrer interpretação aspectual ou desambiguação aspectual das sentenças.

CAPÍTULO 4

A Natureza Composicional da Telicidade

Nas teorias sobre aspecto lexical, a distinção básica entre as eventualidades está na categorização das situações entre dois grandes grupos aspectuais – estados e eventos. No entanto, os dados no capítulo anterior nos mostram que a definição aspectual de uma enunciação ultrapassa as leituras aspectuais relativas à estruturação temporal interna dos verbos, à definição referente ao ponto de vista das situações, à elaboração teórica sobre intervalos de tempo e à relação entre os tempos de evento e de referência segundo o sistema temporal reichenbachiano (ME, MF e MR). O problema está em focar a leitura do aspecto nos itens lexicais ou na relação do verbo com o seu complemento. De fato, os dados do capítulo anterior mostram que essa distinção básica apenas se dá quando o telos de um evento se define ao final da contabilização dos inúmeros elementos selecionados na numeração e que compõem uma enunciação. Em vista disso, ao considerar o aspecto como uma entidade semântica cuja leitura implica diversos fatores, a diferenciação básica entre evento e estado nesta pesquisa é referenciada com base nas propriedades da telicidade, na oposição télico/atélico.

Essa percepção da variedade de elementos na composição da aspectualidade de uma situação tem reflexo na estruturação da sua derivação sintática, tomando como referência as perspectivas teóricas de Tenny (1992) e de Verkuyl (2003). Assim sendo, a codificação da telicidade ocorre na sintaxe e a sua definição pode se dar em várias posições ao longo da derivação sintática: o telos pode ser definido, por exemplo, na estrutura do sintagma determinante (DP) mediante a presença de plurais nus ou, como ocorre no alemão, com os nomes massivos, o artigo e o Caso acusativo no objeto direto (Filip, 2004); no nível do sintagma verbal (VP), quando os traços do papel temático do sujeito entram na numeração; no nível do sintagma temporal (TP), sendo atribuído pela morfologia perfectivo/imperfectivo, como nas línguas eslavas, como o polaco (Wli Bowicka-Weglasz, 1998), ou pelos afixos das terminações verbais, em outras línguas como o espanhol (Araújo, L. S., 2017), ou, ainda, mediante a presença, na numeração, de advérbios baixos; além das codificações realizadas no nível do sintagma aspectual

(AspP), onde particularmente se define a informação sobre o telos dos eventos (Quarezemin, S., 2009).

No caso particular das ambiguidades aspectuais (a)télicas de que tratamos nesta tese, a estrutura da enunciação não traz elementos explícitos que possam fazer com que a leitura aspectual da sentença seja plenamente reconhecida, sendo a desambiguação dada pelo contexto extralinguístico, que age na interpretação da situação de forma a selecionar uma das duas possibilidades de leitura – télica ou atélica. Em uma situação de interação, o falante seleciona o significado da sentença, mas o ouvinte interpreta de acordo com os elementos contextuais que lhe estão postos.

A discussão sobre o processamento de leituras aspectuais ambíguas sob a ótica da composicionalidade requer a revisão das construções teóricas de Verkuyl (1993) e de Wachowicz (2003), não apenas por assumirem que o tratamento dessa ambiguidade sob uma perspectiva de contexto, mas por apresentarem soluções formalistas para essa questão. A seção seguinte descreve os paradigmas e ferramentas principais para a construção de uma teoria composicional do aspecto, nos moldes de Verkuyl. Na seção 4.2 a nossa atenção recai no postulado das duas camadas de operação aspectual propostas por Verkuyl (1993), a aspectualidade interna e aspectualidade externa e na proposta da camada da aspectualidade contextual de Wachowicz (2003), cuja investigação se dá a partir de estruturas do progressivo imperfeito do PB. Enquanto descrevemos suas teorias, focamos na relação construída por esses autores entre aspecto e contexto, detendo-nos principalmente no sentido atribuído por eles à categoria aspecto. E finalmente a seção 4.3 contém a síntese do Capítulo 4, na qual são apontadas observações sob o foco desta pesquisa sobre contribuições relevantes e alguns obstáculos encontrados.

4.1 *A teoria composicional de Verkuyl (1993, 1999, 2014)*⁸⁸

A explanação dessa teoria corresponde a uma das etapas desta pesquisa em busca da compreensão de como abordar a ambiguidade télico/atélico no âmbito da teoria gerativa e, nesse sentido, a proposta de Verkuyl corresponde a um marco nos estudos de semântica em teoria formal na perspectiva mentalista, pois possibilita determinar os valores terminativo/durativo e a atuação do operador $AsP\alpha$, bem como oferecer um tratamento adequado para as questões de ambiguidade relativas às sentenças modificadas aspectualmente por expressões adverbiais.

O trabalho de Verkuyl é construído a partir de críticas ao tratamento do aspecto realizado por outras correntes da semântica aspectual, principalmente aos que aderiram à proposição de classes aspectuais. Como o autor estabelece um diálogo teórico, decidimos começar apresentando primeiro as suas objeções, que auxiliam na percepção do porquê de suas propostas.

4.1.1 *Críticas de Verkuyl à corrente vendleriana e à análise da proposta de Davidson (1967)*

Verkuyl propõe que aspecto seja o resultado de uma composição complexa de significados que se unem para a formação de uma sentença. A ideia é de que os constituintes lexicais entram na sentença e se organizam de modo a criar partes com significado, as quais também se inter-relacionam até que o sentido final da enunciação esteja pronto. Nesse sentido, segundo o autor, “*Compositionality concerns the computation of complex meanings at higher levels of structure on the basis of atomic*

⁸⁸ Referimo-nos aqui aos trabalhos de Verkuyl relevantes para esta tese. Verkuyl (1993) apresenta uma teoria de aspecto pautada na ideia de uma gramática Plug+ e suas traduções semânticas. Verkuyl (1999) retoma essa teoria, a fim estendê-la para comportar análises de dados translinguísticos. Verkuyl (2014) trata do construto histórico da composicionalidade, seus conceitos fundamentais e relaciona esse tema com os fatos sobre as categorias Tempo e Aspecto.

meanings” (Verkuyl, 2014, p. 1).⁸⁹ A sua proposta teórica contém análises e reflexões sobre a proposição de Davidson (1967) e críticas à proposta de Vendler (1967), a partir da qual vários teóricos, particularmente os citados no capítulo 2 desta tese, desenvolveram pesquisas sobre *Aktionsarten*.⁹⁰

As objeções de Verkuyl ao trabalho de Vendler são basicamente duas: a primeira delas é considerar a proposta vendleriana filosófica e não linguística, porque os testes empregados não sustentam a tipologia aspectual proposta diante de dados empíricos; a segunda se refere à restrição dos critérios de seleção para a diferenciação entre as classes acionais, porque o modelo aspectual de Vendler, como explica Verkuyl, baseia-se em duas oposições – (a) instante vs. intervalo e (b) definitude vs. não definitude – e, além disso, desconsidera os NPs e a sua natureza na composição da leitura aspectual das construções linguísticas.⁹¹

Na análise dos testes de Vendler (1967), Verkuyl (2003) mostra contraexemplos que indicam problemas na classificação vendleriana, mais especificamente os pontuados a seguir: os testes do progressivo com os estados e os *achievements*; os testes com os *accomplishments* e os *achievements*, na composição com expressões adverbiais do tipo *for X time*; e o critério de definitude, que não licencia **John ate a sandwich for an hour* ‘João comeu um sanduíche por uma hora’, mas licencia *John ate sandwiches for an hour* ‘João comeu sanduíches por uma hora’. A maior crítica de Verkuyl (1993) a Dowty (1979) é ter interpretado as noções vendlerianas como noções lexicais associadas a verbos.

Quanto à teorização de Parsons (1990), Verkuyl (1993) considera que as operações aspectuais realizadas a partir dos operadores *Hold* e *Cul* (cf. seção 2.3.3 no capítulo precedente), apresentam um problema: formam uma lacuna de valor de verdade

⁸⁹ “A composicionalidade diz respeito à computação de significados complexos em níveis altos da estrutura com base nos significados atômicos.” (tradução livre).

⁹⁰ Essa explicação introdutória será breve. O seu objetivo é de situar a teoria de Verkuyl (2003) em relação aos autores da linha vendleriana, nos quais nos apoiamos para estabelecer a diferenciação entre evento e estado, perspectiva dos estudos seminais sobre aspecto, bem como de trazer a análise do autor quanto às proposições de Reichenbach (1947), que fundamentam a proposta de Corôa (2005), apresentada no capítulo anterior.

⁹¹ Compreendemos que a oposição a que se refere Verkuyl na letra (b) se refere a telicidade vs atelicidade. No entanto, para manter a escolha lexical do autor, traduzimos como definitude vs não definitude. O texto no original encontra-se a seguir: “*Vendler’s quadripartition is built up from two oppositions: (a) instant vs. interval; and (b) definiteness vs. indefiniteness.*” (Verkuyl, 2011, p. 972)

entre dois estados que estão envolvidos em uma transição, já que *Hold* e *Cul* são tratados como predicados de dois lugares entre eventos e tempos. Por fim, ao testar esses operadores em orações com quantificadores, o autor identifica as formalizações da sentença como sendo apenas uma descrição dos predicados. Ainda sobre Parsons (1990), Verkuyl (1993) analisa que a diferença de formulação foi o tratamento dos verbos de processo como um tipo de verbo de evento, de forma que os predicados *Hold* e *Cul* passam a reconhecer apenas a diferença lexical entre verbos estativos e não estativos (*Cul* para os não estativos e *Hold* para os estativos) ou a maneira como os respectivos eventos se realizam no tempo. Para dar conta do progressivo, há a postulação dos operadores *IP-state* e *In-Prog* para fazer parte da representação formal da sentença, de modo que *Hold (In-Prog(e), t)* é um estado.⁹² No entanto, Verkuyl avalia que não há como diferenciar estado de estado resultante, cuja representação é *Hold (R(e), t)*, em virtude de serem descrições muito parecidas.

Verkuyl (1993) observa que Moens (1987) e Moens & Steedman (1988), influenciados pela teoria composicional de Verkuyl (1972), adotaram a proposta dos predicados de Davidson (1967) para diferenciar aspectualidade durativa e terminativa. O problema, segundo ele, foi que os autores mantiveram as classes vendlerianas como pano de fundo teórico para explicar a composicionalidade aspectual por meio de operadores aspectuais.⁹³

Quanto à proposta de Mourelatos (1978), Verkuyl (1993) identifica que o fato de a homogeneidade ter sido tomada como parâmetro é um ponto positivo na sua teoria. Também reconhece que o resultado final da proposta tipológica das situações de Mourelatos se aproxima da abordagem kennyana, ainda que para essa construção tenha sido feita uma fusão de Kenny (1963) e Vendler (1967).⁹⁴ Além disso, Verkuyl pontua o fato de Mourelatos ter descartado as análises de Vendler quanto à agentividade e

⁹² Parsons (1990) postula *IP-state* com uma noção aspectual e *In-Prog* como um operador que sempre toma a parte de desenvolvimento e desencadeia um estado.

⁹³ Moens (1987) e Moens & Steedman (1988) assumem os operadores *Hold* e *Cul* para explicar a comutação aspectual da sentença, com uma diferença conceitual em relação a *Hold*, ao qual atribuem a ideia de que o evento possui uma parte-desenvolvimento, enquanto *Cul* permanece com o sentido atribuído por Parsons (1989).

⁹⁴ Kenny (1963) divide os verbos baseando-se num princípio de tempo: verbos que apresentavam duratividade temporal (estados) e verbos que não possuíam duratividade temporal (atividades e performances). A tipologia de Mourelatos (1978) acrescenta subclasses às performances, dividindo-as em *accomplishments* e *achievements*.

proposto uma classificação aplicável a verbos agentivos e não agentivos e, por fim, ele observa, na adoção dos parâmetros massivo/contável, uma preocupação com a quantificação sobre as entidades temporais.

A análise de Verkuyl (1993) sobre a proposição de Davidson (1967) começa pela referência anafórica do pronome anafórico *it* no exemplo inicial: “*Jones buttered the toast slowly, deliberately whith a knife, in the bathroom, at midnight*” - ‘João passou manteiga na torrada vagorosamente, deliberadamente com uma faca, no banheiro, à meia noite’, que na argumentação foi sintetizado para “*He did it slowly, deliberately, in the bathroom...*” - ‘Ele fez isso vagorosamente, deliberadamente, no banheiro...’. Segundo o autor, o pronome *it* não é suficientemente consistente para conter uma ação de X tal que “*Jones*” fez X “*slowly...*”, basicamente porque “*butter the toast*”, que é a expressão retomada por *it*, não corresponde a um termo adequado. Mas a elaboração de Davidson da representação formal dessa enunciação, com a atribuição dos papéis temáticos de agente (*Jones*, e) e paciente (*the-toast*, e), segundo Verkuyl, torna-se visível que o pronome pertence a (e).

Tendo esse cenário como ponto de partida, Verkuyl (1993) se questiona como aplicar a referência anafórica a sentenças que não envolvem uma ação e àquelas que apresentam termos quantificadores. Quanto ao segundo questionamento, o autor verifica a ocorrência de ambiguidade semântica e identifica que, apesar de Davidson (1967) ter se baseado em Reichenbach (1947), enquanto este trata as funções matemáticas como entidades, uma vez que se pode afirmar sua existência e quantificar sobre elas, Davidson se restringe ao formalismo da linguagem de primeira ordem e prioriza as funções em detrimento da quantificação, opção que Verkuyl considera ser o motivo de a proposta davidsoniana não explicar questões referentes aos quantificadores. Mas, da proposta davidsoniana, o autor vê a análise anafórica de *it* como argumento consistente para considerar o VP como o centro das operações aspectuais, tendo em vista que esse pronome pode substituir todo o VP, e até mesmo algumas expressões aspectuais. A essas razões acrescenta o fato de que para sentenças cujos argumentos externos estão pluralizados há a necessidade de repetir a designação formal.

Em vista dessas análises, Verkuyl (1993) formula uma proposta em que o aspecto nas enunciações é tratado linguisticamente, sob a ótica da composicionalidade e com um alto nível de detalhamento (o autor se refere à noção de granularidade: *fine-granulated*). Nesse sentido, tornam-se pontos relevantes para pensar o aspecto de forma composicional: a perspectiva da estrutura temporal das sentenças; o estudo da

quantificação múltipla para o tratamento dos NPs cuja interpretação pode abarcar tudo entre dois extremos – o extremo exclusivamente coletivo e o exclusivamente distributivo; e, por último, a relação entre a oposição terminativo/durativo com a oposição distributivo/coletivo. Com esse objetivo, o autor seleciona a gramática de Montague (1973), a lógica de tipos e a gramática gerativa como seus principais marcos teóricos.

4.1.2 O aparato teórico do modelo composicional de Verkuyl⁹⁵

Nossa pesquisa tem o olhar na ambiguidade aspectual entre situações télicas e atélicas e Verkuyl (1993) trabalha com essa dicotomia quando formula o Princípio Mais ou PLUG+ como parte de seu modelo teórico, uma vez que a Gramática PLUG foi desenvolvida considerando em sua computação os NPs sem marcação de tempo, ou seja, não quantizados, como, por exemplo, os plurais nus para a construção da aspectualidade terminativa. A gramática PLUG+ opera por meio de regras de estrutura sintagmática, conforme expõe Verkuyl (1993, p.350):

Regras da Estrutura Sintagmática da Gramática Plus+:

1. $S : \lambda I. [[NP]] (\lambda X. [[VP]](I)(X)) \leftarrow NP : [[NP]], VP : [[VP]]$
2. a. $VP : \lambda X. [[V_1]](X)$
 b. $VP : \lambda X. [[NP']](\lambda i \lambda Y. [[V_2]](I)(Y)(X)) \leftarrow V_2 : [[V_2]], NP' : [[NP']]$
3. $NP' : [[\Theta]]([[NP]]) \leftarrow \Theta : [[\Theta]], NP : [[NP]]$
4. $NP : [[DET^2]]([[N]]) \leftarrow DET^2 : [[DET^2]], N : ([[N]])$
5. $DET^2 : [[SPEC]]([[DET^1]]) \leftarrow SPEC : [[SPEC]], DET^1 : ([[DET^1]])$

Computação do Tempo e do PROG:

1. $S' : [[INFL]]([[S]]) \leftarrow INFL : [[INFL]], S : ([[S]])$
2. $S : [[PROG]]([[S]]) \leftarrow PROG : [[PROG]], S : ([[S]])$
3. $[[INFL]] = \lambda S \exists I \exists I_R [S(I) \wedge I = Ent + (I_R) \wedge Tense_\alpha(I_R)(i^*)]$

⁹⁵ Uma explicação bem detalhada do modelo de Verkuyl é encontrada em Wachowicz (2003).

4. $[[\text{PROG}]] = \lambda S \lambda J \exists J [S(J) \wedge J' \square J]$
 5. $[[\text{INFL}_{\text{hab}}]] = \lambda S \exists I \square I [I \in I \rightarrow \exists I_R [S(I) \wedge I = \text{Ent} + (I_R) \wedge \text{Tense}_a(I_R)(i^*)]]$

A Interpretação de Θ :

$$[[\Theta_{=}]] = \lambda NP \lambda W \exists R [NP(R) \wedge U_I W = R]$$

$$[[\Theta_{\subseteq}]] = \lambda NP \lambda W \exists R [NP(R) \wedge U_I W \subseteq R]$$

$$[[\Theta_{\square}]] = \lambda NP \lambda W \exists R [NP(R) \wedge U_I W \square R]$$

Computação do SPEC

$$[[\text{the}]] = \lambda D \lambda X \lambda P. [D(X \cap C)([[\text{thing}]] \wedge \exists Q \text{ps} X \ C [Q = P]_{X \cap C})]$$

$$[[\emptyset]] = \lambda D \lambda X \lambda P. \exists W [W \cap X \wedge D(X)(W) \wedge \exists Q \text{ps} W [Q = P]_X]$$

Computação do DET¹

$$[[\text{SG}]] = \lambda X \lambda Y. |X \cap Y| = 1$$

$$[[\text{PL}]] = \lambda X \lambda Y. |X \cap Y| > 1$$

$$[[n]] = \lambda X \lambda Y. |X \cap Y| = n$$

$$[[\text{most}]] = \lambda X \lambda Y. |X \cap Y| > 1/2 \cdot |X|$$

$$[[\text{several}]] = \lambda X \lambda Y. |X \cap Y| \geq 2$$

$$[[\text{INC}]] = \lambda X \lambda Y. |X \cap Y| = 0$$

Computação de V_1, V_2

$$[[V_0]] = \lambda I \lambda X \lambda i. [[V_0]](I)(i)(X) \quad \text{esquema inergativo}$$

$$= \lambda I \lambda X \lambda Y. [[V_0]](I)(i)(Y) \quad \text{esquema inacusativo}$$

$$= \lambda I \lambda X \lambda i \lambda Y. [[V_0]](I)(i)(Y)(X) \quad \text{esquema transitivo}$$

Uma vez referenciadas as regras de funcionamento da gramática PLUG+, para compreender como a proposta teórica é aplicada à estrutura linguística, é importante descrever um panorama simplificado do aparato básico da teoria de Verkuyl (1993) e de seu funcionamento. Nesse sentido, as ferramentas básicas da teoria são o traço $[\pm \text{ADD TO}]$, para o tratamento de verbos dinâmicos e durativos, e o traço $[\pm \text{SQA}]$ para dar conta dos sintagmas nominais com ou sem definição de quantidade. É na combinação desses traços, no âmbito do VP, que os valores durativo ou terminativo, ou télicos/atélicos, são determinados.

Portanto, a leitura aspectual de uma sentença pode ocorrer em dois diferentes níveis na derivação: o nível da aspectualidade interna (*inner aspectuality*), que abarca a estrutura argumental, em que os traços $[\pm\text{ADD TO}]$ e $[\pm\text{SQA}]$ se combinam, e o nível da aspectualidade externa (*outer aspectuality*), destinado às expressões adverbiais que operam aspectualmente sobre as sentenças. Em cada nível, há posições para a atuação de operações aspectuais: $\text{ASP}\alpha$, no âmbito da aspectualidade interna, faz o tratamento das informações aspectuais contidas nas marcas morfológicas presentes no verbo; enquanto $\text{ASP}\alpha'$, no escopo da aspectualidade externa, dá conta das operações aspectuais efetuadas pelas expressões adverbiais.

O funcionamento dessas ferramentas ocorre por meio das seguintes funções: a função ℓ une ao verbo $[\pm\text{ADD TO}]$ o argumento interno $[\pm\text{SQA}]$ para a constituição do VP; a função π une ao argumento externo $[\pm\text{SQA}]$ o VP constituído, mas nesse processo a função s fornece o sentido de progressão temporal aos verbos com expressão de mudança. Em seguida, entram em atuação as posições $\text{ASP}\alpha$ e $\text{ASP}\alpha'$ para lidar com os operadores aspectuais: $\text{ASP}\alpha$ é disponibilizado para os casos em que a morfologia verbal interfere no processamento aspectual do VP; e $\text{ASP}\alpha'$, no caso de haver comutação aspectual procedente de expressões adverbiais. Só então toda a estrutura sintática é delineada e são feitas as traduções semânticas baseadas em linguagem formal.

4.1.2.1 Aspectualidade interna

O $[\pm\text{SQA}]$ é um traço semântico que atende à necessidade de se considerar, no cômputo aspectual, NPs que carregam informação de cardinalidade dentro do VP ou na posição de sujeito. Para fazer a leitura composicional das informações aspectuais contidas nos NPs, a teoria dos conjuntos é o instrumento empregado para obter a tradução semântica, mas a tradução sintática, necessariamente, deve retratar a estruturação dos nomes e dos determinantes. Desse modo, na linguagem de tipos, o NP proposto por Verkuyl é representado na forma $\langle\langle\langle e,t\rangle,t\rangle,t\rangle$, porque a sua formulação considera:

- (i) o conjunto de indivíduos denotado por um nome comum (por exemplo, *child* ‘criança’;

- (ii) o conjunto do conjunto de indivíduos de um NP genérico do tipo *some child* ‘alguma criança’;
- (iii) o conjunto do conjunto do conjunto de indivíduos contendo a informação da cardinalidade do NP, cuja informação é dada acima de NP.

Empregando a estrutura do modelo X', um sintagma quantificado [\pm SQA] faz o tratamento do nome e do determinante de forma independente. A diferença entre [+SQA] e [-SQA] tem relação com a função ℓ , cujo papel é unir ao verbo o argumento interno. Se o valor desse traço for positivo [+], então o codomínio de ℓ é finito; mas, se for negativo [-], o codomínio de ℓ é não finito ou é indeterminado. Nesse sentido, Verkuyl explica que qualquer expressão nominal quantificada corresponde a um NP [+SQA], enquanto plurais nus e expressões nominais genéricas são exemplos de NPs [-SQA].

Portanto, a derivação de um sintagma quantificado apresenta a seguinte configuração: $[N_{\text{máx}}[\text{DET}^2[\text{SPEC DET}^1]][\text{N}'[\text{A}^*\text{N}^0]]]$, em que: N^0 corresponde à informação do nome (um conjunto de indivíduos), sem considerar os determinantes; A^* é a denotação do nome do nóculo; N' é a projeção de N^0 ; DET^1 carrega a informação cardinal do conjunto de conjuntos de indivíduo e é projetado para DET^2 ; SPEC de DET^1 traz uma informação referencial dêitica ou de (in)definitude; SPEC de DET^2 modifica DET^1 ; e, por fim, DET^2 (o conjunto determinante inteiro) retoma N^0 para encabeçar o nóculo mais alto da derivação NP.

O traço [\pm ADD TO] corresponde à abreviatura de *additive*, cuja noção envolve a progressão temporal das situações e se refere exclusivamente à informação lexical do verbo, sem qualquer flexão. Desse modo, os verbos contêm uma propriedade de aditividade para ser introduzida à sentença, quando os integrantes do VP entram em composição. Verkuyl (1999) esclarece que verbos com o traço [+ADD TO] expressam dinamicidade, progressão temporal, não estaticidade; logo, verbos com o traço [-ADD TO] são aqueles sem progressão temporal, como os estados. Mas convém fazer duas observações: a primeira refere-se ao fato de os verbos acompanhados de advérbios de negação como *not drink* ‘não beber’, *not walk* ‘não andar’ e etc serem considerados [-ADD TO]; a segunda é a recomendação do próprio autor de os valores [+ADD TO] e [-

ADD TO] não serem tomados em absoluta oposição, diante da possibilidade de uma perspectiva escalar.⁹⁶

A postulação desse traço é feita junto com uma crítica às ideias de homogeneidade e de heterogeneidade empregadas para caracterizar o tempo em eventualidades durativas e terminativas, adotadas pelas teorias de intervalos de tempo. Como no contexto de composicionalidade proposto por Verkuyl (1993), um verbo é apenas um dos componentes de tessitura da leitura aspectual, não é concebível que o sintagma verbal, enquanto item lexical, a defina. Segundo o autor, essas propriedades são informações particulares dos verbos e a interpretação durativo/terminativo é resultado da combinação da denotação verbal [\pm ADD TO] com a denotação nominal [\pm SQA].

Em vista disso, Verkuyl (1993) defende que as propriedades homogeneidade/heterogeneidade precisam ser tratadas matematicamente, levando em conta os constituintes da estrutura argumental.⁹⁷ Os traços [\pm SQA] e [\pm ADD TO] carregam o conteúdo semântico e codificam os constituintes de uma sentença para interpretar a leitura aspectual da estrutura argumental, por meio de três funções. Para descrevê-las, trazemos abaixo outras denotações presentes na teoria:

⁹⁶ Quanto a essa posição do autor, conferir a análise da teoria de Verkuyl realizada por Wachowicz (2003).

⁹⁷ Verkuyl é adepto das teorias localistas (cf. Jackendoff, 1991), cuja prática é traduzir as leituras aspectuais nos mesmos moldes de uma construção locativa. Essa linha entende que cada etapa de uma trajetória deve ser considerada uma subunidade (um índice) espaço-temporal da unidade maior, que é a denotação de uma sentença que contenha o sentido de direção, a qual por sua vez corresponde a um conjunto de índices. A transposição dessa noção é feita para o tratamento da expressão do tempo nos verbos.

i	Unidade de tempo de um intervalo de tempo. É representada pelos números reais R.
I	Conjunto de números naturais N com todos os índices i de um intervalo de tempo. Está presente na denotação do verbo e na função ℓ . A reunião de ambos denota as mudanças de leitura temporal da sentença.
p	Posição de um indivíduo, informação dada pelo NP do argumento interno ou externo.
D _L	Conjunto das posições ocupadas pelos indivíduos em seus respectivos índices.
x	Refere-se à informação dada pelo argumento externo.

Tabela 4 Denotações adicionais que compõem o maquinário teórico de Verkuyl (1999)

Se os verbos [+ADD TO] carregam em si a noção de progressão ou de mudança temporal, cada traço unitário nesse intervalo de tempo é considerado único **índice i**, de modo que os verbos com esse traço possuem na verdade N índices i, ou seja, um **conjunto I de índices i**, ou um conjunto I de números naturais, os quais correspondem aos pontos finais dos intervalos em R (o conjunto de números reais).

A **função sucessora s** ou **succ** age sobre o verbo, provendo o sentido de progressão temporal necessário à definição do traço [+ADD TO]. Logo, a **função s: I → I** é dominante sobre **I: $\forall k \in I: s(k) = k + 1$** e estabelece a ligação entre I e Iv, de maneira que **Iv → Iv** e **para todo $\forall k \in N: succ((0, k)) = (0, s(k))$** . Mas, ao conter em si elementos de progressão temporal, a função s é aplicada apenas aos verbos [+ADD TO], mas não se aplica aos verbos [-ADD TO], por serem estes desprovidos de constituição temporal.

Como s também carrega um conjunto I de índices i referentes a intervalos de tempo, quando o argumento externo é trazido pela **função π** para ser unido ao VP, então se juntam os dois conjuntos I de índices i. Consequentemente, na leitura composicional do aspecto, a informação básica do verbo depende, na verdade, da possibilidade de mudança no tempo que é trazida pela função s em associação com o traço [\pm ADD TO].

A **função ℓ** é função amálgama ou **função PATH** – essa função agrega o NP argumento interno ao verbo para a construção do VP, seu âmbito de atuação. Por isso, essa função incorpora as informações aspectuais durativo/terminativo resultantes da associação de [\pm SQA] com [\pm ADDTO]. Portanto, o domínio de atuação da função ℓ

é o conjunto de índices I presente na denotação do verbo, mas também codomina o conjunto de posições D_L dos indivíduos. Essa função também pode estar relacionada a um DP argumento externo, há então um ℓ_x (uma função PATH de x), que toma o conjunto de índices I informado da denotação desse NP sujeito, para resultar num outro conjunto de posições D_L .

Na prática, essa descrição pode ser exemplificada pela sentença “Geraldo fez quatro bacias de pipoca.”, em que a informação do NP quantitativo no plural (um indivíduo plural), “quatro bacias de pipoca”, é tratada cumulativamente, de forma que esse NP é representado como contendo 4 (quatro) subconjuntos ou 4 (quatro) partes atômicas (isoladas). Cada parte é submetida a uma operação matemática de união (de dois em dois), até que seja realizada a última soma, obtendo-se uma soma total. Dessa forma, são tratadas ambiguidades relativas à distribuição de NPs no quantitativo plural. Trata-se de um procedimento matemático com condições de traduzir o verdadeiro sentido temporal e distributivo da sentença.

A **função π** , ou **função de participância**, parte do argumento externo e retoma o VP para a formação da sentença S. Como π sai do argumento externo, conseqüentemente, carrega informações semânticas de outra natureza, como leituras distributivas ou coletivas, que são fornecidas pelo NP sujeito. O domínio de π , portanto, é a denotação do argumento externo, e seu codomínio é ℓ_x , que indica a relação entre os índices do verbo e as posições ocupadas pelos indivíduos presentes no NP argumento externo, também representada pelo conjunto de pares ordenados $\langle i, p \rangle$.

Esses conceitos e suas aplicações estão representados na derivação ilustrada abaixo:

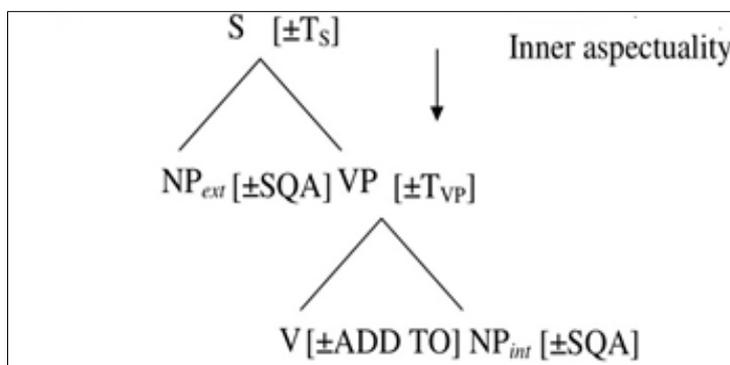
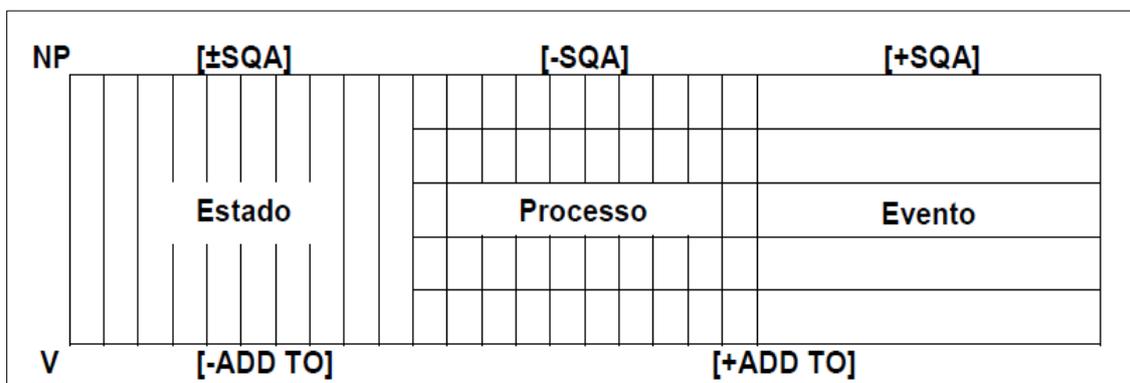


Figura 5 Estrutura básica do cálculo aspectual na estrutura argumental (Verkuyl, 1993)

Na figura 6, T designa o valor terminativo/durativo do cálculo aspectual dos elementos da estrutura interna do VP. Sendo assim, $[\pm T]$ indica o valor aspectual a ser definido na estrutura S e $[\pm T]_{VP}$ representa as leituras aspectuais possíveis dentro do VP (*VP-aspectuality*). Portanto, o VP é terminativo $[+T_{VP}]$ se o NP interno for $[+SQA]$; mas é durativo $[-T_{VP}]$ na composição com qualquer NP $[-SQA]$.

Esse conjunto de informações do sistema composicional remete às críticas feitas por Verkuyl à proposição ontológica das classes aspectuais de Vendler (1967). Como comprovação de seus argumentos, ele elabora uma tabela de classes aspectuais interpretadas segundo a interação da estrutura temporal (verbos $[\pm ADD TO]$) com a



estrutura atemporal (NPs $[\pm SQA]$):

Figura 6 Estados, Processos e Eventos construídos pela combinação das informações do verbo com as informações semânticas expressas pelos seus NPs argumentos. Adaptada de Verkuyl (1999).

Essa representação mostra que a estruturação aspectual das eventualidades é composta de uma tripartição: uma bipartição lexical contendo os traços $[-ADD TO]$ (estado) e $[+ADD TO]$ (mudança); uma bipartição estrutural com os valores aspectuais durativo (estado e processo) e terminativo (evento); e uma tripartição ontológica em referência aos estados, processos e eventos, resultante da interação entre esses constituintes lexicais.⁹⁸

⁹⁸ Verkuyl (1993) não elabora o tratamento completo quanto à distribuição e à coletividade em sentenças com verbos estativos, mas em (1999) assume intuitivamente a ideia de que, nesses casos, deve-se trabalhar com uma noção derivada de PATH compactada para apenas um par, como demonstrado aqui ou abrangendo modelos indexados cujos índices fornecem o input da função-ℓ.

Como é da combinação dos traços dos constituintes lexicais $[\pm SQA]$ e dos verbos $[\pm ADD TO]$, realizada pelos constituintes funcionais ℓ e π , há como distinguir as sentenças, como exemplifica Wachowicz (2003), entre os valores durativo e terminativo. A fórmula para a obtenção dessa informação pode ser descrita assim:

“In order for a sentence of the form NP[VP V NP] to express terminative aspectuality, the V and its argument NPs must have only positive features. For the NP this is [+SQA], which stands for ‘Specified Quantity of A’; for the V the positive feature is [+ADD TO]. The presence of one negative feature is sufficient to bring about durative aspectuality (Vekuyl, 1999, p. 87).⁹⁹

Assim, como já foi mencionado com relação à figura 6 acima, o VP é terminativo $[+T_{VP}]$, se o NP interno for $[+SQA]$, e é durativo $[-T_{VP}]$ em sentenças com NPs $[-SQA]$. As sentenças abaixo dão maior visibilidade à aplicação desse princípio:

a.	Mary	ate	three sandwiches.	\Rightarrow valor terminativo
	$[+T_s]$	$[+SQA]$	$[+T_{VP}]$	$[+ADDTO]$ $[+SQA]$
b.	Nobody	ate	three sandwiches.	\Rightarrow valor durativo
	$[-T_s]$	$[-SQA]$	$[+T_{VP}]$	$[+ADDTO]$ $[+SQA]$
c.	Mary	ate	sandwiches.	\Rightarrow valor durativo
	$[-T_s]$	$[+SQA]$	$[-T_{VP}]$	$[+ADDTO]$ $[-SQA]$
d.	Mary	hates	three sandwiches.	\Rightarrow valor durativo
	$[-T_s]$	$[+SQA]$	$[-T_{VP}]$	$[-ADDTO]$ $[+SQA]$

Figura 7: Combinações básicas do cálculo aspectual no âmbito da aspectualidade interna (Vekuyl, 1999, p. 18)

⁹⁹ “Para que uma sentença na forma NP [VP V NP] exprima a aspecto terminativo, o V e seus argumentos NPs devem possuir apenas traços positivos, ou seja, NP [+ SQA], que significa "Quantidade Especificada de A"; e V [+ ADD TO]. A presença de um traço negativo é suficiente para produzir aspectualidade durativa.” (tradução livre)

Convém ressaltar ainda que essas estruturas podem conter informação aspectual nos afixos verbais, cuja presença define a leitura aspectual, como no caso das línguas eslavas, e as leituras perfectiva ou imperfectiva, referenciadas no Capítulo 2. As marcas de morfologia verbal agem sobre o sistema verbal e entram no cômputo aspectual junto com as informações dos NPs [\pm SQA]. Mas, como a morfologia verbal pode operar sobre um VP não flexionado, Verkuyl (1999) postula $ASP\alpha$ como operador sobre os constituintes internos ao VP, a fim de atender os dados linguísticos dessa natureza. A variável α de AsP disponibiliza valores aspectuais representados por \subset , \subseteq ou $=$, que se referem, respectivamente, a valores aspectuais como durativo ou imperfectivo, perfectivo e equivalente.

4.1.2.2 Aspectualidade externa

Na seção anterior, apresentamos como funciona a leitura composicional do aspecto na estrutura argumental, o nível de leitura da aspectualidade interna (*inner aspectuality*). O tratamento composicional da aspectualidade no nível da aspectualidade externa (*outer aspectuality*) interessa ao estudo das situações com ambiguidades aspectuais quanto à ancoragem temporal das sentenças, uma vez que é nesse domínio que são computadas as expressões adverbiais aspectuais. No entanto, ressaltamos que Verkuyl (1993, 1999) não se deteve em descrever minuciosamente o tratamento dessas informações aspectuais nesse domínio em particular.

O nível da aspectualidade externa não tem qualquer relação com os constituintes partícipes da composição aspectual realizada sob o escopo de $ASP\alpha$. Os dados tratados por Verkuyl (1993) nesse nível da derivação se referem a sentenças que, após o cômputo aspectual completo no âmbito da aspectualidade interna, têm o seu valor aspectual terminativo/durativo definido, mas sofrem alteração aspectual na presença de expressões adverbiais. A formulação desse segundo nível envolve a ideia de que, pelas informações contidas na aspectualidade externa, podem-se promover operações de quantificação no nível da aspectualidade interna.

Sendo assim, a variável α' de $ASP\alpha'$ pode abarcar variações matemáticas que representam valores aspectuais distintos: $\alpha'=n$ (valor iterativo); $\alpha'=1$ (valor episódico); $\alpha'>1$ (valor habitual); e $\alpha' \geq 1$ (ambiguidades). Observamos, então, que o

constituente do aspecto externo, na verdade, tem o poder de eliminar o ponto final das eventualidades, redefinindo o valor aspectual ou deixando-o em aberto. Nesse nível, Verkuyl (1993) explora principalmente as comutações aspectuais que resultam em valor habitual, por considerar a habitualidade um tipo de operador que atua no valor de um predicado télico. A seguir, exemplificamos algumas das possibilidades descritas acima:

- (157) a. Geraldo correu no parque da cidade. (télico/ episódico/ aspectualidade interna)
 b. Geraldo sempre correu no parque da cidade.
 (atélico/habitual/aspectualidade externa)
- (158) a. Nair espirrou. (télico/pontual/episódico/aspectualidade interna)
 b. Nair espirrou por 1h todos os dias. (atélico/iterativo/ aspectualidade externa)
- (159) a. Ele está sendo antipático. (atélico/semelfactivo/aspectualidade interna)
 b. Ele está sendo antipático desde que chegou
 (atélico/iterativo/aspectualidade externa)

Nos exemplos acima, observamos que, além da definição quanto ao telos das situações, no âmbito da aspectualidade interna, as informações contidas em [\pm ADD TO] e [\pm SQA] oferecem a possibilidade de leituras que extrapolam esses valores. Talvez sejam considerados secundários os valores episódico, iterativo, ou semelfactivo, mas são reconhecidos na estrutura proposta. O dado (157a,b) no progressivo, não sofre mudança aspectual em relação ao ponto final do evento, até porque se trata de uma estrutura progressiva, que remete a um estado processual. Mas a aspectualidade externa age sobre ele, transformando um valor aspectual semelfactivo em iterativo.¹⁰⁰

O problema aspectual se apresenta quando os valores aspectuais télico/atélico estão presentes simultaneamente, independentemente dos níveis de leitura aspectual propostos por Verkuyl (1993). É o que ocorre principalmente com estruturas progressivas, como “Os atletas estão treinando (no parque)” ou “Estou escrevendo uma

¹⁰⁰ Cf. Wachowicz (2003, p.137)

coluna para o jornal”. Nesses casos, há necessidade de contexto extralinguístico para a desambiguação das sentenças.¹⁰¹

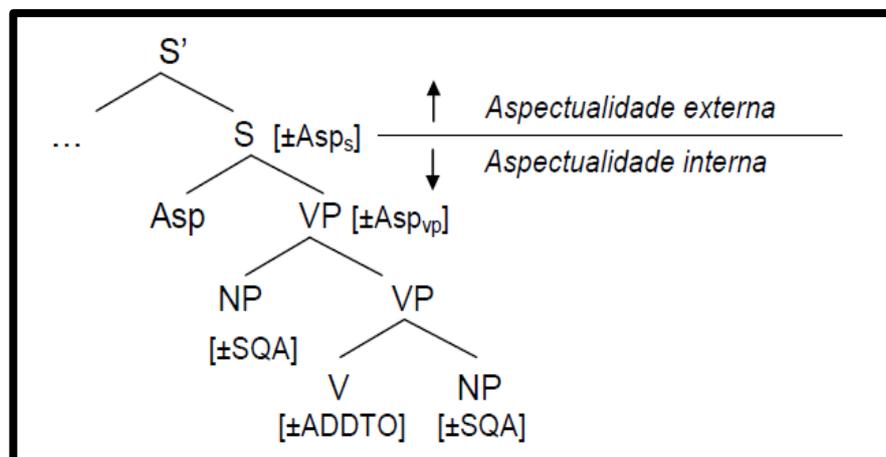


Figura 8 Representação arbórea: aspectualidade interna e aspectualidade externa (Verkuyl 2002, p.202)

4.2 Contexto e Aspecto

É importante lembrar que Verkuyl (1993) pensa o aspecto de forma particular, em termos de “perspectiva”, no sentido de o falante ter o poder de escolher qual o tipo de estrutura temporal da sentença. Mas ele ressalta que a noção de aspecto vinculada à marcação aspectual nas línguas eslavas, na forma do aspecto perfectivo/imperfectivo, precisa ser expandida e se tornar mais concreta sob a ótica da categoria aspectualidade, no sentido de que, ao empregar uma sentença na forma terminativa, o falante sinaliza querer lidar com uma informação em um nível extensional, porque é dependente do contexto. Logo, a perspectiva de que fala o autor não se refere ao aspecto ‘de ponto de vista’ na ótica subjetiva, nem a uma situação

¹⁰¹ A expressão “contexto” empregada por Verkuyl em seus textos não traz a especificação sobre ser linguístico ou extralinguístico. Geralmente o autor a emprega de forma inespecífica, fazendo depois posteriormente alguma observação sobre o tipo de leitura esperada, se terminativa ou durativa. De toda sorte muitos dos seus exemplos contêm quantificadores temporais, mas anda assim as sentenças podem apresentar dupla leitura, sendo necessário o esclarecimento do autor quanto ao tipo exemplificado ou representado.

momentânea no contexto linguístico ou extralinguístico, mas envolve, além dessas noções, o contexto histórico e sociocultural do falante.¹⁰²

Questionando-se se o aspecto seria uma forma de organizar linguisticamente a realidade, e se a linguagem proveria “chaves” para mostrar na forma de quais categorias temporais um falante gostaria de falar, em que domínio do discurso isso ocorreria, e ainda qual o nível de abstração desejado, o autor conclui que os falantes empregam a combinação de NPs [\pm SQA] e verbos [\pm ADD TO], escolhendo se querem indicar eventos terminativos, ou processos, ou estados, conforme já nos referimos anteriormente, a proposta de Verkuyl (1993), para traduzir esse conjunto de informações, é associar aspecto ao conceito de índices (entidades semânticas). Esses índices interpretam a perspectiva do falante, e dependem de outras unidades semânticas, como vimos na seção 4.2.1. Sob esse ponto de vista, o autor explica que, no momento em que uma sentença precisa de um índice para expressar aspecto terminativo ou durativo, a *perspectiva*, no sentido de aspecto, é determinada. Na combinação desses índices está a construção semântica composicional de valores aspectuais, dos menores aos maiores constituintes de uma sentença.

Conforme vimos em Verkuyl (1993), há duas projeções para o tratamento do aspecto: a projeção de aspecto interno ASP_{α} (noVP) e a do aspecto externo ASP_{α}' (em S). Associada a essas projeções está a noção de telicidade, que envolve definição temporal e é estabelecida nos limites de ASP_{α} , no entanto é anulada com um operador aspectual adverbial em ASP_{α}' . O pressuposto em Verkuyl de que os limites de tempo dos eventos são codificados sintaticamente nas línguas naturais é compartilhado por diversas pesquisas como Travis (2010), Ramchand (2008), Wachowicz (2003), Tenny (2003) (Slabakova 2001) entre outros.

Verkuyl (1993) considera que o aspecto de ponto de vista é processado em INFL, um operador aspectual na camada flexional da sentença e que, portanto, faz o tratamento das informações aspectuais produzidas pelo contexto, como as representações da leitura habitual.¹⁰³ Portanto, encontra-se na posição mais alta na derivação estruturada pelo autor: $INFL (ASP_{\alpha}'(ASP_{\alpha}(VP)))$ Conforme a atuação das operações aspectuais que vimos anteriormente, essa estrutura indica que ASP_{α} processa

¹⁰² Cf. Verkuyl (1999, p. 203) e Wachowicz (2003, p.105).

¹⁰³ Sempre convém lembrar que a ideia de contexto, em Verkuyl (1993) é difusa e compreende no máximo alguma expressão adverbial subentendida como “sempre” ou “todas as vezes”

as informações aspectuais qualitativas do VP, em seguida ASP_{α}' faz o tratamento das informações quantitativas da sentença e, na sequência, INFL interpreta as informações temporais e contextuais. Nesse sentido, no *input* de uma estrutura, esses operadores atuam sobre ela, de modo que as informações semânticas são entregues no seu *output*, tendo havido alteração da estrutura anterior

Mas a leitura habitual de uma sentença, que permite as duas leituras, é codificada por um operador específico, uma variação de INFL \rightarrow INFL_{hab}, cuja configuração é INFL_{hab}(ASP α' (ASP α)). Esse é o caso do dado (160) abaixo, em que é possível ser feita uma leitura episódica, como também leitura habitual, no sentido de Mary ter tido sempre o hábito de ir andando para a escola. Verkuyl (1993), quanto a esse dado, assume que, embora não haja expressão adverbial explícita, haverá informações em um dos domínios aspectuais, as quais serão relacionadas a como a sentença pode ser compreendida. Segundo ele, o ideal para essa análise seria que as duas interpretações tivessem a mesma representação, por meio da aplicação da quantificação universal ao conjunto de índices i associados a S, mas sem considerar qualquer tipo de conjugação temporal.¹⁰⁴

(160) *Mary walked to school.*

(Verkuyl, 1999, p.137)

Dessa forma, na leitura episódica, a cardinalidade de I_c é 1, enquanto na leitura habitual, com advérbio subentendido como, por exemplo, “sempre” é ≥ 1 . A leitura habitual será representada com a existência de um conjunto contextualmente determinado (hábito), tal que todos os membros de i , estejam associados à expressão “ir andando”, sem referência a tempo, de modo que todos os i do conjunto de I possuem o mesmo intervalo.

A partir dessas informações, podemos retomar alguns dados do Capítulo 3, referentes aos tempos verbais que selecionamos, para aplicá-los à teoria de Verkuyl, voltando às regras da Gramática PLUS+. Mas vamos nos ater por hora aos tempos simples do indicativo, presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito. A sentença com dupla interpretação em (127), que reescrevemos abaixo (161) seria tratada conforme

¹⁰⁴ Wachowicz (2003, p. 104) considera que essa percepção de advérbio subentendido é o máximo a que a formulação de Verkuyl pode admitir.

(160), considerando a proposta de Verkuyl de representar ambas as leituras da mesma forma, porém elas apenas se diferenciariam no momento da representação da cardinalidade ou do operador aspectual $INFL_{hab}$.

- (161) a. Os alemães lideram as corridas = os alemães estão em primeiro lugar
 b. Os alemães lideram as corridas. = os alemães chegam em primeiro lugar

Já em (162) e (163), respectivamente (148) e (155) no terceiro capítulo, os dados contêm expressões adverbiais identificadas no contexto linguístico, mostrando que uma mudança aspectual pode ser realizada no domínio do aspecto externo sobre o domínio do aspecto interno. Nesses casos, as leituras habituais se darão por meio do operador $INFL_{hab}$, enquanto as leituras terminativas são tratadas no âmbito do VP.

- (162) a. Anita lia um livro há 1 minuto (e foi caminhar no parque)
 b. Anita lia um livro em dois dias (e passava para o próximo)

- (163) a. Eu bebi deste café. (ontem/ às 10h)
 b. Eu bebi deste café a vida inteira. (em 2014)

Não trouxemos para esta seção exemplos dos tempos verbais no progressivo, como o presente e o imperfeito, porque foram tema de investigação de Wachowicz (2003), cujo estudo será relatado na seção a seguir.

4.2.1 O aspecto contextual: uma extensão à teoria de Verkuyl

Wachowicz (2003), analisando as sentenças no progressivo imperfeito do PB, na segunda a proposta teórica de Verkuyl (1993), também assume como pressupostos: o aspecto, em termos de *perspectiva*/‘ponto de vista,’ é uma entidade linguística como qualquer outra sujeita à interpretação; o aspecto representa a perspectiva da sentença, está ligado a uma noção pragmática e sócio-histórica de contexto do falante; várias leituras aspectuais estão condicionadas à sentença, de modo que a teoria dos intervalos de tempo ou a construção temporal reichenbachiana precisa

ser considerada na teoria aspectual, mas essas leituras não podem ser determinadas exclusivamente pelo verbo; todos os constituintes da sentença precisam ser considerados na leitura aspectual da sentença. Em vista disso, Wachowicz (2003, p. 67) estabelece como definição de aspecto “*a perspectiva a partir da qual se estrutura o tempo; sua leitura, de vários níveis, tem natureza composicional.*”

Para a sua análise, a autora utiliza a base de dados VARSUL, cujo resultado encontra-se na tabela a seguir:

Aspectualidade interna: sentenças intransitivas		
Observações	Traço de verbo	Valor aspectual
	–ADD TO	Permansivo
	+ADD TO	episódico ou habitual
Intransitiva (como Transitiva)	–ADD TO	episódico ou habitual
Aspectualidade externa: sentenças intransitivas		
Alguns advérbios modificam o valor aspectual (episódico ↔ habitual). Há também restrições que só são licenciadas se forem desenvolvidas situações contextuais específicas.		
Aspectualidade interna: sentenças transitivas		
Observações	Traço do verbo	Valor aspectual
	–ADD TO	NP argumento interno +SQA ou –SQA: Permansivo
	+ADD TO	NP +SQA, valor: - episódico, cardinalidade = 1 - iterativo ou episódico, cardinalidade ≥ 1
		NP –SQA, valor episódico ou habitual ¹⁰⁵
Aspectualidade externa: sentenças transitivas		
Alguns advérbios podem modificar o valor aspectual, mas, novamente, as restrições só são licenciadas por situações contextuais específicas.		

Tabela 5: Análise de dados do banco VARSUL (adaptada de Wachowicz, 2003, p. 105)

No entanto, em sentenças no progressivo em PB cuja interpretação depende de contexto, Wachowicz destaca que o operador INFL não pode carregar informação semântica aspectual apenas temporal. A diferença encontra-se na seleção dos dados,

¹⁰⁵ A proposta de Wachowicz (2003, p. 106) é que “essas variações entram na derivação sintática através de subespecificações dos traços $[\pm T]:[\pm Tp]$ (permansivo), $[\pm Te]$ (episódico), $[\pm Ti]$ (iterativo) e $[\pm Th]$ (habitual).”

porque a composição do progressivo em inglês é feita com o verbo auxiliar *to be*, que, segundo o autor, pode incorporar valor habitual e ser interpretado em $INFL_{hab}$, lugar de quantificação universal do tempo. Mas, como em PB, o INFL corresponde à posição do verbo auxiliar *estar*, que não traz informações aspectuais, a possibilidade de variação para $INFL_{hab}$ não pode ser considerada e, por isso, leituras aspectuais promovidas pelo contexto precisam de outro tipo de tratamento formal.

Uma das questões que Wachowicz apresenta é que o Princípio Mais foi elaborado, pensando nem sentenças com verbos plenos, e Verkuyl não testou sua hipótese em perífrases verbais. Portanto, para a aplicação da teoria ao progressivo do PB, a autora considera que o verbo *estar* não possui relevância aspectual, mas a natureza lexical do verbo no gerúndio se destaca quanto à informação aspectual. Nesse caso, o traço $[\pm ADD TO]$ é atribuído a toda perífrase. A autora exemplifica essa questão em (157), mostrando como é feita a computação de traços em uma sentença no progressivo com as características descritas: o verbo pleno *comer* é $[+ADD TO]$ e o verbo *estar*, no caso do progressivo, passa a ser uma das realizações sintático-morfológicas do operador INFL. Abaixo do dado, encontra-se a estrutura montada pela autora, onde se pode verificar o posicionamento do auxiliar *estar*:

- (164) *Maria estava comendo sanduíches.* \Rightarrow valor durativo
 $[-T_s \ [+SQA \ [-T_{vp} \ [+ADDTO] \ [-SQA]]]$

(Wachowicz, 2003, p.98)

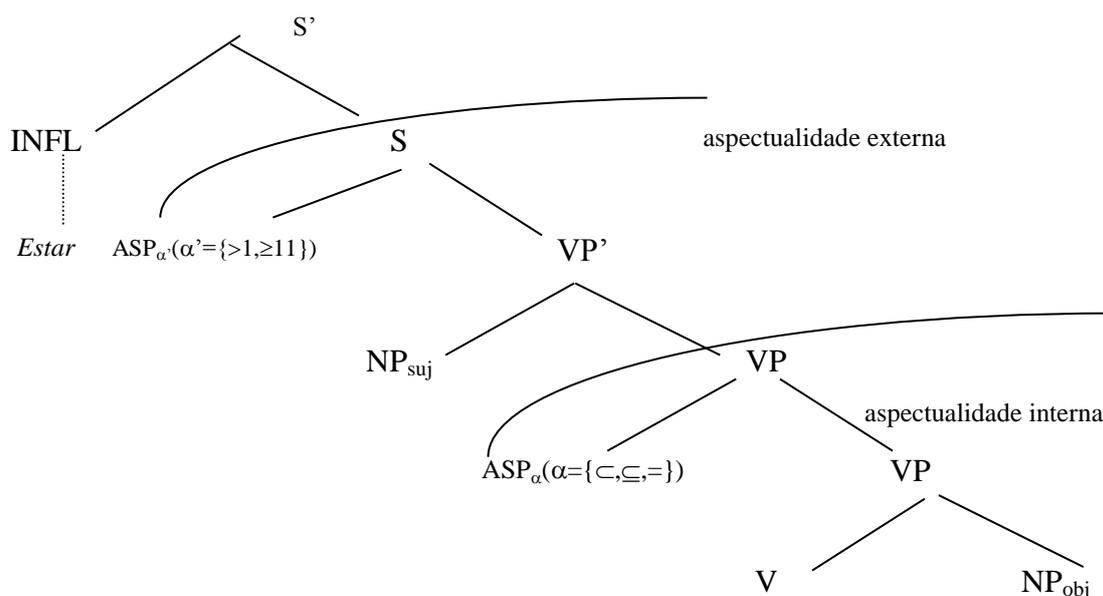


Figura 9 Árvore sintática Verkuyl (1993, adaptada por Wachowicz (2003)

Mas além de prever a estrutura para o progressivo no PB, Wachowicz também repensa o sistema de checagem de traços da teoria e conclui ser necessária a checagem de traços do valor de uma sentença com o progressivo imperfeito comparando-a com a checagem de traços da sentença que lhe é correspondente na forma verbal simples do passado perfeito. Por meio da dependência entre esses tempos verbais é possível explicar a relação entre o verbo *comeu* e a sua perífrase *estava comendo*. Na exposição dessa relação, ela prova que o verbo auxiliar *estar* não carrega traço [\pm ADD TO] e prossegue nos testes para concluir que, quanto ao valor durativo (-T_s), o Princípio Mais se adequa a dados como (165) e (166), cujos verbos são [-ADD TO].

(165) João *está vivendo.* \Rightarrow valor durativo
 [-T_s [+SQA [-T_{vp} [-ADD TO]]

(166) *A professora está sabendo duas lições.* \Rightarrow valor durativo
 [-T_s [+SQA [-T_{vp} [-ADD TO] [+SQA]]]

(Wachowics, 2003, p. 99)

Mas o contrário ocorre com os dados abaixo, por meio dos quais a autora mostra que a checagem de traços do valor durativo encontra dificuldade de adequação à proposição de Verkuyl (1999). Em (167), a estrutura intransitiva possui argumento externo NP [+SQA] e perífrase verbal [+ADD TO] com valores positivos, mas o valor aspectual é durativo, contrariando o Princípio Mais. As estruturas transitivas em (167) e (168) também possuem valor durativo, apesar de os constituintes serem todos positivos, assim como em (169), que também é durativa, mas com estrutura no progressivo:

(167) João *está dirigindo.* \Rightarrow valor durativo
 [-T_s [+SQA [-T_{vp} [+ADD TO]]]

(168) Marta *está comprando uma blusa.* \Rightarrow valor durativo
 [-T_s [+SQA [-T_{vp} [+ADD TO] [+SQA]]]

(169) João *está estacionando cinco carros.* \Rightarrow valor durativo
 [-T_s [+SQA [-T_{vp} [+ADD TO] [+SQA]]]

(Wachowicz, 2003, p. 101)

Segundo Wachowicz (2003), os casos acima contrariam as previsões quanto à leitura aspectual das sentenças, porque a flexão *-ndo* do verbo principal possui papel dominante para leitura durativa. Isso ocorre em virtude de no PB essa perífrase consistir em uma derivação de dois verbos plenos; logo, o progressivo em PB se trata de morfologia verbal, o que não ocorre com o inglês, cuja perífrase do progressivo *-ing* é nominal. Portanto, a determinação do valor aspectual da sentença no PB se dará independentemente do sistema de traços Princípio do Mais. Em vista disso, a proposta de Wachowicz é que a flexão *-ndo* seja acomodada como operador $ASP\alpha$ na camada do aspecto interno, e a aspectualidade externa se mantenha na configuração da proposta de Verkuyl (1993), em $ASP\alpha'$, posição em que são codificadas as leituras aspectuais produzidas pelas expressões adverbiais aspectuais.

Porém ainda há um problema apresentado no dado (170), que representa as sentenças ambíguas entre os valores episódico e habitual na composição com verbos [+ADD TO]. Nesse caso, a definição aspectual só pode ser resolvida pelo contexto extralinguístico, uma vez que a perspectiva/aspecto está vinculada(o) à escolha do falante ao construir a sentença.

(170) *As crianças estão brincando.*

(Wachowicz, 2003, p. 129)

Para acomodar a ambiguidade aspectual dessa sentença, Wachowicz (2003) propõe que a atuação do contexto sobre essa eventualidade seja o último nível de leitura aspectual, somado aos níveis da aspectualidade interna e externa de Verkuyl (1993), conforme a estruturação abaixo construída pela autora:

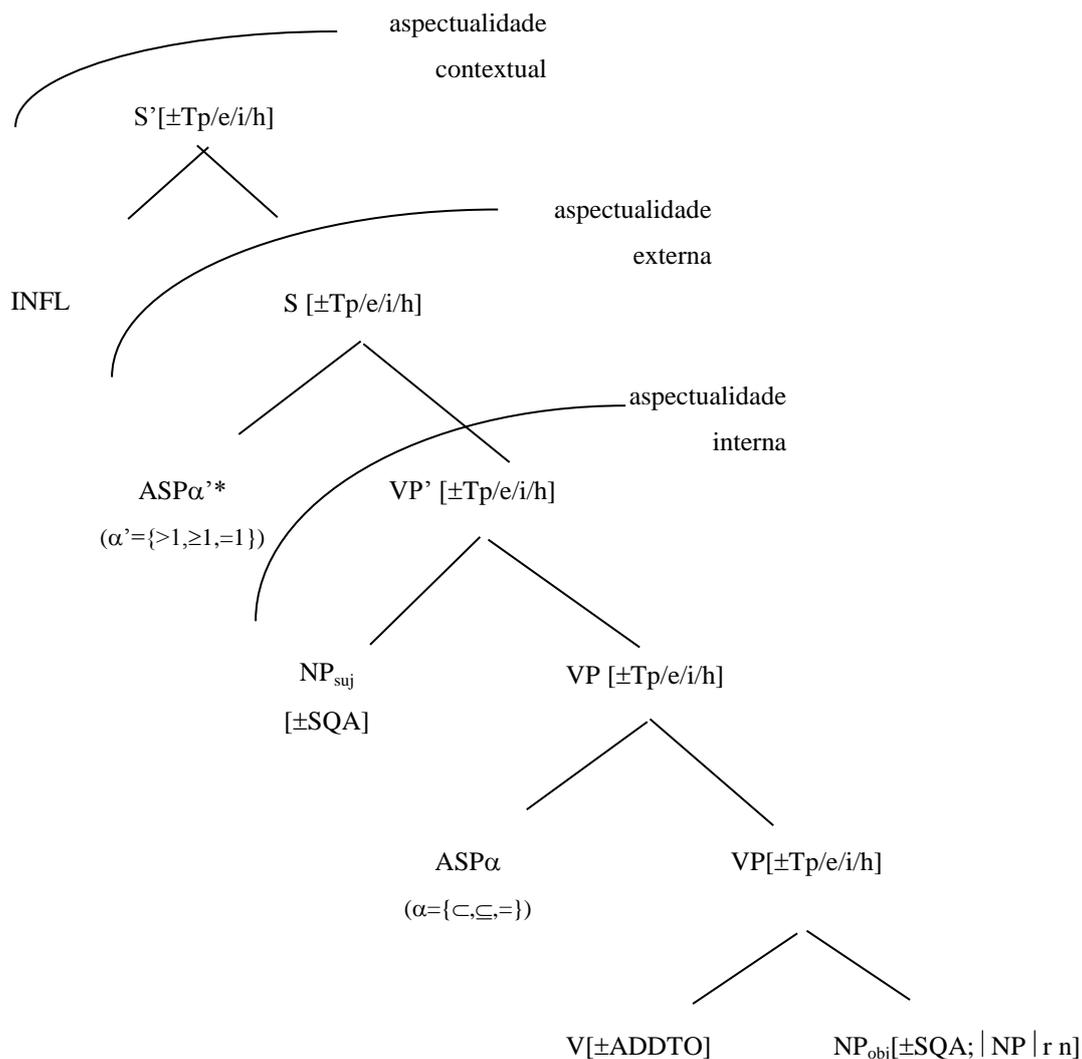


Figura 10 Proposta de aspectualidade contextual à teoria de Verkuyl (Wachowicz, 2003)

Como podemos observar na figura 11, Wachowicz (2003) posiciona o aspecto contextual sob o escopo do operador INFL, acima do aspecto externo. A camada do aspecto externo assume uma posição intermediária na estrutura e continua fora do domínio do VP e a camada do aspecto interno permanece na posição em que estava. Os valores aspectuais quantitativos são codificados na aspectualidade interna, enquanto os valores resultantes de modificações adverbiais são contabilizados na aspectualidade externa e, por fim, os valores que resultam de contexto extralinguístico são processados na camada mais alta.

4.3 *Síntese do Capítulo*

A exposição teórica neste capítulo corresponde a alguns objetivos traçados nesta pesquisa. Dada a importância da aplicação do conceito de composicionalidade para a distinção de valores aspectuais em sentenças que podem apresentar ambiguidade (a)télica, lidar com a desambiguação aspectual em contexto é uma necessidade, como se pôde verificar nos dados apresentados no Capítulo 3. Nesse sentido retomamos os estudos de Verkuyl (1993) e Wachowicz (2003), cujas proposições são ponto de referência do tratamento do contexto em estruturas formais. Esmiuçar os postulados de cada um desses autores abre novas fronteiras de significação, como o conceito de aspecto composicional assumido por Verkuyl, ao mesmo tempo em que mostra que teorizações realizadas no âmbito do aspecto lexical precisam ser resgatadas para compor a análise aspectual, nos termos propostos por Verkuyl. Dessa forma verificamos entre os princípios adotados por Wachowicz, a teoria dos intervalos de tempo sendo um dos elementos de composição empregados em sua argumentação.

Na investigação desses dois autores, fica claro que o problema de ambiguidade aspectual (a)télico é resolvido nas camadas mais altas da derivação. Verkuyl (1993) considera o âmbito da aspectualidade interna o lugar da marcação da telicidade, tanto que no nível acima, a aspectualidade externa, dão-se as alterações aspectuais na direção da duratividade. A noção de Verkuyl para codificação da telicidade em contexto, no domínio de INFL representa uma dificuldade para tratar estruturas em que a combinação de verbos e nomes com traços positivos permanece produzindo leitura durativa. A proposição de Wachowicz (2003) quanto a um terceiro nível para processamento do aspecto pode resolver tais problemas no escopo da teoria de Verkuyl, mas a ausência de uma estrutura sintagmática completa limita as possibilidades de análise desse tipo de dado. No entanto, sobre essa última observação, convém ressaltar que a própria Wachowicz (2003) já havia alertado em seu texto que a simples aplicação da teoria de Verkuyl à análise das estruturas progressivas restringiria à pesquisa exclusivamente ao campo do aspecto.

CAPÍTULO 5

Proposta: a relação entre aspecto e modalidade para o tratamento da ambiguidade télico/atélico

Nos capítulos 2 e 3, exploramos dados no PB e em outras línguas para mostrar que nem o aspecto lexical, nem o gramatical, nem os tempos verbais são elementos absolutamente determinantes para a natureza aspectual de uma sentença. As expressões adverbiais, quando fazem parte do contexto linguístico, auxiliam sobremaneira a ancoragem da enunciação em relação ao tempo e ao aspecto, e, particularmente, quanto à desambiguação de um evento entre uma leitura télica (de interpretação circunstancial) e atélica (de interpretação habitual).

A realização dos testes com advérbios temporais durativos e terminativos em PB reforçam a conclusão a que chegamos de que é necessário efetivamente avaliar a aspectualidade das sentenças sob a perspectiva composicional. Em vista disso, recorreremos à proposta de Verkuyl (1993, 1999, 2014), na qual se verifica que o processo de desambiguação aspectual começa na seleção dos nomes [SQA] e dos verbos [ADD TO] pelo falante, os quais entram em combinação na sentença, configurando o chamado aspecto interno. O autor postula que esse processo continua, ao longo da derivação, com a seleção de expressões adverbiais e de tempos verbais, dando origem ao chamado aspecto externo. Wachowicz (2003), empregando as estruturas propostas por Verkuyl (1993, 1999), nos mostra, por meio do estudo das formas progressivas do PB, a necessidade de mais uma camada de processamento aspectual, denominada de aspecto contextual, tendo em vista que o gerúndio das formas progressivas é processado na camada do operador INFL, à qual Verkuyl denominou de aspecto externo, o que tornou a estrutura proposta por este autor limitada para atender as demandas de computação aspectual das sentenças do PB.

No entanto, ao trabalharmos com sentenças aspectualmente ambíguas quanto à informação sobre ser o evento télico ou atélico, em razão da ausência de expressões adverbiais que façam o aterramento aspectual dessa eventualidade, torna-se

imprescindível aprimorar as propostas de Verkuyl (1993, 1999, 2014) e de Wachowicz (2003), possibilitando mais opções de análise quanto à computação aspectual de uma sentença com as características acima descritas.

A noção de aspecto assumida por esses dois autores nos encaminha para a hipótese de que aspecto se relaciona com modalidade, de modo que, a nosso ver, devem ser consideradas ainda outras camadas de processamento aspectual, como o nível sintagmático da modalidade, no âmbito do CP que ainda não foi explorado nessa perspectiva por outros autores da teoria aspectual e que pode dar conta das ambiguidades de que trata esta pesquisa.

A proposta de análise a ser desenvolvida neste capítulo, portanto, considera parcialmente os resultados do trabalho de Wachowicz (2003), a qual se ateuve, por opção, ao enquadramento teórico de Verkuyl (1993, 1999), mantendo as noções postuladas por esse autor quanto à relação entre aspecto e perspectiva, e amplia esses resultados na direção da investigação da relação entre aspecto e modalidade no âmbito do CP. Por exercerem esses autores papel diretor na exposição a seguir, retomamos algumas diretrizes básicas por eles empregadas para demarcar os limites que nos regem ao longo deste capítulo.

O Capítulo 5 foi elaborado com as seguintes subseções: a seção 5.1 traz a discussão, fundamentada em Ramchand (2012, 2014), do vínculo entre aspecto e modalidade, relacionando esse domínio com a proposta de Wachowicz (2003) e, nessa linha, argumenta em favor de mais uma camada de processamento aspectual no nível do CP, considerando a partição de Cinque (1999); a seção 5.2 apresenta a reanálise de Travis (2010) para a estrutura sintagmática de Verkuyl (1993, 1999), configurando as duas camadas de processamento aspectual propostas pelo autor. O trabalho de Travis (2010), fundamentado em Kratzer (1981) e em Ramchand (2008), além da estrutura sobre a qual Ramchand (2012, 2014) desenvolve a sua pesquisa são a base para iniciar a discussão sobre a estrutura sintagmática mais adequada para adaptar a proposta de Verkuyl (1993, 1999), a extensão postulada por Wachowicz (2003), como também a proposta desta pesquisa quanto à existência de outra camada de processamento aspectual no âmbito do CP; e a seção 5.3 traz a síntese deste capítulo.

5.1 *Aspecto, modalidade e ambiguidades*

Portanto, a proposta final de Ramchand (2012) para a questão exposta nesse artigo consiste na conclusão de que os modais do grupo 1 ancoram a sua base de perspectiva modal de forma dêitica ao enunciado ou à situação do falante/ouvinte, enquanto os modais do grupo 2 apresentam uma ancoragem semelhante à das formas pronominais não dêiticas e estão vinculados, inter ou intrasentencialmente, a uma situação do discurso. Um dos questionamentos para os quais a autora busca explicação é: “*Why does a strange quirk in the semantics of English present tense carry over to the interpretation of modals*” (Ramchand, 2012, p.9).¹⁰⁶

As conclusões de Hacquard (2006 *apud* Ramchand, 2014) são a base para essa questão. Segundo Ramchand (2014), Hacquard propõe um sistema de representação, baseando-se em Kratzer (1981), que relaciona tipos particulares de interpretação conforme a altura na estrutura, com o objetivo de conciliar o fato de que um único significado não especificado pode levar a interpretações epistêmicas e de raiz com os resultados das pesquisas cartográficas, que defendem a generalização de que as leituras epistêmicas se posicionam acima na estrutura, fora do tempo, e significados de raiz se anexam dentro do tempo, de maneira que, dependendo do emprego do modal na sentença, a sua interpretação é epistêmica ou de raiz: (i) quando o modal é orientado para o falante, é ligado ao tempo de fala e recebe uma interpretação epistêmica; (ii) quando o modal é orientado para a situação, ele é ligado ao tempo de situação e recebe uma interpretação epistêmica; (iii) quando o modal é orientado para o sujeito, ele é ligado ao tempo fornecido pelo Tempo e recebe uma interpretação de raiz.

Considerando a opção de Ramchand (2012, 2014) de defender que as situações não correspondem a conjuntos de mundos possíveis, mas apenas consistem em funções, ou em um conjunto, de situações muito particulares, as situações passam a representar na sua proposta o núcleo (do inglês, *core*) que recebe todas as alterações promovidas pelos operadores modais.¹⁰⁷ Em vista disso, a autora substitui a noção de tempo de referência por tempo tópico, porque as situações tópicas passam a ser ancoradas na situação da enunciação, em vez de o serem no tempo de fala. A vantagem dessa opção teórica, segundo Ramchand, é que se descontrói a ideia de que os

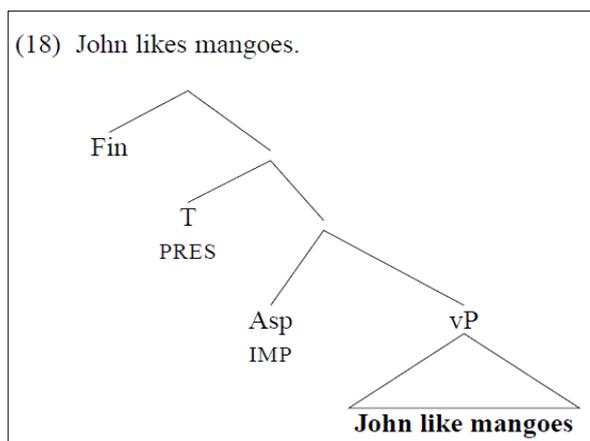
¹⁰⁶ “Por que um estranho comportamento na semântica do tempo presente do inglês é transferida para a interpretação dos modais?” (Tradução livre)

¹⁰⁷ A autora acompanha a linha de raciocínio do trabalho de Kratzer (2008).

operadores modais são variáveis independentes entre si, que quantificam sobre uma variável de mundo, em que o tempo e o lugar permanecem intactos. Com essa nova perspectiva, torna-se possível analisar semanticamente, de forma composicional, a operação dos modais em uma situação.

Ramchand (2012, 2014), portanto, assume que esse entendimento das situações deve ser empregado de forma padrão nas representações formais dos significados dos verbos, assim como ocorre com o postulado da variável de evento de Davidson (2005[1967]). No entanto, quanto à variável de situação, ela observa haver a necessidade de se reconhecer a diferença entre os tipos de situação e as diferentes alturas em que se posicionam na estrutura sintagmática. Em virtude dessas diferenças, a autora associa as situações a um evento expandido, que carrega informações de mundo, de tempo e de localização e, por isso, correspondem a entidades semânticas complexas, em cujo núcleo há a descrição de um evento específico.

Ramchand (2012, 2014), então, faz a distinção entre descrição do evento e descrição da situação, assim como a diferença entre situação de referência e situação tópico, a partir das posições em que ocorrem na sentença. Dessa forma, Asp representa o domínio que acomoda a descrição das situações e a situação tópico, já que elementos aspectuais contidos nas situações não correspondem à descrição de eventos puros, mas integram a descrição de situações e é nessa camada que transitam informações sobre mudanças temporais. Diante disso, a autora argumenta que a mudança da descrição de um evento para a de uma situação deve se dar tanto antes quanto dentro da camada Asp, já que essa é a posição em que ocorre a interação entre o tempo do tópico e o tempo do evento. E, particularmente, no caso dos vPs, que não possuem especificações de tempo, Ramchand explica que uma variável de tempo fica implícita apenas no nível mais alto de Asp, quando se pode estabelecer a mudança de classificação para situações. Esse raciocínio encontra-se explicitado na imagem abaixo:



$[[\text{vP}]] = \lambda e[\text{Liking}(e) \ \& \ \text{Theme/Holder}(e, \text{'John'}) \ \& \ \text{Rheme}(e, \text{'mangoes'})]$

$[[\text{Asp}_{imp}]] = \lambda P \lambda s \exists e[\text{Embeds}(s, e) \ \& \ \tau(s) \subset \tau(e) \ \& \ P(e)]$

$[[\text{T}_{pres}]] = \lambda Q \exists s[Q(s) \ \& \ s =_t s^*]$

Figura 11 Proposta de processamento semântico dos modais (Ramchand, 2012, p.13)

Nessa representação arbórea, Ramchand (2012) assume que na camada do vP o significado é cumulativo, de forma que constituintes cada vez maiores significam descrições de evento progressivamente mais detalhadas. E, na camada de INFL, entre Asp e Fin, quanto mais elevadas as projeções, maior é a precisão do nível de detalhamento das situações encapsuladas. A expressão EMBED se refere à relação entre uma situação e a eventualidade que está em seu interior. Mas, explica a autora que, além de incorporar uma eventualidade (ou uma subparte temporal dela), a situação também carrega parâmetros de tempo, de alternativas de vida e de localização, os quais, por sua vez, provavelmente carregam outras informações. Tal situação, que Ramchand (2012) caracteriza como estando submetida a uma atualização recursiva modular, representa a variável da situação tópico, que está ancorada na situação de fala por meio do tempo. No caso acima, em “John like mangoes”, a autora apresenta um nódulo aspectual imperfectivo que introduz uma variável de situação tópico encapsulada, que está temporariamente submetida a um traço de tempo de um complemento estativo e cuja ancoragem se dá no presente dêitico.

Em vista disso, um dos fundamentos da construção da proposta de Ramchand (2012, 2014) é a ideia de restrição de alternativas de vida. A autora se aproxima da linha metafísica ao considerar as bases modais, segundo a qual há um conjunto de ramificações de mundos, os quais surgem de forma idêntica com um único

tempo (metafísico) e somente depois se diferenciam.¹⁰⁸ E, dentre esses, um é de base modal realista, cujo tempo dado é o tempo de fala, o qual descreve uma situação em que se podem considerar os tempos passado e presente. As alternativas de vida circunstanciais são de base modal realista, as quais não produzem incertezas, a não ser quanto aos fatos/eventualidades não resolvidos.

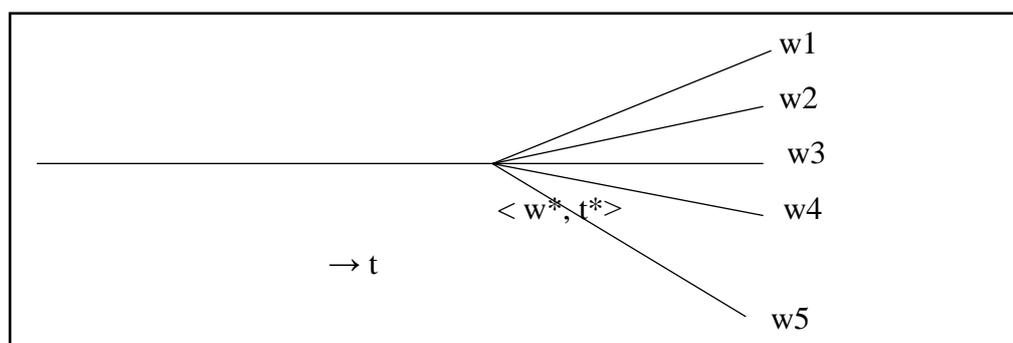


Figura 12 Possibilidades de mundos (alternativas de vida) para bases modais na perspectiva metafísica. (Ramchand 2012, p. 18).

Nessa figura, w é a designação de mundo e t de tempo. Logo, segundo expõe Ramchand (2012), todos $t < t^*$ só existem em situações em que os mundos são compatíveis com s^* no mundo real w^* , e desse modo:¹⁰⁹

→ $s^* < w^*, t^* >$: a situação de fala real, em que o falante está ancorado.

→ $s < w^*, t (< t^*) >$: situações passadas

→ $s < w^*, t^* >$: situações no presente (pode ser diferente das situação de fala no detalhe especificado).

→ $s < w (\neq w^*), t (> t^*) >$: situações nos tempos t_i em diferentes futuros possíveis.

A partir desses conceitos, Ramchand (2012) argumenta que a quantificação sobre mundos e tempos ocorre na estrutura sintagmática, na qual as projeções verbais

¹⁰⁸ Ramchand (2012) se baseia nas ideias de Condoravdi (2002) e de Werner (2006) para explicar a natureza do modelo e do relacionamento entre mundos e tempos que subjaz à quantificação modal de uma língua natural.

¹⁰⁹ Ramchand (2012, p.19) observa que também existem bases metafísicas mais generalizadas, em que o centro afetivo ou perspectivado é deslocado para outro participante (*author*) ou outro tempo. Segundo a autora, são casos em que a base modal de mundos ramificados continua em funcionamento, mas os mundos se dispersaram do centro de perspectiva, que foi alterado.

denotam parâmetros de situações que possuem propriedades de mundo e de tempo com valores ainda não fixados. Mas, quando se alcança uma camada da sentença em que o mundo (a situação) e os critérios temporais foram estabelecidos, outras alternativas de construção de situações ficam indisponíveis.

Por outro lado, a autora esclarece que, hipoteticamente, as posições superiores da sentença possuem parâmetros situacionais para o falante e o ouvinte e, nesse caso, tais parâmetros abrem uma variável de situação tópico mais precisa, que contém apenas a informação conhecida pelo falante e não é uma descrição exaustiva dos fatos relevantes no mundo real, cujo domínio está longe da base modal realista. Nessa argumentação, Ramchand se baseia em Werner (2006, *apud* Ramchand, 2012, p. 18), o qual explica: *“By assumption, the totally realistic modal base is made up of propositions that exhaustively describe the past and present of the world of utterance. The epistemic modal base is made up of a subset of these. Some propositions are missing, and these are the ones still in play, epistemically, even though they are settled.”*¹¹⁰

Seguindo essa ideia, Ramchand (2012) considera que essas alternativas de vida em que faltam proposições, as quais denominou de alternativas ignorantes – do inglês, *ignorance alternatives* –, somente são possíveis de construir porque pode ocorrer variação dos fatos e das propriedades que ainda estão em jogo, embora não seja possível construir alternativas situacionais variando mundos e tempos acima do nóculo T. Isso posto, ficam claros dois parâmetros que limitam a construção de alternativas de situação – não é possível construir alternativas de vida mediante projeções simultâneas na perspectiva de pares de mundo temporais do tipo alternativas ignorantes, nem projeções de futuro de perspectivas de mundo.

Ramchand (2012) explica, portanto, que, para se obter uma leitura circunstancial, o modal *must* se concatena com AspP, que denota propriedades de situações específicas para incorporar o evento *e* denotado pelo vP, conforme descreve a figura abaixo:

¹¹⁰ “Por hipótese, a base modal totalmente realista é composta de proposições que descrevem de forma exaustiva o passado e presente do mundo de fala. Dentre essas, a base modal epistêmica corresponde a um subgrupo, em que algumas proposições estão faltando e são as únicas ainda em jogo, epistemologicamente, mesmo que já tenham sido resolvidas.” (Werner, 2006 *apud* Ramchand, 2012, p. 18, tradução livre)

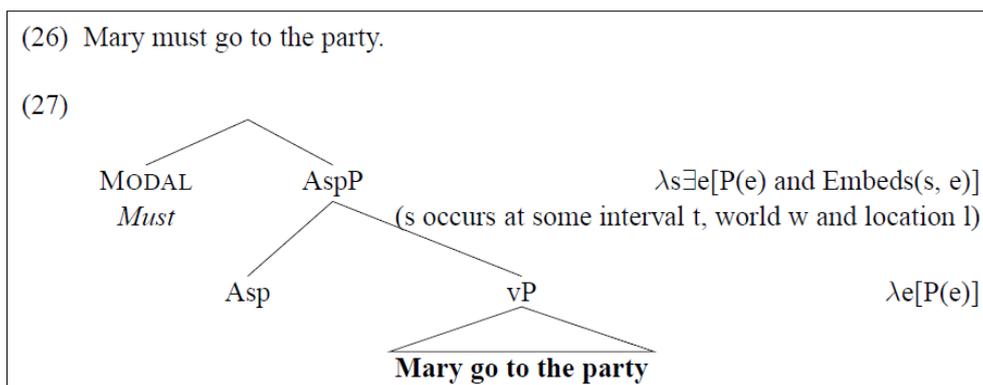


Figura 13: Representação de leitura circunstancial com o modal *must* (Ramchand, 2012, p.19)

De acordo com os dados na figura 13, a denotação de *must*, já incluída a altura na estrutura sintática em que ocorre a leitura circunstancial, corresponde a

MUST: $\lambda p \lambda s_{top} \forall s' [ALT(s_{top})(s')] [p(s')]$

→ Situação Tópico: algum s_{top} no intervalo t_{top} em algum w_{top} , em que e está presente e em conformidade com todos os fatos assumidos no pano de fundo comum de fala, e as eventualidades obrigadas/impostas por alguma fonte externa em w_{top} .¹¹¹

→ Alternativas de situação: S, Todas as diferentes alternativas de situação construídas pela variação do valor das variáveis temporais e de mundo com relação a s_{top} , bem como quaisquer outros fatos contingentes não fixados pelo pano de fundo comum de fala.

Nesse ponto da argumentação, convém lembrar que a noção de situação tópico, para Ramchand (2012, 2014), corresponde ao que é dito como um todo na sentença, ou seja, é aquilo acerca do que trata a sentença. Um dos aspectos fundamentais do funcionamento da proposta, no entanto, é assumir ser a situação tópico uma variável pronominal nula do tipo situacional. E, a partir desse dado, pressupõe-se que as alternativas construídas por um simples modal circunstancial devem ser as alternativas de vida que estão ocorrendo no momento de fala. Segundo explica Ramchand, essas alternativas correspondem às genuínas alternativas metafísicas, porque a adoção desse conceito como pressuposto impele os valores tomados por w e t nas alternativas a serem projetados sempre para “futuro”.

¹¹¹ Segundo Ramchand (2012), a situação tópico não deve especificar se incorpora ou não o evento em questão, mas deve ser inespecífica para essa informação, apesar de suas alternativas não o serem. A autora sustenta essa afirmação baseando-se na Condição de Diversidade, de Werner (2006).

Uma vez que já vimos a representação de um modal circunstancial, vamos à apresentação da denotação do modal de raiz, *may*, que Ramchand (2012) emprega para materializar a sua argumentação:

MAY: $\lambda p \lambda s_{top} \exists s' [ALT(s_{top})(s')][p(s')]$

→ Situação Tópico: algum s_{top} no intervalo t_{top} em algum w_{top} , em que e está presente e em conformidade com todos os fatos assumidos no pano de fundo comum de fala, e as eventualidades permitidas por alguma fonte externa em w_{top} .

→ Alternativas situacionais: S, Todas as diferentes alternativas de situação construídas pela variação do valor das variáveis de tempo e mundo em s_{top} , bem como quaisquer outros fatos contingentes não fixados pelo terreno comum.

A diferença entre os modais *may* e *must* é que possuem forças modais distintas, uma vez que *may* compõe situações em que algumas eventualidades são permitidas por alguma fonte externa, ao contrário de *must*, em que uma fonte externa impõe obrigações. Essa diferença faz com que cada um deles apresente pressuposições e restrições lexicais distintas ao introduzirem uma situação tópico – pressuposições e restrições essas que Ramchand (2012) considera poderem ser recuperadas de forma pragmática. Dessa forma, são dois exemplos que mostram os usos circunstanciais e epistêmicos, contribuindo lexicalmente de forma diferente em relação à quantificação.¹¹²

No entanto, há que se considerar uma leitura epistêmica do modal *must*, apresenta uma estrutura em que esse modal está posicionado acima de T na sentença, fato que indica ter havido alteração em relação à base modal em que é gerado, conforme o esclarecimento de Ramchand (2012):

¹¹² Ramchand (2012) faz uma observação sobre o comportamento do papel temático do sujeito em relação à distinção entre as modalidades circunstancial e epistêmica que apenas tangencia a discussão desta pesquisa, mas pode inspirar investigações futuras. A autora observa parecer também que essa diferenciação depende de se o sujeito da sentença é o indivíduo presumido para estar submetido à obrigação (papel *undergoer*), ou o receptor ou não da permissão: alguns autores pressupõem que em todos os modais circunstanciais há uma implicação da posição do papel temático do sujeito – os modais deonticos possuem um papel temático para o sujeito, porque estão relacionados a verbos de controle, ao contrário dos epistêmicos, que, por estarem associados a verbos de alçamento/subida, não atribuem papel temático para o seu sujeito (Ross, 1969; Jackendoff, 1972; Bresnan, 1993); outros autores argumentam que todos os modais devem ser vistos como verbos alçamento/subida, baseando-se na existência de casos em que claramente a modalidade circunstancial parece não atribuir o papel *undergoer* de obrigação/permissão para o sujeito, sendo, portanto, expletivos (Bhatt, 1998; Wurmbrand, 1999).

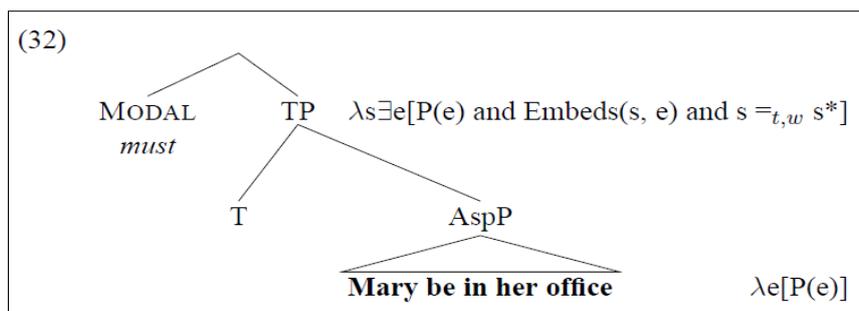


Figura 14 Estrutura sintagmática da leitura epistêmica do modal *must*. (Ramchand, 2012, p.22)

Na figura acima, a autora mostra uma construção situacional, em que o falante afirma que, apesar de a informação dada estar incompleta sobre o evento dado, o conhecimento que ele possui lhe permite garantir, dedutivamente, todas as alternativas que incorporam esse evento descrito. Assim Ramchand explica que as variáveis mundo e de tempo do modal epistêmico *must* são idênticas para o mundo real e para o tempo da situação e que fazem parte do seu próprio significado. A representação desse modal em sua leitura epistêmica corresponde a:

MUST: $\lambda p \lambda_{\text{Stop}} \forall s' [ALT_{(\text{Stop})}(s')][p(s')]$

→ Situação Tópico: alguns Stop (no intervalo t_{top} em algum w_{top}) em que e está presente e em conformidade com todos os fatos assumidos num pano de fundo em comum e as eventualidades em que há uma obrigação/imposição por alguma fonte externa em w_{top} .

→ Alternativas situacionais: S, Todas as diferentes situações alternativas construídas, mantendo o valor das variáveis de tempo e de mundo fixadas em Stop , enquanto estão variando os fatos e as propriedades não conhecidas no contexto do falante em seu momento de fala, bem como quaisquer outros fatos contingentes não fixados pelo pano de fundo de fala em comum.

Portanto, da análise da posição do modal epistêmico *may* na estrutura sintagmática e da comparação entre as duas leituras de *must* – circunstancial e epistêmica – e entre suas representações sintagmáticas, Ramchand (2012) analisa que o principal traço da leitura epistêmica, na verdade, é a base modal a que pertencem os participantes do conjunto de uma situação. Esses participantes, portanto, são as diferentes formas/maneiras que uma situação poderia ser, já que o falante não possui de pronto todas as informações relevantes. E, nesses casos, como vimos anteriormente, as variáveis de mundo e de tempo de uma situação tópico não estão autorizadas a mudar na construção da alternativa de situação em questão, mas ainda estão em aberto para

mudança os valores dos predicados e as propriedades das alternativas situacionais em que o falante é ignorante no momento de fala.

Tendo definido a característica principal da leitura epistêmica, é importante nesse momento considerar que Ramchand (2012) toma como pressuposto que a situação tópico é argumento externo do verbo modal. Com essa ideia, a autora associa o tempo da situação com a situação tópico, lembrando que o papel de T é fazer a ancoragem da situação tópico (S_{top}) à situação dêitica da sentença (s^*). A essa função de T ela denominou S^* de conveniência (*convenience s^**), cuja representação é a seguinte:

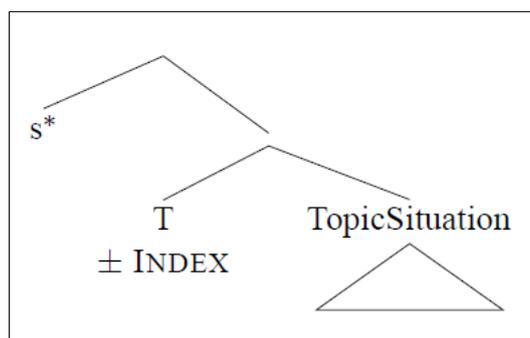


Figura 15 Representação da função de T em relação à situação tópico (Ramchand, 2012, p. 24.)

Em relação à estrutura acima, Ramchand (2012) explica que no inglês os modais se comportam de maneira distributiva, como se a sua posição final na oração fosse a mais alta. A evidência dessa afirmação, conforme explanação da autora, pode ser observada no fato de que nas perguntas eles ficam invertidos, mas também, na negação, assumem uma posição que a precede e, além disso, não requerem *do*-suporte. Em virtude dessas ocorrências na língua inglesa, Ramchand assume que, onde quer que o modal seja realmente gerado, sempre termina em INFL, o que a leva a deduzir que os modais também devem carregar informações que estabelecem a relação entre situação tópico e a sua ancoragem na sentença.

Porém, analisando essa questão, Ramchand (2012) vai além, ao considerar que tal projeção de ancoragem de INFL corresponde a uma propriedade universal das sentenças, em virtude das restrições dadas pela interface semântica. Desse modo, ela elabora uma proposta de generalização de ancoragem que se traduz na seguinte

afirmação: “*the topic situation must be anchored in some way to the utterance situation, which I will call s^* , to make a well-formed utterance.*” (Ramchand, ano, p. 32?)¹¹³

A partir dessa generalização, a autora associa a ancoragem de um modal a tempo, explicando que o modal determina os parâmetros temporais de uma situação tópico, ou de uma perspectiva modal, mas não determina os parâmetros temporais do tempo do evento.¹¹⁴ E, por isso, um modal circunstancial ancora as alternativas de situação mais abaixo na estrutura sintagmática, uma vez que tais alternativas são impelidas pelo tempo de perspectiva a serem alternativas metafísicas de vida, o que também as obriga a ter uma especificação de futuro não realizado. Como o tempo de perspectiva é aquele se tem quando a situação tópico está ancorada na situação da enunciação, Ramchand (2012) observa que modais e tempo terminam apresentando semelhanças quanto ao seu papel de atuação.¹¹⁵

Com a mudança do núcleo da oração para as situações, essas relações que se dão no domínio de INFL, defende a autora, podem se aplicar a uma variável situacional em geral, enquanto outras podem se aplicar a apenas alguns de seus parâmetros. Ramchand (2012) aponta que a diferença básica é identificar se são dêiticas ou anafóricas. Por isso, a autora considera ser a variável situacional semelhante a uma variável pronominal que precisa da sua referência definida, trazendo à questão os conceitos de indexação e anáfora.¹¹⁶

→ Indexação: $s_{top} = s^*$. A situação tópico é diretamente associado à ancoragem dêitica, a situação de fala.

→ Anáfora: se s_{top} deve ter sua referência resolvida anaforicamente, ou através da ligação de algo no contexto linguístico, ou para alguns no contexto do discurso da situação tópico

A implementação desses conceitos na proposta de Ramchand (2012) é feita a partir do pressuposto de que há sempre uma variável de ancoragem dêitica s^* em Fin e

¹¹³ “a situação tópico deve estar ancorada de alguma forma na situação do enunciado, que chamarei s^* , para que a sentença seja bem-formada.” (Tradução livre)

¹¹⁴ Ramchand (2012) destaca em seu texto que nessa explicação a terminologia empregada referencia Condoravdi (2002).

¹¹⁵ Sobre essa proposta, Ramchand observa associações semelhantes em Iatridou (2000) e Isard (1974).

¹¹⁶ Cf. Ramchand (2012, p.26).

uma relação em T que expressa tanto a identidade quanto a ausência de identidade com essa variável. Portanto, no caso de não haver identidade com T, s_{top} deve ser resolvido por ligação anafórica. Logo, voltando ao problema inicial apresentado em sua pesquisa relacionado aos modais de tipo I, que permitiam leituras epistêmicas apenas com estados, e aos modais do tipo II, indiferentes à estatividade, a autora afirma que essa diferença consiste em que os primeiros são dêiticos, enquanto os do segundo tipo são anafóricos.

No que tange aos modais dêiticos, como *must* (tipo I), a autora observa que, além de carregarem informação semântica de quantificação sobre as alternativas, também possuem informações que relacionam, de forma dêitica, a situação tópico ao argumento da situação s^* . Se essas informações estão presentes no nóculo T, o qual se encontra em composição direta com o sintagma modal, então a situação tópico está ancorada na situação de fala real e o tempo de perspectiva, a partir da qual as alternativas circunstanciais são acessadas, é *Now* (agora). Portanto, na leitura circunstancial, as situações são projetadas para o futuro, como alternativas do ponto de vista da situação de fala.

Na produção de leitura epistêmica, o significado desse modal combina-se com a descrição da situação após terem sido definidas/especificadas as informações de tempo e de mundo, porque, conforme já vimos, as alternativas de vida construídas por essa base modal mantêm o tempo e o mundo que foram fixados na situação tópico. Nesse ponto da argumentação, Ramchand (2012) faz a transição da camada do TP para a do CP, uma vez que este último domínio carrega parâmetros relacionados ao estado de conhecimento incompleto do falante de uma situação. Além disso, ela explica que as lacunas de conhecimento de um falante geram apagamento de parte das informações incorporadas ao evento, ainda que esses eventos estejam com tais informações resolvidas no momento de fala. São exatamente esses espaços vazios de informação que permitem que situações alternativas de vida (ignorantes) possam ser ainda construídas, mediante a possibilidade de alteração das propriedades do evento incorporado a uma situação, as quais ainda estão em jogo.

A representação formal de *must*, assim como a posição em que ocorrem suas diferentes leituras na estrutura sintagmática são retratadas pela autora da seguinte forma:

MUST: $\lambda p \lambda s_{Top} \forall s' [ALT (s_{Top}, s')][p (s') \& s_{Top} = s^*]$

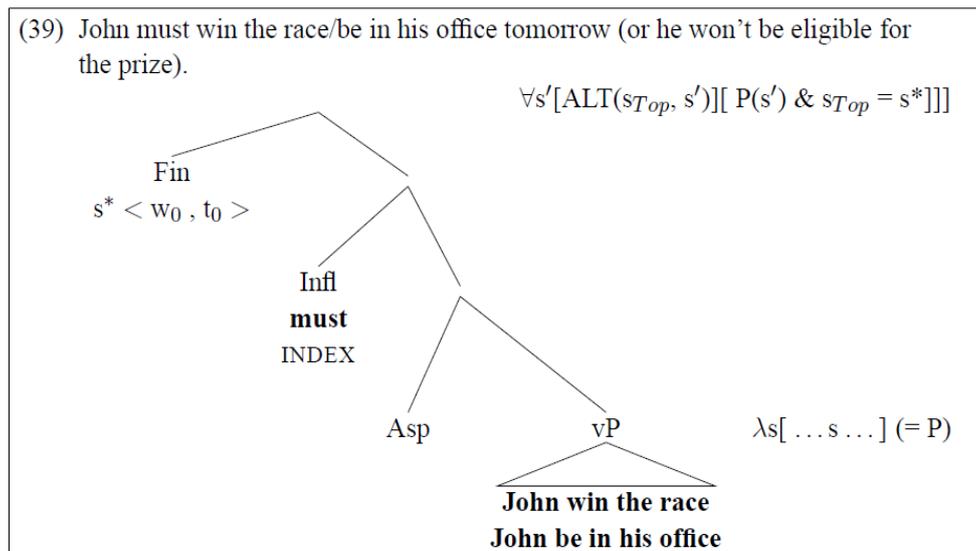


Figura 16: representação arbórea do modal *must* (Ramchand, 2012, p.26)

Nessa perspectiva de análise semântica dos modais, Ramchand (2012) faz uma separação lógica dos dois componentes do significado do modal: aquele que diz respeito ao tempo e ao mundo de ancoragem, e o que especifica a quantificação sobre alternativas. A representação da combinação desses componentes encontra-se acima, na figura 16. Mas como o item lexical *must* tem especificação tanto para ancoragem quanto para o significado da quantificação da situação, a autora considera necessário haver uma representação para cada um desses significados:

$$\rightarrow T_{\text{dêitico}} = \lambda Q \lambda s [Q(s) \text{ e } s = {}_t, w s^*]$$

$$\rightarrow \text{Modal}_{\text{Nec}} = \lambda P \lambda s \forall s' [\text{Alt}(S, S')][P(s')]$$

Dessa forma, o emprego da variável de situação compondo as descrições acima tem o benefício, conforme explica Ramchand (2012), de prover o mesmo tipo lógico para ambos os predicados, independentemente da ordem em que aparecerem. A estrutura sintagmática em que se encontram as duas representações acima está a seguir:

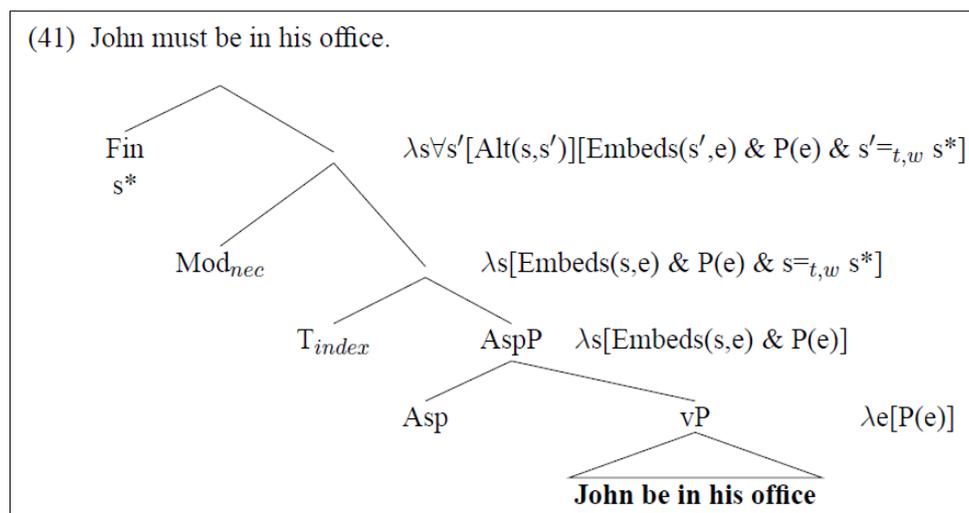


Figura 17 Estrutura sintagmática com as especificações de ancoragem de do significado da quantificação da situação (Ramchand, 2012, p. 28)

A explicação de Ramchand (2012) para que a leitura epistêmica de *must* esteja vinculada apenas a complementos estativos baseia-se no fato de que o tempo presente, cuja denotação está inserida na estrutura acima, pede, na língua inglesa, um complemento estativo. Assumindo que o presente em inglês relaciona situações tópico por meio de uma relação de identidade com uma situação no momento de fala (*now*), esse tempo verbal entra em composição apenas com estados (derivados). Como a derivação epistêmica acima impele a serem verdadeiras todas as situações no momento de fala, o evento contido na situação só pode ser um estado, e o tempo presente tem papel determinante nesse resultado.

O outro tipo de ligação proposto nesse modelo de interpretação composicional dos modais corresponde à ligação anafórica. Ela se estabelece em virtude de a relação entre a situação tópico e a ancoragem da situação de fala ter especificação desigual que, conforme explica Ramchand (2012), é diferente da versão de ancoragem dêitica porque, nesta última, a referência para a situação tópico já se encontra definida, mas naquela ainda está em aberto. Portanto, com um modal epistêmico como *could*, segundo a autora, a solução está em assemelhar a variável da situação tópico com os pronomes não dêiticos (*he/she/it*), já que estes extraem a sua referência de alguma sentença pronunciada anteriormente ou de ligações sintáticas dentro da sentença.

A representação formal de *could* corresponde a: $\lambda p \lambda s_{top} \exists s' [ALT(s_{top}, s')][p(s') \& S_{top} = s^*]$. No entanto, assim como ocorre com o modal circunstancial *must*, Ramchand (2012) decompõe em duas as contribuições semânticas nele presentes:

→ $T_{\text{n\~{a}o d\~{e}i\~{t}i\~{c}o}} = \lambda Q \lambda s [Q(s) \text{ e } s =_{tw} s^*]$

→ $\text{Modal}_{\text{Poss}} = \lambda P \lambda s \exists s' [\text{Alt}(S, S')][P(s')]$

Esse modal, no sentido de “poder” ou de “ser capaz de”, na interpretação circunstancial (deôntica), surge numa posição mais baixa na estrutura sintagmática, antes que se estabeleça a ligação entre as informações de tempo e de mundo em T, conforme mostra a representação arbórea abaixo:

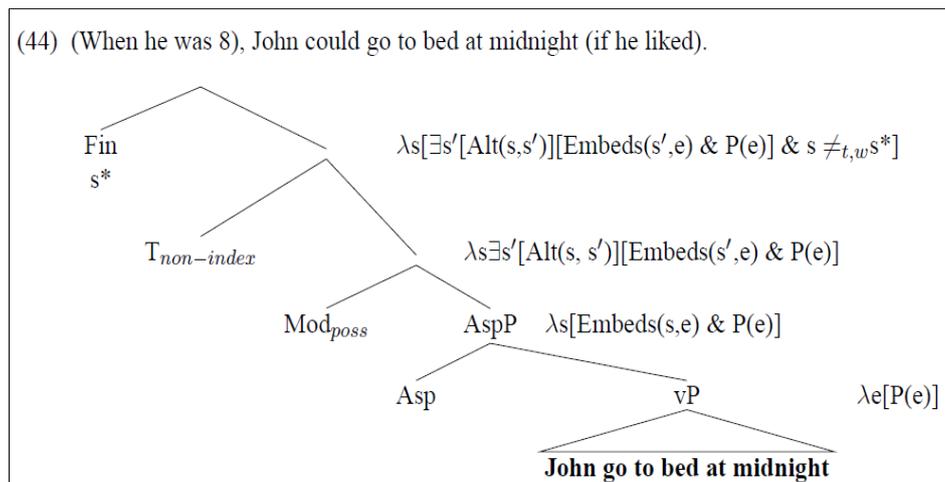


Figura 18: posições na estrutura sintagmática das leituras epistêmica e circunstancial de *could* (Ramchand, 2012, p.30)

Dessa forma, Ramchand (2012) explica que, para a leitura circunstancial desse modal, a situação tópico exterior, a fim de satisfazer a restrição de não indexação, precisa estar no passado, já que a partir da perspectiva de John existe um conjunto de alternativas de vida projetado para além do futuro da situação tópico, entre as quais ao menos uma contenha “John goes to bed at midnight”. Nesse caso, segundo a autora, o modelo de base modal metafísica continua sendo empregado, mas as alternativas de vida se distanciam do mundo em que estava ancorada a situação anterior e que essa mudança decorre da variação da situação tópico, tendo em vista ser esta um pronome anafórico situacional, cuja natureza é a liberdade para buscar a referência de que precisa em situações enunciadas no passado.

Por outro lado, a interpretação epistêmica de modais do tipo *could*, de acordo com Ramchand (2012), é resultado da ligação do discurso da variável de

situação externa com um par de tempo de um mundo futuro, no qual a eventualidade em questão é o assunto da enunciação.

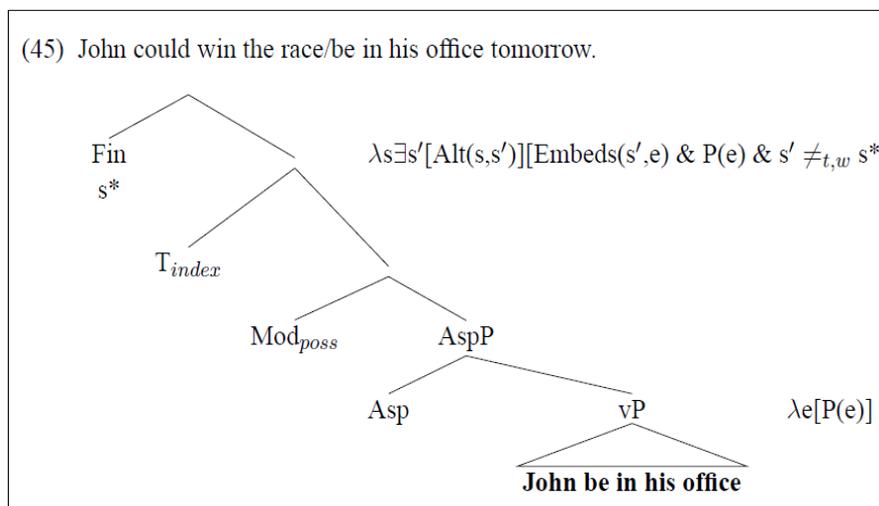


Figura 19: posições na estrutura sintagmática das leituras epistêmica e circunstancial de *could* (Ramchand, 2012, p.30)

Em virtude de as informações e inferências fornecidas pelo falante estarem incompletas, as alternativas de mundo apresentam as diferentes formas que poderia o mundo assumir. E, embora nas alternativas de vida, as variáveis de tempo e de mundo estejam indefinidas, a sua referência é resolvida acima de T, na camada do CP, em Fin, já que a primeira parte do significado desse modal aplica-se em T. Portanto, segundo Ramchand (2012), a variável de situação externa indica uma situação hipotética no futuro porque essas alternativas de vida – verdadeiras em algum momento – não se baseiam no agora (*now*), assim como também não se limitam aos estados.

A partir desse ponto, a argumentação de Ramchand (2012, 2014) prossegue adiante em relação às especificidades dos modais em sentenças encaixadas. Mas as informações necessárias à compreensão da nossa linha de raciocínio para justificar o pressuposto que tomamos quanto à interdependência entre aspecto e modalidade para resolver a ambiguidade aspectual (a)télica das sentenças, a nosso ver, estão plenamente colocadas. Retomemos os principais motivos pelos quais a nossa pesquisa se voltou essa proposta de Ramchand: (i) há dados em português nos tempos do presente do indicativo, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e presente progressivo em que a ambiguidade aspectual entre as leituras estativa e eventual permanecem indefinidas na sentença; (ii) também existem estudos sobre outras línguas, como o romeno, o polonês e

o francês, que mostram que o presente do indicativo é empregado para expressar eventualidades em ocorrência no momento da fala, mas também situações estativas, sem nenhuma morfologia verbal que indique essa diferença; (iii) ao pesquisarmos a proposta composicional de Verkuyl (1993, 1999) para análise aspectual das sentenças, optamos por não abrir mão da definição de aspecto assumida pelo autor e seguida por Wachowicz (2003) na análise de sentenças no progressivo em português, (iv) Ramchand (2012, 2014) aborda a questão da ambiguidade de alguns modais entre as leituras epistêmica e circunstancial, relacionadas ao tempo presente do indicativo.

Portanto, a nossa percepção é a de que a modalidade epistêmica está ligada a essa diferença de leituras aspectuais em virtude do conceito de aspecto assumido por Verkuyl. Corrobora a nossa intuição a afirmação de Ramchand (2012, p. 33) de que, no caso da modalidade epistêmica, é a especificação do falante que dá a perspectiva à formação das alternativas de vida. Um outro fator relevante a se considerar nesse trabalho de Ramchand é a questão do tempo presente em inglês, associado às leituras eventivas e estativas dos modais. A conclusão a que a autora chega, como vimos, é que há possibilidade de os modais se ligarem ou não ao tempo dêitico. Quando ocorre de não terem identidade com o tempo verbal, então a interpretação da sentença se dá acima de T, em CP, camada que carrega traços ligados ao conhecimento de mundo do falante, gerando a leitura epistêmica.

Considerando que aspecto está entremeado à modalidade, quando falamos de eventualidades, convém lembrar que se trata de analisar uma situação do conjunto de alternativas de vida do falante. Deixando à parte, por enquanto, o postulado da variável de situação, mas seguindo a proposta de Ramchand (2012), podemos nos referir a um tempo tópico, em lugar da noção de tempo de referência, se assumirmos que as situações tópicas estão ancoradas na situação da enunciação, e não no tempo real de fala. Portanto, nessa direção, as eventualidades fazem parte da situação, esta última correspondendo a uma espécie de evento expandido, em que há informações de mundo, de tempo e de localização.

No Capítulo 3 tratamos de tempos verbais que permitem duas leituras distintas. Assim como no inglês, as sentenças no presente do indicativo em PB apresentam leitura preferencial atélica para os verbos eventivos e leitura dêitica para os verbos que indicam estado. Consideramos, agora, que a ambiguidade aspectual surge em eventualidades não estativas, quando faltam informações para definir se a referência verbal da enunciação é dêitica ou anafórica, nos termos de Ramchand (2012, 2014). A

particularidade do PB é que esse fenômeno não ocorre apenas com o presente do indicativo, mas também com outros tempos verbais, como o pretérito perfeito, ainda que não seja o seu uso mais frequente.

Esse problema de interpretação dêitica ou não, portanto, assim como análise de Ramchand para os modais, é de ancoragem da situação, o que nos leva também a identificar leituras ocorrendo em diferentes alturas na estrutura sintagmática. Essa avaliação é complementemente compatível com a proposta de análise aspectual de Verkuyl (1993, 1999), cuja solução nos é apresentada por meio das diferentes camadas – aspectualidade interna e externa. Abaixo, retomamos do Capítulo 3 dados do PB, que colhemos de situações do cotidiano, e do romeno, fornecidos por Cojucaru (2003) e Bodean-Vozian (2014), em que a ambiguidade de interpretação aspectual pode ser observada:

(156) a. Eu bebi deste café. (ontem/ às 10h).

b. Eu bebi deste café. (a vida inteira/durante duas semanas/ em 2014).

(157) Maria caminha até a padaria. (agora/todos os dias)

(158) *El aleargă.*

‘He runs./He is running.’

‘Ele corre/ ele está correndo.’

(Bodean-Vozian, 2014, p. 24)

(159) *Eu predau italiană, dar acum predau și spaniolă.*

‘I teach Italian, but now I am teaching Spanish, too.’

‘Eu ensino italiano, mas agora estou ensinando espanhol também.’

(Cojucaru, 2003, p. 141)

Nesses dados não encontramos informações suficientes na sentença para a definição da aspectualidade das sentenças. Se T é a primeira posição de ancoragem de uma situação tópico, conforme explica Ramchand (2012, 2014), no âmbito da análise aspectual, tempos verbais podem ser nulos em sua contribuição semântica. Além disso, recordemos a observação que a autora faz acerca da falta de identidade entre a situação tópico e a situação de referência e a sua estreita relação com a presença de lacunas no estado de conhecimento do falante de uma situação (ou possivelmente do ouvinte, de

acordo com Schlenker (2003) e Anand (2006)). Diante desses parâmetros, encontramos com as possibilidades de situações que ainda estão em aberto, o que nos leva à modalidade epistêmica e à camada do CP. A questão que fica em aberto, portanto, é o tempo de perspectiva do falante. Nas situações em que estejam incorporadas as informações sugeridas entre parênteses, como exemplificado nos dados (171) e (172), indicando que o tempo de perspectiva é *now*, nos termos de Ramchand (2012), a interpretação aspectual é dêitica. Mas as sentenças que fazem parte de situações que apresentam informações incompletas por parte do falante precisam resgatar em discursos anteriores sobre o assunto a sua referência para terem definida a sua leitura aspectual.

5.2 *As camadas aspectuais na estrutura sintagmática*

Vamos retomar a proposta de Verkuyl (1993, 1999, 2014) para pensar nas camadas aspectuais propostas, lembrando que o autor relaciona a informação contextual durante sua exposição à camada da aspectualidade externa, local na estrutura sintática no qual são processadas as mudanças realizadas pelas expressões adverbiais sobre toda a camada do aspecto interno, ou seja, o conjunto completo do VP. Dessa forma, relembremos que, para o autor, a informação contextual (advérbio) é processada em INFL, a posição mais alta da estrutura projetada em sua teoria: INFL (ASP_α'(ASP_α(VP))). A previsão mais alargada, para processamento de leitura aspectual, realizada pelo autor corresponde à leitura habitual das sentenças, para a qual Verkuyl também postula um operador específico – INFL_{hab}, a fim de dar conta desse tipo mudança aspectual.

Portanto, no escopo da proposta de Verkuyl (1993, 1999, 2014), flexões verbais, verbos, advérbios, nomes, determinantes e aspecto gramatical são integrantes de uma sentença que, ao se combinarem, informam a perspectiva de uma situação, cuja denotação sintática revela a estruturação temporal selecionada por um falante. Porém, no caso de algumas ambiguidades exemplificadas na seção 3.2 do Capítulo 3, que se relacionam aos tempos verbais, como o progressivo, por exemplo, a proposta de Verkuyl não é suficiente para determinar qual a perspectiva aspectual da sentença.

A análise de Wachowicz (2003), descrita na seção 4.2 do Capítulo 4, corrobora essa conclusão. A sua pesquisa mantém os mesmos princípios teóricos que

destacamos na teoria de Verkuyl: a noção de aspecto/perspectiva e a categoria tempo como estruturadora aspectual da sentença. A questão principal colocada pela autora foi a impossibilidade de processamento aspectual de valor durativo das sentenças no progressivo imperfeito do PB sob o operador INFL_{hab}, formulado para as estruturas progressivas em inglês. Nesse sentido, Wachowicz (2003) esclarece que o verbo auxiliar *estar* não se assemelha ao auxiliar do inglês *to be*, porque este é equivalente a um nome, enquanto o auxiliar do PB é derivado diacronicamente de dois verbos.

A razão dessa incompatibilidade, segundo a autora, é a falta de relevância do auxiliar *estar* quanto à informação aspectual. Embora carregue informação temporal, essa nulidade aspectual faz com que a flexão “-ndo” do verbo principal domine aspectualmente a sentença, produzindo a leitura durativa. Sendo assim, a determinação do valor aspectual durativo nessas estruturas do PB independe do sistema de traços da gramática Plus+ e, por isso, não é possível hospedar o auxiliar *estar* na camada de codificação do aspecto externo.

Para solucionar essa questão, Wachowicz (2003) postula que a flexão “-ndo” seja um operador acomodado em ASP α , na camada do aspecto interno. A aspectualidade externa se mantém conforme a proposta Verkuyl (1993, 1999), em ASP α ’, lugar de codificação das leituras aspectuais produzidas pelas expressões adverbiais. Mas a autora propõe também uma nova camada, ASP α ’*, um terceiro domínio (o aspecto contextual) em INFL, acima do VP, para acomodar elementos que agem sobre o domínio da aspectualidade interna, determinando a leitura durativa das sentenças.

Nesse momento, convém ressaltar que a proposta de Wachowicz (2003, p.95) para uma projeção a mais no escopo do operador INFL é a resposta ao objetivo da autora de analisar, segundo a teoria de Verkuyl, as leituras aspectuais das sentenças nos casos do progressivo do PB e aplicá-la às necessidades de interpretação aspectual desse tipo de construção. Ao demarcar o seu objeto de investigação, ela esclarece que essa restrição teórica reduz o diálogo apenas à questão aspectual, de modo que outras questões sintáticas, cujo tratamento pode se dar no âmbito da gramática gerativa, não foram contempladas em sua pesquisa na época, ficando essa tarefa para investigações posteriores.

Inicialmente nos propusemos a contruir uma estrutura sintagmática, nos moldes da gramática gerativa, para adaptar a proposta de análise composicional do

aspecto de Verkuyl (1993, 1999). No entanto, ao tomar conhecimento representação arbórea construída por Travis (2010) acerca da teoria desse autor, não pudemos deixar de abordá-la, ainda que rapidamente, para mais à frente nos debruçarmos sobre a extensão sugerida por Wachovicz (2003).

A proposta de Travis (2010) consiste no desenvolvimento de uma estrutura sintagmática adequada aos dois primeiros níveis aspectuais propostos por Verkuyl (1993, 1999). Sob o argumento de que se reconhece na literatura o tratamento do aspecto tanto no domínio da semântica, quanto no da morfologia, a autora retoma Smith (1991), em cujo trabalho teórico há a referência a duas linhas de abordagem do aspecto: aspecto de ponto de vista e aspecto de situação. Este corresponde ao aspecto verbal, ou às classes acionais ou à *Aktionsart*, enquanto aquele se refere ao aspecto gramatical ou morfológico.¹¹⁷

Isso posto, a autora defende que os dois tipos de aspecto são codificados sintaticamente, apenas os meios de codificação é que são diferenciados. Conseqüentemente, Travis propõe dois nódulos na estrutura sintagmática: um nódulo funcional aspectual, na camada flexional da sentença, para a realização de maior parte do aspecto de ponto de vista; e outro nódulo funcional aspectual dentro de vP, o domínio lexical, para computação do aspecto de situação, cujas informações às vezes são dadas pelos integrantes locais dessa camada. Em vista de existirem diferenças na realização dos dois aspectos, a autora associa aspecto de ponto de vista a aspecto externo (*outer aspect*), ao qual também nomeia de aspecto gramatical, ou aspecto funcional em sua obra; enquanto o aspecto de situação é referenciado como aspecto interno (*inner aspect*) ou aspecto lexical.

Para mostrar como o aspecto externo e o interno podem ou serem afetados pela sintaxe ou afetá-la, a autora exemplifica esse fenômeno em ambos os domínios (aspecto externo e aspecto interno) com dados que se referem à atribuição de caso em línguas diferentes: quanto ao primeiro, são transcritos alguns casos descritos por Comrie (1976, p.8), no finlandês, e por Mahajan (1990, pp.76,78), na língua Hindi; no segundo, a autora baseia-se em dados do japonês fornecidos por Uesaka (1996, p.102) e Hirakawa (1994, p.4).

¹¹⁷ Travis (2010, p.1) ressalta que muitos teóricos como Zagona (1993), Stowell (1995), entre outros, lidam com o aspecto de ponto de vista criando outro nódulo no domínio de INFL, que possa abrigar o material morfológico relevante para alimentar o componente semântico.

Com a exposição dos problemas linguísticos de que trata a sua pesquisa, para construir a relação da estrutura sintagmática com os aspectos interno e externo, e ainda mostrar como são codificados na sintaxe, Travis propõe uma representação estendida da projeção de V, cujos principais paradigmas são: o VP em camadas proposto por Larson (1988), em que a estrutura semântica está refletida nos nódulos lexicais internos do VP, e a ideia de que um item lexical corresponde a uma expressão idiomática que contém outros nódulos, conforme postulado por Hale & Keyser (1993, 2002). A partir dessas diretrizes, a estrutura abaixo é desenhada:

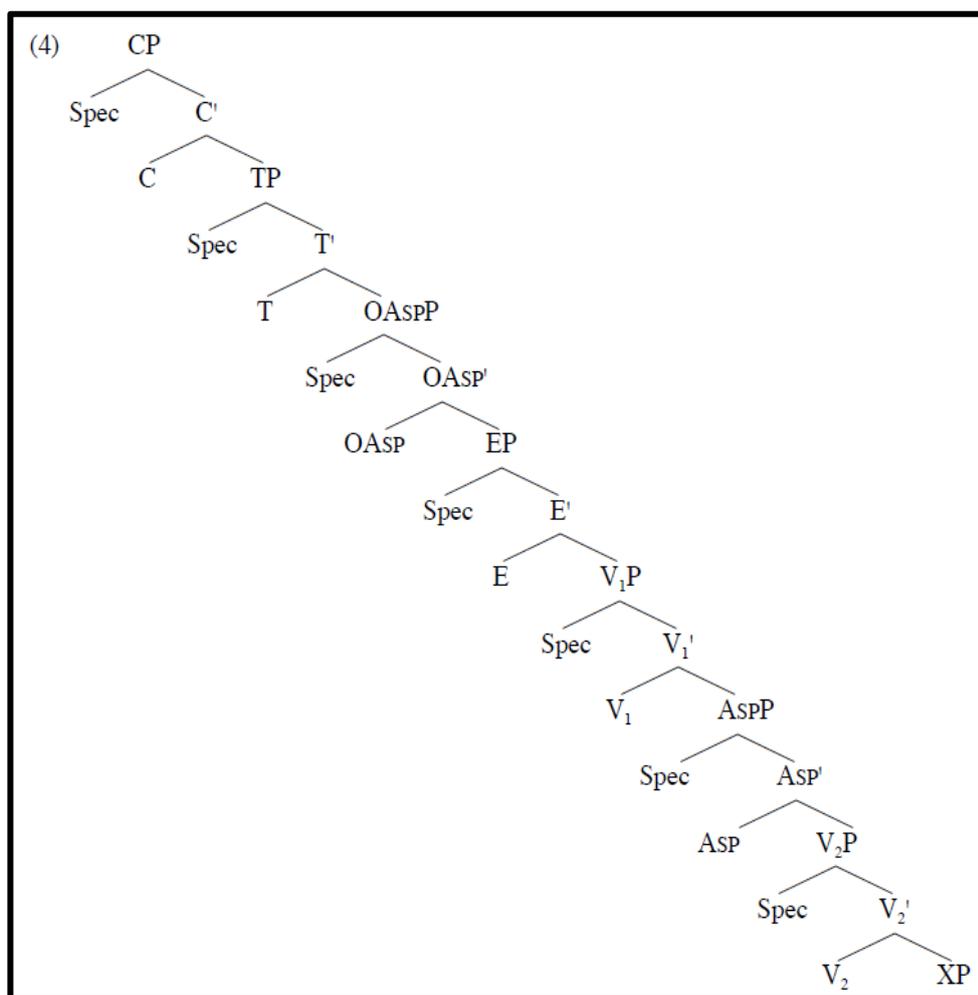


Figura 20 Estrutura sintática com as camadas de aspecto interno e externo
(*inner and outer aspect*). (Travis, 2010)

Como podemos observar na figura 20, a estrutura proposta por Travis apresenta duas camadas VP (V_1 e V_2). A categoria flexional ASP encontra-se entre essas duas camadas e, acima delas, há uma categoria funcional E (evento). Toda a estrutura do evento EP está sob o escopo do aspecto externo (OASP). V_1 corresponde à categoria lexical que acolhe o argumento externo e, quando isso ocorre, apresenta um

sentido semelhante a CAUSE. Dependendo do informação contida em seus traços, ASP assemelha-se a BE/BECOME. V_2 hospeda o argumento θ e o ponto final do evento, XP.

Travis então apresenta as seguintes evidências para haver uma estrutura de VP em camadas: a posição do VP_2 , abaixo da posição onde ocorre a junção do argumento externo, pode acolher o movimento do objeto, embora reconheça que o objeto pode ser adjungido ao VP_2 , abaixo do argumento externo; e a morfologia aspectual pode aparecer abaixo de V_1 . A partir da observação dessas duas primeiras evidências, a autora propõe que o objeto derivado seja movido para a posição de especificador do nóculo aspectual. O último argumento da autora para a estrutura articulada do VP tem fundamento semântico no cálculo de *Aktionsart*, que precisa considerar as informações das subpartes do VP em correlação com as informações das subpartes da classe um de predicado. Ela explica que essas informações fazem parte da entrada lexical e, portanto, são codificadas dentro do VP. Nesse trabalho, Travis (2010) se detém à discussão da articulação do TP, onde são processadas as informações do aspecto externo.

Nessa proposta, portanto, deparamo-nos com a postulação de um núcleo funcional Asp dentro do VP, uma categoria funcional E (evento), acima da qual se posiciona o núcleo funcional da aspectualidade externa OAspP contido na camada de T. A ausência do nóculo vP nessa estrutura distancia-se da proposta do PM, tendo em vista que Chomsky (2000, 2008) relevância às propriedades das categorias funcionais, particularmente, C (complementizador), T (tempo) e v (verbo leve), que correspondem ao núcleo do sistema de concordância da sentença. Portanto, a estrutura básica de uma derivação, segundo o PM, apresenta a seguinte configuração:

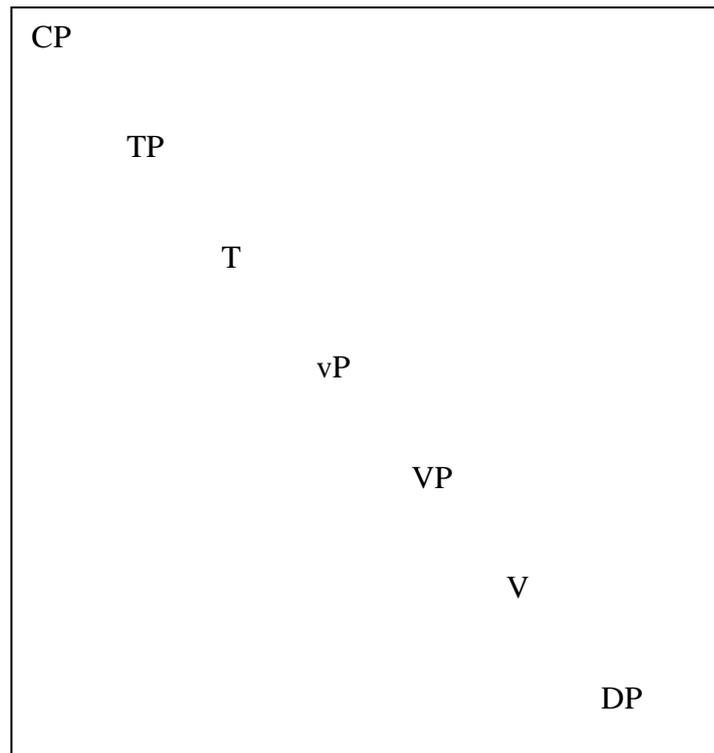


Figura 21 Estrutura arbórea do PM

Nesse sentido, vP seleciona a categoria V e, entre outras propriedades, processa a informação quanto à transitividade de uma sentença. Além desse distanciamento teórico, a postulação de mais categorias segue em oposição da proposta minimalista do programa gerativo.

A título de comparação com a proposta de Travis (2010), convém retomar a estrutura trabalhada por Ramchand (2012), que mantém em sua proposta a categoria funcional vP. O acréscimo feito pela autora à estrutura corresponde ao posicionamento à variável de situação s postulada por Kratzer (2008), cujo objetivo é encapsular um evento em uma situação:

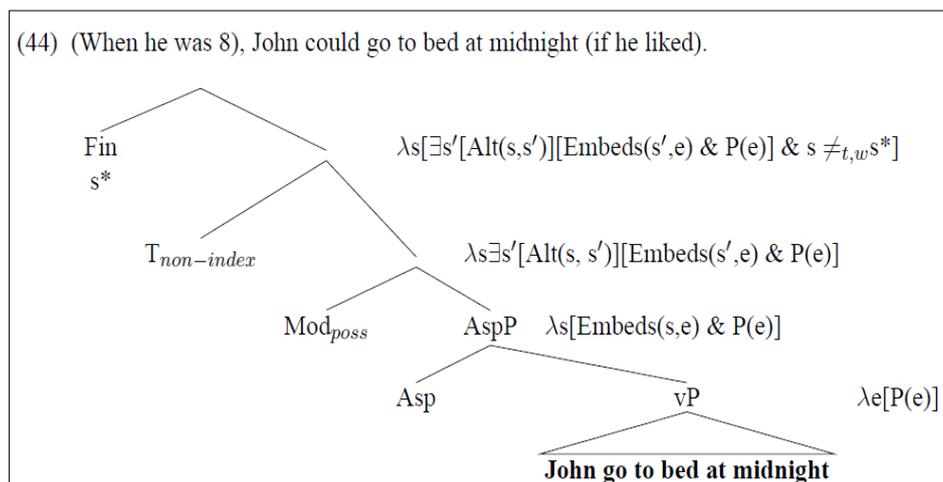


Figura 22 Estrutura sintagmática com as posições dêiticas e anafóricas de *could*. (Ramchand, 2012, p. 30)

No entanto, questionamo-nos acerca da necessidade de postulação dessa variável na estrutura sintagmática. em virtude do conceito de fases existente no PM, que se relaciona à montagem da estrutura (Merge/Move). De acordo com essa abordagem, os nós da árvore sintagmática nascem no momento em que são concatenados, de forma que o VP é formado pela concatenação do núcleo V com o DP, vP surge, por sua vez, da concatenação de um núcleo v com o VP e, desse modo, o especificador de um nóculo corresponde a todo conjunto da operação Merge até aquele ponto da derivação. Nesse sentido é que analisamos a real necessidade de uma variável s, na posição em que foi inserida. Ora, se o que vem acima de s influencia todo o conjunto concatenado abaixo, essa variável pode ser eliminada porque a ideia de um VP como núcleo de uma situação está subentendida na estrutura de fases proposta por Chomsky (2002, 2008). Somado a isso, segundo Chomsky, a projeção vP corresponde ao limite de uma fase, porque a derivação sofre *Spell-Out* nos pontos em que v se conecta à estrutura.

Mas, de fato, há uma questão a ser resolvida no que tange a uma adaptação da teoria de Verkuyl (1993, 1999) à estrutura sintagmática da gramática gerativa: a posição dos advérbios, que, para Verkuyl, possuem o escopo sobre o VP. Nesse caso, uma projeção contendo uma expressão adverbial que quantifique sobre todo o evento entra na derivação em uma posição acima do VP, atraindo todo constituinte sob o seu escopo. Quanto às camadas de aspectualidade propostas por Verkuyl, não nos parece que fossem necessários nóculos aspectuais específicos para o processamento da aspectualidade interna e externa, porque o cômputo aspectual já vai se resolvendo ao longo da estrutura sintagmática no formato minimalista – v sendo o *locus* da

computação da telicidade, como vem sendo proposto recentemente. A indicação de onde se dão os tipos de processamento, se interno, se externo, pode continuar sendo uma referência de processamento aspectual externa à estrutura em si, já que nos moldes de Verkuyl a camada da aspectualidade interna corresponde ao que é processado na estrutura do VP e a camada externa corresponde ao que está fora dele.

Da mesma forma, consideramos a proposta de extensão de Wachowicz (2003) em relação à camada contextual, que se refere ao nível do TP. A autora, nos limites que colocou à sua análise, não pode tratar das questões sobre modalidade, mas deixa em Infl o processamento da camada contextual. Somado a isso, o conceito de aspecto assumido por Wachowicz nos leva a pressupor que os níveis da modalidade em Asp correspondem à camada aspectual postulada por ela.

Dessa forma, seguindo a ideia inicial de Verkuyl (1993), assumimos ser desnecessário alterar a estrutura dada pela gramática gerativa. Por outro lado, é importante subir mais um nível nessa camada para dar conta do cômputo aspectual da sentença no que tange às informações aspectuais relativas ao conhecimento de mundo do falante. Diante disso, as informações lexicais contidas nas situações/eventualidades na camada VP, são codificadas no nível vP, domínio em que são computadas as informações referentes à aspectualidade interna; em seguida, em INFL, a zona de flexão do meio, são codificadas as informações fornecidas pelas descrições situacionais, que Wachowicz (2003) identifica como sendo uma camada de aspecto contextual, que também interagem com a informação aspectual codificada pelos operadores adverbiais adjungidos a vP. Uma vez que a ambiguidade ainda se mantenha, mesmo tendo sido analisada nessa posição da estrutura sintagmática, o processamento aspectual se dá na zona CP, posição para tratamento do contexto da situação do enunciado. E, nesse caso, quando não há ambiguidade aspectual sobre a telicidade de uma eventualidade, essa informação é resolvida de forma dêitica porque a situação descrita está ancorada no tempo de enunciação, no mundo real. Por outro lado, quando há ambiguidade, mesmo depois de ter passado pelo tratamento das informações concernentes à modalidade, a situação deve ter sua referência resolvida anaforicamente, seja por vinculação a alguma informação dada anteriormente no contexto linguístico, ou a algum tópico contextual puramente discursivo, nos termos de Ramchand (2012, 2014).

5.3 *Síntese do Capítulo*

Um dos objetivos deste capítulo era argumentar a favor de uma estreita vinculação entre modalidade e aspecto, em virtude das conclusões a que chegamos no Capítulo 4, após o estudo da proposta teórica de Verkuyl (1993, 1999) e de sua aplicação no PB por Wachowicz (2003). Para cumpri-lo, baseamo-nos em Ramchand (2012, 2014), que trata de questões aspectuais que influenciam leituras modais, particularmente da alteração aspectual promovida pelo presente do indicativo no inglês.

Nesse sentido, vimos nesses textos de Ramchand a sua proposta de associar as diferentes leituras modais de um mesmo item lexical a alturas distintas na estrutura sintagmática, empregando para isso os conceitos de dêixis e anáfora. A posição atribuída pela autora à leitura epistêmica, particularmente, é o argumento necessário para confirmar a nossa hipótese de que há processamento aspectual no nível do CP, no caso de sentenças ambíguas quanto à (a)telicidade, uma vez que é o locus dos traços relacionados ao estado de conhecimento do falante. Com essa fundamentação teórica, postulamos que o nível do aspecto contextual, nos termos de Verkuyl (1993, 1999) e Wachowicz (2003), se dá nessa camada, que está acima de T, por meio de relação anafórica.

Para a formulação da proposta na perspectiva do PM, analisamos a estrutura elaborada por Travis (2010), que fez uma adaptação das camadas aspectuais interna e externa contidas na teoria de Verkuyl. Em seguida comparamos essa postulação com a estrutura sintagmática contida nos artigos de Ramchand (2012, 2014), cujas características se aproximam da proposta de derivação do PM, e, por fim, descrevemos qual o caminho percorrido na construção arbórea, para se obter definição aspectual, por sentenças com o tipo de ambiguidade que pesquisamos.

CAPÍTULO 6

Conclusão

Esta tese se propôs a investigar sentenças com ambiguidade aspectual (a)télica, a fim de identificar em que posição na derivação esse tipo de ambiguidade é resolvido. A investigação que fizemos da teoria composicional de Verkuyl (1993, 1999) trouxe-nos a percepção de que as interpretações aspectuais estão relacionadas a todos os níveis da estrutura sintagmática, de modo que em cada nível da derivação pode haver um ajuste quanto à leitura aspectual de uma sentença, dependendo das informações que ainda precisam ser contabilizadas. Portanto, conforme a complexidade da ambiguidade que as sentenças apresentem, a definição aspectual encontra-se nos níveis mais altos da derivação.

A exposição teórica em Ramchand (2012, 2014) corrobora a nossa conclusão ao identificar posições distintas para leituras modais ambíguas entre a circunstancial e a epistêmica, ligadas à influência do tempo presente em inglês e à distinção estado/não estado. Como um de nossos objetivos era argumentar a favor da existência de cômputo aspectual no nível do CP para o tipo ambiguidades aspectuais que investigamos, a pesquisa em Ramchand fundamenta a vinculação conceitual que defendemos entre modalidade e a noção de aspecto trabalhado em Verkuyl (1993, 1999) e em Wachowicz (2003).

Essa pesquisa teve como norte dados no PB que apresentam ambiguidade quanto à (a)telicidade, uma vez que essas sentenças podem traduzir diferentes tipos de interpretação aspectual. Nesse sentido, detivemo-nos à ambiguidade entre a informação habitual, que está ligada a estados, e a não habitual, ou eventiva, de acordo nomenclatura empregada pela linha de pesquisa do aspecto lexical.

Como a natureza desse tema pertence ao escopo da teoria aspectual, iniciamos a investigação com Vendler (1967), para compreender como esse fenômeno poderia ser solucionado. Em sua proposta de esquema temporal para classificação das quatro classes acionais básicas, observamos um esforço em separar os verbos estativos de não estativos, e, particularmente, as mudanças de classificação aspectual diante da

influência de outras informações inseridas na sentença, como objetos diretos e expressões adverbiais.

Portanto, no Capítulo 2, abordamos essa proposta seminal acompanhada das pesquisas de autores que se alinham à perspectiva da abordagem lexical de aspecto. Ainda que Vendler (1967) tenha iniciado a discussão sobre uma classificação aspectual, o desenvolvimento desse assunto no trabalho de Dowty (1979) tem importância fundamental nos estudos realizados em seguida nessa vertente da pesquisa linguística.. Portanto, do grupo de teóricos que se dedica às questões relativas a aspecto, escolhemos revisar as obras de Ryle (2009 [1949]), Kenny (1963), Mourelatos (1978), Dowty (1979, 1986), Moens (1987), Moens e Steedman (1988), Parsons (1989, 1990) e Cunha (2004). Mas também nos dedicamos a esclarecer alguns conceitos da literatura aspectual que por vezes se sobrepõem.

A investigação desse arcabouço teórico nos mostrou as variadas propriedades de cada categoria aspectual e a sua ligação com a natureza temporal interna dos verbos. Mas consideramos que a análise exclusivamente do aspecto lexical, ou mesmo do gramatical, não dá saídas para a definição aspectual de uma sentença, em virtude da complexidade de elementos linguísticos que interferem na diferenciação mais básica dessas categorias, quanto a serem estativas ou não. A possibilidade haver de interferências de itens lexicais com naturezas distintas nos indica que a interpretação aspectual definitiva quanto à telicidade exige uma abordagem na perspectiva da composicionalidade.

O passo seguinte foi considerar a influência dos tempos verbais que promovem alteração aspectual na sentença. Voltamo-nos, então, para o estudo da categoria tempo no Capítulo 3. Como aparato sintático para indicar tempo e duração temporal, no âmbito exclusivamente desse capítulo, pesquisamos a relação das classes acionais dos verbos com os morfemas temporais. Percebemos durante o estudo dos dados que todos os tempos verbais do PB, analisados neste capítulo, a saber, presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, presente progressivo e imperfeito progressivo, permitem, com mais ou menos frequência, a possibilidade das duas leituras télica e atélica (eventiva/estativa).

Na revisão da proposta de Corôa (2005), baseada nos estudos de Reichenbach (1947), verificamos que, embora a autora considere alguma flexibilidade de leitura semântica dos tempos verbais no PB, não é suficiente para definir aspectualmente a interpretação de uma sentença. Novamente destaca-se nas sentenças

estudadas que a presença de expressões adverbiais pode alterar completamente a natureza aspectual de uma dada situação. O estudo desses tempos verbais, associado à aplicação dos testes desenvolvidos pelos autores pesquisados no capítulo anterior mostram, na verdade, que a influência dos tempos verbais na leitura aspectual de uma eventualidade tem escopo limitado. Os testes com as expressões adverbiais podem levar uma sentença com o mesmo tempo verbal a ter qualquer uma das leituras que são objeto da nossa pesquisa.

Em busca de uma posição na estrutura sintagmática em que se desse a definição aspectual de uma sentença quanto à informação de telicidade, ficou claro que seria necessário considerar os níveis mais altos na derivação para obtê-la, uma vez que ocorre computação aspectual na estrutura argumental, no nível da sentença em que as expressões adverbiais são adjungidas e no nível do TP.

Diante disso, voltamo-nos para as pesquisas sobre composicionalidade, dedicando a nossa atenção à proposta de computação aspectual de Verkuyl (1993, 1999) no Capítulo 4. A sua pesquisa se atém principalmente ao âmbito do VP, a que ele denominou de domínio da aspectualidade interna, mas ainda que tenha se debruçado sobre esse nível da estrutura sintagmática, o autor aloja acima do VP as alterações aspectuais produzidas na sentença em virtude da presença de expressões adverbiais que apresentam esse papel e postula o domínio da aspectualidade externa, atribuindo à posição INFL o locus das informações sobre tempo, mas também aquelas referentes ao contexto linguístico. Para Verkuyl, no âmbito da aspectualidade interna é definida a telicidade da sentença e na aspectualidade externa há a postulação de um operador aspectual responsável pelo tratamento das leituras habituais. Esse modelo se revela, pois, adequado para análise de ambiguidades aspectuais télicas/ atélicas em sentenças com tempos verbais simples..

Porém, como a sua construção teórica observa apenas o nível da aspectualidade interna, Verkuyl (1993, 1999) reconhece serem necessárias outras pesquisas acerca da computação aspectual acima desse nível na estrutura sintagmática. Wachowicz (2003) se propõe a, nos termos de Verkuyl, analisar a codificação das perífrases progressivas no imperfeito no PB. Duas questões que é observada no seu diálogo com esse autor é que a noção de Verkuyl para codificação da telicidade em contexto, no domínio de INFL impõe uma dificuldade para o tratamento de estruturas em que a combinação de verbos e nomes com traços positivos permanece produzindo leitura durativa; a outra é que o progressivo é processado acima da camada do aspecto

externo, de modo que a ambiguidade sobre o telos da eventualidade volta à tona como problema a ser resolvido no PB nas perífrases no presente. A solução dessa autora o tratamento do imperfeito progressivo foi considerar que a informação aspectual é processada em Infl e denominar essa camada de âmbito do aspecto contextual.

Uma informação relevante para a pesquisa desta tese, que está presente na argumentação desses dois teóricos, corresponde à noção de aspecto como perspectiva, sendo um ponto de convergência em suas pesquisas. Nesse sentido, Wachowicz (2003) assume a noção de perspectiva defendida por Fillmore (1977) e, a partir dessa amplificação do conceito de aspecto, abrem-se novas perspectivas a serem consideradas no estudo da composicionalidade do aspecto, levando-nos aos níveis de processamento da modalidade nas sentenças.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, S. L., & SOUZA, O. (2012). Pour une approche constrative du présent simple en français et en portugais. Em F. Neveu, V. T. Toke, P. Blementhal, T. Klingler, P. Ligas, S. Prévost, & S. Teston-Bonnard (Ed.), *3e Congrès Mondial de Linguistique Française, 1*, pp. 1683-1699.
- BACH, E. (1981). On time, tense and aspect: an essay in english metaphysics. Em P. COLE, *Radical Pragmatics* (pp. 63-61).
- BASSO, R. M., SOUZA, L. M., OLIVEIRA, R. P., & TAVEIRA, R. (2009). *Semântica*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC.
- BERTINETTO, P. M. (2000). The progressive in Romance, as compared with English.
- BERTINETTO, P. M. (2001). On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfectivetelic confusion. Em C. e. Cechetto, *Semantic Interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI Publications.
- BHATT, G. (1998). `Managing knowledge through people. *Knowledge and Process Management: Journal of Business Transformation*, 165-171.
- BINNICK, R. I. (2012). *The Oxford Handbook of Tense and Aspect*. New York: Oxford University Press.
- BLUMENFELD, H. K., BOOTH, J. H., & BURMAN, D. D. (2006). Differential prefrontal-temporal neural correlates of semantic processing in children. *Brain Lang* 99, pp. 226-235.
- BODEAN - VOZEAN, O. (2014). *Etude de l'aspectualité en anglais et en roumain*. Chisinau: Université d'Etat de Moldova.

- BOK-BENNEMA, R. (2001). Evidence for an aspectual functional head in French and in Grammar. Em M. v. Oosterdorp, *Articles on the 20th anniversary of the comparison of grammatical models Group in Tilburg*. www.meertens.nl/books/progressingramma.
- BYBEE, J. (1994). *The evolution of grammar: Tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press.
- CASEY, B. J., GALVAN, A., & HARE, T. A. (2005). Changes in cerebral function organization during cognitive development. *Curr Opin Neurobiol* 15, pp. 239-244.
- CASTILHO, A. T. (2002). *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto.
- CASTILHO, A. T., & CASTILHO, C. M. (1993). Advérios modalizadores. Em R. Ilari, *Gramática do português falado* (pp. 213-261). Campinas: Editora da Unicamp.
- CHOMSKY, N. (1988). *Language and the Problems of Knowledge: The Managua Lectures*. Cambridge, MA: MIT Press.
- CHOMSKY, N. (1995). *The minimalist program*. Cambridge, MA: MIT Press.
- CHOMSKY, N. (1997). *Language and problems of knowledge: The managua lectures*. (J. Kayser, Ed.) Cambridge: MIT Press.
- CHOMSKY, N. (1999). *O Programa Minimalista*. (E. P. Raposo, Trad.) Alfragide, Portugal: Editora Caminho.
- CHOMSKY, N. (2000). Minimalist Inquiries: the Framework. Em R. MARTIN, D. MICHAELS, & J. URIAGEREKA (Eds.), *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax* (pp. 89-155). Cambridge, MA: MIT Press.
- CHOMSKY, N. (2005). *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. São Paulo: UNESP.

- CHOMSKY, N. (2006). *Sobre Natureza e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- CHOMSKY, N. (2009). *Linguagem e Mente*. São Paulo: UNESP.
- CHOMSKY, N. (2011). Language and Others Cognitive Systems. What Is Special About Language? Em *Language Learning and Development* (pp. 263-278). London: Psychology Press.
- CLELAND, C. (1991). On the individuation of events. Em *Synthese* 86 (pp. 229-254). Netherlands: Kluwer Academic Publishers.
- CLELAND, C. (1991). On the Individuation of events. *Synthese* 86, 229-254.
- COAN, M. (2003). *As categorias Tempo, Aspecto, Modalidade e Referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlação entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. Tese de doutoramento. : UFSC.
- COJUCARU, D. (2003). *Romanian Grammar* . SEELRC.
- COMRIE, B. (1976). *Aspect. An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CORÔA, M. L. (2005). *O tempo nos Verbos do Português: uma Introdução à sua Interpretação Semântica*. São Paulo: Parábola Editorial.
- CUNHA, L. F. (2004). *Semântica das predicções estativas para uma caracterização aspectual dos estados*. Universidade do Porto. Tese de doutoramento.
- DAVIDSON, D. (2005(1967)). The Logical Form of Action Sentences. Em D. Davidson, *Essays on Actions and Events*. Oxford: Oxford University Press.
- DEEN, K. U. (2006). The morphosyntax of mood in early grammar with special reference to Swahili. Em *First Language* 26 (pp. 67 - 102).

- DELFITTO, D. (2002). *Genericity in Language. Issues of Syntax Logical Form and*.
Alessandria: Edizioni dell'Orso.
- DO-HURINVILLE, D. T. (2007). Etude sémantique et syntaxique de être en train de.
L'information Grammaticale, 113, 32-39.
- DOWTY, D. (1979). *Word Meaning and Montague Grammar*. Reidel: Dordrecht.
- FATORI, M. J. (2006). *O emprego do presente do indicativo em entrevistas com enfoque no passado*. Dissertação de mestrado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
- FILIP, H. (1999). *Aspect, Eventuality Types and Nominal Reference*. New York: Garland Publishing, Inc.
- FILLMORE, C. (1997). *Lectures on deixis*. Stanford: CSLI Publications.
- FILLMORE, C. J. (1977). The case for case reopened. Em COLE, & SADOCK, *Syntax and semantics*. New York: Academic Press.
- FILLMORE, C. J. (2006). Frame semantics. Em D. GEERAERTS, *Cognitive linguistics: basic readings* (pp. 373-400). Berlin; New York: Mouton de Gruyter.
- FODOR, J. A. (1983). *The modularity of mind*. Cambridge, MA: MIT Press.
- FRANCKEL, J.-J. (1989). *La notion de predicat. Collection ERA 642*. Université de Paris 7.
- FREITAG, R. M. (2011). Trajetórias de mudança do passado imperfeito no português: entre o aspecto e a modalidade. *Veredas*, 148-163.
- G., C. (1977). Unified analysis of english bare plurals. Em *Linguistics and Philosophy* V.1 (pp. 413-456). Springer Jstor.

- GARRIDO, J. (1992). Las entradas léxicas en la construcción flexible del discurso. *Actas del VII Congreso de Lenguajes Naturales y Lenguajes Formales* (pp. 157-168). Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias.
- GODOI, H. (1992). *Aspectos do aspecto*. Tese de doutoramento : Unicamp.
- GONÇALVES, A. V. (2007). *Gêneros textuais e reescrita: uma proposta de intervenção interativa*. Tese de doutoramento. Araraquara. : USP.
- HATTNER, M. D. (1989). A categorização da estatividade: níveis de análise. *Alfa*, 36, 149-156.
- HAUSER, M. D., CHOMSKY, N., & FITCH, W. T. (2005). *The Faculty of Language: What Is It, Who Has It, and How Did It Evolve?*
- HIRAKAWA, Y. (1994). *Case checking and a double nominative construction in Japanese*. McGill University.
- HLIBOWICKA-WENGLARZ, B. (1998). *Processos de expressão do aspecto na língua portuguesa. Algumas observações de caráter contrastivo: polaco - português*. Lublin: Wydawnictwo Uniwersytetu Marii Curie Skłodowskiej.
- JACKENDOFF, R. (1991). Semantic Structures. Em *Number 18 in Current Studies in Linguistics*. Cambridge, Ma.: MIT Press.
- KAMP, H., & RYLE. (1993). *From Discourse to Logic*. Dordrecht: Kluwer.
- KATZ, J. J. (1995). What Mathematical Truth Could Be. Em *Mind*, 104 (pp. 1-32).
- KENEDY, E. (2013). *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto.
- KENNY. (1963). *Action, Emotion and Will*. Londres: Routledge & K. Paul.
- KRATZER, A. (1995). Stage-level and individual-level predicates. Em G. & Carlson, *The generic book* (pp. 125-175). Chicago: University of Chicago Press.

- KRATZER, A. (1995). The Notional Category of Modality. Em H. J. Rieser, *Words, worlds, and contexts. New approaches in word semantics* (pp. 38-74). Berlin: de Gruyter.
- KRIFKA, M. (1992). Thematic Relations as Links Between Nominal Reference and Temporal Constitution. Em I. Sang, & A. Szabolsci, *Lexical Matter*. Stanford: CSLI.
- KRIFKA, M. (1998). The origins of telicity. Em M. Krifka, *Events and Grammar* (pp. 197-235). Dordrecht: Kluwer.
- LACHAUX. (2005). La périphrase être en train de, perspective interlinguale (anglais-français): une modalisation de l'aspect? Em H. B.-Z. Querler, *Les Périphrases Verbales* (pp. 119-142). Amsterdam-Philadelphia: Benjamins.
- LAKOFF, G. (1965). Toward generative semantics. Em *MIT Mechanical Translation Project Report*.
- LOMBARD, L. (1986). *Events in Metaphysical Study*. London: Routledge & Kegan Paul.
- LONGO, B. N. (1990). Auxiliabilidade e a expressão do tempo em português. Tese de doutoramento. São Paulo: Unesp.
- LUNGUINHO, M., & BERTUCCI, R. (2013). A compositional account for the progressive sentences in Brazilian Portuguese. *I Encontro Internacional de Sintaxe e Semântica e suas interfaces*. PUCSC.
- MAHAJAN, A. (1990). *The A/A-bar distinctin and movement theory*. Tese de doutoramento: M.I.T.
- MAIENBORN, C. (2005). On the limits of the Davidsonian approach: The case of copula sentences. Em *Theoretical Linguistics 31* (pp. 275–316.).
- MATEUS, M. H. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.

- MIOTO, C. e. (2006). *Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular.
- MLYNACZYK, A. (2004). *Aspectual pairing in Polish*. Tese de doutoramento: Utrecht University.
- MŁYNARCZYK, A. (2004). *Aspectual Pairing in Polish*. Utrecht: LOT.
- MOENS, M. (1987). Tense, Aspect and Temporal Reference. Tese de doutoramento. Universidade de Edimburgo.
- MOENS, M., & STEEDMAN, M. (1988). Temporal ontology and temporal reference. *Computational linguistics*, 14(2), 15-28.
- MONTAGUE, R. (1973). The proper treatment of quantification in ordinary English. Em K. e. Hintikka, *Approaches to Natural Language* (pp. 221-242). Dordrecht: Reidel.
- MOURELATOS, A. P. (1978). Events, Processes and States. Em *Linguistics and Philosophy* 2 (pp. 415-434). Reidel Publishing Company.
- MUFWENE, S. (s.d.). *Stativity and the progressive*. Indiana University Linguistic Club.
- MULFORD, P. (1973). *Nuestras fuerzas mentales*. Buenos Aires: kier.
- NADALIN. (2005). *Aktionsart ou aspecto verbal*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná.
- NEGRÃO, E. (2007). *A faculdade da linguagem e os sistemas de interface: as relações entre a sintaxe e a semântica* (Vol. 23). São Paulo, São Paulo: Delta.
- NORDSTOM, J. (2010). *Modality and Subordinators*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- NUNES, J. M. (2008). Minimalismo: uma entrevista com Jairo Nunes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - REVEL*, 1-6.

- OLIVEIRA, F. (1995). Aspecto, referência nominal e papéis temáticos. *Línguas e Literaturas*, 55-73.
- OLIVEIRA, F. (2003). Tempo e Aspecto. Em M. e. Delgado-Martins, *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 129–178). Lisboa: Caminho.
- OLIVEIRA, F. e. (2002). Verbos de Operação Aspectual em PE e em PB: Semântica e Sintaxe. *Atas do Colóquio especial Português Europeu - Português Brasileiro: Unidade e Diversidade no virar do milénio*. Fortaleza: ABRALIN.
- PARSONS, T. (1990). *Events in the Semantics of English: A Study in Subatomic Semantics*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- PHINNEY, E., PENNINGTON, B. F., OLSON, R., FILLEY, C. M., & FILIPECK, P. A. (Aug de 2007). Brain structure correlates of component reading processes: implications for reading disability. pp. 777-791.
- PINKER, S. (1994). *The language instinct. How the mind creates language*. New York: Morrow.
- POLLOCK, J.-Y. (1989). Verc Movement, Universal Grammar, and the Structure. *Linguistic Inquiry* 20, pp. 365–424.
- QUAREZEMIN, S. (2009). *Estratégias de focalização no português brasileiro: uma abordagem cartográfica*. . Tese de doutoramento: UFSC.
- RAMCHAND, G. (2008). *Verb meaning and the lexicon*. Cambridge University.
- RAMCHAND, G. (2012). Indexical vs. Anaphoric Modals.
- RAMCHAND, G. (2014). Stativity and present tense epistemics. *Proceedings of SALT* 24, 102–121.
- REICHENBACH, H. (1947). The Tenses of Verbs. *Elements of Symbolic Logic*, 287-298.

- ROTHMAYR, A. (2009). *The Structure of Stative Verbs*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins .
- ROTHSTEIN, S. (2004). *Structuring Events: A Study in the Semantics Aspect*. Black well.
- RYLE, G. (2009). *The Concept of Mind*. New York: Routledge.
- SANTOS, B. (1993). Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social*, 31 - 52.
- SMITH, C. S. (1991). *The Parameter of Aspect* . Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers.
- STOWELL, T. (1995). Remarks on clause structure. *Syntax and Semantics. San Diego*, v. 28, 271-286.
- TENNY, C. (1992). The aspectual interface hypothesis. Em I. & SAG, *Lexical matters*. Stanford, Calif: Center for the Study of Language and Information,.
- TRAVAGLIA, L. C. (2006). *O aspecto verbal em português: a categoria e a sua expressão*. Uberlândia: EDFU.
- TRAVIS, L. (2010). *Inner aspect: the articulation of VP*. Dordrecht: Springer.
- UESAKA, M. (1996). *The 'te-i-ru' Construction in Japanese: Interaction between Aspect and Syntax*. McGill University: MA thesis.
- VENDLER, Z. (1967). Verbs and Times. Em *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.
- VERKUYL, H. (1992). *On the compositional nature of the aspects*. Dordrecht: Reidel.
- VERKUYL, H. (1993). *A Theory of Aspectuality: the interaction between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge Press.

- VERKUYL, H. (1999). *Aspectual Issues: studies on time and quantity*. Chicago: CSLI Publications.
- VERKUYL, H. J. (2000). Events as individuals: aspect composition and event semantics. Em H. e. al, *Speaking of events* (pp. 169-206). Oxford: Oxford University Press.
- VERKUYL, H. J. (2005). Aspectual composition: surveying the ingredients. Em H. e. Verkuyl, *Perspectives on Aspect*. (pp. 19-39). Dordrecht: Springer.
- WACHOWICZ, T. C. (2001). Uma Fundamentação da noção de evento para a linguística.
- WACHOWICZ, T. C. (2003). As leituras aspectuais da forma do progressivo no português brasileiro. São Paulo: USP. Tese de doutoramento.
- WACHOWICZ, T. C. (2008). Telicidade e Classes aspectuais. *Revista do GEL*, v.5 n.1, 57-68.
- WACHOWICZ, T. C., & FOLTRAN, M. J. (2006). Sobre a noção de aspecto. *Cadernos de estudos Linguísticos*, 48 (2), 211-232.
- ZAGONA, K. (1993). *Perfectivity and temporal argument*. LSRL paper.